

"Eu nasci com o diabo em mim. Eu não pude evitar o fato de que eu era um assassino, não mais do que um poeta pode evitar a inspiração ou um homem intelectual a ambição de ser grande."

H. H. Holmes

Ur
SO

...que vendia as peças
de um "Castelo da morte", para o assassinio da fei-
ra anual de Chicago, no Castelo da morte.

H. H. Holmes

Herman Webster Mudgett, conhecido também como Dr. Henry Howard Holmes, foi um assassino em série estadunidense do século XIX, considerado o primeiro do país.

O 1º Serial Killer americano

De médico a ladrão de cadáveres destinados ao mercado negro e faculdades de medicina, para o assassinio da feira anual de Chicago, no Castelo da morte.

H. H. Holmes
Autobiografia e EXTRA: Robb L. Corbitt "O castelo de Holmes"

Depois de alguns anos de vida de "médico", Holmes, mudou-se, integrando-se ao "sistema" e tornando-se um "facilitador". De volta ao "Castelo da morte" e Chicago, alguns anos antes de ser preso em 1896.

Morbidamente, mantinha no porão de seu hotel um calabouço da morte, em que atirava as suas vítimas, apertando-as logo em seguida.

ASSASSINATO, BIGAMIA ESTELIONATO, ROUBO

Quando o hotel finalmente ficou pronto, ele fez do andar térreo a farmácia, que, a essa altura, já era sua. Em seguida, nomeou o lugar como "Hotel da Feira Nacional".

DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [eLivros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O [eLivros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [eLivros](#).

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar [Envie um livro](#) ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, [faça uma doação aqui](#) :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e

poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

eLivros.love

Converted by [ePubtoPDF](#)

Herman Webster Mudgett (H. H.
Holmes)
Robert L. Corbitt

H. H. Holmes
O 1º Serial Killer
Americano

Tradução:
Aukai Leisner

1ª edição
Curitiba
2020

1ª edição

Copyright© *Laboralivros*

Todos os direitos desta edição reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização por escrito da editora. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

ISBN 978-65-991246-8-6

Editor Tarik Vivan Alexandre

Editora assistente Lua Bueno Cyríaco

Projeto gráfico Laboralivros

Diagramação (Impresso) Rodrigo Barros

Diagramação(E-book) Daniél Silvestre

Capa Lua Bueno Cyríaco

Pesquisa Realizada pela Laboralivros. Os jornais foram encontrados no site da Biblioteca Pública de Chicago.

Tradução Aukai Leisner

Laboralivros

editora.laboralivros.com

Sumário

Nota do editor

Algumas palavras sobre Herman Webster, também conhecido como Dr.Holmes

As confissões do serial killer H. H. Holmes, o demônio de Chicago

O diário de Moyamensing

Outros desaparecimentos

Holmes confessa 27 assassinatos

O castelo de Holmes

Introdução

O castelo

H. H. Holmes

Sua farmácia

Um homem atarefado

Encontra um companheiro

A filha de um professor

Dois vigaristas

Uma apólice de seguro

Mais desaparecidos

Encontrando provas

Departamento de construções

Joalheiro Davis

Artigos sobre H. H. Holmes estampados na imprensa de Chicago

Declaração do autor

Outro castelo

Posfácio

Agradecimentos

Nota do editor

Tarik Alexandre

Existe uma lenda corrente de que todo e qualquer elemento que tenha envolvimento com o H.H. Holmes é amaldiçoado: ou ele não corre do modo como deveria, ou simplesmente bizarros acontecimentos se sucedem com ele. Com esse livro não foi diferente e a lenda se cumpriu religiosamente. O projeto, que deveria ter sido entregue em um ano ou menos, se estendeu para quase um ano e meio: A tradução se perdeu, houve dificuldade em encontrar um prefaciador e um dos posfaciadores entrou em severa doença antes que conseguisse ler o texto. Ficamos enroscados em uma série de entraves gráficos, editoriais e todo o mais até que conseguíssemos de fato entregar o material. Como se não bastasse, no fim da diagramação se descobriu que uma parte do texto havia sumido e o tradutor, procurando a passagem entre suas coisas, além de não achá-la, teve de traduzi-la de novo. Ele jura que o documento se perdeu de forma absolutamente anômala.

Essa é, verdadeiramente, a aura que percorre o trabalho de H.H. Holmes, a saber, confusão, fatos omissos e a constante sensação de estarmos perdidos em seus próprios métodos. Assim, a fim de auxiliar na leitura do texto, a presente edição sobre as *H. H. Holmes - O 1º Serial Killer Americano* busca trazer com essa nota algumas informações relevantes. É importante observar que Holmes irá ao longo dos diferentes textos acrescentar, omitir ou

simplesmente distorcer uma série de informações sobre seus assassinatos: Se houver qualquer sensação de confusão em relação a datas, momentos ou eventos, elas foram totalmente propositais por parte do autor. Tendo em vista que Holmes utilizou esses documentos com o intuito de atenuar sua pena e, ao mesmo tempo, ocultar alguns de seus homicídios, existe uma série infundável de contradições. Logo, o leitor mais atento pode ter o prazer de notá-las, ou ainda se sentir perdido sobre uma série de relações tempo-espço criadas por ele.

Organizamos a sucessão de textos da seguinte forma: *As Confissões Do Serial Killer H. H. Holmes*, *O Demônio De Chicago*; *Holmes Confessa 27 Assassinatos* e *O Castelo de Holmes*. Os dois primeiros textos são escritos pelo próprio Holmes, enquanto o terceiro pelo jornalista Robert. L. Corbitt, que faz uma pesquisa a respeito da “vida e obra” do Serial Killer. Essa escolha foi feita na medida em que acreditamos proporcionar uma melhor experiência do relato de Holmes bem como uma melhor orientação no que diz respeito ao entendimento dos fatos ocorridos e relatados.

Outro aspecto bastante relevante é que o texto, sobretudo o relato autobiográfico, é manifestamente lento. Apesar de em um primeiro momentos sermos tentados a acreditar que há falta de carisma no texto, de natureza morosa, é digno de advertência que esse estilo atinge seu sucesso, a saber, suscitar o desinteresse pela veracidade dos fatos apresentados a tal ponto que Holmes consiga, com efeito, convencer o leitor (no caso, a polícia) de sua inocência. Antes de tomarmos apressadamente esse relato por uma narrativa ficcional criada pelo assassino a fim de despistar seus perseguidores, devemos antes notar a criação de uma psique supostamente idônea e que, em grande parte vaidosa de seus atos e das mortes, não tenta escondê-los, mas sim adulterá-los para que nos pareça ter sido mais vítima deles do que propriamente culpado.

Logo, a tradução, deliberadamente travada, foi realizada de forma a desempenhar com o máximo de semelhança possível e o mínimo de perda a estilística usada por Holmes. Em outras palavras, Holmes queria, de fato, que seu texto fosse de uma compreensão difícil. Ademais, diante desse modo de escrita pernicioso e dúbio, achamos prudente a inclusão do prefácio de Christian Dunker para que pudesse dar algumas ferramentas ao entendimento do indivíduo/persona de Holmes e seu *modus operandi*.

Finalmente, aos interessados em histórias de assassinos em série, não resta a menor dúvida da pertinência de Holmes, não só pelo seu caráter originário enquanto um Serial Killer, mas sim por sua capacidade manipulativa. Esperamos que esse trabalho de tradução e edição seja gratificante e esclarecedor sobre um dos maiores assassinos do século XIX. Do ponto de vista editorial, foi um trabalho bastante árduo e labiríntico, mobilizando inúmeras pessoas para trazer esse livro de forma inédita ao Brasil. Assim, após empenho e dedicação em publicar um texto de grande importância para o tema e, sobretudo, gerador de curiosidade e espanto para o público brasileiro que, cada vez mais, é ávido pelos relatos sobre assassinos, conseguimos trazer esse livro para você, leitor.

Algumas palavras sobre Herman Webster, também conhecido como Dr. Holmes

Christian Ingo Lenz Dunker

As dez páginas escritas na prisão por Herbert Mudgett, em 1895, detido pelo assassinato de vinte e sete pessoas, compõe um relato muito curioso sobre as relações entre culpa e responsabilidade. Já no corredor da morte, sabendo da proximidade de sua execução, ele tenta integrar biograficamente seus atos em uma narrativa coerente, convergente e detalhada. Dois anos antes de Freud escrever a *Fliess* que não acreditava mais em sua teoria da etiologia da neurose, derivada de um trauma infantil, data considerada canonicamente como o início da psicanálise, Mudgett apresenta um encadeamento de lembranças capazes de criar uma unidade entre o passado, contornar cuidadosamente expressões de culpa e localizar eventos traumáticos.

A primeira cena envolve a cura “forçada” de sua fobia em relação a uma certa porta entreaberta, que dava para um consultório médico. Suas associações aqui são sensoriais: a náusea, o cheiro de preparados em uma “época na qual não havia remédios infantis”. Seus amigos o forçam a se confrontar com esqueletos “sorridentes” de “braços abertos para pegá-lo”, no interior deste lugar. Muito

se deveria reter deste tipo de tratamento doméstico por meio do qual medos infantis são curados por meio de exposição forçada. Eles podem criar esta sobreposição entre horror e curiosidade, que Mudgett relata, inclusive ligando-a com sua futura escolha profissional pela medicina.

Se perceberá aqui também a importância do lugar e da coerção tendo em vista as futuras atividades do prisioneiro. Ele adquire uma farmácia, depois inicia a construção de um hotel, em frente, para a Exposição Mundial de 1893, em Chicago. O hotel tem sua planta sucessivamente modificada, durante sua construção, a tal ponto que ele mesmo é o único capaz de entender sua lógica. De fato, ali teriam sido levadas e torturadas inúmeras de suas vítimas, sugerindo-se assim que os assassinatos repetiam uma cena infantil que não lhe era completamente desconhecida e pela qual ele começa sua auto apresentação biográfica. Este tipo de nexos direto, com baixo nível de deformação em uma narrativa de aparência onisciente é um traço peculiar das não-neuroses.

A segunda cena mobilizada parece constituir o complemento lógico e libidinal da primeira. Ele pretende ter seu retrato feito por um fotógrafo itinerante, colocando-se para tanto a seu serviço. O fotógrafo era manco e esta fragilidade se revela a Mudgett quando este lhe pede que traga um bloco de madeira consertado: *“sem jamais ter visto ou ter a notícia de órgãos artificiais, meu choque pode ser melhor imaginado do que descrito. Se depois ele tivesse removido a própria cabeça, pelo mesmo misterioso artifício, não teria mais me surpreendido.”* Temos aqui uma combinação similar entre horror e curiosidade, análoga ao encontro com o esqueleto. Mas desta feita o fotógrafo o apoia na perna boa e tira o retrato do *“rosto aterrorizado daquele garoto descalço e de roupas toscas”*, que ele carrega consigo por muitos anos.

Duas cenas que emulam o que Freud chamava de encontro com a castração. Encontro que neste caso está ligado à descoberta do corpo humano em sua dimensão de coisa. Lembremos que o retrato de um ser humano enquanto coisa é um retrato assexual e assexuado. Enquanto cinzas ou enquanto ossos, a não ser por detalhamentos que escapam ao olhar laico, não se saberá tratar-se de um corpo de qual gênero. Um corpo assim disposto como coisa também não reivindicará sua expressão específica nem pessoalizada. Sabe-se que os nazistas enviavam cartas aos que eles haviam incinerado nos campos de concentração, informando a morte da pessoa e pedindo uma certa quantia para que as cinzas lhes fossem enviadas. E de fato, conforme a demanda, elas eram enviadas à família, mas não eram cinzas individualizadas, mas recolhidas nos fornos de Auschwitz ou Treblinka, de um conjunto de corpos.

A sequência narrativa dispõe em seguida uma sucessão de eventos em torno do engano, como que a repetir o engano primário que as duas cenas iniciais descreveram. Primeiro ele compra um relógio de ouro que se mostra falso e mal-funcionante. Depois são as vacas que ele está conduzindo, e a mentira que irrompe meio sem motivo: *“São todas nossas e a melhor delas é minha”*. Nos dois casos há o desejo explícito de ser reconhecido: mostrando ostensivamente seu relógio, com auxílio de um amigo com quem combinara uma cena de ostentação, e mostrando-se o proprietário das vacas. Castigado pelo pai ele é consolado pelos amigos com quem entabula uma vingança imaginária. Temos aqui a formação de um tipo de satisfação protetiva, que emerge dos encontros com a castração, a satisfação narcísica.

Não se trata de alguém que seria incapaz de compreender a estrutura simbólica da lei, a relação entre o permitido e o proibido, muito menos de apreender as

consequências de seus atos. Mas há algo na forma como a lei é interiorizada que lhe confere um lugar especial ou diferencial no contexto de sua aplicação. É por isso também que ele elogia os detetives e advogados que o prenderam e o julgaram levando-o a enfrentar a pena de morte. Assim como diante deles não há nenhuma raiva nem ressentimento, diante dos meninos que impuseram a força seu encontro com o cadáver médico não há sinal de retaliação ou sentimento de injustiça.

O problema é mais quanto a ser pego do que quanto ao mérito do que se praticou. Isso também não indica frieza ou gosto masoquista pela punição, mas um peculiar senso de justiça onde não há lugar para a culpa há espaço para a responsabilidade, mas onde o que falta é exatamente a implicação subjetiva. Em outras palavras, ele sabe que é responsável pela morte de vinte e sete pessoas, mas ele sabe disso sem culpa, o que se denota na maneira com ele descreverá os crimes e os corpos. O fato aqui é que a descrição é parte de sua satisfação específica com o que se poderia chamar de ritual de “tratamento invertido”. A expressão alude à inversão da cena primeira na qual ele é forçado a se entrar pela porta do médico e encontrar-se com o corpo-coisa. Agora é ele, ativamente quem convida um terceiro a presenciar esta cena, na qualidade de testemunha. Posição terceira na qual somos postos e que explica sua dedicação à feitura da carta autobiográfica. Enquanto achamos que estamos entrando em sua subjetividade e descobrindo seus motivos mais sórdidos é ele quem se aproveita de nosso medo e de nossa incompreensão para mais uma vez encenar sua fantasia.

O traço secundário característico desta repetição invertida é o ganho narcísico de ter seu retrato marcado como “o maior assassino da história”. Trata-se de uma vingança, mas com um sentido peculiar que nos é dado a entender pela história do professor que tinha sofrido uma

“tragédia financeira” para quem ele e seus amigos (aos quais retornaremos), escrevem uma carta certos de que ele seria removido da escola no ano seguinte. Mas estavam “*redondamente enganados*” e ele, como castigo tem que se sentar ao lado de uma menina desagradável.

O tema da *carta* volta na lembrança subsequente em torno do *bilhete* escrito para o fazendeiro que “os enganou”, ao não pagar pelo trabalho de retirada das ervas daninhas. Para vingar-se eles espalham as ervas daninhas de volta e escrevem: “*Quem irá arrancar suas ervas daninhas no ano que vem?*”, ou seja, um bilhete de confissão completamente incompatível com sua habilidade cognitiva para desenvolver golpes, mentiras e estelionatos. Então porque ele elenca este episódio aqui? Senão para mostrar como ele gosta de ser enganado, pois a partir dos enganos ele se autoriza a praticar sua fantasiam, tanto na vertente da carta e da confissão quanto na vertente dos assassinatos e da manipulação de corpos. Quiçá isto nos ajude a entender por que, ao que tudo indica Dr. Holmes confessou mais crimes do que poderia efetivamente ter praticado. Primeiro porque isso o tornaria um ainda maior grande e notório assassino, mas antes porque a confissão faz parte do crime, ela é o meio pelo qual ele coletiviza seu sistema pessoal de justiça.

Suas dez páginas são pontuadas pelos insucessos e pelos “*castelos de areia que ele construiu na expectativa de sucesso*”. Ele está longe de ser alguém amoral, egoísta, que só pensa em si. Esta é a nossa fantasia, que retrata o perverso a partir da exageração da perversão normalopática e egológica que parasita nossas relações coisificadas. A verdadeira perversão é mais moral do que se pode pensar e pode ser ilustrada pela passagem na qual ele encontra uma carteira com 40 dólares e a devolve a seu dono depois de uma pequena hesitação, mas “*por haver hesitado, recusei-me a receber a recompensa que me foi oferecida*”. O problema aqui é que o verdadeiro ato deveria

ser feito sem hesitação, pois a hesitação denota a presença da divisão subjetiva, e é isso que ele quer afastar de sua experiência e é isso também que está ausente em sua confissão autobiográfica. Por isso as cenas são empilhadas em relação de causa e efeito, os nexos lógicos são tão fáceis de apreender e a narrativa segue de forma linear a partir de uma espécie de onisciência.

Não é que ele não tenha dúvida, aliás é o que se relata em seguida quanto a faculdade onde ele quer se formar, os erros de cálculo das provisões para tanto e o seu primeiro crime, quando ele singelamente deixa de fazer a sua parte em um contrato com uma editora que aparentemente está lhe aplicando um golpe. Para uma moralidade comum se trataria de dizer, "*ladrão que rouba ladrão tem cem anos de perdão*" e se editora está te enganado isso te autoriza a fazer o mesmo com eles. Mas não é este o caso, porque isso significaria entender a lei como reflexiva e simétrica, o que não é o caso.

É aqui que devemos interpolar, mais uma vez a emergência da figura do *amigo canadense*. O único amigo íntimo que ele faz na faculdade, este que viola cemitérios com ele e depois se aproxima para realizarem o golpe contra a seguradora de vida.

O relato que segue a sua formatura é errático, mas compatível com a ausência de motivação para escolha do curso de medicina: vendedor, professor, farmacêutico, médico em consultório, tudo parece indeterminado em suas escolhas laborais e movimentos pelas cidades americanas. Nada sobre família ou comunidade. Neste ponto devemos entender que o golpe não é apenas um meio para um fim, um modo de conseguir dinheiro quando se está na penúria, mas uma forma de vida, um organizador de suas relações com o desejo e como os outros. Reunir cadáveres, encontrar cúmplices, fixar uma empresa de seguros, tudo parece tão complexo e determinado quando a arquitetura do *Hotel da*

Exposição Universal, que ele construirá em frente à sua farmácia, cujo título pode ser lido na chave de seu narcisismo, junto com a epígrafe de seu texto: *A História do Maior Criminoso da História*.

O plano é suspenso por causa da morte de seu amigo e pela realização de que tal tipo de golpe estava sendo flagrado pelas companhias seguradoras. Isso é um detalhe importante que acompanha todo o relato: os amigos que o forçaram ao encontro com o esqueleto, os amigos com quem escreveu os bilhetes ao professor e ao fazendeiro, o amigo que iria perguntar as horas para ele poder exibir seu relógio de outro, o amigo íntimo canadense com quem o golpe iria ser executado. Não estamos às voltas com o típico *serial killer* que age sozinho, que tem sua assinatura e que encontra severas dificuldades em socializar seu ato. Pelo contrário, trata-se do tipo mais comum, que cria uma situação de indeterminação a partir de um pequeno grupo, até mesmo de dois, no interior do qual a implicação pela agência pode ser indeterminada.

Como se o parceiro fosse a condição para que subjetivamente, ambos sejam responsáveis, nenhum tem a culpa e juntos eles evitam qualquer implicação, por exemplo, em termos de reparação, hesitação ou reconstrução da experiência. O outro está ali para garantir uma demissão subjetiva muito específica, como que a dizer: *ele me fez fazer!* Ainda que o sujeito saiba que isto é um engano que ele aplica a si mesmo. Um engano que tem estrutura de denegação semelhante a este declaração:

“Sou levado a fazer esta confissão por uma série de razões, embora entre eles não esteja a bravata ou o desejo de ostentar meus crimes diante do público, e peço que o leitor destas linhas a seguir distinga entre tais motivos e minha determinação de entrar em franca e minuciosamente nos detalhes de cada caso, sem buscar favorecer minha imagem.”

Mas afinal quais são os motivos de sua confissão? Ele os coloca ali onde ele os desconhece, ou seja, nas cenas infantis que alinha, nos crimes de juventude e na série dos enganos. Mas ele não diz nada sobre as consequências de sua confissão para os parentes das vítimas, para os investigados ou mesmo para a compreensão de seus atos, no que eles comportam de valor de mensagem, seja de injustiça de ingratidão ou de revolta. O ganho pecuniário parece ser tão secundário em seus atos quanto o desejo de se tornar o *“o criminoso mais detestável dos tempos modernos”*.

O fato é que, apesar das aparências ele sabe pouco sobre os motivos da confissão, assim como ele sabe pouco sobre os motivos de seus atos. Isso acontece não porque ele esteja necessariamente mentindo, encobrendo ou deformando as coisas, mas porque o saber que ele possui sobre si é indiferente ao que se pode chamar de implicação subjetiva. Implicar-se não é apenas colocar-se como responsável e ciente, é generalizar seu ato em uma série de consequências imprevisíveis que nos ultrapassam, mas das quais e nas quais nos sentimos representados.

Isso se dá quando saímos do plano jurídico, no qual cada qual deve ser julgado apenas por seus atos e passamos para o plano da generalização ou coletivização dos atos enquanto parte de uma série que ultrapassa nossos interesses. Por isso Freud definia a formação fetichista como a expressão: *“Sei muito bem que ..., mas continuo a agir como se não soubesse”*. É o tipo de implicação entre saber e agir que se encontra comprometido aqui. Não é uma insciência moral ou uma impulsividade baseada no fracasso de instâncias de controle e inibição, mas um problema na implicação entre *saber de* e conseqüentemente *agir com*. Este ponto contrasta vivamente a perícia expositiva do texto, incluindo o

detalhamento dos atos, com o próprio ato de confissão cujo endereçamento, como vimos é problemático.

Aqui Dr. Holmes no apresenta uma dúvida muito importante, quando se trata de suas apreciações sobre sua própria sanidade mental. Ele observa que os sintomas que lhes são imputados não estavam presentes à época do cometimento dos crimes, mas que vieram a aparecer depois destes. Caso contrário ele os teria usado para amenizar sua culpa. Contudo, eles começaram a se manifestar após a prisão.

Examinado dez anos antes como *“homem normal e saudável”* ele agora se transforma em um *“degenerado e idiota moral”*? Apesar de não dispor de um espelho ele acredita que as medidas de seu corpo não estão mais proporcionais. Um dos lados de sua cabeça está se tornando maior do que outro. Um encolhimento de três centímetros no braço. Encurtamento das pernas. Distorção dos olhos e da boca, *“demoníaca e marcada para o crime”*. De tal forma a *“criminosidade”* do Dr. Holmes é aparente que os *“especialistas do governo sabem que ele é culpado apenas ao olhar para ele.”*.

De fato, o primeiro crime parece ter transformado Herman Webster Mudgett em Henry Howard Holmes. Depois dele nada se comparava ao *“pensamento torturante de que eu havia tirado uma vida humana”*, e de fato parece justo aceitar que antes deste momento ele não havia pecado *“tão gravemente em pensamento ou ato”*, pois o primeiro crime parece ter desencadeado o fetiche do corpo-coisa.

O seu *“apetite por sangue havia sido despertado”* e ele percorre o mundo em busca de outras vítimas, *“vinte e sete vidas, homens e mulheres, moças e crianças inocentes apagadas pelas mãos de um monstro”*. Ou seja, a culpa, que para neuróticos em geral é um afeto inibidor, para ele tornou-se parte do impulso á repetição. Temos então uma

externalização de culpa ou de angústia, marcada pelos pensamentos torturantes. Temos então um sentimento de responsabilidade para com pessoas inocentes. Mas isso não é suficiente diante da força da fantasia mal tratada.

Christian Dunker é psicanalista e professor titular da USP. Notabilizou-se ao grande público ao receber o Prêmio Jabuti de melhor livro em Psicologia e Psicanálise em 2012, de segundo melhor livro em Psicologia, Psicanálise e Comportamento em 2016 e por sua atividade como colunista na Revista Mente & Cérebro, na Revista Cult, na Revista Brasileiros e no Blog da Boitempo Editorial.

HOLMES'

PRICE, 25 CENTS .

OWN STORY

which the
Alleged
Multi-
murderer
and Arch
conspirator
tells of
twenty-two
Tragic
deaths and
disappear-
ances



in which
he is said
to be
implicated,
with
Moyamensing
Prison
Diary
Appendix

*H. W. Mudgett M.D.
H. H. Holmes*

ACCUSED OF MORE CRIMES THAN ANY OTHER MAN LIVING

PHILADELPHIA
BURK & MCFETRIDGE CO.
1895

As confissões do serial killer H. H. Holmes, o demônio de Chicago

A história de Holmes por ele mesmo

*Em que o Suposto Multi-Assassino e Arqui-Conspirador
Conta sobre as Vinte e Duas Trágicas Mortes e
Desaparecimentos de que o Acusa a Polícia.*

Apêndice do Diário da Prisão de Moyamensing

Filadélfia - 1895

Convido o leitor a visitar comigo um pequeno e calmo vilarejo na Nova Inglaterra, abrigado entre os morros pitorescos de New Hampshire. Este pequeno povoado é conhecido, há mais de um século, como Gilmanton Academy, em homenagem a uma instituição de ensino ali fundada por um punhado de homens robustos, abnegados e tementes a Deus. Pudessem eles sair de seus túmulos no adro da igreja local e novamente vagar por aquelas ruas pacatas, não perceberiam, à exceção dos novos rostos, nenhuma grande mudança.

Aqui, no ano de 1861, nasceu Herman W. Mudgett, o autor destas páginas. Não tenho nenhuma razão para crer que os primeiros anos de minha vida tenham sido diferentes dos de qualquer menino do interior. Fui muito bem criado por pais afetuosos e devotos, e quaisquer desvios de

caráter posteriores não poderão ser imputados à falta de oração de uma mãe amorosa ou à falta de disciplina de um pai severo - disciplina reforçada, sempre que necessário, pelo uso bastante liberal da vara de marmelo.

Ao completar cinco anos, ganhei meu primeiro uniforme e passei a frequentar a escola local. No caminho da escola, era obrigado a passar todos os dias por um consultório médico, cuja porta ficava invariavelmente aberta. Em parte pelo fato de considerá-lo a fonte de todos os nauseantes preparados que haviam sido o terror da minha infância (nesta época ainda não havia remédios infantis), e em parte por causa de vagos rumores a respeito de seu interior, esse lugar me era particularmente repugnante. Um dia, tendo descoberto essa fobia, dois de meus colegas mais velhos me arrastaram, sob forte resistência e gritos de terror, ao tal consultório, forçando-me a adentrar seus sinistros portais - não se deram por contentes até que eu me visse diante de um dos sorridentes esqueletos que ali se encontravam, o qual, com os braços abertos, parecia pronto a me agarrar. Foi uma grande crueldade com uma criança de idade tão tenra e saúde tão frágil, mas provou-se também um heróico método de tratamento que, no fim das contas, curou-me de um de meus medos e inculcou-me, em primeiro lugar, um intenso sentimento de curiosidade e, mais tarde, um desejo de saber mais sobre o corpo humano, que acabaria resultando na minha escolha da profissão médica.

Quando eu tinha mais ou menos oito anos, um episódio incomum ocorreu em nosso vilarejo - a chegada de um fotógrafo itinerante. O homem aparentemente sofria de uma pequena deficiência, de modo que aceitou de bom grado minha oferta para ser seu garoto de recados, prometendo-me, em troca, executar um retrato meu. Certa manhã, ao chegar a seu escritório, deparei-me com a porta ainda fechada. O artista, no entanto, não tardou a abri-la,

apenas o suficiente para que pudesse entregar-me um pequeno bloco de madeira partido em dois. Em seguida, instruiu-me que o levasse ao fabricante de carroças da vila e solicitasse a construção de um bloco novo. Assim o fiz, e, ao voltar ao escritório, deparei-me com o artista semi-nu, sentado à porta, a qual logo trancou. Em seguida, procedeu à remoção da maior parte de uma de suas pernas - até então ignorante da causa de sua deficiência e, mais ainda, sem jamais ter visto ou tido notícia da existência de membros artificiais, meu choque pode melhor ser imaginado que descrito. Se depois ele tivesse removido a própria cabeça pelo mesmo misterioso artifício, não teria mais me surpreendido. O fotógrafo deve ter notado meu desconforto, pois assim que o reparo progredira suficientemente, colocou-me sob uma luz fraca e, apoiando-se sobre sua perna boa ao mesmo tempo em que acenava para mim com a outra, tirou minha foto, que me entregaria alguns dias depois. Guardei-a por muitos anos, e ainda hoje lembro nitidamente do rosto aterrorizado daquele garoto descalço e de roupas toscas.

Naquela época, em nosso calmo vilarejo, tão distante do resto do mundo que até mesmo apitos de trem eram ocorrência rara, jornais diários eram itens escassos e quase desconhecidos, sendo nossa fonte usual de informação os semanários e alguns poucos periódicos; foi num destes que um dia li um magnífico anúncio, realçado por uma bela ilustração, de um relógio de bolso de ouro por um preço relativamente módico. Essa era certamente a oportunidade da minha vida e, embora à época toda minha fortuna consistisse de moedas de pequeno valor, cada uma com sua história peculiar, converti todas elas num meio mais facilmente transferível, trocando-as com nosso sapateiro, - que era também meu confidente no assunto - e consegui juntar a soma exata para comprar o relógio.

Eu estava bem mais preocupado, no entanto, com a possibilidade de que todas as unidades fossem vendidas antes de meu pedido chegar àquele longínquo destino do que com o estado lamentável de minhas finanças. Foram dias de espera ansiosa até a chegada do relógio. Quando o pedido enfim chegou, fui sozinho até meu quarto para dar-lhe corda e decidir qual bolso teria a honra de abrigá-lo. Mais tarde, fiz uma peregrinação por várias lojas e casas do vilarejo. Havia combinado de antemão com um amigo mais novo que, se ele me acompanhasse nessas visitas e, num momento oportuno, perguntasse despretensiosamente pelas horas para que eu pudesse exibir minha nova jóia, ele poderia usar o relógio pelo resto do dia - desde que eu estivesse presente para me certificar de que meu tesouro permaneceria incólume; mas antes que meu amigo pudesse desfrutá-lo, as engrenagens já haviam parado de rodar e o ouro já havia perdido seu brilho. O episódio se transformou em motivo de chacota para meus colegas e de auto-censura para mim.

Minha primeira mentira e minha primeira detenção ocorreram simultaneamente, da seguinte maneira:

Certa manhã, enquanto guiava nosso pequeno rebanho de vacas - ao qual alguns dias antes se haviam juntado algumas outras, pertencentes a um vizinho - até seu habitual pasto, situado fora do perímetro do vilarejo, deparei-me com o tal vizinho, que resolveu me perguntar: "De quem são as vacas?" Cheio de orgulho, respondi "Nossas." "O que? *Todas*?" "Sim, todas, todinhas! E a melhor delas é minha!" Uma hora mais tarde, ao retornar para casa, meu pai me esperava. Foi logo perguntando porque eu havia contado aquela mentira a Richard, mas antes que eu pudesse responder, fui pego de surpresa pela vara de marmelo. Depois da surra, fiquei de castigo num quarto do segundo andar e fui expressamente proibido de falar com qualquer pessoa; além disso, no dia seguinte eu

ficaria sem comer. Minha ausência foi logo notada por meus amigos, - que, perspicazes, também adivinharam-lhe a causa - de modo que, algum tempo depois, ao olhar pela janela, avistei um deles montado na cerca do terreno, quase tão desconsolado quanto eu. Mais tarde, após havermos trocado toda sorte de pantomima, ele trouxe-me uma generosa provisão de comida que, com o auxílio do meu eterno rolo de corda - item encontrável em quase todo bolso de menino - eu logo estava degustando. Junto com a comida havia um bilhete de encorajamento, escrito num horrível garrancho, que dizia para eu “não me importar”, e que no sábado seguinte iríamos até o milharal de Richard devolver suas vacas.

Mas isso não aconteceu, pois, mais tarde naquela noite, quando as sombras em meu quarto haviam assumido formas estranhas e terríveis, minha mãe veio e me levou para seu quarto, ajoelhou-se e implorou por mim e para mim - passariam-se muitos dias até que eu esquecesse aquela lição. Aquele pequeno bilhete forma, com outros dois, uma coleção bastante singular. O segundo foi escrito em parceria com um amigo e endereçado a um professor bastante impopular de nossa escola, durante as férias, ao sabermos que ele fora vítima de uma pequena tragédia financeira. Só fizemos tal traquinada pois pensávamos que ele seria substituído no ano seguinte - no que estávamos, infelizmente, redondamente enganados. Logo no primeiro dia do retorno às aulas, tive abundantes provas de que ele havia recebido nossa carta: aquele carrasco tirou-me do assento que eu há muito ocupava, numa posição extremamente favorável para observar o movimento da rua, e jogou-me para o outro lado da sala, onde eu teria que dividir a mesa com uma garota extremamente desagradável.

O terceiro bilhete foi também uma co-produção, escrito em papel marrom e pregado sobre a porta do celeiro de um

fazendeiro local. O bilhete não era longo; dizia apenas: “Quem irá arrancar suas ervas daninhas no ano que vem?” A travessura, no entanto, foi justificada. O fazendeiro havia nos contratado para arrancar as pragas que nasciam em sua plantação e constituíam um grande obstáculo ao crescimento saudável de seus cultivos. As ervas eram grandes e fortes e a ninharia que iríamos receber era risível em face da quantidade de trabalho que teríamos. Mas quando finalmente acabamos o serviço e estendemos nossas mãozinhas cheias de bolhas para receber nosso mísero soldo, o fazendeiro recusou-se a pagar. Retornamos ainda algumas vezes à casa dele, até que, finalmente convencidos de que nossos esforços seriam em vão, decidimos pegar dois cestos grandes e ir sorrateiramente até o local onde havíamos empilhado as ervas para secar antes de serem queimadas. Em pouco tempo, as sementes de toda aquela praga que havíamos arrancado estavam espalhadas sobre a plantação. Trata-se, talvez, de um episódio menor, que não mereceria menção aqui, mas ele ilustra tão bem o princípio que tantas vezes, mais tarde, autorizou a suspensão dos meus escrúpulos, que achei por bem registrá-lo.

Meus primeiros empreendimentos comerciais consistiram de um par de bezerros que criei e, mais tarde, de um pequeno cordeiro que ganhei de um fazendeiro. Com o tempo, juntamente com outros comprados mais tarde, esse filhote veio a compor um rebanho de cerca de quarenta ovelhas. Ambas as empreitadas foram um fracasso do ponto de vista financeiro, mas tais reveses não se comparam ao colapso dos inúmeros castelos de areia que construí na expectativa do sucesso.

Certo dia encontrei uma carteira contendo cerca de 40 dólares - à época, uma quantia imensa para mim. Além do dinheiro, havia ali outros documentos que revelavam claramente a identidade do dono. Por um momento hesitei,

mas logo decidi-me a fazer a coisa certa e devolvi a carteira o mais rápido possível. Por haver hesitado, recusei-me a receber a recompensa que me foi oferecida.

Quando eu tinha mais ou menos dezenove anos (os anos precedentes tendo sido preenchidos com estudos preparatórios, trabalho e magistério), estava pronto para ingressar na Universidade de Dartmouth mas, ao invés disso, decidi começar logo um curso médico. Matriculei-me, assim, na Universidade de Vermont, em Burlington, onde permaneci durante um ano. Antes do final do período letivo, porém, decidi que continuaria meu curso em uma faculdade maior, de modo que em setembro já me encontrava em Ann Arbor, Michigan. Após pagar as mensalidades, comprar os livros e demais artigos necessários para o segundo ano de faculdade, vi-me a centenas de quilômetros de amigos e parentes, com 60 dólares no bolso e nove meses de estudo intenso adiante, os quais, se eu quisesse acompanhar o ritmo de meus colegas, não me deixariam muito tempo para outras ocupações.

Nessa época, conheci um colega canadense; daí até o dia de sua morte, ele foi um dos poucos amigos íntimos que tive.

Os limites deste livro não me permitem contar das muitas experiências estranhas (e algumas francamente horrendas) de nossa educação médica. Direi apenas que chegamos quase a profanar cemitérios, ato do qual fomos acusados repetidas vezes - acusação da qual qual, felizmente, não tivemos que nos defender, graças ao fato bem-conhecido de que, no estado de Michigan, todo o material necessário à dissecação de cadáveres é legitimamente fornecido pelo Estado. Ao final do meu terceiro ano de faculdade, fiz um acordo com um representante de uma firma de Chicago para passar minhas férias na região noroeste de Illinois, trabalhando como

agente literário. Nessa empreitada, cometi o primeiro ato realmente desonesto da minha vida.

Tanto a firma como o livro - com cuja venda, segundo meu contratante, eu poderia ganhar centenas de dólares - eram uma fraude e, após imensos esforços, tendo conseguido vender alguns livros para cobrir minhas despesas e pagar meu bilhete de volta a Ann Arbor, retornei sem acertar as contas com a firma; durante o resto de minhas férias, fiz o máximo de dinheiro que consegui na própria cidade universitária e seu entorno.

No entanto, não se poderia considerar minha viagem um fracasso, pois eu havia conhecido Chicago.

O restante do meu curso não foi muito diferente dos dois primeiros anos; na verdade, os anos finais talvez tenham sido ainda mais árduos e quase totalmente desprovidos de lazer. Finalmente, em junho de 1884, meu suspense chegou ao fim: passei nos exames finais e sai de Ann Arbor com um diploma, um bom conhecimento teórico de medicina, mas sem nenhum conhecimento prático da vida ou de negócios. Após tirar férias de menos de uma semana em minha velha casa de New Hampshire, fui a Portland, Maine, e lá contactei uma grande firma local com o fito de representá-los como vendedor no norte de Nova Iorque; meu principal objetivo era, por meio deste trabalho, encontrar uma localidade favorável onde eu pudesse me estabelecer. Mas essa não era tarefa fácil, e acabei aceitando o convite para lecionar num curso de inverno em Mooers Fork, N.Y., onde mais tarde abri um consultório. Permaneci na cidadezinha por um ano, fazendo um trabalho sério e honrado, pelo qual recebi muitos agradecimentos mas quase nenhum dinheiro. Na primavera de 1885, a fome batia à minha porta, e fui obrigado a vender primeiro um, e depois outro - o último - de meus cavalos. Finda a negociação, resolvi mudar-me para outro lugar antes que todos os meus meios se exaurissem novamente.

Durante meus longos anos em Nova Iorque tive tempo de sobra para planejar os detalhes de um esquema que eu e um colega da universidade, já mencionado anteriormente, havíamos, durante nossos tempos famintos de estudante, cogitado como último recurso caso nossa prática médica não fosse bem-sucedida. A julgar por algumas cartas que eu recebia dele, deduzi que meu camarada também não havia conseguido por fim a suas dificuldades após obter o diploma. Fui, portanto, ao encontro dele, e descobri que, embora sua experiência tivesse sido menos desalentadora que a minha, passou longe do sucesso em termos pecuniários. Durante essa visita, planejamos em detalhe o seguinte método de obter dinheiro:

Numa data futura, a definir, um sujeito que meu amigo conhecia e em que confiava, que então possuía um seguro de vida num valor considerável, aumentaria tal seguro para \$40,000; como não se tratava de um homem de muitos recursos, ele deveria fazer parecer que um perigo súbito do qual tivesse escapado (um acidente de trem) o tivesse levado a proteger mais plenamente sua família. Mais tarde, ele fingiria que havia se tornado alcoólatra e, temporariamente insano sob o efeito da bebida, mataria - como faria parecer depois - a mulher e o filho.

Na verdade, sua família iria para o extremo oeste e o esperaria lá. Subitamente, o marido desapareceria e, alguns meses mais tarde, um corpo em estado de decomposição avançada, com as roupas que ele vestia, seria encontrado. Junto do corpo, haveria uma declaração dizendo que, num estado de fúria induzido pelo álcool, ele havia matado sua família e, a fim de despistar a polícia, havia enviado os corpos desmembrados em dois depósitos diferentes e distantes um do outro, tendo antes preservado os cadáveres numa forte solução de salmoura. A declaração prosseguiria informando que ele não desejava mais viver e que suas

propriedades e seu seguro de vida deveriam passar a X, seu parente.

Passado algum tempo, o marido se juntaria a sua família no oeste e lá viveria em caráter permanente; o parente indicado coletaria o seguro, do qual parte enviaria ao autor do testamento, parte reteria para si e o restante remeteria a mim e meu amigo. Um tal esquema necessitaria de uma quantidade considerável de material: três corpos humanos. Essa dificuldade poderia ser facilmente contornada, no entanto, desde que se pensasse que os corpos seriam usados para propósitos experimentais - nenhum médico, porém, poderia requisitar três corpos sem levantar nenhuma suspeita. Assim, combinamos que eu passaria o inverno em Chicago e, durante os meses seguintes, eu e meu colega providenciaríamos os corpos necessários. Cheguei em Chicago em novembro de 1885 mas, enfrentando dificuldades para encontrar um emprego satisfatório, decidi ir a Mineápolis, onde passei o inverno trabalhando como atendente numa farmácia. Enquanto isso, meu amigo havia prontamente cumprido com sua parte, levando os corpos até um armazém em Delaware, de onde mais tarde foram enviados a Chicago. Permaneci em Mineápolis até Maio de 1886, quando enfim retornei a Chicago. Neste ínterim, eu havia feito meu próprio seguro de vida no valor de \$20,000, o qual, mais tarde, pretendia converter em dinheiro. Também antes de meu retorno, eu já havia concebido um esquema para obter minha parte do material. Após chegar em Chicago, certas mudanças súbitas em meus planos conduziram-me afoitamente para a cidade de Nova Iorque, aonde decidi levar parte do material, deixando o restante num depósito em Chicago. Tal arranjo implicaria re-embalar os corpos, com cujo objetivo decidi me hospedar num hotel, onde me registrei com um nome falso. Quando o material vindo de Detroit chegou ao hotel, removi cuidadosamente uma porção do carpete do quarto e

dividi a embalagem em duas partes. Ao fazê-lo, o chão ficou descolorido.

Mais tarde, uma dessas embalagens foi depositada no Armazém Fidelity, em Chicago; a outra levei comigo para Nova Iorque e a escondi num lugar seguro. Durante minha viagem de Chicago a Nova Iorque, li dois relatos de descoberta de crimes do tipo que pretendíamos cometer, e pela primeira vez percebi o quão organizadas e bem preparadas estavam as principais companhias de seguro para detectar e punir esse tipo de fraude. Isso, juntamente com uma carta que recebi ao chegar a meu destino e a morte repentina de meu amigo, fez com que o plano fosse abandonado.

Logo após sair de Nova Iorque, cheguei à Filadélfia, onde busquei uma vaga em alguma farmácia da qual mais tarde pudesse me tornar sócio ou dono. Não tendo encontrado tal oportunidade de imediato, aceitei uma posição como cuidador no Manicômio de Norristown. Esta minha primeira experiência com pacientes alienados foi tão terrível que desde então, de tempos em tempos, vejo seus rostos em meus sonhos. Felizmente, poucos dias depois de ter aceito aquele cargo, recebi a notícia de uma oferta de emprego numa farmácia da Avenida Columbia, a qual prontamente aceitei. Certa tarde, no início de agosto, uma criança entrou na loja e exclamou: “Eu quero um médico! O remédio que compramos aqui hoje de manhã matou meu irmão!” Não conseguia me lembrar de nenhuma venda naquela manhã que correspondesse à que a menininha tão afobadamente descrevia, mas consegui que um médico fosse enviado imediatamente a sua residência. Em seguida, escrevi a meu empregador uma carta apressada, explicando a natureza da situação, e parti imediatamente para Chicago - só vim a saber do desfecho do caso nove anos mais tarde.

Depois, quando se tornou necessário refutar as alarmantes alegações feitas a respeito do assassinato de

várias pessoas na rua 701, coloquei à disposição das autoridades competentes uma coleção completa de provas documentais, consistindo de recibos de bilhetes de trem e de depósitos, cartas, referências e datas suficientes para provar a veracidade da minha versão dos fatos.

Ao chegar a Chicago, descobri que, a fim de obter um emprego como droguista, eu teria que passar num exame em Springfield, Ill. Quando fui até lá com esse propósito, usei o nome H. H. Holmes, sob o qual, desde então, conduzi a maior parte dos meus negócios. Mais tarde, em julho de 1886, fui à rua 701, em Chicago, onde encontrei uma pequena loja, de propriedade de um médico que, estando com a saúde debilitada, desejava avidamente vendê-la. Comprei-a pouco depois com um dinheiro que obtive pela hipoteca do estoque e das instalações, concordando em pagar tal empréstimo em parcelas de \$100 mensais. O negócio prosperou e, pela primeira vez na vida, eu havia encontrado uma ocupação que me era satisfatória.

Logo, porém, meu senhorio, vendo que eu prosperava, avisou-me que o aluguel aumentaria. Para proteger-me, fui obrigado a comprar, por um valor bastante alto, a propriedade vaga do outro lado rua, e ali erguer um edifício. Aqui começaram, de fato, meus problemas. As despesas em que incorri nessa empreitada estavam muito além da rentabilidade de meu negócio, e pelos próximos anos me vi afundando em dívidas até o pescoço; pior, à medida que essas dívidas venciam, via-me forçado a postergá-las ou simplesmente ignorá-las. Finalmente, chegou o dia em que Thomas Fallon, um oficial de justiça, juntamente com um advogado chamado Sanforth, ambos de Chicago, vieram até a loja para confiscar meus produtos, a fim de satisfazer algum credor impaciente.

Durante a avaliação dos bens, eles me questionaram a respeito do conteúdo de dois pequenos barris. Despistei-os, chamando sua atenção para outros produtos, e os barris

foram deixados de lado. Dentro deles estavam os dois pacotes que eu havia preparado há mais de um ano num certo hotel, e que haviam sido transportados de depósitos em Chicago e Nova Iorque, primeiro para minha loja antiga e depois para a nova.

Após esse confisco, resolvi livrar-me de vez de ambos esses pacotes. Com esse fito, abri o menor deles e joguei parte do conteúdo numa grande fornalha que havia no porão. A experiência foi tão desagradável, em função do odor terrível que se produziu, que não julguei seguro destruir o restante pelo mesmo método - resolvi, pois, enterrar o que sobrou, bem como os fragmentos parcialmente queimados, nos lugares onde eles foram mais tarde encontrados.

Retirei da loja o outro pacote, ainda fechado, e dele livre-me por meios tais que provavelmente ele jamais será encontrado. Não me sinto inclinado a revelar sua localização, na medida em que isso serviria apenas para alimentar a sanha midiática em torno do meu caso. Se, no entanto, minha vida for posta em risco, ou minhas demais declarações forem desacreditadas por falta de provas adicionais, darei prontamente a informação, o que provará que as partes lá contidas pertencem aos corpos já identificados e, ainda mais importante, que o pacote ocupa sua presente localização por quase sete anos.

Isso será corroborado por provas documentais: recibos de frete, trens expressos e depósitos, cartas etc, já em mãos das autoridades, juntamente com testemunhos de trabalhadores, se ainda vivos e localizáveis.

No início de 1888, precisando de alguns carpinteiros, pus no jornal um anúncio. Algum tempo depois veio até mim um homem alto, magro e forte que, à primeira vista, imaginei ser um fazendeiro das planícies do oeste.

Ele me garantiu, no entanto, que era carpinteiro, tão capaz quanto qualquer outro, que se chamava Benjamin F. Pitezel e tinha uma família numerosa para cujo sustento precisava urgentemente de um emprego. Implorou-me para que lhe desse uma chance. Dei-lhe a oportunidade, mas logo descobri que o sujeito era um nefelibata. Quando ia inspecionar seu trabalho, encontrava-o rodeado de figuras e diagramas ilustrativos, ou ocupado em construir o modelo de algum aparelho. A situação chegou a tal ponto que, para me salvaguardar, fui obrigado a fazê-lo trabalhar por contrato ao invés de por dia, embora, no fim das contas, ele tenha se provado tão negligente com seu próprio tempo quanto o era com o meu. Aos poucos, fui aprendendo a gostar de seu jeito pacato e a confiar nele para tomar conta do negócio quando eu era obrigado a me ausentar. Certo dia, perguntei-lhe: “Ben, com toda a sua habilidade, você já deveria ter se tornado um homem rico, não?” Sua resposta foi que, até então, o mundo não parecera inclinado a lhe ser gentil. Essa descrição me pareceu tão verdadeira do meu próprio caso que passei a conversar com ele com mais frequência, e descobri sobre sua vida o seguinte:

Assim como eu, ele fora criado no interior, onde teve uma vida de poucos prazeres e, infelizmente, pouca chance de estudo. Ainda relativamente novo, casou-se e começou a trabalhar como fazendeiro em Illinois ou Indiana. Mais tarde, mudou-se para o Kansas e, algum tempo depois, foi obrigado a fugir de tal estado em função de problemas com um banco local ao qual ele havia oferecido um bem sem valor algum como garantia de um empréstimo. Após sair do Kansas, ele perambulou pelos estados do oeste, especialmente as regiões do ouro, até finalmente se estabelecer em Chicago com sua família que, enquanto ele viajava, havia permanecido no Kansas. Ben começou a trabalhar para mim pouco depois de ter chegado a Chicago; daí até a data da sua morte, em 2 de setembro de 1894,

continuou sendo meu empregado na condição de carpinteiro e construtor, como corretor imobiliário e mercador atacadista de madeira, comprando e transportando madeira do sul e do oeste para Chicago e St. Louis.

Creio ter sido em 1889 que, certo dia, dois cavalheiros me abordaram oferecendo uma máquina de gás, mediante uso da qual eu me tornaria para sempre independente da companhia de gás da cidade. Mais tarde me encontrei com eles em seu escritório na rua La Salle. As vantagens oferecidas eram tamanhas que, no mesmo dia, comprei uma das máquinas e que, mais tarde, foi instalada no porão de meu prédio. Também comuniquei à companhia de gás local que dali em diante não seria mais seu cliente. Durante dois dias, a máquina funcionou às mil maravilhas, e recomendei-a a muitos de meus clientes e amigos. Na tarde do terceiro, porém, enquanto eu estava bastante ocupado atendendo vários clientes, minha loja foi subitamente envolta em trevas. Fui obrigado a pedir que meus clientes se retirassem e a fechar o estabelecimento por falta de luz. Daí até de manhã travei com a maldita máquina uma luta ferrenha. Quando Pitezel chegou para trabalhar, encontrou-me transpirando e praguejando diante dela.

Apesar de um total fracasso como produtora de gás, a máquina foi para Ben como um brinquedo novo para uma criança. Naquela tarde, instruí-o para que a conectasse temporariamente ao gás da cidade, a fim de que tivéssemos luz à noite. No dia seguinte, eu pretendia ir à companhia de gás para registrar-me novamente como cliente. Mas quando Ben terminou de fazer a ligação, comentou que aquele poderia ser um arranjo permanente e que eu não necessitaria mais dos serviços da companhia de gás. No dia seguinte, pedi que ele pusesse tal esquema para funcionar de tal modo que não fosse descoberto sem uma inspeção detalhada - fi-lo não para espoliar a cidade, mas para

“acertar as contas” com a empresa que me havia defraudado. Algumas noite depois, o presidente dessa empresa veio visitar-me e, após estudar calmamente minha nova luz por algum tempo, perguntou sobre ela.

Contei-lhe então que havia comprado essa máquina a fim de testar um novo gás com o qual eu vinha experimentando há anos. Seguiram-se algumas outras visitas e, embora eu fosse inicialmente avesso à ideia de partilhar minha nova descoberta, fi-lo enfim, em troca de, em primeiro lugar, um contrato tão habilmente redigido que impediria quaisquer alegações futuras contra minha pessoa e, em segundo, uma polpuda soma em cheque. Se as coisas tivessem parado por aí, como eu havia planejado, o plano teria dado certo, mas acabei me esquecendo de desconectar a máquina da tubulação da cidade ao final de cada dia, até que um inspetor, mais enérgico que seus demais colegas, descobriu o esquema. Como resultado, tive que pagar uma conta de gás de \$500 para evitar receber uma advertência por escrito e correr o risco ser processado.

Realizei outros acordos de natureza similar e, de modo geral, inspirados pelos mesmos motivos, mas o relatado acima é suficiente como exemplo dos que viriam a ocorrer mais tarde. Algum tempo antes desse episódio, tive ocasião de contratar um advogado para conduzir um certo negócio, em que alguns papéis deveriam ser assinados com meu nome de New Hampshire. Por isso, para que meu nome real não fosse confundido com o nome falso que eu vinha utilizando, Holmes, - pelo qual eu era conhecido e sob o qual havia realizado todos os meus negócios em Chicago - preferi que o advogado fosse um desconhecido.

Cerca de um ano após consultar esse bacharel, fui chamado ao tribunal para depor como testemunha num caso bastante trivial e, enquanto dava meu depoimento sob o nome de Holmes, vi-o sentado num banco pouco adiante, com ar bastante perplexo. Ao invés de me denunciar para a

corte, como poderia tranquilamente ter feito, falou comigo a sós. Mais tarde, em retribuição a esse favor tão gentil, contratei-o para cuidar da maior parte de meus assuntos jurídicos; porém, embora ele tenha trabalhado diligentemente como meu advogado, jamais encorajou-me a praticar atos ilegais, nem tomou parte neles, de modo que os recentes artigos de jornal que põe em dúvida sua integridade são totalmente injustos e gratuitos.

À exceção desse pequeno incidente, não me recordo de nenhuma outra ocasião, nos nove anos que precederam minha prisão, em que meus dois nomes tenham conflitado ou me causado qualquer problema.

Em 1890, acrescentei a meus negócios uma joalheria e contratei Julius L. Conner para tomar conta dela e de minha farmácia. Sua esposa, Julia Conner, auxiliou-o por um tempo trabalhando no caixa e, depois da venda da loja, passou a morar no imóvel, o qual transformou em pensionato para sustentar a si e a filha. Não se pode negar que ela seja uma mulher de temperamento forte e humor oscilante, mas creio que nenhum de seus parentes ou amigos a consideraria uma pessoa imoral, ou alguém que tomaria parte num ato criminoso. Eu a vi pela última vez no dia primeiro de janeiro de 1893, quando fizemos o acerto do seu aluguel. À época, ela anunciou não somente para mim, mas também para seus vizinhos e amigos, que estava deixando a cidade. Ela vivia para a filha e seu único medo era um dia perdê-la - assim que a filha for velha o bastante para cuidar de si, creio que se conhecerá o paradeiro da mãe.

Nessa conversa, ela me disse que, embora tivesse dado Iowa como seu destino, iria para outro lugar, a fim de preservar a guarda de sua filha, tendo mentido apenas para despistar o marido. Mais tarde, corripondi-me com ela a respeito de negócios - essas assim chamadas cartas ocultas, encontradas recentemente, só podem ter sido obtidas de

meu arquivo em Chicago, em que centenas de cartas de negócios estavam organizadas por ordem alfabética.

Em 1890, abri um escritório na Rua Dearborn, em Chicago, e montei a “Companhia Warner de Manipulação de Vidros”, cujo principal diferencial consistia num conjunto de ideias não muito claras sobre a técnica de manipulação de vidros para propósitos mecânicos. Tratava-se de uma sociedade por ações, da qual faziam parte, entre outros, Osmer W. Fay, um homem extremamente honesto e respeitável (um ministro aposentado), de quem falarei mais adiante. Por ora direi apenas que, quando descobri que ele havia investido a maior parte de suas economias na minha empresa, devolvi-lhe seu investimento com juros, pois sabia que aquele não seria um negócio rentável para ninguém além de mim mesmo. Nessa época, Pitezel trabalhava comigo no mesmo escritório, vendendo uma invenção que ele havia patenteado recentemente, chamada “Depósito de Carvão Automático de Pitezel”. Mais tarde, coloquei-o numa sala própria, onde ele abriu um escritório de patentes parecido com o que tocava na Filadélfia quando de sua morte.

Por volta dessa época, Patrick Quinlan, um irlandês bastante enérgico que havia deixado sua fazenda em Michigan para trabalhar na cidade durante o inverno, começou a prestar serviços para mim. Quinlan logo se tornaria quase indispensável, graças a sua administração e supervisão cuidadosas, bem como a sua fidelidade. Ele trabalhou comigo continuamente por alguns anos e, até onde me é dado saber, não cometeu nenhum ato ilegal ou imoral durante esse período.

No início de 1891, interessei-me por uma das invenções mais sedutoras e ilusórias já apresentadas ao público americano: um aparelho conhecido como “Copiadora ABC”, trazido da Europa por um importante agente da Exposição Mundial.

Ele havia sido ludibriado e, portanto, estava disposto a me vender metade da participação nos lucros sobre a venda da invenção por \$9,000. Formou-se imediatamente uma empresa e, usando o nome dele como presidente da mesma, conseguimos fazer mais de \$50,000 em contratos de entrega futura antes dos dois primeiros meses, contando entre nosso clientes várias grandes empresas de seguro e proeminentes casas atacadistas. No entanto, acabei vendendo sem arrependimento minha participação, obtendo um lucro total de \$22,000

Foi por volta dessa época, quando eu empregava um número considerável de pessoas no escritório, que o senhor J. L. Conner pediu-me que arranjasse um trabalho para sua irmã Gertrude. Ao invés de atendê-lo imediatamente, disse-lhe que o ajudaria a pagar a sua irmã um curso rápido numa faculdade de negócios; se ao final dessa formação ela se provasse apta, daria-lhe um emprego. Logo após começar a frequentar o curso, ela recebeu uma proposta de casamento de um jovem bancário de Chicago. Ela nos contou a respeito e pediu-nos que, na medida do possível, procurássemos saber dos antecedentes e perspectivas do jovem rapaz. Nossa investigação acabou por revelar que ele tinha uma esposa em Chicago. Gertrude preferiu não acreditar nessa informação e, não se mostrando disposta a romper com seu pretendente, o senhor Conner achou melhor mandá-la de volta a sua casa em Iowa. Uma declaração do médico que esteve com ela quando de sua morte, muito tempo depois, fala por si, refutando uma das acusações mais persistentes e desagradáveis que recaíram sobre minha pessoa. Como empresário, empreguei muitas moças - a maioria das quais ainda estão vivas e morando na região de Chicago - cujos pais e amigos sabem muito bem que, longe de ter sido um sedutor, fui seu benfeitor, tendo feito muito para ajudá-las materialmente, especialmente considerando a enorme competição vigente no mercado de trabalho de Chicago.

Por volta dessa época, mandei Pitezell para o sul, numa viagem de trabalho longa. Ao retornar a Chicago, ele deparou-se com graves problemas domésticos, cujos detalhes completos só me contou muito tempo depois. Tais problemas resultaram, porém, numa briga com vizinhos e em algumas prisões. Depois desse episódio, ele tornou-se mais taciturno e passou a beber de forma mais liberal, embora apenas em minha ausência ou fora do horário de trabalho, pois sabia bem que eu não tolerava a embriaguez em meus empregados.

No início de janeiro de 1893, encontrei Minnie K. Williams pela primeira vez, na agência de empregos do senhor William Campbell, na rua Dearborn, em Chicago, onde ela trabalhava como estenógrafa. Vi que se tratava de uma mulher inteligente, com uma boa conversa, e - notava-se claramente - com uma vasta experiência do mundo. Tudo isso me deixou curioso para saber sua história. Algumas semanas depois de ela ter começado a trabalhar em meu escritório, numa tarde tempestuosa de inverno, pedi que ela contasse para mim. Após hesitar por um tempo considerável, ela atendeu meu pedido, narrando sua trajetória mais ou menos nas seguintes palavras:

“Minha memória mais antiga é de uma casa pobre no Sul. Meu pai era alcoólatra e minha pobre mãe não era forte. Num dia fatídico, chegou a nossa porta o cadáver de meu pai e, pouco tempo depois, as já escassas forças de minha mãe abandonaram-na por completo, de modo que ela se foi em seguida, deixando-nos a sós no mundo: eu, uma pequena criança, uma irmã ainda mais nova e um irmão que não passava de um bebê. Uma tia do Mississippi levou minha irmã para morar com ela, outro parente tomou conta de meu irmão, e eu fui adotada por um tio que era médico.

Durante o curto período em que viveu, esse tio foi para mim um pai doce e amoroso; em seu testamento, deixou-

me todas as suas posses. Após sua morte, um tutor foi apontado para tomar conta de mim, mas não fui feliz de novo até anos mais tarde, quando o senhor Massie o substituiu. Desde então, considero ele e sua esposa como meus pais.

Quando eu tinha dezessete anos, fui mandada para Boston a fim de que concluísse minha educação no Conservatório de Música. No início, tendo deixado para trás minha aconchegante casa no sul, quase morri de tantas saudades. Assim, você não se surpreenderá se eu disser que, tendo encontrado em Boston um jovem cavalheiro e me certificado de que se tratava de um rapaz trabalhador e honesto, com um emprego no qual tinha perspectivas de crescimento, permiti que ele me cortejasse; mais tarde, ficamos noivos.

Logo após o noivado, ele me apresentou a um cavalheiro bastante conhecido nos estados da Nova Inglaterra e bastante mais velho do que eu. Desde a primeira vez em que o encontrei, ele pareceu exercer sobre mim uma poderosa influência. Eu tinha grande afeição por sua esposa e as visitas que lhe fazia eram um agradável recesso do tédio das minhas aulas, mas assim que ele chegava do trabalho, ou que eu me via em sua companhia, sentia-me desconfortável e minha mente se enchia de um mau pressentimento indefinido. Eu sempre evitava encontrá-lo sozinho, mas muitas vezes ele insistia em me acompanhar até em casa, o que, em função das contínuas cortesias que ele e a mulher me dispensavam, eu não podia negar. Logo veio o dia em que eu não conseguia mais olhar nos olhos de meu noivo, e por mais de um ano estive completamente entregue à influência de meu sedutor; tanto isso era verdade que quaisquer boas resoluções que eu fizesse durante sua ausência desapareciam num piscar de olhos quando eu o encontrava novamente. Minha vida

tornou-se uma tortura, pois, por natureza, eu era uma garota de mente pura.

Na maior parte das vezes, íamos a um hotel próximo a seu trabalho, o qual, desde que o casal fosse conhecido do gerente, tinha alguns quartos disponíveis para esse tipo de encontro.

Pouco mais tarde, rompi o noivado, e creio que tenha merecido as acusações de insensibilidade por parte de meu noivo, embora meus reais motivos nada tivessem a ver com um coração frio. Como se esse fardo não fosse grande o bastante, no final daquele ano descobri que outra calamidade ainda mais terrível me aguardava.

Durante dias, sentei sozinha em meu quarto, até o ponto em que achei que iria enlouquecer. Temendo perder por completo a razão, decidi matar-me - mas ninguém percebe o valor da vida até que, não vendo mais razão para viver, tenta desfazer-se dela.

Não tive coragem de levar a cabo o suicídio e, como não me restavam alternativas, tive que ir discretamente a um lugar desconhecido, sob outro nome, carregando minha culpa.

Fui a Nova Iorque e, sob o nome de Adele Covell, hospedei-me numa pensão em uma parte calma da cidade.

Como nunca fora forte fisicamente, após muitos dias e semanas de um estado de saúde grave, fui obrigada, para preservar minha sanidade, a sacrificar a vida de meu filho ainda no ventre. Assim que consegui, retornei a minha casa no Texas, justificando minha terrível aparência com a melhor desculpa que pude conceber.

Depois de algum tempo, sentindo que não havia mais muita coisa que eu pudesse fazer, preparei-me para ser atriz e por três anos estive quase continuamente no palco. Tornando-me ambiciosa, decidi organizar uma companhia

de teatro, e durante algum tempo viajei pelas pequenas cidades da Nova Inglaterra sob o nome de Geraldine Wande.

Esta empreitada custou-me entre cinco e dez mil dólares e, em 1891, fui a Denver, Colorado, como membro de uma companhia que tinha um grande contrato com um teatro local. Lá permaneci até o incêndio daquela casa de espetáculos, episódio que pôs fim a meu contrato. Não encontrando outro emprego razoável, decidi preparar-me para trabalhar em escritórios.

Infelizmente, ainda em Denver, atraí a atenção de um jovem rapaz que estava noivo de uma moça que eu conhecia e de quem gostava. Para evitar problemas, decidi mudar-me, embora o tenha feito contra a vontade do rapaz que, se eu o tivesse consentido, teria casado comigo. Por volta dessa época, meu irmão, de quem eu nunca tivera muitas notícias, morreu num acidente de trem em Leadville, Colorado, deixando para minha irmã Nannie - hoje professora em Midlothian, Texas - e para mim, cerca de \$400 dólares, resgatáveis um ano após sua morte.

Fui a Leadville para seu funeral, e mais tarde vim para Chicago, onde, até obter esse emprego com o senhor, cheguei a passar sérias dificuldades financeiras, pois minha fracassada empreitada teatral havia consumido todo meu dinheiro. Hoje, tudo o que me resta é um bom imóvel em Forth Worth, Texas, avaliado em \$6.000, mas hipotecado por \$1.700. Um pedaço de terra vizinho a essa propriedade, sobre o qual o senhor Massey me escreveu recentemente, pode ser vendido por \$2.500, mas há uma hipoteca pesada a ser paga. Também possuo um lote pequeno e mal cuidado, próximo a Dallas, Texas, avaliado em \$200."

Durante a primavera de 1893, eu estava mais ocupado do que nunca. Entre outras coisas, estava reformando meu prédio a fim de alugá-lo a um inquilino em potencial, que me pagaria um bom valor para usar todos os cinco andares

e quarenta quartos, desde que eu concluísse as reformas a tempo para a Exposição Mundial.

Isso me deixou com pouco tempo para cuidar dos assuntos do escritório, que a senhorita Williams foi gradualmente assumindo, revelando uma notável aptidão para esse tipo de trabalho. Durante as primeiras semanas, ela ainda morava longe; depois de algum tempo, no entanto, ela passou a ocupar um quarto no meu prédio, adjacente aos escritórios, lá permanecendo entre primeiro de março e 15 de maio de 1893.

Eventualmente serviam-se ali refeições compradas de um restaurante próximo. Se realmente foram encontrados ossos no forno daquele estabelecimento, creio que se descobrirá mais tarde, por meio de análise microscópica, que se trata de resquícios de tais refeições. O que é certo é que nenhum ser humano jamais foi cremado lá durante o tempo em que ocupei aquele espaço - se não houvesse nenhum outro motivo para impedir-me de fazê-lo, minha experiência de alguns anos antes teria sido suficiente para dissuadir-me.

No dia primeiro de abril, ditei um número considerável de cartas a pessoas que me deviam, solicitando que quitassem suas dívidas imediatamente, uma vez que, à época, estava bastante carente de dinheiro. Alguns dias mais tarde, Minnie trouxe-me um cheque no valor de \$2.500 e insistiu que o usasse até que ela precisasse do dinheiro, explicando-me que se tratava do lucro da venda de sua propriedade no Texas. Esse dinheiro me seria muito útil, mas recusei-me a aceitá-lo antes de explicar-lhe, em considerável detalhe, como funcionavam meus negócios. Finalmente, transferi-lhe, por escritura, uma casa e um terreno em Wilmette, Illinois, avaliado em cerca de \$ 7.500, para que ela não sofresse prejuízo em caso da minha morte.

O empréstimo foi devolvido à Srta. Williams em 10 de maio de 1893, com dinheiro obtido para esse propósito de Isaac R. Hitt & Co., Chicago, que pagou a quantia diretamente a ela. Por volta dessa época, Minnie pediu que eu a ajudasse a converter suas propriedades remanescentes no Sul em dinheiro ou em propriedades melhores no Norte. Essa seria uma tarefa difícil e acabei aconselhando que ela fizesse uma escritura sem valor (com a assinatura de outra pessoa) e ofertasse as propriedades por um valor irrisório. Alguns anos depois, se ela o desejasse, poderia exigir uma quantia adicional em troca da escritura verdadeira.

Assim fez-se, forjando-se o nome nas escrituras, que aliás ainda existem. Justamente quando havíamos progredido tanto em nossas várias transações, porém, a Srta. Williams ficou gravemente doente, e não saiu do hotel onde à época estávamos ficando. Foi um episódio da mesma mania aguda que lhe acometera anos antes em Nova Iorque. Minnie lá permaneceu até o dia 22 de maio, mas graças ao trabalho de enfermeiras dedicadas e médicos competentes, logo sentiu-se melhor, a ponto de conseguir planejar comigo o que faríamos em seguida.

Decidiu-se que ela iria para o Hospital Presbiteriano, próximo à avenida Clyborne, em Chicago, e lá permaneceria até que eu determinasse que ela havia recobrado sua sanidade. Minnie entrou em tal instituição no dia 23 de maio de 1893, como paciente particular e, uma vez que sua enfermidade era de tal monta que seria prudente fazê-la passar por mulher casada, foi registrada como Sra. Williams.

Ali, no entanto, o maior obstáculo a sua melhora era o fato de ela ter consciência de habitar um manicômio, na companhia de outros pacientes alienados, de modo que logo passou a me implorar para que a levasse a uma acomodação privada, onde pudesse receber atenção especial. Com esse objetivo, aluguei uma casa na Avenida Wrightwood, 1220, e no começo de junho acompanhei a

Srta. Williams até lá. Durante minhas ausências, ela ficava sob os cuidados de uma moça, contratada para esse fim.

Nesse novo ambiente, ela teve rápida melhora e durante os meses seguintes exibiu apenas uma vez sintomas maníacos, quando, em razão de um discordância trivial com sua cuidadora, fez tal escândalo que a pobre moça demitiu-se imediatamente depois. Foi nessa época que a Srta. Williams falou pela primeira vez de seu desejo de convidar a irmã para passar o verão e primavera conosco. Em resposta à carta que Minnie lhe enviou algum tempo depois, Nannie veio. Quando encontrei-a na estação de trem, logo notei que se tratava de uma mulher bastante quieta e afável, embora aparentemente frágil. As irmãs jamais haviam morado juntas por um tempo considerável, de modo que antecipavam que sua mútua companhia seria extremamente prazerosa. Minnie havia me pedido que déssemos a impressão de sermos casados e que não se tocasse no assunto de sua recente enfermidade - a qual ela parecia agora estar superando, dia após dia.

Não consigo imaginar uma vida mais tranquila e feliz do que a que as duas irmãs levaram durante o mês de junho e a primeira parte de julho de 1893. Nesse período, eu estava extremamente ocupado com meus negócios na cidade mas, sempre que conseguia, passava tempo com elas. A essa altura, Minnie estava bem o bastante para cuidar de certos assuntos e auxiliar-me com a escrita. Entre outras coisas, planejamos uma maneira de converter a herança deixada por seu irmão em dinheiro, e iniciamos alguns procedimentos preliminares que obrigariam seu corruptor de Boston a pagar-lhe uma soma considerável. A fim de tornar essa tarefa mais fácil, pensamos que seria melhor que ela obtivesse uma prova de sua alegação; para tal, enviaria a seu aliciador um telegrama em que pediria apenas uma pequena quantia.

Fez-se exatamente isso, e o sujeito respondeu prontamente, enviando-lhe \$100. Quando o dinheiro chegou ao escritório da Western Union, Minnie não estava sentindo-se bem o bastante para ir até lá, de modo que eu mesmo providenciei os documentos necessários e assinei o recebimento em seu lugar. No dia seguinte, para salvaguardar mais plenamente seu advogado, ela fez um recibo suplementar em seu próprio nome. Mais tarde, Minnie planejava retornar a Boston para dar sequência ao plano.

No final de junho, ao retornar certo dia da cidade, ela me apresentou ao Sr. Edward Hatch, que ela havia conhecido durante sua carreira teatral (à época, ele frequentava a Exposição Universal em Chicago). Alguns dias depois, ele nos acompanhou - a mim, Minnie e Nannie - até a Exposição.

Certo dia, no começo de julho, a Srta. Williams teve que sair da cidade. Antes de fazê-lo, no entanto, pediu que eu chegasse mais cedo em casa para que Nannie não ficasse sozinha durante a noite. Acompanhei a Srta. Williams até a estação de trem e, mais tarde, fui com sua irmã até o distrito comercial, pois ela pretendia passar o dia visitando a Exposição. Naquela noite, retornei às dezoito horas, e Nannie voltou logo depois. Nas semanas anteriores, durante as quais a Srta. Williams esteve doente, não pude sair de casa à noite; desejando fazê-lo naquela oportunidade, perguntei a Nannie se ela se importaria com minha ausência, explicando-lhe que havia duas outras famílias na casa. Ela respondeu-me que não havia problema, e que estava tão cansada de caminhar o dia todo entre as multidões da Exposição que certamente dormiria a noite inteira.

Saí em seguida, prometendo que passaria lá na manhã seguinte. Pedi também a Nannie que não contasse à irmã que eu havia passado a noite fora, explicando-lhe que

Minnie não gostaria de saber que eu a deixara sozinha. Na manhã seguinte, cheguei em casa às 8:30, pouco antes da Srta. Williams.

Dei-lhe boas-vindas mas, com pressa de chegar à cidade, despedi-me logo em seguida, peguei minha bicicleta e saí.

No início da tarde, ao retornar, surpreendi-me ao perceber que as persianas das janelas estavam fechadas. Ao entrar, fui recebido pela Srta. Williams, que gritava:

“É você? Meu Deus! Achei que você nunca mais fosse voltar. Nannie está morta!”

Ela estava sentada no chão, segurando entre os braços a cabeça da irmã, balançando-a para frente e para trás e gemendo, como uma mãe desesperada diante da criança morta ou prestes a morrer. A princípio, não acreditei no que ela dizia - não fiz nenhum esforço para acreditar - encarando a situação como uma das brincadeiras que, quando estava bem, Minnie tanto gostava de fazer. Logo em seguida notei, porém, a completa desordem em que a sala se encontrava e, à medida que meus olhos se acostumaram à escuridão, enxerguei com mais nitidez o rosto horrorizado da Srta. Williams - por melhor atriz que fosse, jamais poderia fingir tão intenso abalo.

Fiquei estarelecido, e logo me pus de joelhos ao seu lado, descobrindo, para meu absoluto horror, que Nannie provavelmente havia morrido algumas horas atrás. A essa altura, a Srta. Williams parecia quase tão sem vida quanto a irmã e, ora guiando-a, ora carregando-a, levei-a até seu quarto e fiz o que pude para ajudá-la a recompor-se. Muitas horas se passaram, no entanto, até que ela estivesse em condições de me fornecer um relato inteligível do que havia ocorrido ali durante minha ausência.

Nesse ínterim, carreguei o corpo de Nannie até meu próprio quarto e, ao deitá-la em minha cama, tive a

impressão de que se parecia mais com alguém dormindo que com um cadáver. A única marca de violência perceptível era uma leve descoloração em uma de suas têmporas, da qual uma pequena quantidade de sangue havia provavelmente saído.

Mais tarde, em resposta às minhas perguntas, Minnie contou-me o seguinte:

Após minha saída, a Srta. Williams pegou sua irmã pelo braço e saiu correndo com ela pelo quartos até a sala de jantar. Sem tirar o chapéu, sentou-se à mesa, bebeu um pouco de café e começou a falar. Ela perguntou à irmã que horas eu havia chegado em casa na noite anterior, ao que Nannie respondeu que não sabia uma vez que já me encontrava em casa quando ela retornou, dando a entender que eu havia passado a noite inteira lá.

Após o almoço, Minnie foi a seu quarto, trocou a roupa de sair por um vestido de ficar em casa e, ao dirigir-se à parte anterior da casa, passou pelo meu quarto. Ao fazê-lo, notou que não havia indícios de que ele fora ocupado durante a noite anterior.

Com essa ideia fervilhando em sua mente agitada, ela correu ao quarto adjacente, onde a irmã estava sentada e, numa voz cujo drama somente os poucos que foram íntimos da Srta. Williams poderiam apreciar devidamente, gritou-lhe:

“Demônio! Você roubou meu marido!”

Ao mesmo tempo, golpeou a irmã com um escabelo, com o qual a pobre criatura foi ao chão e, quase sem luta, parou de respirar.

A Srta. Williams correu imediatamente até o primeiro andar em busca de assistência mas, como os demais hóspedes estavam ausentes naquele momento, voltou para junto da irmã, a qual tentou por todos os meios reanimar -

inicialmente pensara tratar-se apenas de um desmaio. Logo, porém, descobriu que seus esforços seriam em vão e, daí até minha chegada, permaneceu na posição em que a encontrara.

Passado o calor momento, impôs-se a terrível questão de quais seriam os próximos passos. Não importa agora falar do que deveria ter sido feito. O que decidimos de fato fazer foi o seguinte:

A princípio, eu propus chamar as autoridades e explicar em detalhes o ocorrido, deixando claro que, no momento em que cometeu o crime, a Srta. Williams não estava em condições de responder por seus atos. Minnie, porém, não escutava o que eu dizia. Em seguida, sugeri que deveríamos fazer parecer que a morte havia resultado de uma queda accidental, mas ela recusava-se a aceitar qualquer sugestão que envolvesse investigações e tribunais, implorando que eu fosse até Englewood e, com o auxílio de Patrick Quinlan, levasse o corpo a um lugar ermo e lá o enterrasse.

Percebendo que essa discussão a estava deixando doente, mediquei-a e, assim que julguei seguro, deixei-a sozinha, com a intenção de ir até Englewood.

Havia algumas razões pelas quais esse último plano teria sido vantajoso, na medida em que não era do conhecimento geral que eu e a Srta. Williams vivíamos como marido e mulher; os que sabiam do fato, não conheciam minha verdadeira identidade. Revelar esse segredo, bem como a morte de sua irmã sob circunstâncias tão dramáticas, teria me trazido uma má reputação ruinosa.

No caminho para Englewood, porém, pensei que havia também boas razões para não envolver Quinlan no assunto. Sua lealdade a mim era tamanha que não havia risco de que ele o tornasse público mas, por outro lado, eu não tinha o direito de fazê-lo carregar um fardo tão pesado.

O que o tornava tão leal era precisamente o fato de que eu jamais o havia pedido para cometer nenhuma ilegalidade ou ato que pusesse em risco sua propriedade.

Deixei a carruagem na rua 22 e voltei para casa, onde a Srta. Williams ainda dormia. Mais tarde, vestimos sua irmã num vestido leve que, em vida, ela apreciara muito; em seguida, peguei o grande baú que ela havia trazido do Texas e a coloquei nele o mais cuidadosamente possível.

Não observamos nenhum ritual funerário e não dissemos nenhuma oração, porque senti que, vindos de qualquer um de nós, tais protocolos não passariam de escárnio. Também peguei a pequena e surrada bíblia de Nannie (sem o consentimento da Srta. Williams) e levei até sua sepultura final, pois foi apenas o que me senti à vontade para fazer. Fui então a uma cocheira e aluguei uma condução coberta; na volta, parei na garagem de bondes, onde muitos trabalhadores aguardavam sua condução e contratei um deles para me acompanhar até em casa e me ajudar a colocar o baú na carruagem.

Em seguida, fui até a margem do lago e esperei o cair da noite, fazendo parecer a um eventual observador que eu aguardava o retorno de algum barco atrasado. Algum tempo depois, providenciei um barco; ainda mais tarde, mediante esforço considerável, coloquei dentro dele o baú e remei por quase dois quilômetros lago adentro.

Ali, na escuridão, nas profundezas usurpadoras do Lago Michigan, sumiu da vista do mundo o corpo mortal dessa bela alma cristã; jamais sumiu de minha vista, porém, nem houve sequer um dia ou hora desde aquela fatídica noite em que eu não teria aberto mão de minha própria vida se assim Nannie pudesse recobrar a sua.

Ao voltar para a margem, pensei que seria prudente depositar o baú numa parte mais remota da praia. Assim o

fiz e, após devolver o barco, voltei para casa, retornando mais tarde para resgatar o baú.

Chegando em casa, notei que a Srta. Williams estava mais calma. Durante minha ausência, ela havia se ocupado em reunir todos os pertences da irmã, mesmo os objetos que Nannie havia tomado emprestados, e colocá-los no quarto que havia sido ocupado por ela. Minnie queria conversar e planejar nosso futuro, mas eu não tinha mais disposição para tal. No decorrer dos dias seguintes, aos poucos e com muita cautela para não excitá-la novamente, fui deixando claro que nossa vida juntos havia acabado.

Não o fiz com raiva, porém, e concordei em guardar seu segredo desde que ele não pusesse minha própria vida em risco. Os serviços domésticos na casa da Avenida Wrightwood foram suspensos e, pouco tempo depois, o senhor Hatch levou Minnie para Milwaukee, onde ela permaneceu numa instituição privada até o final do verão.

Hatch ficou um bom tempo sem saber da morte da irmã de Minnie, supondo que ela havia retornado ao Texas; quando a Srta. Williams contou-lhe a respeito, foi contra minha recomendação. Todas as coisas que ela não havia levado consigo foram transportadas a Englewood e lá depositadas num quarto, onde foram mantidas por algumas semanas até que eu arranjasse tempo para livrar-me delas. Parte desses objetos foi enviada a Pitezel, com a explicação de que a Srta. Williams os havia doado a seus filhos. Todos os demais foram queimados num grande forno no terceiro andar do escritório, o que eu afirmei com todas as letras às autoridades da Filadélfia na primavera de 1894; todo o subsequente rebuliço criado em torno do assunto derivou de uma visita de um representante de tais autoridades até o local para averiguar minha declaração.

Outro baú, contendo fotos e livros, não foi resgatado da companhia de trem em razão de um erro de cobrança,

apesar de a Srta. Williams pensar que eu também me livrara dele - foi o último baú a retornar a Fort Worth. Antes de ir a Milwaukee, Minnie encontrava-se em tal estado nervoso que combinamos apenas o seguinte: sua família e amigos no sul deveriam supor que ela, em companhia do marido e da irmã, havia viajado à Europa ou a algum outro lugar distante. A história era verossímil, uma vez que já havíamos comentado da possibilidade de uma breve viagem para o exterior na primavera, se o dinheiro permitisse.

Por volta dessa época, houve uma forte tempestade em nossa região, que causou considerável estrago - faríamos parecer, assim, que todos nós havíamos perecido na tormenta. Fato é que a Srta. Williams não mais escreveu cartas a seus amigos e evitou aparecer em público em Chicago. Felizmente, no entanto, para minha (nossa) presente segurança, houve, como mostrarei mais adiante, algumas ocasiões em que ela saiu à rua, e em minha companhia.

Enquanto a Srta. Williams esteve em Milwaukee, fiz o possível para administrar nossos negócios de maneira que nem eu nem ela sofrêssemos prejuízo, já que lhe era impossível fazer transferências futuras ou ir ao Texas sem comprometer a veracidade da história sobre sua morte. Eu também estava determinado a, assim que possível, cortar todas as minhas relações com Minnie, por considerá-las um risco. De tempos em tempos, lembrava a Hatch de zelar por ela, coisa que ele estava bem mais disposto a fazer do que ela a aceitar.

Neste ponto, seria oportuno lembrar um curioso incidente, que durou alguns dias, relacionado a uma de minhas tentativas de fraude. Tal episódio ocorreu pouco depois da morte de meu colega de profissão e antigo camarada dos tempos de universidade.

O triste anúncio de sua morte me pusera a refletir. Passei a considerar seriamente a possibilidade de levar a cabo os planos que eu e meu amigo havíamos passado tantos dias e noites elaborando. A perspectiva era boa e, finalmente, determinei-me a por em prática ao menos um deles. Mas o faria sem nenhum auxílio, sem nenhum aliado.

Algum tempo antes, enquanto ainda estava em Minneapolis, fiz um seguro de vida no valor de \$20,000, em favor de minha mulher. A possibilidade de fracasso nessa empreitada, em que eu honraria meu falecido amigo, fez de mim um homem desesperado porém determinado, a qualquer custo, a conseguir o que queria. Os lucros potenciais eram extremamente sedutores. A chance de detecção, bem como de todos os demais acidentes graves que poderiam ocorrer, deveria ser levada em consideração.

Ao calcular qual havia sido a renda bruta em operações similares, o resultado mostrou-me que, com o modesto investimento de \$3,950, minha renda total final seria de \$68,700. Vê-se claramente que essa empreitada seria bem mais lucrativa que qualquer negócio honesto.

Tendo pago os tributos sobre a minha apólice de \$20,000 até o mês de junho de 1887, era chegada a hora de agir.

A fim de converter o título em dinheiro antes de primeiro de setembro, fui a Chicago e tive uma longa conversa com um conhecido, que trabalhava como assistente na Faculdade de Medicina X, sobre certos detalhes de meu plano.

No entanto, a tarefa de encontrar um corpo que fosse um bom substituto para o meu próprio provou-se mais difícil do que pensei. Eu tinha o cabelo espetado, algo que não poderia ser imitado artificialmente, de modo que era absolutamente imperativo encontrar um sujeito que fosse igualmente dotado daquela peculiaridade. Seguiu-se uma

espera angustiosa, de quase duas semanas de visitas diárias ao necrotério da faculdade para inspecionar os “recém-chegados”, corpos que haviam chegado nas últimas vinte e quatro horas.

Finalmente, no dia 20 de maio, minha paciência foi recompensada. Fui informado de que um homem havia morrido ao cair acidentalmente de um trem de carga. Após a chegada do cadáver, fiz-lhe um exame extremamente crítico e minucioso, concluindo que se tratava exatamente do que eu precisava. Tendo combinado com o hospital os detalhes para obter a posse do corpo, comecei a planejar a melhor maneira de transportá-lo.

Todas as precauções que a mente pode conceber e o corpo executar teriam que ser mobilizadas. Não poderia haver nenhuma brecha para surpresas ou vexames; e eu teria que dar conta de tudo sozinho.

Foi então que teve início uma série de circunstâncias extraordinárias e sinistramente interessantes.

Sabendo que contava com um amigo fiel num certo carregador de trem, dirigi-me imediatamente a sua residência. Qual não foi minha surpresa ao descobrir que ele estava morto - que já havia morrido, na verdade, há algum tempo. Naturalmente, tive que abandonar qualquer pretensão de assistência de sua parte.

Conversando com o zelador da faculdade, descobri que havia na vizinhança um carregador que poderia prestar o serviço de que eu necessitava, uma vez que o sujeito já havia sido contratado por médicos para “trabalhos externos”.

Fui até o endereço desse homem e, ao encontrá-lo, logo perguntei-lhe: “Quanto você me cobraria para levar um corpo da Faculdade X até a Estação Polk Street?”

“Cinco dólares”, foi sua resposta, valor que me pareceu razoável.

Em seguida, fomos até o local em que eu havia encomendado a feitura de um baú especial. Tratava-se de uma peça extra-grande, que por fora parecia uma daquelas malas revestidas de ferro, à prova de roubo, que os comerciantes de joias chamam de caixa de amostra. Por dentro, o modelo era bastante elaborado. A maior parte dele era ocupada por uma grande caixa de zinco, de dimensões suficientes para acomodar um homem de juntas dobradas. Tal caixa interior era fechada por uma tampa de madeira, a fim de abafar qualquer ruído que pudesse ser causado pelo gelo que seria colocado ao redor. O baú, além de tudo, era à prova d’água; mas será que aguentaria uma viagem de trem sem considerável desgaste e possível destruição?

Levamos o baú até a faculdade, e o corpo foi nele depositado com a ajuda do carregador, que não parecia apreciar esse tipo de trabalho. Às vezes, ele parecia fraquejar, e o vi ficar pálido uma ou duas vezes. Depois que o corpo havia sido cuidadosamente acomodado e estava pronto para ser transportado à estação, percebemos que era ainda cedo demais para removê-lo.

Enquanto esperávamos, fomos até um bar para nos refrescar. Algum tempo e algumas doses mais tarde, John tomou coragem e disse:

“Não posso fazer esse trabalho por apenas \$5.”

“Por que não?” perguntei, bastante surpreso.

“Porque eu terei que fazer de minha carruagem um carro funerário, e trabalhar como condutor, agente funerário e carregador de cadáver. Meu preço é \$35. Se eu não receber essa quantia, informarei a polícia sobre o que houve aqui.”

Obviamente não aceitei esse disparate e protestei; recorrendo, porém, a meu traquejo diplomático, consegui aplacá-lo oferecendo \$5 no ato e prometendo os trinta restantes quando chegássemos à estação.

Tal arranjo lhe era favorável pois, se eu me recusasse a pagar-lhe, ele poderia ir diretamente à polícia.

O baú enfim chegou à Estação Central de Illinois e, após tê-lo colocado na plataforma, o condutor virou-se para mim e exigiu seus \$30.

Essa era a brecha que eu esperava.

“Não lhe darei nenhum centavo a mais!”, disse-lhe eu.

“Ah, o senhor pagará o que me deve!”

“Além disso, exigirei que o senhor devolva meus \$5, por haver tentado me extorquir.”

“O senhor só pode estar brincando! Agora dê-me os \$30 ou contarei tudo à polícia!”

“Faça como quiser, mas antes escute o que tenho a dizer e responda minhas perguntas. O senhor por acaso não nos auxiliou, a mim a ao zelador, a colocar o cadáver no baú? O senhor não o transportou até aqui? Não me assistiu em todo esse trabalho?”

“Sim.”

“Aquele homem foi assassinado. Se contar qualquer coisa a quem quer que seja, farei com que o senhor seja preso como cúmplice.”

O condutor ficou obviamente bastante assustado: seus olhos arregalaram-se e quase saltaram para fora da órbita, e seu cabelo assumiu uma posição vertical.

“O corpo deve ser depositado no lago,” continuei, “onde as ondas o enterrarão e ele sumirá para sempre. Espero que esteja compreendendo.”

Ele então me disse que não queria mais dinheiro e que, como eu já conhecia seu endereço, poderia contar com ele sempre que precisasse.

Tendo comprado minha passagem para Michigan e checado meu baú, iniciei minha aventura rumo ao Norte.

Tudo ia às mil maravilhas até nosso trem se aproximar da cidade de Grand Rapids. Subitamente, minha atenção dirigiu-se à seção de bagagens, na parte anterior do vagão que eu ocupava, onde um grupo de funcionários parecia inspecionar um baú

Levantei-me para olhar mais de perto e fiquei quase paralisado de terror ao perceber que se tratava do meu baú e que os homens falavam como se suspeitassem que havia algo de errado com ele.

Imediatamente, mudei meus planos de ir direto ao Norte, e encontrava-me num estado de excitação febril quando chegamos a Grand Rapids. Assim que o baú foi depositado na sala de bagagens, fui até lá e fiz menção de pegá-lo. Neste momento, percebi que um homem estranho olhava para mim e para o baú - encarava-nos de tal maneira que me senti deveras constrangido. Fingi que não o notava, obtendo assim um ângulo melhor para examiná-lo. Logo conclui que se tratava de um agente do serviço secreto e que eu havia sido “descoberto”.

Concluindo que o momento exigia uma ação célere e decisiva, fui até o telégrafo e enviei uma mensagem para o hotel, endereçada a mim mesmo, com o seguinte conteúdo:

“Holmes. Cuide de meu baú que saiu de Chicago pela manhã.

Ass.: HARVEY.”

A inicial “H” era a mesma que constava no meu baú e, quando cheguei ao hotel, mostrei o telegrama ao atendente, que o guardou para mim. Em seguida, reservei

duas suítes adjacentes, uma para mim e outra para Harvey, e solicitei que um bagageiro fosse buscar o baú; ao vê-lo no quarto, entendi imediatamente o que havia atraído a atenção dos funcionários do trem. Minhas suspeitas se confirmaram: um odor terrível emanava do baú, o que me levou a concluir que o homem havia estado morto há bem mais tempo do que afirmaram os residentes e que, portanto, eu havia sido enganado.

Já temendo que tal imprevisto surgisse, enquanto ainda estava no trem eu concebera um plano de transferir o corpo do baú de Chicago para outro, que eu providenciaria ao chegar.

Após trancar meu quarto cuidadosamente, comecei a procurar um outro baú adequado, não sem antes avisar o atendente que minha bagagem estaria disponível em aproximadamente uma hora. A noite começava a cair, e eu não tinha tempo a perder.

Após uma breve procura, encontrei um baú usado que servia perfeitamente a meus propósitos. Pedi que sua fechadura fosse trocada e, enquanto o serviço era feito, fui a algumas casas de material hidráulico e comprei uma quantidade considerável de canos de chumbo antigos, que foram cortados em tamanhos apropriados e, em seguida, embalados. Depois, fiz algumas viagens à loja de baús, cada vez colocando um pacote daquele pesado material dentro do novo baú; completada essa tarefa, o baú carregado foi enviado ao hotel. Tudo isso foi feito para fazer parecer que o baú continha meus pertences.

O dia havia sido quente, e a noite também prometia ser abafada. Eu não poderia perder tempo - era preciso arrumar tudo e evitar surpresas.

Durante minhas visitas à loja de baús, percebi que o homem que eu havia visto na estação de Grand Rapids

estava me seguindo, de modo que me tornei ainda mais vigilante.

Como eu disse, a noite seria quente; eu sabia bem que em pouco tempo todo o andar que eu ocupava no hotel seria infestado pelo odor pútrido do cadáver no baú.

Saí novamente à rua e comprei uma mala de caça à prova d'água, a qual carreguei com uma quantidade considerável de gelo. Levei-a até meu quarto e deposei o gelo na banheira.

Em seguida, tirei os canos de chumbo do baú novo e coloquei-o ao lado do antigo, no quarto adjacente.

Enquanto eu assim procedia, a atmosfera tornou-se tão sufocante que fui obrigado a abrir a janela, a qual dava para o telhado de um alpendre. Nesse momento, no entanto, a noite já estava bastante escura, de modo que decidi postergar o trabalho para depois do jantar.

Ao entrar na sala de jantar, vi, pelo reflexo do espelho, o olhar daquele misterioso estranho me seguindo. Fiquei perturbado, e não apreciei devidamente a comida.

Após a refeição, procurei relaxar um pouco e, em seguida, voltei para o quarto.

Uma vez lá, dirigi-me diretamente ao banheiro, drenei a água do gelo e preparei um lugar para o corpo na banheira. Quando concluí satisfatoriamente essa tarefa, fui buscar o cadáver no baú. As precauções que eu havia tomado em relação ao equilíbrio e à firmeza das cordas foram bem-sucedidas, mas o rosto que me encarou estava cansado, manchado, medonho; apesar de tudo, seus traços ainda lembravam os meus próprios.

A visão era repugnante; porém, ao refletir sobre a situação, lembrei-me de que, após mais alguns aborrecimentos, teria ao menos \$20,000 a mais na conta, e

passsei a encarar aquilo tudo como um excelente investimento prestes a dar frutos.

As possibilidades monetárias da empreitada me inspiravam devaneios, mas eu sabia que agora precisava agir rápido. Soltei as amarras, ergui o corpo e o levei até a banheira, onde ele deveria congelar o bastante para mais um dia de transporte.

Ali, sob a luz cintilante de uma lâmpada de gás solitária, jazia o corpo mortal de... eu não sabia quem.

Tomei-o como minha propriedade e, ao estudar suas formas agora rígidas, estranhas perguntas surgiram em minha mente.

Quem era ele? O que havia sido? Um pai, um amante, um irmão? Seria sua ausência notada? Teria alguém que se preocupasse com ele? Ou seria ele, como eu, uma ovelha desgarrada? Até então, tais pensamentos não me haviam incomodado, mas agora que ele jazia em sua cama de gelo, vi-me fascinado pela terrível solenidade de sua morte e não consegui me afastar da cena.

A lâmpada tremeluziu, uma porta se abriu devagar e, antes que eu pudesse entender o que estava acontecendo, surgiram diante de mim os olhos daquele estranho misterioso - o homem do serviço secreto - que me apontava o cano resplandecente de um revólver.

Não trocamos nenhuma palavra, mas nossos olhos dirigiram-se instintivamente para o objeto na banheira.

“Considere-se preso, senhor”, disse o intruso.

“Estou a sua disposição”, respondi, sabendo que seria inútil discutir naquelas circunstâncias.

Enquanto ele pegava as algemas em seu bolso, fiz uma resolução mental: livraria-me do sujeito de maneira tal que ele ficaria contente em também livrar-se de mim.

Quando o homem entrou no quarto ao lado, eu estava pronto para encará-lo; ele mantinha a pistola apontada para mim com uma mão e tentava tirar as algemas do bolso com outra.

Pelo brilho em seus olhos, pude ler o caráter daquele homem como se estivesse impresso numa folha. Era parte do jogo e, embora ele parecesse bem preparado, eu pretendia usar todos os meus recursos, incluindo meu grande trunfo: o dinheiro.

No entanto, minha situação tornou-se desesperadora quando vi que havia outro policial no quarto; uma olhada rápida para a janela revelou-me como eles haviam entrado.

Quando entramos na sala, o homem que portava o revólver, bem mais corpulento que seu parceiro, olhou para mim e deu uma piscadela.

“John, vá para a delegacia e espere até que eu lhe chame, e não diga nada a ninguém até que eu lhe ordene”, disse meu captor a seu companheiro.

Depois que “John” saltou a janela e começou a andar pelo telhado do alpendre, o outro se virou para mim e disse:

“Muito bem, senhor, peguei-lhe no flagra. Parece que a força lhe aguarda.”

“Meu caro senhor, espero que me dê a oportunidade de explicar-me. Aquele homem era meu irmão e acabou de morrer de uma doença maligna e altamente contagiosa. Ele fora enviado a uma faculdade de medicina para dissecação e eu, quando soube desse fato, determinei-me a resgatar o corpo. Venha, aproxime-se e olhe novamente - o senhor não nota uma semelhança de família?”

À medida que eu falava, o homem foi se afastando e, quando lhe fiz o convite, seu rosto empalideceu. Suas mãos tremiam e suavam profusamente, de modo que a pistola caiu no chão com um grande estrondo.

Percebi que o momento era crítico e que deveria agir imediatamente; consegui me apossar da arma e, ao fazê-lo, ordenei-lhe que, se tivesse qualquer apreço por sua vida, saltasse imediatamente da janela.

O homem não perdeu tempo e, quando sua forma já desaparecia no final do alpendre, disparei um tiro no ar.

Isso, é claro, acabou trazendo o dono do hotel e alguns outros hóspedes à minha porta, a qual, após insistentes batidas, acabei por abrir.

Eu estava num estado de excitação febril, e gritei: “Vejam, lá vai ele!”. Aquele aglomerado de homens e mulheres em trajes noturnos correu até a janela, o que me deu uma oportunidade para fechar a porta do banheiro. Que alívio! Escapei por pouco e consegui mitigar as suspeitas dos curiosos alegando que um homem havia tentado me roubar e que, quando efetuei o disparo, ele pulou do telhado.

A figura de um homem correndo era ainda discernível na escuridão quando eles foram à janela, o que ajudava a corroborar minha explicação.

Depois que os hóspedes foram embora, o dono do hotel me ofereceu outro quarto - oferta que eu obviamente recusei.

Agora começaria o verdadeiro trabalho. O dono do hotel estava aparentemente satisfeito com minha explicação, mas percebi nele um olhar suspeito que me fez erguer a guarda.

Pela manhã, assim que possível, enchi o baú antigo com os canos de chumbo,

tirei meu amigo de sua cama de gelo e coloquei-o no novo baú. Ao sair para o café da manhã, expliquei ao hoteleiro que eu teria que ir de trem a um lugar um pouco

distante, mas que deixaria o baú de meu amigo no quarto, já que ele poderia aparecer a qualquer momento.

Solicitei ao carregador, portanto, que levasse o baú recém-carregado à estação, onde ele também me comprou um bilhete e fez a checagem do baú para o meu suposto destino.

Planejei-me para chegar à estação assim que o trem saísse e, certificando-me de que não havia ali mais ninguém, embarquei no vagão para fumantes.

Eu sabia que, se o detetive viesse atrás de mim, ele iria imediatamente para o hotel. Encontrando lá meu baú, ele naturalmente esperaria um tempo, dando-me assim uma vantagem considerável.

Quando estávamos a cerca de 50 quilômetros de Grand Rapids, desci para pegar um jornal. A banca era próxima ao telégrafo da Western Union e, enquanto observava o operador, ele recebeu a seguinte mensagem:

“Alerta para homem com um baú negro. Saiu esta manhã. Prenda-o e mantenha-o sob custódia.”

Perguntei-lhe com naturalidade, embora talvez com um olhar estranho, qual era a distância até X, meu destino.

“Aproximadamente oitenta quilômetros,” foi a resposta do operador; sem levantar os olhos, chamou um menino para levar a mensagem até o policial da estação.

Mas já era tarde demais. O trem partiu, eu saltei para dentro e imediatamente procurei o carregador de bagagens. Mostrei-lhe meu bilhete e pedi-lhe que despachasse meu baú na próxima estação, a 15 quilômetros de distância, e ele assim o fez. Tratava-se de um lugar bastante deprimente. Quando desembarquei, deparei-me com uma chuva forte, que obviamente caía desde o início da noite. A lama chegava quase a cobrir as rodas dos vagões de carga e a perspectiva de ficar ali não era nada agradável.

Fazendo algumas perguntas, descobri que eu poderia ir a uma cidade a vinte e pouco quilômetros dali, que se ligava a outra estrada de trem; para fazê-lo, no entanto, teria que ir de carruagem. Determinei-me a ir mesmo assim, uma vez que o detetive, quando descobrisse que eu lhe tinha escapado, certamente revistaria todas as estações entre Grand Rapids e meu destino final.

Tive dificuldade de encontrar uma condução sem motorista - não poderia envolver outra pessoa na empreitada, pois o baú havia novamente se tornado um problema, em função do terrível odor que exalava do cadáver.

Como eu disse, enfrentei dificuldades consideráveis para obter o veículo, tendo pago por ele uma soma exorbitante, suficiente para comprar vários modelos. Após acomodar cuidadosamente o baú na traseira da decadente carruagem, comecei a angustiante viagem.

Após sete horas da pior viagem que já enfrentei, cheguei a uma pequena cidade, da qual um trem misto estava prestes a sair. Tratava-se de um daqueles trens de horário flexível, de modo que o condutor concordou em postergar a partida por meia hora.

Meu propósito com tal adiamento era conseguir uma chance de refrescar um pouco o cadáver. Não me foi possível encontrar gelo e, como não havia nenhuma drogaria na cidade, fui ao armazém, acordei o proprietário e comprei dele algumas garrafas de amônia - substância que, quando combinada com uma ou duas outras coisas simples, formava uma solução que tornaria a companhia de meu silencioso amigo olfativamente mais agradável.

Tal tentativa de preservação foi realizada na privacidade do vagão de bagagens, e tudo correu bem até aproximadamente cinco quilômetros antes de chegarmos ao meu destino. Por negligência de algum trabalhador, um dos

trilhos estava com a eclissa desparafusada, de modo que o trem descarrilou.

O engenheiro morreu e o condutor ficou gravemente ferido, bem como dois ou três outros passageiros. Eu escapei por uma janela e, após ajudar alguns dos feridos que precisavam de atendimento cirúrgico, dirigi-me ao vagão de bagagens. O carro, assim como a maior parte das bagagens, estava em ruínas. Meu baú e outros dois estavam intactos, e enquanto aguardávamos a chegada do trem e da equipe de resgate, voltei a divagar.

Éramos um grupo numeroso. Um morto, alguns feridos, todos os sobreviventes ansiosos. A manhã acabara de raiar, e a chuva cessara; subitamente, enxerguei ao longe, através da neblina, uma nuvem de fumaça e vapor que anunciava a chegada de um trem.

Algo me dizia que eu estava prestes a ser confrontado com alguma ocorrência desagradável e, antecipando a realização de tal premonição, rapidamente levei meu baú a um pequeno galpão. Não me espantei, portanto, quando vi que o primeiro homem a desembarcar era o obstinado detetive de Grand Rapids. Ele também me viu, embora não parecesse agora muito preocupado, pois sabia que, em plena luz do dia e sem nenhum trem à vista, eu não poderia escapar.

Finalmente, ele abordou-me e entramos num “acordo” para que meu baú fosse levado até o entroncamento da estrada - acordo esse com o qual fiquei plenamente satisfeito e, creio, ele também, mas cujo conteúdo não posso revelar, pois tal oficial ainda é vivo.

Era um dia escuro e melancólico quando cheguei ao ermo selvagem das terras madeireiras do norte do Michigan. Logo que me estabeleci numa cabana, espalhou-se o rumor de que eu seria um grande negociante de madeiras, o que me rendeu a estima dos bravos talhadores

e descascadores da região. Aqueles homens me pareceram todos honestos. Certo dia, adentrei a magnífica floresta verde e nunca mais retornei.

Cerca de uma semana depois, meu suposto corpo foi encontrado sob uma árvore tombada. Encontrou-se dinheiro e documentos nas roupas, o que estabeleceu minha identidade acima de qualquer suspeita.

Assim, no dia 2 de setembro, após enorme esforço e emocionantes fugas dos agentes de lei, acrescentei a meu patrimônio a bela soma de \$20,000.

Quando o baú já não me servia mais, dei-o de presente a um amigo, sem, no entanto, contar-lhe o propósito a que havia servido aquela excelente arca.

Alguns anos depois, ao visitá-lo em sua casa, contei-lhe a história toda. Ele e a mulher declararam então que muitas vezes haviam encontrado o baú aberto - sem que ninguém o tivesse tocado - mesmo tendo fechado-o e trancado-o no dia anterior.

Certo dia, em julho de 1893, encontrei na rua um velho amigo. Eu não o via há quase dois anos, mas percebi imediatamente que, desde nosso último encontro, ele não havia prosperado. Convidei-o para almoçar comigo e ele contou-me que sua única fonte renda então era o que ganhava como advogado de uma companhia de seguros. Em seguida, perguntou-me se eu não poderia comprar um plano de sua empresa, ao que eu respondi que já pagava outro seguro e que não me sobrava dinheiro.

Dei-lhe, no entanto, uma lista de contatos que ele poderia visitar, alguns dos quais mais tarde tornaram-se clientes de sua empresa. Eu convidava-o para vir ao meu escritório e almoçar comigo sempre que ele estava por aquela parte da cidade e, mais tarde, abandonei minha antiga companhia de seguros e comprei um plano de sua empresa. Fi-lo por dois motivos: em primeiro lugar, para que

ele fosse beneficiado pelos prêmios que eu pagava e, em segundo, pelas vantagens oferecidas. Certo dia, algum tempo depois - tendo já se exaurido todos os meus recursos para conseguir-lhe novos clientes - estávamos no prédio da Câmara de Comércio de Chicago, quando Pitezel, que acabava de retornar de uma bem-sucedida viagem de negócios, adentrou o recinto; como os dois há tempos não se viam, aproveitaram a ocasião para pôr a conversa em dia. Meu amigo advogado perguntou então a Pitezel se ele não gostaria de adquirir um plano de seguros, ao que Pitezel respondeu que, naquele momento, a oferta não lhe interessava.

Até então, Pitezel colecionara o seguinte histórico de seguros: toda vez que fazia uma viagem longa, eu instruía-o para que fizesse um seguro temporário quando da compra de sua passagem, em nome de sua família, a ser pago por mim. Vez por outra, ele contratava um seguro para acidentes e, numa certa ocasião, chegou a fazer um seguro de vida na Washington Life Co. Logo após esse encontro com Pitezel, meu amigo pediu-me que tentasse convencê-lo a comprar um plano de sua empresa. Pitezel estava prestes a receber algumas centenas de dólares, a maior parte dos quais - eu sabia bem - seriam gastos em poucos dias; considerando que isso seria de enorme ajuda para meu amigo advogado durante o inverno, decidi encorajar Pitezel a fazer um seguro, instruindo meu amigo a não vender-lhe um plano de valor maior do que a quantia que Pitezel tivesse em dinheiro.

Mais tarde, fez-se uma apólice no valor de \$10,000, cujo prêmio pagou-se em dinheiro. Caso tivesse antecipado a possibilidade de fraude, teria realizado um contrato substancialmente diferente. Depois disso, creio que Pitezel e eu só voltamos a falar do assunto seis meses depois.

Minha proximidade com a senhora Pitezel e seus filhos começou no outono de 1893, embora eu os tivesse visto já

algumas vezes antes disso, especialmente as crianças, de quem eu gostava e a quem considerava bastante inteligentes - elas vinham ao escritório de tempos em tempos levar alguma mensagem do pai. Naquela época, Pitezal havia ido a Indiana para negociar madeira com os fazendeiros da região e, para ajudá-lo a ganhar credibilidade, levou consigo alguns cheques sem valor para exibir juntamente com seu dinheiro, a fim de dar a impressão de ser um homem de recursos e merecedor de crédito.

Sob influência do álcool, ele perdeu ou tentou usar um desses cheques, o que resultou em sua prisão.

Tal situação me obrigou a fazer três viagens emergenciais a Terra Haute, onde a prisão ocorreu; como parte de sua família ficara doente nesse mesmo período, também tive que visitá-los sempre que possível. Em novembro de 1893, encontrei-me também com a Srta. Williams num hotel, onde fiz alguns arranjos preliminares que, mais tarde, após mais algumas visitas, lhe convenceram a aceitar garantias subsidiárias para todas as suas propriedades no Texas, na medida em que, pelas razões anteriormente citadas, elas não tinham grande valor.

A última dessas visitas ocorreu em Detroit, em dezembro de 1893 (quase seis meses após a morte de sua irmã) e desde então não a vi mais. Naquela data, realizamos um último acordo. Conte-ihe também que logo pretendia casar-me - notícia que a levou fazer uma cena bizarra, em que ameaçou não somente a minha vida, mas também a de minha futura esposa. As bravatas cessaram apenas quando ameacei, ao retornar a Chicago, informar as autoridades sobre os detalhes da tragédia ocorrida em julho.

No dia seguinte, ela havia retomado sua costumeira afabilidade e planejava seu próprio futuro, que consistia em

abrir um estabelecimento de massagens num hotel de Londres, empreitada na qual receberia o auxílio de Hatch.

Na metade de fevereiro, enviei-lhe, de Fort Worth, \$1,750, os quais, deduzidos de minha dívida prévia, ainda me deixavam em débito considerável. Tal débito foi afiançado pelo propriedade em Wilmette, cujo título ela reteria até que a dívida fosse integralmente paga. Deixei a Srta. Williams em Detroit, aparentemente contente com seus planos de negócio, e ao menos razoavelmente satisfeita com o fato de que muitas das questões entre nós haviam sido resolvidas.

No início de janeiro de 1894, enviei Pitezal a Fort Worth, instruindo-o para que vendesse a propriedade que havia sido transmitida a Benton T. Lyman, pelo qual Pitezal deveria se fazer passar, uma vez que, em função de seu recente episódio em Terra Haute, Ind., não poderia agir em nome próprio. Ele não conseguiu encontrar um comprador de imediato, de modo que, mais tarde no mesmo mês, estando eu já casado, juntei-me a ele para ajudá-lo. Eu havia lhe dado instruções claras para sua conduta mas, ao chegar a Fort Worth, descobri que ele as havia solenemente ignorado. Minha primeira tarefa foi tirá-lo da pensão que ele escolhera e hospedá-lo num lugar mais respeitável; o estrago, porém, já havia sido feito: ele já era conhecido por toda a cidade como um homem liberal, amigo da bebida e, imaginava-se, de muitas posses.

Um sujeito que possuía uma propriedade adjacente à nossa necessitava de uma porção de nossa terra, mas não queria comprá-la, contando que poderia continuar a alugá-la a um valor bastante módico, como vinha fazendo até então. A fim de obrigá-lo a comprar, instruí Pitezal para que retirasse sua oferta e se afastasse totalmente do nosso vizinho. Em seguida, ordenei que estudasse calmamente o lote e começasse a escavar parte dele, dando a entender que ergueria ali um grande prédio que cobriria toda a área

do terreno. O vizinho, no entanto, não era menos astuto, e não se decidiu pela compra até que tivéssemos lhe mostrado desenhos elaborados feitos por um arquiteto e o plano de uma fundação que invadiria a porção de que ele necessitava. No fim das contas, o sujeito comprou a terra pelo dobro do que ela valia. Parte do dinheiro foi para pagar antigos ônus que pesavam sobre a propriedade no valor de \$1,700. Tendo recebido algumas propostas tentadoras de potenciais inquilinos, fizemos um empréstimo maior e o prédio quase chegou a ser concluído.

Enquanto o prédio estava em progresso, veio até nós um sujeito em estado deplorável. Depois de alimentado, ele ficou mais forte e, mais tarde, contou-me que havia recentemente sido solto de uma prisão no Sul, onde cumprira pena por dez anos.

Eu o apelidei de “Mascote”, epíteto pelo qual passamos a chamá-lo, embora, se não me engano, seu nome verdadeiro fosse Caldwell.

Certa manhã, no início de março, Pitezel veio até mim e contou-me que, no dia anterior, sob efeito do álcool, ele havia sido induzido por um dos infames colegas do antigo pensionato a casar-se com uma mulher de caráter duvidoso - uma aventureira, diziam alguns - e, assim que recobrada a sobriedade, veio procurar-me. Pitezel ameaçava matar a mulher e a si próprio, de modo que o pus sob vigilância durante alguns dias, até que conseguisse dissuadi-lo de tal loucura. Pouco depois, mandei-o de volta a Chicago para junto de sua família. Nesse meio tempo, no entanto, ele viveu com aquela mulher, e o casal ficou conhecido como Sr. e Sra. Lyman.

Ao chegar a Chicago, ele fez lá alguns serviços, tendo ido em seguida a St. Louis, onde também trabalhou por um tempo. Finalmente, nos encontramos no dia primeiro de maio, em Denver, onde eu havia ido preparar alguns

documentos necessários ao empréstimo de \$16,000 que eu pretendia fazer para concluir a construção do prédio em Fort Worth. Eu precisava de sua assinatura, na medida em que a propriedade estava (e ainda está) em seu nome fictício, Lyman. Eu desejava ir imediatamente ao tribunal para que os documentos fossem reconhecidos, mas ele contou-me que, enquanto estivera fora, havia elaborado um plano com o qual poderia ganhar \$10,000 e ao mesmo tempo livrar-se para sempre de qualquer temor em relação às consequências de seu casamento em Fort Worth, questão que o preocupava sobremaneira.

Eu já havia perdido a conta de quantas vezes ouvira seus planos visionários para fazer fortuna da noite para o dia, geralmente envolvendo alguma nova patente, e o assunto já virara piada entre nós.

Então, perguntei-lhe: “Muito bem, Coronel Sellers, qual é o plano desta vez?” Ele respondeu que o plano era usar uma de minhas próprias artimanhas e que, se eu fosse com ele até o hotel, me contaria os detalhes. Ele parecia tão convicto que, apesar de minha grande pressa, decidi acompanhá-lo.

Seu plano era o seguinte (devo dizer aqui que, alguns anos antes, durante uma viagem de negócios que fizemos juntos, ele preencheria algumas das tediosas horas de nossa jornada contando-me suas incríveis experiências com mineração de ouro e eu, para retribuir, contei-lhe das minhas experiências médicas, incluindo a parte do golpe frustrado na seguradora): Ele alugaria uma sala num dos prédios mais altos de Denver, a qual supostamente usaria como escritório de vendedor de livros; em seguida, compraria um toldo para proteger o local do sol e, enquanto o instalava do lado de fora da janela, daria a impressão de cair lá do alto; pedia-me que lhe enviasse um corpo de Chicago, ou de algum outro lugar, para auxiliá-lo na fraude.

Não creio que tenhamos discutido a questão por mais de quinze minutos, pois ele normalmente aceitava meu julgamento sobre temas importantes sem muita hesitação. Depois que Pitezel concluiu sua apresentação, expliquei-lhe algumas das razões pelas quais o plano não seria factível, sendo a principal delas o fato de as companhias de seguro já estarem muito bem equipadas e extremamente alertas para detectar esse tipo de fraude, quase todas elas contando com um corpo de detetives particulares. Entre as outras razões que lhe dei, havia uma que ele conhecia bem: quando eu julgava oportuno envolver-me em empreitadas que não fossem estritamente legais, sempre exigia duas condições mínimas. Primeiro, que o plano fosse original, que fugisse das estratégias batidas utilizadas por trapaceiros ordinários, pois essas eram facilmente detectadas. Segundo, que tais atos não deveriam envolver nada que fosse punível com uma multa pesada ou prisão.

Embora a tenha omitido, havia outra razão para que eu não participasse daquela fraude: durante os anos anteriores, ele havia me rendido lucro muito superior a \$10,000 ao ano, de modo que eu não poderia permitir que ele conquistasse sua independência financeira e deixasse de ser meu empregado. Se o plano fosse bem sucedido, sua ideia era ir à América do Sul e, mais tarde, levar para lá a família.

Tendo resolvido a questão, dei sequência a minha empreitada imobiliária e, assim que os papéis foram executados, retornei a Fort Worth, enquanto Pitezel voltou a St. Louis a trabalho.

Ao chegar a Fort Worth, descobri que alguns dos credores haviam requerido uma hipoteca legal contra a propriedade, o que alarmou de tal maneira o transportador que ele retirou-se do contrato, o que, por sua vez, fez com que muitos dos outros credores se alarmassem também, com dois ou três deles chegando a sugerir minha prisão por

supostamente haver obtido o material para a construção mediante falso pagamento.

Eu nunca havia sido preso, e tinha absoluto horror à prisão, temendo-a tanto quanto ser atingido por um tiro. Especialmente terríveis eram os métodos prevalentes no Sul, onde eu via, de tempos em tempos, presos semi-nus, unidos por correntes e, assumindo verdadeiros os relatos de nosso “Mascote”, com menos comida e tratamento mais desumano do que receberam os escravos daquela região há quarenta anos atrás.

Assim, juntei todo o dinheiro que consegui e, guardando para mim apenas \$200, paguei o restante aos trabalhadores mais pobres que haviam me prestado serviços. Imediatamente depois, saí da cidade, planejando conseguir o empréstimo em St. Louis ou Chicago.

Durante minha residência em Fort Worth, comprei, de seis pessoas diferentes, seis bons cavalos, pagando-os, é verdade, com promissórias garantidas por Lyman como dono daquela propriedade. Mentiria se dissesse que tais notas foram pagas, mas posso afirmar que as transações foram legais, que não havia nenhuma hipoteca ou ônus pesando sobre os cavalos. Os animais eram, no entanto, passíveis de confisco por qualquer uma das partes a quem eu devia e, para evitar esse desfecho, instruí o Mascote para que os levasse a Denison, Texas, e de lá os enviasse a St. Louis.

Ao chegar a Denison, ele enviou apenas cinco dos cavalos, mas não os acompanhou; além disso, não remeteu os quase \$300 dólares em materiais que eu havia lhe confiado, o que incluía boa parte das minhas roupas, uma carroça, um relógio que eu havia lhe emprestado e os \$80 em dinheiro para pagar o frete dos animais. Só tive notícias suas novamente em julho de 1895 quando, prisioneiro no Arkansas, ele se mostrou disposto a, em troca de sua

liberdade, falar de questões sobre as quais, ainda que verdadeiras, nada poderia saber.

Após chegar a St. Louis, tentei imediatamente negociar o empréstimo que não havia conseguido obter no Sul. Pitezel estava extremamente aborrecido com esse meu fracasso, pois esperava um pagamento bastante mais generoso do que o que ele havia recebido nos meses anteriores; enquanto ele esteve no Texas, foi necessário, a fim de manter a impressão de que ele era o dono da propriedade, que mantivesse uma conta bancária em seu nome. Sem percebê-lo, no entanto, durante seus momentos de embriaguez ele foi sendo roubado, aos poucos, de quase \$10,000. Assim, quando eu lhe disse que nossos recursos continuariam escassos por mais algum tempo, ele sugeriu novamente o plano da fraude, argumentando que poderíamos levá-lo a cabo contra a Southern Lumber Co.

Ele estava certo de que o esquema vingaria e, finalmente, contrariando minhas convicções, disse-lhe que faríamos uma viagem à região da qual ele havia falado, em parte para negociar madeira e em parte para estudar o terreno. Ele ficou alegre como uma criança e sua disposição taciturna imediatamente desapareceu. Primeiro, descemos o rio Mississippi para visitar uma terra que me havia sido oferecida no ano anterior, em termos bastante favoráveis; eu esperava comprá-la valendo-me de alguns títulos de Chicago como pagamento, para em seguida vendê-la a fim de conseguir o dinheiro de que desesperadamente precisávamos em Fort Worth. Ao chegar a nosso destino, porém, descobrimos que a terra já havia sido vendida. Decidimos então rumar para o leste, até o rio Tombigbee, em busca de outro terreno parecido; aqui Pitezel tencionava fazer parecer que, enquanto viajava a cavalo pelos extensos pântanos da região, havia sofrido um acidente fatal, ou havia sido morto por dinheiro. Naquela localidade, ele era conhecido por seu nome verdadeiro, na medida em que

havia conduzido ali negócios legais no ano anterior. Vaguei por alguns dias com Pitezal por esses pântanos, sendo comido pelas pulgas e aterrorizado pelas cobras.

Ele ia na frente, a pretexto de espantar as terríveis serpentes. Como descobri mais tarde, porém, ele estava mais preocupado em escapar da fúria dos ofídios, retirando-se do alcance de seus ataques, e deixando que eu as enfrentasse sozinho. Recusei-me veementemente a prosseguir com aquela empreitada; disse-lhe que, ao invés, tentaria vender a ideia de uma fábrica de conservas a alguns dos agricultores da região.

Com o maquinário que poderia trazer de Chicago, eu estava certo de que, em menos de dois meses, poderíamos conseguir \$15,000 em dinheiro e madeira. Ele não me deu ouvidos, porém, e se opôs a mim mais ferrenhamente do que nunca. Disse-me que estava sujeito à prisão em Kansas, em Terre Haute, Ind., e Fort Worth, Texas, e que, desde o seu problema doméstico alguns anos atrás em Chicago, ele já não se importava com nada. Desde que deixou o Texas, onde bebera mais do que nunca (o que também o preocupava), estava determinado a sair do país; como por ora não podia fazê-lo, seguiria com seu plano de fraude - se eu não o ajudasse, o levaria a cabo sozinho. Suas palavras foram, “posso arranjar um corpo. No meu atual estado, posso fazê-lo num piscar de olhos.” Vendo o quão abatido ele estava, parei com as minhas queixas e passamos a falar de outros assuntos. Finalmente, disse-lhe que iria a Mobile no dia seguinte e que, se lá conseguisse um corpo adequado, o traria até ele. Caso contrário, eu iria diretamente de Mobile a St. Louis, onde ele deveria juntar-se a mim; após alguns trabalhos lá, iríamos a Chicago para organizar uma empresa entre as firmas madeireiras que conhecíamos, retornando mais tarde ao Sul, a fim de trocar o estoque e maquinário para a fábrica de conservas por madeira e outros produtos, e assim fazer o máximo de

dinheiro que conseguíssemos. Parti, então, como supunha Pitezel, para Mobile. Na verdade, não o fiz, e jamais estive naquela cidade em toda minha vida. Retornei imediatamente a St. Louis e, após um pequeno hiato, escrevi para Pitezel que havia sido impossível obter o que ele precisava, exortando-o a juntar-se a mim imediatamente. Passaram-se quase duas semanas até sua chegada. Nesse ínterim, sua mulher recebeu algumas cartas em que ele afirmava estar doente.

Mais tarde, após sua morte, descobri que, ao receber minha carta informando que eu não poderia mais ajudá-lo em seu plano, ele tentou tirar a própria vida no hotel de Henry Rodgers, em Perkinsville, Alabama, e por vários dias, como resultado de sua tentativa fracassada, esteve doente, como também veio a ficar mais tarde na Gilmer House, em Columbus, Mississippi. Assim que cheguei a St. Louis, percebi que todos os esforços para conseguir um empréstimo ali seriam em vão; vendo-me quase sem dinheiro nenhum - em razão da grande quantia que havia desembolsado antes de sair de Fort Worth - tive que correr à procura de uma fonte de renda imediata.

Finalmente, decidi comprar uma farmácia na cidade, pagando pela aquisição com promissórias seguradas por uma hipoteca de bens móveis e alguns outros títulos. Em razão da negligência da firma da qual a comprei, tal hipoteca não foi registrada. Quando Pitezel chegou à cidade, vendi-lhe todos os meus direitos, títulos e interesses (esses eram os termos do contrato) sobre a loja, a qual ele imediatamente hipotecou por uma quantia considerável.

Por essa transação, fiquei preso em St. Louis por alguns dias. Embora eu pudesse talvez ter entrado na justiça e provado que eu tinha direito a vender a loja naquelas circunstâncias, achei por bem resolver a questão extrajudicialmente.

Minha prisão ocorreu numa noite de sábado - daí até a manhã de segunda-feira, fiquei confinado numa cela localizada abaixo do nível da rua; as primeiras horas de prisão foram infinitamente mais penosas que o resto da minha estada naquele antro de sordidez.

Ali, ao longo daquele domingo tão quente quanto interminável, toda a sorte de prisioneiros, homens e mulheres, entregavam-se ao falatório mais sujo e obsceno que eu jamais testemunhara.

Diante das janelas abertas, que davam diretamente para a calçada, uma multidão ajuntava-se, ao longo de todo o dia e noite adentro, sendo mais da metade crianças pequenas, sorvendo avidamente cada palavra proferida. Na manhã seguinte, fui algemado, levado ao tribunal e, em seguida, à cadeia propriamente dita, onde se exigia maior disciplina. Ali, fui confinado a uma minúscula jaula de ferro (não consigo pensar num nome melhor), uma dentre aproximadamente trezentas que compunham aquele vasto complexo, em que todos, ou quase todos, os prisioneiros tinham direito a algumas horas de exercício diário. Havia ali muito criminosos célebres, que logo me eram apontados: “Esse é Fulano de Tal, a ser enforcado na data tal”. Ou então “Esse é famoso falsificador ou trapaceiro”, e assim por diante. Entre esses bandidos, havia cerca de trinta assassinos, um dos quais era o barbeiro da prisão. Se lhe pagassem dez centavos, ele usava uma lâmina bastante gasta e, por um valor maior, trabalhava com um instrumento afiado; sentado em sua cadeira, eu não conseguia deixar de pensar que, qualquer que fosse a navalha utilizada, ela seria afiada o bastante para um assassino determinado a fazer mais uma vítima. Assim, pedi-lhe que usasse sua lâmina mais afiada, pagando-lhe um valor maior que o que ele próprio cobrava - da mesma maneira que ofereceria um tentador pedaço de carne a um cão feroz cuja mordida eu temesse.

Entre os prisioneiros, estava um notório ladrão de trens que então cumpria uma pena de dezoito anos, e que pouco tempo antes se tornara ainda mais célebre por uma tentativa quase bem-sucedida de escapar da prisão. Tratava-se de um jovem rapaz que, avistado na rua, passaria facilmente por um mecânico ou agricultor. Era um moço muito inteligente e nossa conversa foi bastante proveitosa. Ele contou-me do episódio que havia resultado em sua prisão, do subsequente julgamento, e comentou que Blank & Blank, de St. Louis, eram seus advogados. Eu disse-lhe então que, não fosse o fato de os membros sênior do escritório estarem em férias, eles seriam também meus defensores; como eles não estavam disponíveis, no entanto, eu havia contratado o juiz Harvey.

Mais tarde, ele perguntou-me se, ao sair da prisão, eu não poderia emprestar-lhe \$300, mediante os quais, juntamente com mais algum dinheiro que ele obteria por outros meios, compraria sua liberdade de um dos guardas, argumentando que ele já havia se valido com sucesso desse expediente em outra ocasião. Respondi-lhe que, naquele momento, eu não possuía quase nada em dinheiro vivo, em razão de meus pesados investimentos no Sul, mas prometi-lhe que o ajudaria mais tarde se pudesse. São falsas, no entanto, as acusações de que fizemos um acordo para que ele me fornecesse um advogado para o caso da fraude de seguros, pois eu já era cliente da firma.

O restante de minha curta estada na prisão foi ocupado com a leitura de *Les Misérables*, um volume particularmente interessante naquelas circunstâncias - como, aliás, devia sê-lo a todos os prisioneiros que tinham o hábito da leitura, a julgar pelo estado do livro, já bastante gasto, que emprestei da biblioteca da prisão. Também me entretive assistindo à preparação de um enorme negro para a morte por enforcamento - administravam-se a ele, alternadamente, o consolo espiritual de seus confessores e grandes

quantidades de charuto, comida e cerveja. Mantinha-se também uma vigilância anti-suicídio; não tão rigorosa, porém, que lhe impedisse de ir até a cela de seus companheiros favoritos e conversar longamente com eles.

Na manhã seguinte, através da minha janela treliçada, vi-o encontrar seu destino, na presença de uma multidão morbidamente curiosa. Se eu acaso necessitasse de algum alerta para jamais colocar-me em posição similar, não consigo pensar em nada mais poderoso que o testemunho da agonia daquele homem, das pessoas ao redor que lhe faziam pouco caso e que, mal o cadáver havia esfriado, lutavam para conseguir pequenos pedaços da corda que lhe havia tirado a vida e também, creio, de sua roupas - medonhas relíquias.

No dia em que fui solto, visitei primeiro meu advogado e, mais tarde, o escritório de Blank & Blank, na mesma rua. Entrei no recinto, apresentei-me, e disse:

“Vim até aqui para conversar sobre algumas manobras que poderão ajudar a garantir a liberdade de seu cliente”, ao que um dos advogados respondeu, “Creio que você tenha se enganado quanto ao escritório; nada sei sobre essa questão”. Eu disse-lhe então, “Tenho certeza de que este é o escritório correto; além disso, eu vi o senhor ou o seu irmão conversando com o referido cliente na prisão. No entanto, o objetivo de minha visita é ajudar seu cliente, não tenho nenhum interesse imediato no assunto; mas, de qualquer forma, também não tenho nenhuma pretensão de obrigá-lo a reconhecer o vínculo com seu cliente. Passar bem.” Enquanto eu me dirigia à porta, ele seguiu-me e disse, “Espere! Irei à prisão falar com meu cliente; peço-lhe que retorne daqui a pouco”.

Respondi-lhe que estaria no escritório do juiz Harvey e que, se ele desejasse continuar nossa conversa, deveria procurar-me lá ao voltar da prisão; eu então o

acompanharia até seu escritório. Ele de fato veio até mim e, ao chegar a seu escritório particular, mostrou-se disposto a ouvir-me. Ao fim da conversa, dei-lhe quase \$500 em títulos bancários, autorizando-o a utilizar \$300 em favor de seu cliente. Deixei-lhe também meu endereço de Chicago, caso ele desejasse escrever-me.

Quando eu estava saindo do escritório, ele disse, “Meu cliente pediu-me para perguntar-lhe se, caso ele consiga a liberdade, você não poderia ajudá-lo com um plano de roubo a banco”. Respondi que nunca havia feito nada parecido antes e que, portanto, ser-lhe-ia tão útil como um cadáver; ademais, minha recente prisão havia me demonstrado a necessidade de ser ainda mais cauteloso para evitar que o episódio se repetisse no futuro; mas prometi que, ao chegar a Chicago, eu lhe forneceria o clorofórmio e a nitroglicerina de que ele precisaria, depositando-os num local seguro, juntamente com um conjunto de roupas e outros artigos, além de possivelmente auxiliá-lo a encontrar um destino para certos títulos dos quais ele pretendia se apossar; acrescentei, por fim, que haveria tempo de sobra para planejar tudo isso depois que ele conquistasse sua liberdade, em expectativa da qual eu acompanharia de perto os jornais.

Deixei então o escritório e parti para Chicago na mesma noite, aonde eu havia anteriormente enviado Pitezal, a fim de que ele iniciasse as negociações entre os madeireiros que conhecia para formar a já referida empresa. Cheguei em Chicago no dia primeiro de agosto de 1894 e, ao ligar para meu advogado e depois para meu agente, ambos me advertiram que me seria perigoso permanecer na cidade, na medida em que havia lá algumas pessoas de Fort Worth que me procuravam. Esses credores haviam formado uma aliança com outras partes a quem eu devia para forçar minha prisão e obrigar-me a saldar minhas dívidas.

Meu advogado instruiu-me a ir para outra cidade, onde pudesse obter dinheiro suficiente para pagar aqueles débitos e organizar minha empresa. Ao perguntar-lhe aonde eu deveria ir, ele respondeu que tanto Nova Iorque quanto Nova Jérsei eram estados favoráveis em que se podiam montar empresas para conduzir negócios em outros lugares. Como eu já tinha outros negócios em Nova Iorque, decidi ir para lá, embora sob outro nome, a fim de evitar que a publicação do alvará de minha empresa fosse notada pelos credores de Fort Worth.

Sugeri a Pitezell que ele concluísse algumas patentes, uma das quais eu pretendia usar nessa nova empresa. Mais tarde, decidiu-se que ele iria comigo a Nova Iorque e agiria como um dos incorporadores; além disso, continuaria a trabalhar em suas patentes numa pequena loja que seria alugada para esse fim. Antes de sair de Chicago, ele lembrou-me que o prêmio de seu seguro venceria antes de nosso retorno e pediu-me que lhe desse o dinheiro antes de sairmos, comentando que, em sua opinião, eu não hesitaria em recorrer ao plano da fraude quando minha empresa fracassasse. Eu disse-lhe então que, em razão de severidade de nossa situação financeira, eu havia deixado meu próprio seguro caducar, e gostaria que ele fizesse o mesmo. No entanto, ele não estava disposto a fazê-lo, mencionando, além da razão já citada que, enquanto eu poderia tranquilamente abrir mão dessa garantia - na medida em que possuía outros meios de proteger meus dependentes em caso de morte - ele não possuía quase nada além do seguro. Ele sabia também que eu havia juntado uma soma considerável desde que chegara em Chicago e poderia, se necessário, dar-lhe o que pedia. Resolvemos a questão da seguinte maneira: no dia em que seu seguro expirasse, eu lhe daria uma quantia suficiente para resgatar uma apólice de acidentes no valor de \$5,000; à época, ele possuía \$1,000 do mesmo tipo de seguro, e eu

concordei em ser pessoalmente responsável por sua família no valor de \$4,000, em caso de sua morte; isso tudo totalizaria um valor de \$10,000. Ele mostrou-se satisfeito com esse arranjo e, ademais, combinamos que, dali a três meses, quando nossa situação financeira fosse mais próspera, seu seguro regular seria renovado. Uma vez que não havíamos tido muitas oportunidades para confabular e manter conversas cordiais desde que ele deixara Fort Worth alguns meses antes, durante nossa viagem a Nova Iorque procurei entretê-lo e puxar assunto, mas percebi que ele estava mais inclinado a ficar calado, fumar, pensar e franzir a testa. Perguntei-lhe o que havia de errado, se acaso enfrentava novamente problemas domésticos, ao que ele respondeu negativamente.

Chegamos a Nova Iorque no dia 5 de agosto. Fui até o Astor House e Pitezel alugou um quarto numa pensão próxima à rua 33. Imediatamente passei a procurar um pequeno espaço numa loja onde ele pudesse continuar seu trabalho.

Desde que enviei à Srta. Williams várias pequenas somas totalizando \$1,500, durante o inverno anterior, eu havia recebido dela apenas duas cartas, ambas encaminhadas a mim por intermédio de um amigo em Denver, que atuava como meu agente nessa questão. Quando saí de Fort Worth, pedi a ela que me enviasse \$600, quantia que estava me esperando em Nova Iorque, em promissórias do Banco da Inglaterra, as quais mais tarde converti em moeda americana na Drexel & Co., em Filadélfia e Nova Iorque.

Durante os primeiros dias de minha estada em Nova Iorque, estive ocupado em visitar grandes lojas de máquinas e com outros compromissos relacionados a negócios anteriores de minha empresa. Ao retornar na manhã do dia nove de agosto, Pitezel lembrou-me que o seu

seguro venceria naquela data, e pediu-me que lhe ajudasse a adquirir um seguro temporário.

Eu já esperava por esse anúncio. Pitezel estava trabalhando numa nova invenção, já em estágio final: uma máquina para testar ovos, da qual eu pretendia fazer uso o mais cedo possível. Sugeri então pagar-lhe \$500 em dinheiro pela sua parte da patente (de acordo com um contrato prévio, eu já possuía 50% dela), quantia que ele poderia usar como preferisse, para adquirir um seguro ou resolver outras pendências. Pitezel respondeu que não venderia sua parte por menos de \$1,000. Acabei pagando-lhe \$600 e, quando ele me perguntou o que deveria fazer, se reter seu antigo seguro ou obter um novo, aconselhei-o a manter o antigo, por duas razões. Em primeiro lugar, isso ajudaria novamente meu amigo advogado. Em segundo, se ele contratasse um terceiro seguro, seus recursos já teriam ido pelos ares muito antes da data de expiração, e eu me sentiria obrigado a dar-lhe mais dinheiro.

Ele disse então: “Vou enviar um telegrama para a companhia de seguros em Chicago, pedindo que eles mantenham o seguro até que o dinheiro chegue.” Ao ouvir isso, sugeri que, ao invés, ele enviasse o dinheiro por correspondência, possibilidade que ele aparentemente desconhecia, pois não somente enviou a quantia devida para a empresa de seguros como também uma pequena soma para sua esposa, em St. Louis. Como de costume, aconselhei-o a ser cuidadoso com o resto do dinheiro, fazendo-o durar o máximo que conseguisse. Além disso, fiz tudo o que pude para tentar animá-lo e tirá-lo da condição mórbida em que ele se encontrava. Ademais, ele me prometeu, voluntariamente, que ficaria trinta dias sem beber.

Mais tarde, ele contou-me que se esforçou tanto para cumprir sua promessa depois que eu o deixei em Nova Iorque que chegou a ir ao correio e enviar, através de uma carta, todo o dinheiro que então tinha para B. F. Perry, na Filadélfia, a fim de afastar a tentação nos primeiros e mais difíceis dias de batalha. Eu havia ido também à Filadélfia para encontrar-me com minha esposa, fazer negócios com a companhia de engenharia Link Belt, com alguns livreiros/papeleiros e com a Pennsylvania Railroad, todos os quais estavam usando uma patente que me interessava. Ao chegar à Filadélfia, percebi que esses e outros compromissos me deteriam ali por algum tempo; desconhecendo aquela precaução de Pitezel e temendo que ele tivesse uma recaída, escrevi-lhe instando que se juntasse a nós. Ele acatou o pedido e logo nos estabelecemos ali.

Assim que chegou, Pitezel imediatamente começou a procurar por um espaço em que pudesse dar continuidade a seu trabalho. Nessa época, minha mulher ficou seriamente doente, e assim permaneceu durante o resto de nossa estada na Filadélfia. Eu não podia me ausentar de casa por

mais do que algumas horas e, portanto, não puder ver Pitezel com a frequência que desejava. Em meados de abril, ele anunciou que havia alugado uma casa inteira na rua Callowhill, 1316, por um valor pouco maior que o de uma loja. Ele havia também encontrado outro inventor, com quem dividiria as despesas do aluguel, mas disse-me que, quando eu estivesse pronto para ajudá-lo com o que ele precisava, compraria o negócio desse outro sujeito ou iria para outro lugar; disse ainda que, se minha empresa crescesse e eu fosse até o sul para vendê-la, ele - caso conseguisse ganhar algum dinheiro com suas patentes - traria sua família para a Filadélfia no inverno, já que, sob o nome de Perry, ele estaria seguro.

Eu não tive relação nenhuma com o aluguel da casa e a visitei no máximo quatro vezes antes da morte de Pitezel. No dia primeiro de setembro, um sábado, fui visitá-lo para assinar alguns papéis que seriam enviados a Washington. Nessa época, ele certamente fazia bons negócios, pois, apenas durante o tempo da minha visita, nada menos do que vinte clientes apareceram por lá, alguns deles representantes comerciais a quem ele fornecia produtos de limpeza. Estava também rodeado de um grande número de modelos de patentes que tentava vender por comissão. Ele estava tão ocupado que, após esperar pacientemente por um longo tempo, eu disse-lhe que iria para casa e voltaria no dia seguinte. Quando eu me dirigia à saída, ele veio até mim e pediu-me que lhe emprestasse \$30 ou 35\$, argumentando que precisava da quantia para pagar seu aluguel e colocar alguns anúncios no jornal no dia seguinte. Explicou-me que todo o seu dinheiro concentrava-se em dois títulos, os quais ele não desejava executar até que fosse necessário, pois temia que, uma vez transformados em dinheiro, ele os gastasse mais rápido.

Perguntei-lhe então, entre risos, “Ben, você tem certeza de que já não os usou?”, ao que ele respondeu: “Não, não!

Eu os guardo lá em cima, num lugar seguro. Posso ir buscá-los, se quiser.”, e fez menção de ir pegá-los. Mas eu o interrompi e dei-lhe o dinheiro, dizendo-lhe que sua palavra bastava.

Naquela noite, ele foi até minha casa, por volta das 20:30. Percebi imediatamente que ele havia bebido e comentei a respeito, embora não em tom severo, pois sempre preferi esperar até que ele estivesse sóbrio para repreendê-lo. Ele contou-me que havia recebido a notícia de que um de seus filhos estava doente e que ele talvez precisasse voltar para casa. Perguntei-lhe de que filho se tratava e sugeri que ele enviasse um telegrama à mulher perguntando se ela julgava sua ida necessária. Pitezel falou então do seu negócio, e perguntou-me o que eu deveria fazer se o homem que ele esperava para ser seu sócio não aparecesse logo. Respondi-lhe que o melhor seria escolher o mais confiável de seus representantes e encarregá-lo de tomar conta do escritório por alguns dias, lembrando meu amigo de que eu teria que ir a St. Louis no início da semana para resolver algumas questões jurídicas e, portanto, não poderia ajudá-lo. Despedi-me dizendo que ainda teria que passar no mercado antes que ele fechasse. Pitezel disse que iria comigo. Ele esperou enquanto eu fazia minhas compras e na volta quase não abriu a boca. Despedi-me novamente com um “boa noite”.

Ele então disse, “Você não pode sair de novo? Preciso conversar com você.” Atribuindo seu pedido inusitado à embriaguez, respondi que, como minha esposa não estava bem, não poderia me ausentar por muito tempo. Lembrei-lhe também que o veria cedo no dia seguinte, ao que ele respondeu, “Venha aqui, apenas por um momento, e paro de importuná-lo.” Assim que o fiz, ele disse: “Você terá que me dar algum dinheiro, caso eu tenha que ir até St. Louis.” Respondi que isso não seria necessário, que ele deveria usar o dinheiro que tinha, e que, se a criança viesse a

falecer ou ele tivesse alguma despesa imprevista, eu estaria em St. Louis durante a semana, e cuidaria da questão. Ele disse, “Bem, eu tenho que confessar; eu não tenho nenhum dinheiro, exceto o que você me deu hoje, e ainda usei parte deste para beber em vez de pagar o aluguel.” Eu explodi: “Ben, isso dá mais de \$1,600 dólares gastos em mulheres e bebedeira nos últimos sete meses, enquanto sua família passava necessidade. Estou farto desta história! Eu já havia lhe dito, ainda em Fort Worth, que, se isso voltasse a se repetir, eu encerraria meus negócios com você e você teria que seguir sozinho. Não quero conversar com você hoje à noite, mas amanhã irei à sua casa para liquidar não somente a questão das patentes, mas todas as demais questões pendentes. No futuro, se eu conseguir poupar algum dinheiro, enviá-lo-ei a sua família e não a você; no entanto, irei vê-los quando chegar a St. Louis e, se a criança estiver em condição grave, mandarei um dinheiro para que você possa visitá-los.”

Ele disse que a família não tinha nenhum dinheiro, ao que eu respondi, “Se esse for de fato o caso, eu os ajudarei. Não terá sido a primeira vez que o faço, dando-lhes muito mais do que receberiam se você tivesse outro patrão. Quanto a você, terá que permanecer sóbrio aqui na Filadélfia se quiser continuar trabalhando. Se tentar, estou certo de que conseguirá”. Pitezel chorava. Ele perguntou se eu não o ajudaria com seu novo esquema de fraude, em que ele faria parecer que fora roubado na casa da rua Callowhill. Respondi que, como ele não largava a bebida, não demoraria a contar o feito para alguém. Ele disse então, “Vejo que você fala sério, não irá mais me ajudar; eu não posso fazer nada sozinho”.

“Sim, falo sério. Amanhã conversaremos em detalhe e planejaremos o melhor para sua família”.

Despedi-me novamente e, enquanto ele se afastava, relutante, pedi que me promettesse que não voltaria a beber

naquela noite e que iria direto para casa dormir.

Ele prometeu fazê-lo, mas não antes de passar novamente no telégrafo. Pitezel enfim foi embora, e essa foi a última vez que o vi antes de sua morte.

Gostaria de dizer, no entanto, que, embora eu julgasse que lhe seria vantajoso supor que teria que seguir sozinho no futuro, eu não tinha a mínima intenção de abandoná-lo, se nada mais porque ele era demasiado valioso - mesmo com seus defeitos - para que eu o dispensasse. No dia seguinte, faria com ele uma espécie de acordo e, após meu retorno de St. Louis, tudo continuaria como antes.

Na manhã seguinte, fui à rua Callowhill, chegando lá por volta das onze horas. Entrei com uma chave que ele havia me dado algumas semanas antes, caso eu lá fosse durante sua ausência. Não encontrei ninguém na parte da frente da casa, de modo que fui até a cozinha; ao percebê-la também deserta, fui até a escada e chamei pelo seu nome, sem receber resposta. Decidi então subir as escadas e ir até o quarto onde ele dormia.

Ele também não estava lá, o que me deixou bastante preocupado - teria ele quebrado sua promessa, ido vagar pela cidade e acabado na prisão? Ao retornar à cozinha, no entanto, percebi que havia vestígios de uso recente do forno. Enfim, parei de pensar sobre a questão, concluindo que ele fora ao correio ou ao telégrafo.

Saí da casa em seguida mas, antes de fazê-lo, coloquei uma cadeira na estreita passagem ao final de um balcão, para sinalizar, caso ele retornasse antes de mim, que eu havia estado lá. Dirigi-me então à Biblioteca Mercantil e li os jornais estrangeiros por cerca de uma hora; em seguida, fui a um local na rua Onze onde possuía uma caixa para minhas correspondências privadas. Depois, tendo comprado um exemplar do *Philadelphia Sunday*, retornei à casa da rua Callowhill, entrando novamente com minha cópia da chave.

A cadeira estava no mesmo lugar em que eu a deixara. Sentei-me para ler por alguns minutos; em seguida fui à cozinha e reacendi o fogo, para que Pitezal nos preparasse um almoço leve quando retornasse, enquanto eu cuidava dos documentos necessários a nosso acordo.

Como o fogo tornava os cômodos de baixo quentes demais, fui até o andar de cima, deitei-me sobre sua cama e continuei a ler o jornal. Enquanto estava lá, notei um odor incomum, que me fez levantar. Ao entrar no quarto adjacente, encontrei, na cornija da lareira, aproximadamente duas dúzias de pequenas garrafas contendo um certo fluido, algumas das quais estavam destampadas. Tal fluido continha um pouco de clorofórmio, amônia, benzeno, entre outros ingredientes, todos de natureza volátil.

Não sei quanto tempo fiquei lá, nem que horas eram quando decidi voltar para casa. Desci as escadas e fui até sua mesa para escrever-lhe um recado. Ali, entre os papéis, encontrei um bilhete escrito num código que às vezes usávamos, contendo a seguinte mensagem, “Pegar carta garrafa no armário,” ou algo assim. (Como esse bilhete não poderia ser lido por ninguém sem meu auxílio, resolvi carregá-lo no pequeno bolso de relógio de minha pantalona, até que, em Toronto - onde mandei fazer um novo terno, do qual o alfaiate omitiu tal bolso - depusitei-o numa caixa de papéis, que foi mais tarde confiscada pelas autoridades. O bilhete hoje está, ou deveria estar, em suas mãos.)

Fui até o armário da cozinha - o único armário da casa - e lá encontrei uma garrafa de whisky, dentro da qual havia um pedaço de papel.

Quebrei imediatamente a garrafa e, ao abrir a carta, li as seguintes palavras, “Vou matar-me, se conseguir fazê-lo. Você me encontrará lá em cima. Tenho mais valor morto do que vivo.” Ao invés de ler até o final, saí correndo escada

acima. O único lugar do segundo andar que eu não havia visitado naquela manhã era um pequeno cômodo debaixo da escada - mas, ao olhá-lo de fora, vi que estava vazio.

Corri então escada acima, em direção ao terceiro andar, uma parte da casa em que eu nunca havia estado.

Este piso consistia de dois quartos pequenos, de teto baixo, cada um com uma pequena janela. A porta de um deles estava aberta. Instintivamente, dirigi-me ao quarto que estava fechado. Empurrando com força a porta, entrei e vi Pitezel caído no chão. Corri até ele, mas antes que eu pudesse remover a toalha em que estava envolvida sua cabeça e descobrir se ele ainda estava vivo, fui forçado a deixar o quarto, em função do terrível odor de clorofórmio e do choque que sofri ao vê-lo naquele estado. Caí sobre meus joelhos e rastejei até a janela do quarto adjacente. Alguns minutos depois de abri-la, eu já estava suficientemente recuperado para retornar ao quarto onde jazia Pitezel.

Dessa vez, abri também a janela daquele quarto, e logo tive certeza de que ele estava de fato morto. Fui em seguida até o corredor e sentei-me nas escadas. Não sei por quanto tempo permaneci lá, nem o que pensei durante esse período. Eu ainda não havia me recuperado totalmente dos efeitos do clorofórmio, e estava atordoado. Tal sensação não se devia ao fato de eu ter me deparado com um cadáver, pois minha experiência médica havia me acostumado a visões e cenas desagradáveis. Mas aquele homem, agora defunto, fora para mim mais do que um simples empregado - fora alguém de quem, apesar de nossas consideráveis diferenças, eu sempre havia gostado e com quem me dava como um irmão. Vê-lo naquele estado abalou-me terrivelmente.

Durante o tempo em que permaneci sentado na escada, não me passou pela cabeça que a situação poderia por em

risco minha própria segurança, na medida em que a porta que dava para a rua se encontrava aberta. Depois de um tempo, retornei ao sinistro quarto e realizei um exame mais completo da cena.

Pitezel estava deitado de costas, as pernas bem estendidas, um dos braços dobrados sobre o peito, o outro atirado para o lado.

Sua cabeça estava levemente elevada, apoiada sobre um um cobertor grosseiro, dobrado várias vezes. Ele estava plenamente vestido, à exceção de seu casaco e de um colete, que estavam pendurados sobre uma cadeira ao seu lado. Os bolsos de suas calças estavam virados do avesso, e na cintura havia um envelope, endereçado a “C.A.P.”

Se me fosse pedida uma opinião honesta sobre o horário e sua morte, diria que ela havia ocorrido há não mais de seis horas.

Sobre a cadeira havia um enorme garrafa tombada de lado, de modo tal que praticamente se esvaziaria, sendo mantida naquela posição por um martelo e um pequeno bloco de madeira; da garrafa, e conectada a ela por uma rocha perfurada em que se havia inserido um palito de dente, saía um longo tubo de borracha que desembocava na toalha que eu havia removido ao entrar no cômodo pela primeira vez. No meio de tal tubo estava amarrada uma pequena corda, a fim de que o fluxo do líquido fosse lento.

Considerando o tempo que havia se passado desde sua morte, todo o clorofórmio que podia escapar da garrafa, na posição em que ela se encontrava, já havia passado pelo tubo, enchendo a boca de Pitezel e, como me disse mais tarde o médico legista, também seu estômago; apenas este fato é suficiente para provar a qualquer pessoa cientificamente informada, ou ao menos a qualquer médico, que qualquer indivíduo que possuísse formação médica se obrigado a usar clorofórmio para um tal propósito não iria

tão longe se desejasse fazer parecer, mais tarde, que a vítima havia falecido por haver inalado vapores de clorofórmio e benzeno que haviam explodido numa garrafa que a vítima segurava.

O excesso de líquido havia escorrido para o chão e para o cobertor debaixo de sua cabeça. Os únicos outros artigos presentes no quarto além dos já enumerados eram alguns pequenos pertences de bolso, uma faca, um livro de memorandos, uma caixa de palitos de fósforo contendo alguns de nossos selos de patente e talvez umas vinte moedas; todos eles haviam sido colocados sobre a cadeira, ao lado da garrafa. Sobre o parapeito havia um punhado de “tacks” com os quais ele havia amarrado alguns jornais sobre o “sash” para fazer de cortina.

Após algum tempo, devido à escoriação promovida pelo clorofórmio, seu rosto tornara-se algo descolorido, de modo que fui até o andar de baixo a fim de obter uma toalha molhada. Após cobrir com ela o rosto de meu amigo, desci escada abaixo resoluto a dar a notícia a alguns dos vizinhos. Mas logo pensei que, ao invés de encher a casa com uma multidão de curiosos, seria mais prudente ir direto ao médico legista.

Sei que esse pensamento me ocorreu quando eu descia as escadas, pois me recordo distintamente de me perguntar se em que parte da cidade ficaria o escritório do legista, se na prefeitura ou em outro local e se ele estaria aberto no domingo.

Chegando à cozinha, peguei do chão a carta que, em minha pressa, havia deixado cair ao subir correndo para procurar Pitezel. O conteúdo da carta, além do já revelado, era seu relato de que já havia tentado tirar a própria vida no Mississippi em junho e agora que seu alcoolismo só se intensificava com o passar dos dias, ele não poderia se sustentar sem meu auxílio. Ele desejava que eu dispusesse

seu corpo de uma dentre duas formas, para que sua morte parecesse ou acidental ou consequência de um roubo, dando-me detalhes de como prosseguir: em primeiro lugar, por hora sua família não deveria tomar conhecimento de sua morte; em segundo, seus filhos jamais deveriam saber que ele havia se suicidado (o que ele também enfatizou na carta que deixou a sua mulher); em terceiro, que o dinheiro de seu seguro deveria ser utilizado para deixar o prédio de Forth Worth em condições de gerar lucro e que eu deveria trocar algumas propriedades que possuíamos em Chicago por algumas casas numa cidade com boas escolas; em quarto lugar, que o dinheiro fosse alocado de maneira tal que nenhum de seus parentes pudessem emprestá-lo. Falou também de nossa duradoura ligação, e que confiava em mim para ajudá-lo agora e no futuro, encerrando suas instruções com as seguintes palavras:

“Faça o que for necessário com meu corpo de modo que não haja nenhum “deslize” com a seguradora; eu não sentirei nada.” A carta era mal escrita, de modo que levei alguns minutos para decifrá-la. Após concluí-la, sentei-me por algum tempo e reli algumas partes. Assim, tive tempo para considerar minha própria posição e, assim que a ideia me veio à mente, mas antes de levar a cabo suas instruções, fui até a parte da frente e fechei a porta de entrada que dava para a rua.

A ideia que mais me incomodava então era que, em nenhuma hipótese, fosse o seguro fraudado ou não, era que não poderia ser eu quem descobrisse seu cadáver. Eu estava na Filadélfia sob um nome falso. Alguns anos antes, sob o nome de Holmes, eu havia frequentado alguns hotéis e encontrado algumas pessoas. Antes disto ainda, eu havia feito negócios nesta região sob outro nome e, num passado ainda mais distante, visitei aqui parentes, usando meu nome verdadeiro.

De modo que se fosse chamado diante de um júri como testemunha, muito provavelmente seria identificado por alguém; além do mais, se eu depusesse sob o nome de Holmes, o fato poderia ser lido nos jornais pelos meus credores de Fort Worth, o que provavelmente resultaria em minha prisão. Minha prisão neste momento, eu estava convicto, resultaria na morte de minha esposa.

Na semana seguinte, eu teria um compromisso em St. Louis, que envolvia uma soma considerável e que havia sido arranjado por meu advogado, de modo que não poderia faltar a ele de maneira nenhuma. Além disso, Pitezel estava morto, nada que eu fizesse poderia ajudá-lo e em St Louis eu poderia ser de grande ajuda a sua família, impedindo que o anúncio de sua morte lhes chegasse pelos jornais, vendo-os pessoalmente, e também, se necessário, cuidar da criança doente. Essa questão eu resolvi prontamente. Em seguida, impôs-se a decisão sobre ajudar na fraude contra a seguradora ou simplesmente esconder a carta que ele havia escrito à mulher, para evitar que eventuais assuntos delicados viessem a público, e ir-me embora. Um de seus planos eu nem sequer cogitei, o que implicava golpeá-lo na cabeça com força suficiente para fraturar seu crânio. Nem se minha própria vida dependesse disso, eu não conseguiria fazê-lo, ainda que estivesse certo de que seu seguro não cobria casos de suicídio. Preferia contar de uma vez a sua família sobre sua morte e contrariar seu desejo, a fazer qualquer coisa que obstruísse a atividade das autoridades, na medida em que isso envolveria, necessariamente, uma certa mutilação do corpo.

Eu nunca havia visto o contrato, mas, a julgar pela afirmação de meu amigo corretor de que o plano dele era similar ao meu, imaginei que contivesse uma tal fórmula. Também não sabia se a cláusula do suicídio era ou não válida na Pensilvânia, como o era em muitos outros estados. (Se eu tivesse planos de levar a fraude a cabo

imediatamente, eu deveria certamente ter descoberto todas essas coisas). Após um considerável período de deliberação, fui ao quarto do segundo andar que ele havia parcialmente preparado, destampeei as pequenas garrafas que ali encontrara, e encontrei também o cachimbo que ele havia enchido de tabaco, cujo topo estava levemente queimado, dando a entender que o havia fumado logo antes do acidente.

Essa parte do trabalho ele havia feito antes de sua morte, sabendo que eu não fumava e não saberia como encher um cachimbo bem o bastante para enganar a polícia. Após deixar o quarto no estado necessário (tendo quebrado a garrafa, colocado o cachimbo no chão, etc), carreguei seu corpo o mais cuidadosamente possível até esse quarto do segundo andar. Descobri que o clorofórmio havia deixado em seu rosto, pescoço e parte do peito a aparência de queimados, o que tornou minha tarefa mais fácil, embora ela já fosse terrível o bastante. Enfim, forcei-me a queimar a roupa de um lado do corpo, apagando as chamas quando elas chegaram à carne, o que produziu resultados parcialmente satisfatórios/ depois, juntei rapidamente uma série de pequenos objetos que desejava levar comigo, arrumei o quarto, e após ir novamente até o quarto onde jazia meu amigo, pelo que supunha ser a última vez, imediatamente saí da casa, disfarçando-me com seu chapéu, pois havia me dado conta da necessidade ser cuidadoso com aquele caso. Entre as coisas que levei comigo estava uma garrafa de clorofórmio, que Pitezell havia comprado na Filadélfia, e preparado para enviar a Chicago, juntamente com outros objetos e roupas, para Hedgepeth.

Ao sair da casa, cuidei que a porta ficasse destrancada e aberta, a fim de que a situação em seu interior chamasse a atenção o mais rápido possível. Ao respirar o ar mais puro da rua, fui tomado por uma sensação de náusea e tontura,

provavelmente resultante do ar saturado de clorofórmio que vinha respirando.

Minha aparência era, provavelmente, a de uma pessoa embriagada. A fim de me livrar de tal sensação, decidi andar uma parte do trajeto até minha casa e, durante esse trajeto, decidi que seria melhor, estando minha esposa boa o bastante, deixar a Filadélfia imediatamente, pois imaginei que Pitezel certamente havia falado de mim a seus novos amigos e talvez tivesse lhes contado meu endereço.

Fui, portanto, até a estação de Bord Street e certifiquei-me de um trem sairia dali a meia hora (de modo que sei agora que saí da casa da rua Callowhill por volta das 3:45, na medida em que o referido trem sairia às 4:30) descobri que um outro trem partiria para o oeste às 10:25; e embora minha esposa não pudesse fazê-lo, levei-a o mais cuidadosamente possível a esse trem e saí naquela hora.

Desde essa data, tenho tentado analisar os sentimentos que me trouxe a morte de Pitezel. Foi uma experiência terrível e certamente não menos lamentável que a morte de um parente, mas não senti então, nem em qualquer outra ocasião, o horror que senti quando da morte da Srta. Nannie Williams, a qual foi completamente fortuita e pela qual me senti indiretamente responsável; nesse caso, sua morte foi resultado de seu próprio cálculo, como consequência de ter se deixado levar por hábitos perniciosos, pelos quais ele era o maior dos responsáveis. Ao chegar a Indianápolis, ocupei-me até o dia 5 de setembro, quarta-feira, em encontrar acomodações confortáveis para minha esposa; depois fui até St. Louis, chegando lá às 7 horas da noite e comprando no trem o Globe Democrat de St. Louis, que noticiava num “dispatch” da Filadélfia a descoberta do corpo de Pitezel (Perry) na rua Callowhill no dia anterior.

Após um breve intervalo, fui imediatamente à residência da Sra. Pitezel, a cerca de uma hora do centro da cidade,

com a esperança de chegar a tempo para lhes dar a notícia em primeira mão. Ao chegar àquela casa, no entanto, encontrei seus habitantes num estado de comoção.

Os vizinhos estavam lá, um médico havia sido chamado, e levou algum tempo até que eu pudesse obter uma oportunidade de falar com a Sra. Pitezel. Encontrei-a num estado de intenso nervosismo, de modo que achei por bem mitigar seus temores, dizendo-lhe: “Talvez Ben não esteja morto. Pode ser que tenha havido um engano, pois o eu o vi vivo na semana passada.”

Ao que ela respondeu: “Oh, não! Tenho certeza de que é ele, pois venho lhe escrevendo para aquele nome e naquele endereço”. Neste exato momento, Dessie, a filha mais velha, chamou-me para o lado e disse, “Você acha que papai está mesmo morto?” Respondi-lhe que eu temia que sim, mas que não deveríamos dizer nada a sua mãe até que tivéssemos certeza. Ela disse: “Não acho que ele esteja. Na primavera passada, quando eu estava doente e ele estava indo embora, ele disse-me que se eu algum dia ouvisse que ele estava morto que eu não acreditasse, pois talvez fosse necessário que uma falsa notícia sobre sua morte circulasse para que um certo projeto em que ele trabalhava desse certo.” Perguntei-lhe se Ben havia dito isso à esposa, ao que ela respondeu: “Não; papai pediu para que eu não contasse a ninguém.” Assim que tive uma oportunidade favorável, disse à Sra. Pitezel: “Por acaso Ben alguma vez lhe disse para não se preocupar se a senhora tivesse notícias da morte dele?” Ela respondeu “ Sim;” e, após fazer uma breve pausa, acrescentou, “Se ele fez tudo isso sem nos avisar, matando-nos de preocupação, eu quase chego a desejar que ele esteja de fato morto. É a questão do seguro?”; “Creio que sim”, respondi, num tom que lhe transmitisse certeza. Ela então perguntou se ele receberia o dinheiro, ao que eu respondi que ele seria pago a ela. Ela perguntou: “Onde está Ben agora?”. Respondi que seu plano era partir

imediatamente para o Sul. Ela disse então, “Bem, não quero que ele me escreva; todas as cartas dele devem ser entregues ao senhor; quanto as crianças, é melhor que pensem que ele está de fato morto; elas ainda são jovens e logo superarão o trauma.” Perguntei-lhe se o contrato do seguro estava na casa, e ela disse: “Não sei; vou ver; ele deveria tê-lo entregue a você se planejava levar seu plano a cabo tão cedo; talvez esteja em Chicago, junto com outras coisas guardadas num depósito.”

Não permiti que ela o procurasse naquele momento, pois ela ainda estava muito frágil devido ao choque que sofrera, mas a instruí para que o procurasse na manhã seguinte e, se ela estivesse em condições, que levasse todos os papéis que tivesse ao escritório do meu advogado. Surgiu então a questão de se ela conseguiria encontrar tal escritório, ao que ela respondeu que, quando da minha prisão, seu marido havia ido até lá e havia trazido um cartão deles pra casa, o qual ela afirmou ainda estar entre seus papéis, de modo que ela conseguiria encontrar o escritório.

Por volta das 9 horas, estando a família mais calma, eu retornei ao hotel para passar a noite, e estou certo de que a Sra. Pitezel, à época dessa visita, que foi a primeira conversa confidencial que tive com ela, não tinha nenhum conhecimento prévio de uma intenção de seu marido de perpetrar uma fraude contra a companhia de seguros, salvo uma ideia vaga de que, sob certas condições e num tempo futuro e indefinido ela poderia ser levada a cabo, o que era a situação existente até o dia da morte de Pitezel.

Ela é uma mulher simples e qualquer simulação de sua parte não teria me enganado. Na manhã seguinte, fui até o escritório do juiz Harvey e descobri que, devido a sua ausência, meu caso havia sido postergado. Deixei ali um recado para a Sra. Pitezel, no sentido de que ela fosse ali durante o dia, que esperasse por mim, e fui ao escritório de

outro advogado e falei da questão seguro, dizendo-lhe que se o dinheiro fosse prontamente pago, eu usaria parte dele. Ele disse que as companhias de seguro são lentas e que levaria algum tempo até que se concluísse o processo. Ele perguntou-me o valor da quantia, e depois de eu ter lhe informado que seria de \$10,000, ele disse, “Você precisará de um advogado para cuidar dos documentos; posso fazê-lo para o senhor.” Respondi-lhe que eu iria consultar o juiz Harvey. Ele disse, “Deixe-me fazê-lo; eu acabei de lidar com um caso de seguro contra incêndio e obtive grande sucesso; além disso, na verdade você é meu cliente - encaminhei-lhe ao juiz Harvey apenas porque meu sócio estava ausente na ocasião.” Após retornar ao escritório do juiz Harvey e não encontrá-lo lá, fui novamente até ele e disse que o pedido na verdade era falso, que o postulante, em realidade, estava vivo. Ele fez uma série de perguntas sobre os detalhes da fraude, finalmente dizendo: “Bem, eu sou o único que poderá lhe ajudar nessa questão, pois nem o juiz Harvey nem meu sócio ousariam pegar tal caso. Eu não faço parte da firma, embora tenha um escritório aqui. Você verá que meus cabeçalhos contém apenas meu nome; no entanto, posso me valer da opinião deles e casos importantes, e em razão de esta suposta morte ter ocorrido sob um nome fictício, você precisa de ajuda.”

Expliquei-lhe então que a Sra. Pitezel viria até a cidade naquela manhã, se pudesse, com os documentos, e ele comentou: “Bem, ela não deve saber que eu possuo qualquer conhecimento a respeito da ilegitimidade do pedido.”

Combinamos então que ele escreveria algumas cartas a escritório da empresa em Chicago para certificar-se se Pitezel havia de fato pago o “premium” como havia afirmado, na medida em que não havia nenhum recibo que o provasse, e que também escrevesse às autoridades na Filadélfia.

Perguntei-lhe a respeito de seus honorários e ele respondeu que dependeria da quantidade de trabalho, mas que, sendo ele um advogado iniciante, faria um valor razoável. Mais tarde, ao sair do prédio, encontrei a Sra. Pitezel e expliquei-lhe que aquele advogado cuidaria do caso para ela, e que ela não deveria deixar transparecer que sabia que ela sabia das reais circunstâncias por detrás do caso. Em outras palavras, enquanto estivesse em sua presença, ela deveria se portar e falar como se sob o efeito de uma genuína perda.

Assim, nesse estágio do caso, eu sabia que Pitezel estava morto; a Sra. Pitezel e o advogado ambos supunham que ele estava vivo, mas, por meio de um acordo separado que cada um fez voluntariamente comigo, eles deveriam enganar-se mutuamente a esse respeito, o que fazia isso um caso singular de conspiração.

Eu não estive presente durante toda a primeira entrevista do advogado com a Sra. Pitezel, mas ela o autorizou a escrever a cartas necessárias, e eu disse a ela que havíamos chegado a um acordo razoável quanto a seus honorários, dos quais eu ficaria encarregado.

Em seguida, dei a Sra. Pitezel dinheiro para suas necessidades imediatas e deixei a cidade, com a intenção de retornar em dez dias, data em que meu caso iria para o tribunal. Antes de partir disse ao advogado que ele poderia-me contactar em Indianápolis a qualquer hora. Dali a cinco dias, recebi dele uma carta, dizendo que ele havia recebido uma resposta da carta que havia mandado às autoridades da Filadélfia e que elas afirmavam que o homem mencionado lhes era conhecido apenas pelo nome de Perry, e seria enterrado com esse nome a menos que alguém o identificasse como Pitezel. Ele dizia também que a Sra. Pitezel havia pedido que, se possível, eu retornasse a St. Louis para ajudá-la.

Fi-lo imediatamente e, ao encontrá-lo, ele me disse que alguém precisaria ir imediatamente à Filadélfia, pedindo-me dinheiro para que ele acompanhasse alguém de família até lá. Respondi-lhe que até o dia primeiro do mês seguinte que não poderia fazê-lo, mas sugeri que um antigo parceiro de Pitezel poderia lhe emprestar a soma necessária, desde que essa lhe fosse devolvida com juros quando do recebimento do dinheiro do seguro. O advogado conseguiu negociar tal empréstimo no valor de \$ 300.

Fui então visitar a Sra. Pitezel e, vendo que ela estava forte o bastante para fazer a viagem, decidiu-se que sua filha, Alice, iria em seu lugar. Tal escolha fez-se principalmente em razão de um combinado feito anteriormente por Pitezel, de que, se a Srta. Williams voltasse ao país e voltasse a ser professora, que Alice deveria morar com ela por um ano antes de começar a frequentar a escola. Eu havia recebido uma carta da Srta. Williams em que ela dizia ter decidido fazer exatamente isso, e à época da morte de Pitezel eu havia pedido que ela se estabelecesse em Cincinnati, imaginando que assim que ela se livraria de sua antiga vida, e também que poderia me auxiliar com alguns documentos do Texas, que teriam que ser copiados a qualquer custo. Assim, alguns dias depois, quando Alice saiu de St. Louis, foi com a ideia de que ficaria no Leste com a Srta. Williams ou iria com ela para Cincinnati.

Quando eu estava prestes a sair, tendo providenciado essas coisas, recebi uma carta que eu havia sido encaminhada de Chicago, pedindo minha ajuda na identificação de Pitezel, na medida em que o escritório de Chicago sabia que ele havia sido meu empregado. A fim de responder essa carta da melhor forma possível, fui até o escritório de meu advogado, onde pela primeira vez examinei de perto o contrato do seguro. Em seguida,

escrevi à empresa uma descrição o mais exata possível de Pitezel.

Meu advogado então sugeriu que eu também fosse à Filadélfia, respondi que seria um gasto desnecessário e que eu desejava ir a Cincinnati a fim de encontrar uma casa para a família. Ele disse: “É melhor eu esperar até que o dinheiro seja pago”, o que respondi que a família teria que ter uma casa, fosse o dinheiro pago ou não. Finalmente, decidimos que eu iria à Filadélfia por Cincinnati, o que eu de fato fiz, e desta última cidade escrevi à companhia de seguros informando que eu tinha negócios a resolver na Filadélfia e que lhes faria uma visita em alguns dias, se possível ajudando-os a identificar o corpo. Mais tarde no mesmo dia, encontrei Alice no caminho, No dia seguinte, no começo da tarde, fui até a companhia de seguros na Filadélfia.

Após um pequeno atraso, fui apresentado ao coronel Bosbyshell, um dos funcionários. Conversamos a respeito do caso por algum tempo e, finalmente, após ter me feito várias perguntas sobre a aparência geral de Pitezel, disse: “Bem, creio que se trata de um engano ou de uma fraude. O homem encontrado aqui, e enterrado sob o nome de B. F. Perry, pesava quase 20 quilos a mais que o Sr. Pitezel, tanto segundo seu depoimento quanto de acordo com o contrato dele; além disso, o cadáver possuía cabelo vermelho, enquanto o cabelo do Sr. Pitezel era preto. Um advogado, bem como alguns dos parentes da Sra. Pitezel estarão aqui a qualquer momento e gostaria que o Sr. permanecesse e nos ajudasse a esclarecer a questão.”

Ele então saiu do escritório e, alguns minutos depois, voltou com um dinheiro, o qual me ofereceu, dizendo que ficariam contentes de pagar pela minha estada. Respondi que não ficaria com o dinheiro mas que, tendo outras coisas para fazer na cidade, os visitaria diariamente e que se essas visitas implicassem numa despesa demasiado grande ou

em perda de tempo, aceitaria o dinheiro; caso contrário, não os cobraria nada. Expliquei ainda que Pitezel tinha uma dívida comigo e, se o pedido de seguro fosse genuíno, eu estaria disposto a dedicar-lhe algum tempo a fim de que pudesse reaver meu dinheiro, o qual, eu estava certo, sua esposa me pagaria.

Naquela tarde, eu fui até nosso advogado, tendo ele e Alice chegado nesse ínterim. Contei-lhe sobre a minha conversa com o advogado da companhia de seguros, e ele logo disse: “Não iremos conseguir um centavo. Ou eles substituíram o corpo que você usou por outro, ou sua escolha foi tão ruim que não conseguiu enganá-los.” Ele sugeriu que abandonássemos o caso e retornássemos a St. Louis.

Finalmente, decidiu-se que ele iria até a companhia de seguros no dia seguinte, mas ele insistiu, segundo ele para sua própria segurança, que, se acaso nos encontrássemos no escritório da companhia, deveríamos fazer parecer com que nunca tivéssemos nos visto antes. No dia seguinte, cerca de meia hora depois de eu haver visitado o escritório da companhia de seguros, o presidente da empresa, que eu havia conhecido no dia anterior, e nosso advogado entraram na sala onde eu estava.

A seguinte conversa ocorreu dessa forma:

O Sr. X, o presidente, apresentou-me a nosso advogado, dizendo:

“Esse é o Sr. Holmes, de Chicago, que tem um seguro por nossa empresa e que no passado foi próximo da Sra. Pitezel”

Enquanto nos cumprimentávamos, ele disse, “Prazer em conhecê-lo, Sr.”

Após uma conversa genérica, eu disse, “Os escritórios da companhia me dizem que o senhor possui certas cartas e

papéis com a letra do Senhor Pitezel. SE lhe for conveniente, posso identificá-los como pertencentes a ele.”

Nosso advogado então virou-se para o presidente e disse: “Quem é esse homem? Antes que eu lhe mostre quaisquer papéis ou tenha qualquer relação com um sujeito que é aparentemente um estranho, gostaria de saber mais a seu respeito.”

O presidente disse então, em tom conciliatório: “Oh! O senhor pode estar certo de que o Sr. Holmes atua de maneira independente e para o benefício de todos os envolvidos. Ele possuía um negócio em Chicago, e por muito tempo empregou o Sr. Pitezel. Se tratando de fornecer uma descrição precisa dele, o Sr. Holmes é nosso homem.”

“Perguntei apenas por precaução”, respondeu nosso advogado. “Sendo assim, deixarei que o Sr. Holmes examine os papéis e nos ajude no que puder.”

Durante aquela tarde, nosso advogado entrou num acordo por escrito com a empresa, estipulando que, a fim de que seu pedido fosse aceito, deveriam ser encontradas certas marcas de identificação no corpo, o qual seria desenterrado no dia seguinte. Entre essas marcas deveria contar uma grande verruga na nuca, um cabelo escuro, um topete sobre a testa, dentes particularmente danificados, uma unha de dedão machucada e uma cicatriz um tom acima da pele das extremidades baixas.

Naquela noite, já bastante tarde, nosso advogado veio até mim, novamente aterrorizado, e mais uma vez prestes a abandonar o caso. Ele havia encontrado um homem chamado Smith que, ao conversar com ele, afirmou ter visto, enquanto no escritório de Pitezel, um homem que entrara e conversara com Pitezel, que ele presumiu ser um amigo que vivia na cidade. Smith ainda disse que o tal amigo não havia aparecido depois da morte de Pitezel, o

que lhe pareceu estranho. Ademais disse que, se acaso visse o homem novamente, o reconheceria prontamente.

O Senhor Smith iria ao escritório do médico-legista no dia seguinte e também estaria presente quando o corpo fosse exposto. Eu disse então a nosso advogado que, pelo que eu me lembrava do sujeito, não o considerava um observador atento ou mesmo um homem particularmente inteligente e que arriscaria ser reconhecido por ele, ao invés de abandonar o caso naquele momento.

Na manhã seguinte, nos encontramos no escritório do médico-legista. Meu juízo estava correto quanto ao Senhor Smith. Ele reparou em mim apenas como repararia em qualquer outro estranho e, ao ser-lhe apresentado e passar algum tempo em sua companhia, nada se alterou.

Decidiu-se nesse encontro que, mais tarde, os interessados deveriam se dirigir ao cemitério, onde o corpo seria exumado para fins de identificação. Assim se fez, sendo os presentes compostos pelo presidente da companhia de seguros e dois outros representantes da empresa, um médico e o médico-legista interino, representando a cidade; nosso advogado, Alice Pitezel, eu, e o Senhor Smith.

Ao chegar ao cemitério, fomos informados de que o corpo havia sido colocado numa pequena casa e estava pronto para ser examinado.

Pensei que, como havia dois outros médicos no recinto, não seria necessário que participasse da identificação, a menos que convocado; ao chegar junto com o Sr. Perry, havia levado a filha de Pitezel a uma quadra de distância do local. O médico procedeu ao exame do corpo, que jazia numa sala bem-iluminada; após um longo tempo, anunciou que nenhuma das marcas identificatórias estava presente. Após conversarem entre si, o presidente disse ao nosso advogado que eles estavam convictos antes mesmo do

exame de que esse seria o desfecho, e teve início um movimento geral para deixar o recinto.

O advogado perguntou-me o que eu pensava que deveria ser feito e, após eu responder-lhe, disse ao presidente que gostaria que eu examinasse o corpo também. Perguntei ao médico se ele tinha alguma objeção, ao que ele respondeu negativamente, mas adiantou que seria uma tarefa desagradável.

Entrei na casa e, mal tinha passado pela porta, tive certeza de que o médico havia se enganado quanto à cor do cabelo. Num exame mais detido, todas as marcas foram facilmente encontradas: a verruga na nuca de diâmetro semelhante à de um lápis, projetando-se quase um centímetro em relação à superfície; o topete, a unha machucada, os dentes danificados, exatamente da maneira como haviam sido descritos; por fim, a cicatriz no pé, de quase cinco centímetros.

O mínimo que eu poderia fazer era chamar o outro médico, que relutantemente aceitou voltar; a fim de que não restassem dúvidas quanto à identidade do homem, pedi-lhe que removesse, para um exame microscópico, a verruga, parte do cabelo, a unha e a cicatriz. Ele respondeu que não tinha com ele nenhum instrumento necessário a esse procedimento. Eu tinha comigo apenas um pequeno bisturi, mas usei-o para remover o material necessário, em seguida entregando-os ao representante do médico-legista.

Depois, procurei convencer os membros da empresa de seguro a chegar a uma decisão imediata, a fim de poupar a filha de ver o pai naquele estado. O presidente não concordou com minha sugestão e enfim entramos num acordo para que ela examinasse apenas os dentes. Todas as demais partes do corpo foram, portanto, cobertas, e a criança foi levada para dentro.

Foi algo terrivelmente difícil, pois ela não passava de uma menina delicada, de apenas quatorze ou quinze anos, embora bastante corajosa e disposta a fazer o que fosse necessário.

Ao se aproximar do corpo, ela disse: “Sim, são os dentes do papai. Tenho certeza.” Tirei-a imediatamente da sala, mas senti que aquela imagem ficaria gravada em sua frágil mente pelo resto de sua vida, e aquela havia sido uma demanda totalmente desnecessária da parte da companhia de seguros.

Sem entrar em detalhes sobre os motivos, direi apenas que o relatório do médico e custaria caro, como se verá mais adiante. Encerrou-se assim o exame no cemitério, e finalmente retornamos à cidade.

Mesmo assim, os funcionários da empresa não se manifestaram favoravelmente ao pedido, embora mais tarde, no mesmo dia, eles tenham relutantemente admitido que estavam satisfeitos com a identificação. Ao chegarmos novamente no escritório do médico-legista, ele muito gentilmente se ofereceu para ouvir meu testemunho na manhã seguinte, um domingo, a fim de que eu pudesse sair da cidade o mais cedo possível. Após esse combinado, dirigi-me ao escritório da companhia de seguros, onde reajustei meu próprio plano, mais tarde dirigindo-me ao escritório de um agente funerário, onde providenciei que o corpo fosse enterrado de maneira apropriada e num local decente, tendo ficado bastante satisfeito em poder realizar esse último favor a meu amigo.

No dia seguinte, às 16:30, após ter ido ao escritório do médico-legista, deixei a Filadélfia, levando Alice Pitezal comigo. Não tendo tido notícias da Senhorita Williams, informando-me de sua chegada a Nova Iorque enviei-lhe uma carta, pedindo que ela e Hatch viessem a Cincinnati assim que possível.

Alice não queria retornar a St. Louis, pois havia dito a todos que conhecia que passaria o inverno fora, embora ficaria muito contente de ver a mãe; ao chegarmos a Indianápolis, disse-lhe que que poderia escolher entre voltar a St. Louis ou permanecer ali enquanto eu ia a St. Louis e retornava com o resto de sua família no caminho para Cincinnati. Esse esquema havia sido combinado com a Sra. Pitezel para acontecer o mais rápido possível, a fim de que ela não tivesse que começar um novo mês em St. Louis, onde ela pagava aluguel.

Alice decidiu permanecer em Indianápolis, de modo que a levei ao Hotel Stubbin, deixando-a lá aos cuidados daqueles que eu havia conhecido durante minha estada anterior na cidade. No dia seguinte, recebi um telegrama do advogado, informando-me de que a companhia havia lhe pago o seguro, após ter deduzido algumas centenas de dólares em função das despesas incorridas, o que eu achei completamente injusto para com a Sra. Pitezel, que merecia ter recebido a quantia total.

Em seguida, retornei a St. Louis, onde, devido a minha ausência, meu próprio caso havia sido novamente postergado, de modo que decidi retornar novamente a Cincinnati. Levando comigo as duas crianças, Nellie e Howard, viajei para aquela cidade via Indianápolis, tendo telegrafado ao hotel e pedido que alguém acompanhasse Alice até a estação de trem para que ela se juntasse a nós. Assim se fez, e por volta das oito horas da manhã, chegamos à estação de Cincinnati, onde Hatch nos encontrou. Era a primeira vez que o via desde dezembro do ano anterior.

A Srta. Williams havia decidido permanecer em Nova Iorque, uma vez que já havia montado uma peça em Cincinnati e não queria ser reconhecida.

Desejando iniciar as negociações com os corretores o mais cedo possível, coloquei as crianças sob os cuidados de Hatch, e ele as levou a um pequeno hotel próximo à estação de trem. Tive um dia bastante intenso, mas não consegui encontrar nenhuma propriedade que pudesse ser trocada por minhas propriedades em Chicago. Enfim, cheguei à conclusão de que seria melhor alugar uma casa por um período e então, anunciando minha propriedade, tentar encontrar algo mais adequado às necessidades das crianças. Assim o fiz, alugando uma casa e pagando adiantado um mês de aluguel e seis meses de água. Também providenciei que ela fosse confortavelmente mobiliada.

Como a Srta. Williams não veio, passei a procurar uma pessoa de confiança que pudesse cuidar das crianças até que a mãe delas chegasse. A Sra. Pitezel havia ido visitar os pais, algo que desejava fazer antes de ir a qualquer outro lugar.

Como não encontrei uma tal pessoa para cuidar das crianças, decidi levá-las comigo para Indianápolis, onde eu conduziria negócios imobiliários pelas próximas duas semanas. Hatch nos acompanhou, tendo depois ido a Chicago, de onde retornou após alguns dias.

Chegamos a Indianápolis no dia primeiro de outubro; as crianças ficaram um dia no English Hotel e mais tarde arranjei para eles acomodações no Circle House, tendo eu e minha esposa nos hospedado num hotel próximo, de modo que eu poderia visitá-las diariamente e certificar-me de que eles estavam recebendo os devidos cuidados. Essa vida era novidade para as crianças, mas eles a adoravam, passeando pela cidade sozinhos, ou acompanhados por mim e Hatch.

Logo depois, eu retornei a St. Louis e, ao entrar no escritório do meu advogado, ele disse: “Estou contente com

sua vinda; meu sócio estava ansioso.” “Por quê?” perguntei, ao que ele respondeu: “Porque ele deseja resolver essa questão e coletar nossos honorários. O senhor sabe como foi difícil convencer a companhia de seguros de que o pedido era legítimo, e algo ainda pode fazê-los mudar de ideia. ”Mas o que seu sócio tem a ver com isso?” perguntei. Ele respondeu: “Porque, num caso dessa monta, a opinião dele deve ser considerada; além disso, se não fosse a carta de apresentação que ele enviou ao superintendente Linden da Filadélfia, o dinheiro não teria sido pago.” Eu disse-lhe então que eu ainda não havia me encontrado com Sra. Pitezel, mas que assim que o fizesse, conversaríamos a respeito, ela viria até o escritório e assinaria os papéis necessários. “Bem, quanto o senhor acha que deveríamos receber?”, perguntou-me. “Não faço ideia; os senhores é quem deve estabelecer o preço, não eu.”

Ele disse então “Bem, geralmente, nesses casos de seguro, o advogado fica com cinquenta por cento. Perguntei a respeito a três advogados desinteressados e todos disseram que essa quantia é justa. Além do mais, eles não sabiam se tratar de um caso de fraude, o que só torna as coisas piores.”

Minha resposta foi a seguinte: “Bem se o senhor deseja ficar com \$5,000, o que, segundo senhor mesmo, é mais dinheiro do que o senhor ganhou até agora em toda sua vida, que fique com o resto também.” Depois de conversarmos um pouco mais, ele propôs que cada um de nós escolhêssemos um advogado, deixando que eles decidissem a tarifa a ser cobrada. Tendo feito essa combinado, fui embora, para retornar na manhã seguinte. Quando voltei, ele foi logo dizendo que seu sócio não concordara com nosso acordo. “Quero falar com ele.” Àquela época, eu ainda não o conhecia. Alguns minutos depois, ele me levou até o escritório particular de seu sócio. Eles estava sentado em sua mesa aparentemente

demasiado ocupado para deixar seu trabalho por um questão tão trivial.

Enfim, ele virou-se para mim e, num tom exaltado e agressivo, disse: “O que está havendo aqui? O senhor não deve pagar o advogado que contratou?” Eu me irritei com sua maneira insolente, dizendo-lhe imediatamente que não conversaria com ele. Se eles quisessem receber \$500 pelos serviços prestados (lembrei a ele que, não fora minha presença na Filadélfia, eles não teriam sido bem-sucedidos, uma vez que ele demonstrara pouco tato ao lidar com a companhia de seguros - a ponto de, por duas vezes, eles quase o expulsarem do escritório) iriam recebê-lo, mas nem um centavo a mais.

Ele então disse: “Não permitirei que ninguém venha até meu escritório e tente impor uma tarifa após o serviço prestado; quanto aos \$500, é uma ofensa oferecer esse valor.” Lembrei-lhe então que eu não estava oferecendo o dinheiro a ele, um dos advogados mais célebres de St. Louis, mas a seu sócio, um advogado recém-formado, para quem esse valor seria alto na medida em que suas despesas de viagem haviam sido pagas por mim.

Ele disse, “Bem, podemos ficar com \$3.000,00, nem um centavo a menos.”, ao que respondi. “Impossível.”

Ele disse: “Bem, então não faz mais sentido discutirmos essa questão.” Voltando-se a seu sócio, disse: “Vá ao banco e pegue um “draft” de Nova Iorque para o que lhe resta; Vou devolver o dinheiro.” Eu disse então: “Muito bem, senhor, nada poderia me ser mais vantajoso do que isso. Quando a Sra. Pitezell receber seu dinheiro, lhes enviarei seus \$500.”

Ao que ele respondeu: “Você jamais conseguirá fazê-lo; quando o dinheiro for retornado, escreverei uma carta ao meu velho amigo, o capitão Linden do departamento de Polícia da Filadélfia, explicando-lhe que, desde o meu

retorno, descobrimos se tratar de um caso fraudulento e que consideramos nosso dever informar-lhe de todos os fatos concernentes à questão; ademais, o senhor é procurado em Fort Worth, Texas, e farei com que seja preso antes que possa deixar a cidade.”

Eu respondi “Você apenas me causaria problemas em relação à questão do seguro, e prejudicaria seu colega.” Ele respondeu: “Não é verdade. Seria a palavra da nossa firma, conhecida e respeitada no país inteiro contra a sua, um homem que já esteve preso e que irá para a cadeia novamente dentro de uma hora.” Essa fala me irritou de tal maneira, que acabei dizendo: “Pode devolver o dinheiro, pode mandar me prender, mas não pode me intimidar ou me amedrontar. Prefiro passar dez anos na cadeia do que me render a suas exigências.”

Sai imediatamente do escritório e, na sala de espera, deparei-me com a Sra. Pitezel que havia chegado naquele ínterim. Pedi-lhe que fosse imediatamente ao escritório do juiz Harvey e, ao ver que ele hesitava, instruí-lhe para que não fizesse nenhum acordo que envolvesse uma tarifa maior do que \$500. Depois de fazê-lo saí do escritório e esperei a Sra. Pitezel por um longo tempo; quando ela veio ao meu encontro, estava aos prantos, dizendo que eles não aceitariam um acordo por menos de \$2.500, e que ela havia assinado um acordo por escrito. Ela havia ficado com o restante do dinheiro, cerca de \$6.000, uma vez que os advogados haviam já pago algumas contas a pedido dela.

Alguns dias antes, eu havia providenciado para que o dinheiro a ser usado em Fort Worth fosse pago num banco em St. Louis, em troca de uma nota que seu marido havia executado enquanto naquela cidade. A Sra. Pitezel foi ao banco e descontou essa nota, e do restante deu-me \$225, pelo que ela supunha haviam sido minhas despesas. Na verdade, os \$5000 pagos pela nota ficaram comigo, pois alguns meses antes eu tive que pagar a dívida valendo-me

de outra propriedade. Na mesma tarde, pouco depois eu deixei St. Louis, com a intenção de retornar a Cincinnati e finalizar a questão da casa dos Pitezel. Antes de sair, no entanto, providenciei que a Sra. Pitezel e as duas crianças fossem até Galva, Illinois, para visitar a mãe da Sra. Pitezel, e também que eu fosse informado de quaisquer ações tomadas pelos advogados de St. Louis que pudessem me prejudicar.

Ao retornar a Indianápolis, notei que as crianças estavam aparentemente se divertindo. Hatch havia recebido uma carta da Srta. Williams (com quem dizia estar casado) pedindo que nós a encontrássemos em Detroit. Tal encontro foi postergado, pois eu tinha outros negócios para conduzir em Indianápolis, que haviam sido deixados de lado em função do caso do seguro. Enquanto me ocupava disso, fui informado de que os advogados de St. Louis planejavam criar problemas, e quase ao mesmo tempo recebi a notícia de que alguns detetives de Fort Worth estavam novamente em Chicago, e haviam descoberto meus paradeiros recentes.

Depois de consultar Hatch, que estava bastante preocupado em ser implicado em minhas atividades caso eu fosse preso, concluímos que deveríamos sair imediatamente. Enfim, decidi abandonar a casa de Cincinnati e relocar a família Pitezel na medida em que os advogados sabiam de minhas viagens àquela cidade. Assim, escrevi para Sra. Pitezel, aconselhando-a a mudar os planos e ir a Detroit.

Até então, a Sra. Pitezel estava ciente de tudo o que eu havia feito por ela, mas naquele momento eu não achei prudente que ela soubesse da probabilidade de haver problemas relacionados à empresa de seguros. Achei melhor que ela fosse a uma cidade grande e mais tarde explicar-lhe sobre a morte de seu marido como ele me havia

pedido, e também sobre a necessidade de permanecer em silêncio até que eu pudesse avaliar se havia um real perigo.

Bastante cedo, na manhã do dia 10 de outubro, eu fui ao hotel das crianças, e encontrei-as comendo seu café da manhã. Disse-lhes que iríamos embora naquele dia, e os acompanhei até seus quartos, onde os instruí para que separassem seus pertences em três malas diferentes, pois eles estavam guardados num velho baú que não estava mais em condições de transportar nada. Nesse velho baú foram deixadas algumas roupas velhas, entre as quais uma mala com roupas pesadas, pertencentes à Sra. Pitezel.

Perguntei então às crianças se elas preferiam ir comigo a Chicago e em seguida a Detroit, ou ir com Hatch. Howard Pitezel escolheu ir com Hatch, enquanto as meninas queriam ir a Chicago, na esperança de lá encontrar algumas velhas amigas. Tendo que fazer algumas compras antes da viagem, depois de informar às meninas o horário em que elas deveriam me encontrar na estação, deixei o hotel, tendo instruído Howard para que não saísse de lá até que Hatch chegasse. Mais tarde, encontrei os dois na rua - foi a última vez que vi o menino Howard, e ele parecia bem e contente. Durante os primeiros dias fora de casa, ele sentira muitas saudades.

Enquanto eu estava no barbeiro da estação de trem, na mesma manhã, pedi a Hatch que fosse ao hotel e que levasse o baú praticamente vazio até a estação e que enviasse ao destino que lhe aprouvesse, uma vez que não havia nada de valor em seu interior e não era prudente deixá-lo no hotel. Ao chegar a Chicago, levei as duas meninas a um hotel, pois tinha negócios numa parte distante da cidade. Durante a única noite em que fiquei na cidade, me hospedei num hotel novo na rua North Clark, a menos de uma quadra ao norte do cruzamento da avenida Lincoln.

Não considerando prudente, tendo em vista as últimas notícias que recebi de Indianápolis, ir ao escritório do meu advogado, combinei de me encontrar com ele e com meu agente em outro local. Organizando tudo o mais rápido possível, saí de Chicago na sexta-feira, dia 12 de outubro, indo diretamente para Detroit e levando as meninas comigo. Durante a segunda parte desta viagem, minha esposa estava no mesmo trem, tendo deixado Indiana naquela manhã sob minhas ordens.

Antecipando isso, combinei com Hatch, antes de sair de Indianápolis, que nos encontrasse na estação de Detroit para ficar com as crianças. Ao chegarmos a Detroit, levei minha esposa imediatamente a um hotel a cerca de dois quilômetros da estação, e enquanto desembarcava, vi Hatch ajudando as meninas a sair do carro em que haviam viajado. Cerca de meia hora depois, Hatch me encontrou no telégrafo da Western Union, em resposta a um bilhete que eu havia lhe enviado por intermédio de Alice.

Já era tarde, e eu retornei ao Hotel com Hatch onde ele havia levado as meninas para me certificar de que estavam bem instaladas. Enquanto estávamos lá, ele me disse que havia sofrido um atraso de vinte e quatro horas em algum trecho entre Indianópolis e Detroit, de modo que havia chegado a Detroit naquela tarde e a Srta. Williams, evitando a todo custo encontrar-se com minha esposa, havia ido a Buffalo visitar alguns amigos do Teatro, levando Howard consigo. Não vi nada de errado naquilo, pois sabia que Howard havia conhecido a Srta. Williams no ano anterior, quando ela trabalhava em meu escritório em Chicago. No dia seguinte, providenciei estadia permanente para mim e minha esposa, e também para as crianças, em dois locais separados da cidade, calculando que ficaríamos ali por algum tempo. Com a ajuda de Hatch, começamos a procurar por uma casa que pudesse ser adquirida em troca

de uma propriedade de Chicago, para que poupássemos dinheiro.

Se não conseguíssemos fazê-lo, então alugaríamos uma casa por alguns meses, até que a compra pudesse ser realizada. Encontramos uma casa num local tão favorável, com uma boa escola nas redondezas, que achei por bem pagar o pequeno depósito exigido - cinco dólares - para reservá-la por cinco dias.

Na manhã de domingo, a Sra. Pitezel chegou a Detroit, e achei melhor não contar-lhe que ela deveria se estabelecer ali em caráter permanente, até que eu tivesse notícias de Saint Louis e Chicago. Durante esse ínterim, hospedei-a num hotel; também não achei por bem contar-lhe que as outras crianças estavam na cidade até que me certificasse de que não nos mudaríamos novamente, por temer que, não apreciando devidamente o perigo de prisão - se eu o ainda julgasse existente - ela se mostrasse relutante em ir a outro lugar, a menos que supusesse que seus filhos e seu marido já haviam ido embora.

Eu trazia comigo de Chicago um pacote com documentos que não carregava em meu baú e acabei escondendo-os na casa mais tarde alugada em Detroit. Levei-os até lá na companhia de Hatch, e estava prestes a escondê-los por sobre o teto do andar superior, quando ele sugeriu que, em caso de incêndio, eles se perderiam e se voluntariou para encontrar um lugar no porão onde ficariam seguros. Para fazê-lo, comprou uma nova enxada, e depois cavou um pequeno buraco na terra, não com a enxada nova, como depois veio a parecer, mas com outra encontrada no porão.

Na manhã do dia 17 de outubro, recebi notícias alarmantes de Saint Louis e Chicago e, após fazer uma consulta, foi com relutância que decidimos sair de Detroit e ir para o Canadá ou para a Europa; calculei que qualquer

mudança, sem levar em conta os gastos, seria preferível à prisão. Esse foi um dia bastante movimentado. Antes de a Sra. Pitezel ter saído de Saint. Louis, eu havia comprado um grande baú, que havia lhe emprestado para transportar seus pertences à nova casa. Quando decidimos que estávamos indo a outras terras, combinei com Hatch que, enquanto eu me ocupava de outros assuntos, ele deveria levar o baú até seu quarto e preenchê-lo com o que fosse estritamente necessário.

Tornou-se necessário também ir a uma cidade chamada Ypsilanti naquele mesmo dia para coletar um pacote com documentos valiosos que eu havia solicitado. Demasiado ocupado com outros assuntos, pedi a que Hatch fosse em meu lugar. Ele hesitou consideravelmente, dizendo que ainda estava ocupado com o baú. Respondi-lhe que me seria mais fácil encontrar tempo para fazer as malas do que ir a Ypsilanti. Ele respondeu que eu não poderia simplesmente levá-lo a seu quarto, pois seus locatários não me conheciam. Eu disse que daria um jeito, e ele então partiu para Ypsilanti.

Aproximadamente às treze horas, encontrei um carregador e, acompanhando-o até uma loja de ração nas redondezas, comprei um barril de farinha. Fomos então ao hotel da Sra. Pitezel e levamos o baú até o armazém. Lá, na plataforma, retirei dele alguns artigos inúteis que a Sra. Pitezel havia colocado numa parte separada e os enfiei no barril. Deixei o baú no armazém, pedi que o carregador levasse o barril para o escritório da American Express e o encaminhasse a Hartford, Conn. Por volta das duas horas da tarde, fui a uma estrebaria na rua X e, contratando um cavalo e uma carroça, fui até a casa que havia sido alugada e peguei os documentos que havia guardado lá. Deixei também um bilhete pedindo a Hatch que, se levasse até lá os outros documentos de Ypsilanti, que não os enterrasse. Fui então até o quarto de Hatch e deixei um pequeno

bilhete - foi esse o bilhete mais tarde encontrando na casa pela polícia.

No mesmo dia, Hatch e eu havíamos visitado algumas lojas grandes, e numa delas obtivemos uma nota de \$500 e outras duas de \$200, as quais, junto com outras notas pequenas, totalizavam uma soma de \$1000, quantia essa que foi levada à Sra. Williams, para pagar o lhe era devido da transação de Fort Worth. Antes de ir embora, Hatch levou ao armazém a nova enxada embrulhada em papel, tencionando colocá-la no baú. Ao ouvir minha objeção de que ela parecia mais inútil do que as coisas que eu acabara de tirar para fazer espaço, ele disse que havia pago por ela e não a jogaria fora.

Na manhã seguinte, eu e minha esposa saímos de Detroit em direção a Toronto às dez horas. A Sra. Pitezel e as duas crianças partiram duas horas depois. Na manhã seguinte, Hatch levou as duas meninas, Alice e Nellie, até a estação e elas fizeram o mesmo trajeto, sozinhas, enquanto Hatch chegou a Toronto por Buffalo, onde ele parou para ver a Srta. Williams.

Eu cheguei a Toronto no início da noite de quinta-feira, dia 18 de outubro, e fui imediatamente ao Walker House. Depois do jantar, fui até a estação e encontrei a Sra. Pitezel e a levei a um hotel próximo. Depois disso, retornei ao Walker House. Na manhã seguinte, tomamos o café da manhã às 8:30. Em seguida, visitei a Sra. Pitezel em seu hotel por cerca de meia hora, indo depois com minha esposa a algumas lojas de peles. Compramos um casaco de peles e retornamos ao Walker House para o almoço. Imediatamente depois embarcamos num longo passeio de carro pelo interior, retornando apenas às dezoito horas. Jantei e, como na noite anterior, dirigi-me à estação. Desta vez, encontrei as duas meninas, Alice e Nellie, que Hatch havia embarcado em Detroit pela manhã.

Coloquei-as numa condução destinada ao Hotel Albion, aos cuidados do administrador da casa, e ao retornar ao Walker, mal tive tempo de me preparar para o teatro, que frequentei naquela noite com minha mulher. Na manhã seguinte, após comer um café da manhã tardio, minha primeira tarefa foi visitar as crianças no Hotel Albion. Encontrei-as em seu quarto, completamente absortas pelo cenário do enorme mercado ao céu aberto do outro lado da rua. Fiquei ali com elas até quase dez horas. Em seguida, fui ao correio, parando em alguns alfaiates no caminho. Cheguei ao correio às 10:30 e lá encontrei Hatch, como havíamos combinado antes de sair de Detroit. Ele havia visitado a Srta. Williams em Buffalo durante sua viagem a Toronto. Em resposta a minha pergunta, disse que o menino Howard estava bem e expressou o desejo de vir para Toronto, mas Hatch achou melhor que ele ficasse e acompanhasse a Srta. Williams, caso ela viesse.

Ele então saiu para procurar, segundo me disse, um quarto para si, concordando em me encontrar no mesmo local às 14 horas.

Segundo um depoimento recente colhido em Toronto, nesse breve intervalo entre 10:30 e 14:00, realizou-se uma visita a um corretor imobiliário numa parte distante da cidade; visitou-se também o dono da casa da rua Vincent: uma visita longa o bastante para se arranjar o aluguel da propriedade, descrever em detalhes a família que viria a habitá-la e conhecer bem o dono; para, em seguida, tomar posse da casa, ir até um vizinho e apresentar-se a ele também e, presumivelmente, almoçar em algum restaurante próximo e comprar alguns móveis para a nova casa. Acrescente-se a isso a probabilidade quase certa de que outras casas foram consideradas, pois seria praticamente inconcebível encontrar uma moradia tão perfeitamente adaptada às necessidades daquela família,

como parecia ser o caso, sem antes consultar outras opções.

Meus movimentos durante as mesmas horas se deram da seguinte maneira: após deixar Hatch nos correios, fui ao hotel da Sra. Pitezel a quase dois quilômetros de distância, parando no escritório do telégrafo por quinze minutos, enquanto se fazia uma busca em outra parte do prédio por telegramas não enviados. Após uma breve ida ao hotel, retornei ao Walker, voltei à casa de peles onde havíamos estado no dia anterior (uma de duas lojas localizadas bem próximas uma da outra, a cerca de dois quarteirões do correio, a norte da rua K). Aqui gastei no mínimo trinta minutos, tendo comprado duas roupas de chuva. Fui em seguida à rua King, onde passei em algumas lojas de acessórios e tecidos. Em seguida, após um bom tempo escolhendo uma bússola de bolso, retornei ao Walker para o almoço, o qual, juntamente com a escrita de duas cartas, me ocupou por pelo menos uma hora inteira.

Fui então novamente ao Hotel Albion, parando no caminho para comprar frutas e brinquedos para as crianças. Na hora combinada, fui até o correio para me encontrar com Hatch. Ele se atrasou e eu aproveitei para fazer algumas compras nas redondezas. Creio que foi nessa ocasião que escolhi o material e tomei as medidas para um terno num alfaiate da rua Young, próximo à esquina da rua do correio.

Ao encontrar Hatch, disse-lhe que me ausentaria da cidade no domingo e perguntei se ele poderia tomar conta das crianças durante minha ausência e levá-las para um passeio de carroça. Ele concordou e, após fazermos alguns outros planos para a semana seguinte, fui novamente ao Hotel Albion e contei às crianças sobre o passeio. Em seguida, fui à loja de acessórios na rua King, cujo dono, se não estou enganado, se chama Dickson.

Quando encontrei os produtos que procurava, retornei à Casa Walker, fiz a barba apressadamente e fui ao hotel da Sra. Pitezel para informá-la que eu estaria fora da cidade no dia seguinte. Peguei o trem das 16:00 ou 16:30 com destino a Niagara Falls.

A essa altura, o baú de minha esposa e o baú grande vindo de Detroit encontravam-se ambos no armazém de Toronto e pedi que fossem encaminhados a Niagara. Comentei com o agente de bagagens que eu não teria necessidade de levar o baú grande. Ele perguntou-me quanto tempo eu tencionava deixá-lo ali e eu respondi que não sabia ao certo, talvez uma semana. Ele me cobrou cinquenta centavos de dólar e disse que não haveria outras despesas se o baú fosse retirado dali a uma semana. Durante minha estadia na cidade, o baú jamais sairia do armazém de Toronto. Passamos o dia 21 de outubro em Niagara, retornando a Toronto por Hamilton no início da noite. Fui logo em seguida ao Palmer House.

Na segunda-feira, o dia foi bastante movimentado e eu retornei ao meu hotel muitas vezes durante o dia. Parte do tempo eu passei com Hatch procurando um local em que ele a Srta. Williams pudessem abrir um respeitável estabelecimento para massagens.

Durante o dia, ele perguntou-me se eu não poderia passar a terça-feira a noite com ele. Dei a entender que sim. Na terça de manhã no encontramos, como havia se tornado nosso costume, no correio, entre 10:00 e 11:00.

Recebi do Oeste novas más notícias e antes do meio-dia já havíamos decidido que as condições favoráveis para negócios que esperávamos encontrar não existiam em Toronto e deveríamos, portanto, partir para a Inglaterra. Hatch era particularmente simpático ao plano, na medida em que, no ano anterior, havia tocado lá um negócio próspero. Escreveu imediatamente à Srta. Williams para

informar-lhe do novo plano, instruindo-lhe também para que encontrasse as duas meninas em Niagara o mais cedo possível.

Ela deveria levar as três crianças para Londres, e a Sra. Pitezel levaria as outras um pouco mais tarde, ou assim que tivéssemos nos estabelecido.

Quando Hatch me pediu novamente para lhe fazer companhia durante a noite, respondi-lhe finalmente que, desde a minha terrível experiência do ano anterior, em que minha vida dissoluta havia resultado na morte de Nannie Williams e particularmente desde o meu casamento, eu havia procurado levar uma vida regrada e achava por bem não desviar desse caminho. Retornei ao Palmer House às 16:30. Mais tarde, ao pensar novamente sobre a questão, conclui que, tendo em vista sua enorme ajuda durante as semanas anteriores, minha recusa de seu convite soava rude e decidi que, se ele tocasse novamente no assunto no dia seguinte, passaria parte da noite com ele.

Com essa decisão em mente, falei à minha esposa no dia seguinte, quarta-feira, que eu talvez retornasse somente mais tarde. Algumas horas depois, no entanto, reconsiderei novamente meu plano e retornei ao Palmer House às 14:30. Como minha mulher estava ausente e o quarto estava trancado, joguei algumas flores que eu havia comprado pela janela da porta.

Durante o dia, comprei uma grande quantidade de pequenos artigos para enviar a meus parentes em New Hampshire e os deixei temporariamente na loja de acessórios que já mencionei. Ao meio-dia, eu almocei com as crianças e de tarde Hatch as levou para um passeio. De noite, acompanhei minha esposa ao teatro, divertindo-me bem mais do que se houvesse aceitado a oferta de Hatch e tivesse que lidar com o sentimento de culpa.

Na quinta-feira, dia 24 de outubro, quando é razoável supor que as duas garotas foram mortas, eu estive ocupado na cidade na parte da manhã. As garotas chegaram ao correio às 10:30 e foram passear com Hatch - enquanto ficamos em Toronto, elas passaram mais tempo com Hatch do que comigo, pela simples razão de que o hotel em que estavam hospedadas era longe demais do meu. Naquela manhã, recebemos a notícia de que a Srta. Williams encontraria as meninas em Niagara no trem da tarde. Elas almoçaram comigo entre 13:00 e 14:00, pois Hatch se encontrava em outro lugar. Depois do almoço, as meninas retornaram a seu hotel por alguns minutos, para vestir roupas mais quentes, as quais eu havia comprado para sua viagem marítima. Mais tarde, encontrei-as novamente e comprei-lhes vários presentes. Também comprei para a Srta. Williams um pequeno broche, que confiei a Alice, junto com um bilhete, que ela deveria entregar pessoalmente à Srta. Williams.

Enviei o bilhete e o broche por meio da menina porque Hatch estava ciente do meu passado com a Srta. Williams e preferi evitar transtornos, pois ele dizia então que a Srta. Williams era sua esposa. Cerca de meia hora antes da partida do trem, que eu creio ter sido às 16:30, estávamos na rua Young. Pedi às garotas que fossem a um restaurante ou padaria próximos e comprassem algo para comer no trem, instruindo-as para que depois fossem a uma loja, onde eu as estaria esperando. Entrei na tal loja para comprar alguns artigos para as crianças quando ouvi uma voz familiar. Virei e me deparei com a Sra. Pitezell e as duas outras crianças.

Menciono aqui seu recente depoimento, realizado em Toronto, a respeito do que então se passou entre nós, e afirmo que tal encontro só pode ter ocorrido neste dia, pois enquanto eu estava lá, perguntei a ela se estava pronta para deixar Toronto aquela noite:

“Estou convencida de que minhas duas filhas estavam em Toronto enquanto eu estava lá. Certo dia, enquanto estava fazendo compras numa grande loja da região, deparei-me com Holmes. Ele disse-me para esperar onde eu estava e ele logo retornaria. Creio que minhas filhas estavam na loja naquele exato momento, e Holmes encontrou uma maneira de tirá-las dali sem que eu as visse.”

Na verdade, elas se encontravam na padaria acima mencionada, e posso apenas dizer que gostaria muito que elas tivessem encontrado a mãe, embora, naquelas circunstâncias, tal evento teria sido infeliz, pelas mesmas razões do ocorrido em Detroit.

Saí da loja imediatamente e levei as meninas ao armazém, onde Hatch me encontrou com alguns pacotes de produtos que havia comprado. Levei as crianças à sala de espera feminina. Dei \$400 a Alice e instruí-a para que fosse até a sala de espera privada e os guardasse num lugar seguro em seu vestido. O dinheiro deveria ser entregue à Srta. Williams. Dei também a cada uma das meninas uma pequena quantidade de dinheiro para eventuais despesas durante a viagem. Escrevi um telegrama, dirigido a mim mesmo, para o hotel do outro lado da rua do Palmer House, para que Alice me enviasse na manhã seguinte, de Niagara, caso não tivessem chegado em segurança à Srta. Williams.

Também lhes dei instruções explícitas sobre onde ficar e lhes disse que iria imediatamente a seu encontro caso houvesse algum problema. Perguntei então se elas estavam com medo de viajar sozinhas. Alice respondeu “Não, não. Mas queria que o Sr. ou Seu Hatch estivessem indo junto.” O trem chegou tão rapidamente que mal tive tempo de me despedir. Decidi então subir no trem, acompanhando-as até Hamilton, onde teriam que trocar de trem, certificando-me de que embarcariam no trem correto.

Durante esse tempo, sentei-me com Nellie; Alice estava no assento da frente. Elas falavam de sua viagem, mandavam lembranças à mãe e ao bebê e perguntaram-me quanto tempo levaria até estarmos todos em Londres. Pedi-lhes que ajudassem a Srta. Williams com o que pudessem, e adverti Nellie sobre as brigas com seu irmão Howard, que eram comuns quando os dois estavam juntos. Disse também que, quando eu chegasse lá, se nenhum dos três tivesse brigado, todos receberiam um presente especial.

Chegada minha oportunidade de sair do trem, despedi-me rapidamente, e me dirigi para a saída. A pequena Nellie me seguiu até a porta do vagão e disse: “Não se esqueça do bebê!”, ergue-se na pontinha dos pés para um beijo de despedida e correu de volta para seu assento. Afirmo aqui, com toda a honestidade, que foi nessas circunstâncias e a essa hora, cerca de 16:20, quinta-feira, 25 de outubro, que vi essas crianças pela última vez.

Retornei imediatamente ao Palmer House e disse a minha esposa que deveríamos sair da cidade na manhã seguinte, e que se ela tivesse mais alguma compra para fazer, que as fizesse imediatamente, pois muitas lojas fechavam cedo. Pela próxima hora, estive ocupado fazendo compras pela cidade e levando-as ao armazém. Hatch chegou às 18:30 e afirmou que o condutor já havia se encarregado de cuidar das crianças. Ele então saiu, concordando em encontrar-me cedo no dia seguinte no hotel para saber se as meninas haviam chegado bem. Retornei imediatamente ao Palmer e jantei.

Logo em seguida, fui ao hotel da Sra. Pitezel e ajudei-a a fazer suas malas e embarcá-las antes das 20:00. O baú grande iria no mesmo trem; mas a Sra. Pitezel e Desse comentaram mais tarde comigo que viram aquele baú ao chegar a Prescott na manhã seguinte, e no dia seguinte o funcionário da alfândega em Ogdensburg, durante sua inspeção, encontrou a enxada que Hatch havia insistido em

guardar ali, e acabou taxando-a por se tratar de um item novo.

Se esse baú tivesse estado na casa da rua Vincent, não teria havido necessidade de ir até a casa dos vizinhos e pedir emprestada uma pá para esconder as provas do terrível crime que se havia cometido ali. Retornei ao Palmer antes de a Sra. Pitezal sair, cerca de 20:00, e durante a noite ajudei minha esposa com seus preparativos para a viagem do dia seguinte. Minha única saída do hotel antes da viagem foi brevíssima, 2 minutos, apenas para ir ao outro lado da rua e checar se as meninas haviam encontrado a Srta. Williams. Supus que sim, pois não havia nenhum telegrama esperando por mim. Hatch estava me esperando lá e disse que ficaria mais um ou dois dias em Toronto para receber sua correspondência e comprar alguns itens para a viagem.

Nesta viagem, não levei nenhum tipo de contrabando. Também não saí de meu hotel em nenhuma ocasião durante a noite, salvo quando acompanhado de minha mulher para ir a algum local de entretenimento; também jamais saí de meu hotel antes das 8:30, exceto nesta última manhã.

A importância de se esclarecer estes fatos se torna evidente quando se considera o depoimento do Sr. Rodgers, que afirma ter visto duas crianças às 13:00, na quarta-feira, e que logo cedo na manhã seguinte a pá que ele havia emprestado lhe foi retornada.

Numa conversa informal sobre o assunto, o Sr. Rodgers afirmou repetidas vezes que o episódio se deu bem cedo, antes do horário normal do despertar.

O Sr. Rogers afirma também que “Algum tempo depois - de acordo com uma versão, alguns dias depois - as chaves foram deixadas comigo; Creio piamente que as crianças foram mortas e enterradas durante a noite. Quinta-feira, 25 de outubro; a pá foi devolvida antes das 8:00 - pois nesse

horário Hatch estava no hotel - as roupas foram lentamente queimadas durante o dia” - tudo isso enquanto eu seguia rumo a Prescott, no Canadá, uma viagem de trem de quase oito horas. Chegando a meu destino, me hospedei no Imperial Hotel antes das 16:30.

O leitor deve estar se perguntando: como posso me recordar de um ocorrido num sábado, quase um ano antes da redação destas páginas, e distingui-lo de episódios ocorridos no dia anterior ou em qualquer outro dia menos importante? Ao ouvir pela primeira vez da morte das crianças, eu não estava em condições de afirmar nada peremptório em relação àquele dia em particular. Apenas depois de considerar a questão por horas e dias a fio, como só faz um homem cuja vida depende de um tal esforço, consegui arranjar os fatos na minha mente na ordem a seguir:

Certifiquei-me primeiro, por meio de notas escritas, de que havia chegado em Toronto na quinta-feira, dia 18 de outubro. No dia seguinte, uma sexta-feira, pude asseverar que não havia comprado nada, exceto o casaco de peles já mencionado, pois esta compra nos tomou a manhã inteira e nosso passeio ocorreu no mesmo dia - fato que ficou firmemente gravado em minha memória pela lembrança da carruagem que veio até o Walker House. Estou certo de que esses eventos se deram na sexta-feira, pois na tarde seguinte fomos a Niagara, e durante o resto de nossa estada ficamos no Palmer. Lembro também que a segunda compra na loja de peles, a das roupas de chuva, foi feita no dia seguinte à nossa primeira compra, sendo essa lembrança reforçada pelo fato de que, ao retornar de Niagara no dia seguinte a essas compras, houve um atraso de algumas horas em Hamilton. Como o tempo lá fora o demandasse, fui até o vagão de bagagens e, após uma longa conversa com o funcionário responsável, pude abrir o baú para pegar a roupa de chuva.

Esse episódio me fez lembrar que a bússola havia sido usada em Niagara, o que prova que este item também fora adquirido no dia anterior. Isto me fez pensar, por sua vez, que a compra fora realizada enquanto eu caminhava de uma loja a outra, à procura de roupas íntimas, que eu compraria mais tarde, o que prova claramente que eu fora a, pelo menos, dez outros estabelecimentos com o mesmo propósito antes de encontrar o artigo desejado.

Meu terno seria entregue na terça-feira seguinte, se possível, no máximo na quarta-feira, e eu deveria ir até a loja para prová-lo. Se as medidas tivessem sido tomadas na segunda-feira em vez de no sábado e eu fosse fazer a prova no dia seguinte, a loja não poderia tê-lo prometido para terça. Apesar de não saber os nomes das lojas, tenho convicção de que os livros de contabilidade e recibos de entrega de ao menos três estabelecimentos responsáveis mostrarão que eu estava fazendo compras em suas lojas no exato horário em que se juraria, depois, que eu estivera em partes remotas da cidade conversando amigavelmente com o dono e vizinho da casa da rua Vincent.

Daí em diante o restante de minha viagem foi realizado com transporte particular, atravessando uma terrível tempestade de neve. Minha pena não poderá fazer jus ao reencontro com meus pais já idosos e, mesmo que fosse capaz de fazê-lo, não o publicaria. Bastará dizer que cheguei até eles como se tivesse vindo do além-mundo, pois, até minha carta de alguns dias antes, eles me tomavam há muito por morto.

Após abraçá-los e olhar mais uma vez em seus queridos rostos, meus olhos se encheram de lágrimas, que ajudaram a encobrir momentaneamente os sinais da idade que meus sete anos de injustificado silêncio haviam contribuído sobremaneira para aumentar.

Pelos próximos dois dias, tentei me sentir com um menino novamente e, sempre que me encontrava sozinho por alguns minutos, ia de quarto em quarto, acariciando todos aqueles objetos familiares, abrindo cada armário e gaveta com a mesma liberdade de vinte anos atrás.

Encontrei aqui algumas cartas escritas a minha mãe quando eu era garoto, e mais tarde como jovem rapaz; havia também cartas que eu lhe enviara quando já médico, dando-lhe instruções precisas sobre sua saúde; por fim, encontrei a carta escrita no dia anterior à minha suposta morte. Estavam lá também brinquedos que me foram preciosos na infância e velhos trajes cuidadosamente guardados, especialmente aqueles que eu vestira e que minha mãe tinha separado dos demais, por me imaginar morto.

Ademais, sempre fui considerado um “queridinho da mamãe”. Fui até o quarto em que, inúmeras vezes, ela ministrou lições de fé e rezou comigo. Se eu fosse o cristão devoto que minha mãe se esforçara tanto para eu fosse, poderia ter me ajoelhado para orar por um rumo ao lado da velha cadeira na qual ela tantas vezes sentou comigo. Eu não poderia continuar ali. Sentia que era um lugar sagrado demais para que o visitasse então e, com lágrimas nos olhos, que vêm novamente enquanto escrevo, fechei relutantemente a porta e saí.

Mais tarde, visitei o que havia sido meu quarto, encontrando-o da mesma maneira como o havia deixado vinte anos antes. Muitos de meus antigos livros escolares estavam ali, mas minhas posses mais preciosas, embora sem nenhum valor monetário, encontrava-se em outro lugar, do qual agora as retirava cobertas de pó. O primeiro objeto era uma complicada engenhoca que, quando concluída, resolveria o problema do moto perpétuo; havia ali também um pedaço de moinho de vento arranjado de maneira tal a produzir um barulho capaz de espantar os

corvos do milharal; em seguida, encontrei algumas pequenas caixas contendo quase tudo, desde um dente, o primeiro que me recorde de ter extraído, até um maço de notas com palavras meigas e uma foto de minha primeira namorada. Tais experiências se repetiram nos próximos dias quando eu dirigi até a antiga fazenda que pertenceu a meu avô. Aqui, minha mãe passara sua infância e adolescência. Eu também havia morado lá por um tempo e não fui embora até encontrar minhas “marcas” registrando minha altura em diferentes momentos, a primeira das quais não tinha nem um metro. Explorei também o quintal e os celeiros. Muito havia mudado por aqui, e até mesmo minhas iniciais, gravadas profundamente no tronco de um dos olmos que cresciam lentamente, haviam sido apagadas. Isto me tocou profundamente, pois fazia lembrar o que havia se passado com meu próprio nome e, determinado a encontrar uma lembrança inalterada, fui até um grande rochedo numa montanha próxima, cruzando com grande dificuldade o córrego que em meus anos de infância não oferecera nenhum obstáculo a meus pés descalços.

Chegando lá, ergui a voz e pronunciei as mesmas palavras que usara quando criança, esperando a resposta do eco. Ela não veio; o eco havia sumido também, pois as florestas que cercavam as montanhas também haviam desaparecido. Ao voltar para casa, deparei-me com meu irmão, que atendera a meu pedido de visita. Ela vinha acompanhado de alguns meninos fortes que eu nunca havia visto, e em cujos rostos se enxergava eu e meu irmão de anos atrás; porém quando, no meio de nossa conversa, se referiram ao pai como “Arthur”, não pude deixar de pensar no tamanho do castigo que teríamos recebido se algum dia tivéssemos nos endereçado assim a nossos pais. No dia anterior a minha volta, meu pai me contou do arranjo que havia feito quando pensou que eu havia morrido, da porção de sua propriedade que teria sido destinada a mim em seu

testamento e me disse que o alteraria. Eu implorei para que ele não o fizesse e, apresentando-se assim uma boa ocasião, pedi a ele que buscasse em seu baú as várias notas promissórias que ele me havia garantido em anos anteriores, as quais mais tarde havia pago, e o reembolsei com juros. No dia seguinte, depois de uma despedida quase tão patética e difícil de suportar quanto nosso encontro, eu parti. Nunca mais os vi desde então, nem tenho esperança de vê-los novamente. Na prisão, recebo cada correspondência com mãos trêmulas, temendo ler o obituário de meus pais, sua morte causada pela grande dor e vergonha que eu tão cruelmente lhes impus.

Na manhã seguinte a meu retorno para Burlington, visitei o correio e recebi minha correspondência. A correspondência me foi entregue e eu havia ido até uma pequena mesa para abri-la quando, lançando um olhar para a janela de entrega, vi o que parecia ser toda a equipe do escritório me encarando com ar de espanto. Soube imediatamente que estava em perigo, o que só ficou mais claro pela maneira com a qual eles procuraram disfarçar sua suspeita, afastando-se da janela. Voltei à minha leitura imediatamente, pois intuí que seria arriscado deixar claro minha ciência de seus atos. Assim que pude fazê-lo em segurança, fui até a casa da Sra. Pitezel e disse-lhe que eu havia sido chamado às pressas para Boston e Nova Iorque e que ela deveria permanecer em Burlington até o meu retorno antes de se juntar a seus filhos. Nesse momento (quando eu sabia que havia a possibilidade momentânea de que a polícia viesse até ali para me prender), ela me lembrou que o carvão estava quase acabando. Para evitar sair à rua, acompanhei a Sra. Pitezel até o porão e, após remover algumas das tábuas podres do piso da caixa de carvão, juntei com uma pá uma quantidade considerável de carvão que havia se acumulado ali. Foi essa circunstância que, mais tarde, quando ela sofria tão agudamente em

Toronto, a Sra. Pitezel distorceu, afirmando que me preparava então para tirar sua vida. Os despachos que eu havia recebido naquela última correspondência não deixavam dúvidas quanto à perseguição dos detetives, embora naquele momento eu não pudesse determinar ao certo como eles haviam descoberto meus planos. Mais tarde descobri que, por meio de afirmações absolutamente falsas ao departamento de Correios de Washington, eles haviam obtido permissão para examinar certo tipo de correspondências, atingindo assim seu objetivo.

Tendo combinado aqueles detalhes com a Sra. Pitezel, saí de Burlington na terça-feira de manhã, dia 13 de novembro e cheguei a Boston na mesma noite no Adams House. No dia seguinte, reservei alguns quartos numa rua calma pra mim e minha mulher, e passei imediatamente a providenciar a ida da Sra. Pitezel à Europa. Mas naquela noite, enquanto escrevia algumas cartas no Parker House, acabei flagrando um detetive descuidado. Assim como fizera em Burlington, tentei disfarçar minha consciência da situação, mas dali em diante soube que não poderia mais escapar. Após sair do hotel e adentrar algumas lojas cheias para tentar descobrir o número e a qualidade de meus perseguidores, adotei a única medida que considerei ainda factível. Escrevi uma carta à Sra. Pitezel pedindo que me encontrasse num certo dia em Lowell, Mass., para que eu pudesse vê-la e instruí-la sobre como fazer a viagem sozinha. Após despistar os detetives, enviei essa carta a Burlington pelo expresso. Em seguida, retornei a meu quarto, planejando contar tudo a minha mulher, mas não consegui fazê-lo.

Estávamos casados a menos de um ano, e durante esse tempo eu procurei protegê-la de todo o mal, de modo que causá-la agora tamanha infelicidade me era impossível. Durante o dia seguinte, fui constantemente vigiado. Quando finalmente retornei a meu quarto e enquanto minha mulher

estava ausente, fiz uma pequena abertura no hoje famoso baú.

Fui então à casa de um parente que morava num subúrbio, com a intenção de pedir a ele que me ajudasse a escapar. Aqui, mais uma vez, faltou-me coragem. Receando também que envolvê-lo em minha fuga lhe acarretasse problemas futuros, voltei ao meu quarto decidido a encarar o que quer que o destino me reservasse.

Na tarde de sábado, dia 17 de novembro, saí de casa com a intenção de mandar duas cartas. Eu mal havia percorrido um quarteirão quando fui rodeado por quatro homens bastante agitados, dois dos quais me disseram: “O Sr. está preso, e não adianta tentar escapar, pois estamos em quatro.”, ao que eu respondi, “Não farei nenhum esforço de fuga.” Estávamos próximos à central de polícia, onde fui imediatamente levado ao escritório particular do inspetor Watts. Eu sabia que os detetives iriam imediatamente ao meu quarto para vasculhar meus pertences, de modo que pedi que minha mulher fosse trazida à minha presença, preferindo eu mesmo contar a ela o que lhe aguardava. O pedido foi atendido e dentro de poucos minutos ela adentrava o escritório do inspetor.

Esta cena também é impossível descrever. Além de nós dois, apenas o inspetor Watts estava presente e jamais esquecerei seus esforços para facilitar tanto quanto possível as coisas para ela - para nós dois, na verdade. Conte-i-lhe a razão da minha prisão e também meu nome verdadeiro. Apenas esposas igualmente dedicadas e carinhosas, que sofreram um golpe igualmente devastador, saberão como ela se sentiu. Somente elas compreenderão os sentimentos que ela expressou numa carta meses depois, da qual, por mais sagrada que seja para mim, citarei as seguintes palavras: “Uma vez que nossos ídolos se quebram - por mais que façamos um esforço para celebrar seus fragmentos - jamais serão os mesmos.” Depois que ela

retornou a nossos aposentos, tive uma longa conversa com o Inspetor Watts, um representante da Companhia de Seguros e um detetive da Pinkerton. Descobri então que fui preso sob a acusação de roubar cavalos no Texas e que sob ela continuaria detido até que os documentos necessários fossem obtidos na Pensilvânia para que fosse a julgamento naquela estado sob a acusação de conspiração para fraudar a Companhia de Seguros na Filadélfia. Dispensei imediatamente a necessidade dos documentos de requisição e disse-lhes que estava pronto para partir com eles.

Na sequência, fui questionado em detalhes a respeito do paradeiro da família Pitezel, e sabendo que a Sra. Pitezel estaria em Lowell em alguns dias, sem ninguém para lhe instruir e temendo que lesse sobre minha prisão e ficasse alarmada, achei melhor contar-lhes onde ela estava, pedindo-lhes que a abordassem quando ela estivesse chegando em casa. Eles acharam melhor ir a Burlington e lá se combinou que eles a levariam até Boston, sem, no entanto, prendê-la. Disse-lhes que Pitezel e as outras crianças estavam no Sul, a fim de não contrariar as expectativas da Sra. Pitezel até que pudesse vê-la pessoalmente. Durante minha entrevista com o Sr. Perry, o representante da empresa de seguros, concordou-se que, em consideração de minha colaboração, a companhia usaria de sua influência para ajudar minha esposa a encontrar uma casa adequada na Filadélfia; que meu nome verdadeiro, então pouco conhecido, seria omitido, e eu apareceria diante do público como H. H. Holmes, poupando assim o nome da família e meus parentes da desgraça pública; que, ademais, ao chegar à Filadélfia, eu poderia visitar a Sra. Pitezel para ajudá-la a planejar seu futuro e que a minha mulher poderia me ver. Nenhuma das promessas foi cumprida, salvo a de auxiliar minha mulher na busca por uma casa, e somente o fizeram para,

aproximando-se dela, poder envenená-la contra mim e dissuadi-la de visitar-me.

Na segunda-feira seguinte, eu parti para a Filadélfia na companhia do detetive Crawford. Na verdade, estava acorrentado a ele. Durante essa viagem, minha esposa veio até o vagão onde eu viajava para me ver por alguns minutos e, enquanto estava lá, viu a Sra. Pitezel e seus dois filhos pela primeira vez, pois eles se encontravam no mesmo vagão. Minha esposa não sabia nem da existência de tal família até minha prisão em Boston. Ela sabia de Pitezel, mas o conhecia sob o nome de Lyman.

Ao chegarmos à Filadélfia, fui colocado em uma cela escura no prédio da prefeitura e lá as coisas pioraram muito de figura. Fui proibido de ver ou falar com minha esposa, a não ser que ela estivesse seriamente doente. A Sra. Pitezel e seus dois filhos estavam presos comigo, mas só fiquei sabendo disso porque ouvia suas vozes ou os gritos das crianças - eu estava incomunicável. Após algum tempo, fui levado ao departamento de fotografia, pesado e medido, um processo já muitas vezes comentado para despertar qualquer interesse. Direi apenas que é levado a cabo de maneira tão cientificamente preciso que um indivíduo submetido a ele dificilmente escapará de futuras detecções. Mais tarde, minha fotografia foi tirada com o que deveria ser uma câmera mágica, a julgar pelas mil e uma reproduções diferentes que foram impressas em poucos instantes. Depois de retornar à minha cela, recebi a visita do superintendente Linden, que me recomendou abdicar de meu direito a um advogado. Crendo possível ganhar seu favor, segui por um tempo seu conselho. Ele também tentou me convencer a contar-lhe a exata localização de Pitezel. Na sexta-feira, dia 23 de outubro, fui levado à prisão sob acusação de conspiração, mas antes dei um depoimento detalhado sobre o envolvimento de nosso advogado com o caso, pois havia descoberto que ele fora a razão de meus

problemas. Ele estava então mantendo um perfil discreto, contando com sua reputação como membro de um influente escritório de advocacia para evitar problemas com a lei.

Os acontecimentos dos meses seguintes serão melhor descritos pelo meu diário da prisão, que está agora diante de mim. Seleccionarei as partes que dizem respeito mais particularmente ao meu caso, mas não sem antes comentar que durante toda a minha vida eu sempre fora ativo e fizera muitos exercícios ao ar livre e que, por conta disso, e da constante preocupação com a segurança e finanças de minha esposa, pareceu-me por um tempo que eu morreria sob os efeitos do confinamento.

O diário de Moyamensing

Noite de sábado, 24 de novembro de 1894 - Faz hoje uma semana que fui preso em Boston e, após uma audiência preliminar, fui trazido aqui para a Filadélfia, onde fiquei inicialmente confinado na sede da polícia na prefeitura. Ontem de tarde, fui colocado numa condução lotada, repleta da escória da humanidade e depois do que me pareceu um trajeto infinito, cheguei à prisão estadual, localizada entre as ruas 10 e Reed, conhecida como Moyamensing. Fui levado a uma cela asséptica, pintada de branco, 3x5m aproximadamente, iluminada por uma pequena janela gradeada. O acesso à cela é fechado por uma pequena porta de ferro treliçada, para além da qual há ainda outra porta sólida de madeira, a qual, quando fechada, isola quase todo e qualquer som, tornando o ambiente parecido com uma cela solitária. Um registro fornece calor de fôrnalha e um queimador elétrico provê luz durante parte da noite, sendo desligado pontualmente às 21:00. O superintendente da prisão veio até minha cela esta

manhã por alguns minutos, e instruiu-me sobre as regras da prisão. Meu advogado, o Sr. Shoemaker, também me visitou, assegurou-me que minha esposa viria me ver na segunda-feira e que seu estado de saúde já não era grave, o que me tirou um grande peso da consciência. Desde que cheguei, serviram-me três refeições e creio já poder julgar a qualidade da comida que terei enquanto estiver aqui. Para o café de manhã, uma quantidade generosa de café preto e uma pequena quantidade de um pão branco rústico; ao meio-dia um pequeno balde cheio de sopa, reforçada com cevada e alguns grãos de feijão, além de um pedaço grande de bife; às 17:00, fiquei positivamente surpreso ao receber uma quantidade liberal de cacau, feito, creio eu, a partir das cascas da fruta - uma bebida bastante saudável para alguém tão restritamente confinado. O líquido era acompanhado de mais um pedaço de pão. Esta era a última refeição do dia. Uma coisa é certa: mesmo sem grande variedade, a comida é limpa e servida em quantidades suficientes.

Domingo, 25 de novembro, 1894 - Um dia longo e parado, duplamente difícil de suportar, pois desde o meu casamento os domingos se transformaram em dias de deleite, com longas caminhadas, leituras e passeios de carro. Às 15:00, a porta exterior de minha cela foi aberta alguns centímetros para permitir a entrada do som da missa que se realizava aquela hora e que iria até as 16:00, consistindo principalmente de cânticos, alguns dos quais são muito bonitos.

26 de novembro de 1894 - Minha esposa veio me visitar às 9:30. Eu tinha sido proibido de vê-la desde a minha chegada na Filadélfia e tive que juntar toda a coragem de que dispunha para ir vê-la em circunstâncias tão humilhantes. Nosso encontro se deu na presença de um dos funcionários da prisão. Ela estava sofrendo, e embora tenha tentado heroicamente escondê-lo de mim, eu o via

claramente; ter que me despedir dela em alguns poucos minutos e saber que ela voltaria ao mundo com um fardo tão pesado para carregar me causava mais sofrimento que quaisquer agonias pré-morte. Cada dia que passar até que ela se veja livre de perigos e importunações será para mim o inferno na terra. Fui informado de que tenho direito a duas visitas semanais, que não deverão exceder 15 minutos. Se ela aguentar a humilhação de vir até aqui, será uma benção para mim, mas não a forçarei.

Terça-Feira, 27 de novembro, 1894 - Recebi hoje uma visita do meu advogado. Ele pode visitar somente a minha cela e conversar comigo a sós. Nosso tempo foi ocupado, sobretudo, em planejar a fiança da Sra. Pitezell, que deve ser posta em liberdade a qualquer custo. Ameaçam prender-me sob a acusação de homicídio se eu próprio pagar a fiança, o que é apenas outra forma de dizer que ficarei aqui até que eles decidam, a seu bel-prazer, o momento de meu julgamento; se eu for acusado de assassinato, a fiança não será aceita. Enviei cartas à Srta. Williams. As outras duas crianças estão aqui na Filadélfia e fui assegurado de que estão bem cuidadas. Fiquei positivamente surpreso hoje ao descobrir que presos sem sentença podem receber alimentos de fora da prisão, às suas próprias custas. Conceberei um esquema para obtê-los regularmente. Posso também comprar todos os jornais e periódicos que desejar. Afora esses usos, o dinheiro aqui na prisão não tem absolutamente nenhum valor.

28 de novembro de 1894 - Minha esposa veio me visitar novamente, hoje com aparência mais forte e saudável. Desta vez, ela recebeu um banco para sentar-se do lado de fora da cela, embora um guarda estivesse presente durante toda a visita. Vejo com demasiada clareza o tamanho do esforço que ela deve fazer para vir até esse lugar horroroso. Ela vê mais da prisão ao cruzar seus corredores para ir e vir do que eu mesmo, e para alguém de natureza sensível

como ela, trata-se de uma experiência bastante difícil. Fui informado hoje de que, após concluir algumas cartas de negócio importantes que estou escrevendo, devo restringir minha correspondência a uma carta por semana. Todas as correspondências são inspecionadas no escritório da administração. Creio já ter perdido quase dez quilos desde o dia em que fui preso, mas estou mais acostumado a meus arredores peculiares e a minha cama de palha. Durmo melhor. A grande humilhação de sentir que sou um prisioneiro me é muito mais penosa do que todos os outros desconfortos que tenho que aguentar. Percebo uma diferença significativa, no entanto, entre minha banqueta de madeira e uma confortável cadeira de escritório ou de balanço. Ainda assim, sinto que há muito por que ser grato, na medida em que até o momento posso usar minha própria roupa, bem como meu relógio e outros pequenos pertences com os quais pude ficar. Agradeço sobretudo o fato de não ter que usar o traje de prisioneiro.

3 de dezembro de 1894 - Comecei a escrever um relato verdadeiro e cuidadoso de todas as questões pertinentes ao meu caso, incluindo o fato de que Pitezel está morto e as crianças estão com a Srta. Williams. Assim que o tiver concluído, solicitarei a meu advogado que o entregue às autoridades para que possam tirar as provas de meu relato.

Sinto que eu poderia tranquilamente ter prosseguido com a mentira a respeito de Pitezel (que ele estava vivo) e da substituição do corpo se com isso houvesse algo a ganhar, mas a Sra. Pitezel deveria a todo custo saber a verdade antes de as crianças retornarem, para que se evitasse a pergunta sobre seu paradeiro e se gerasse pretexto para que a acusação intuísse haver outros motivos que me levaram a esconder o verdadeiro estado de coisas.

25 de dezembro de 1894 - Natal. Não receberei presentes e enviei apenas algumas flores a -----, pois sinto que qualquer lembrança do ano anterior tornaria as coisas

mais difíceis para ela. Também não escreverei muito hoje à noite. Hoje não tive janta. Amanhã será outro triste aniversário e um dia difícil de suportar.

Primeiro de janeiro de 1895 - Ano Novo. Passei o dia ocupado formulando um plano metódico para minha vida na prisão, ao qual irei aderir com máxima rigidez daqui em diante. Se não o fizer, a terrível solidão destes dias sombrios de inverno irá logo me derrubar. Despertarei às 6:30 e, após tomar meu costumeiro banho de esponja, limparei meu quarto e o arrumarei para o dia. Minhas refeições serão às 7:30, 12:00, 17:00 e 21:00. Não comerei carne de qualquer tipo enquanto estiver tão rigidamente confinado. Até às 10:00, todo o tempo não usado de outra forma será dedicado a exercícios e à leitura dos jornais matutinos. Das 10:00 às 12:00 e das 14:00 às 16:00, seis dias da semana, me debruçarei sobre antigas obras médicas e outros estudos universitários, incluindo estenografia, francês e alemão. O resto do dia será dedicado à leitura dos periódicos e outros livros que ----- me supre regularmente. Deitar-me-ei às 21:00 e assim que possível me forçarei a dormir a noite inteira sem interrupções. Recebi hoje uma carta extremamente amável de minha esposa, repleta de palavras de encorajamento. Mas cada dia que passa parece mais difícil de suportar.

9 de janeiro - Abandonamos por enquanto todas as esperanças de conseguir liberdade para a Sra. Pitezell. A companhia de seguros, interpretando erroneamente nossas intenções, está determinada a mantê-la sob seu controle. Estão fazendo de tudo para me impedir de resolver satisfatoriamente meus assuntos comerciais, além de induzirem minha esposa a me abandonar. Deparei-me com esse dois versos em minhas leituras de hoje:

“Sei apenas que o céu perdera seu azul,
Os dias sem graça e as noites sombrias”

Eles descrevem tão perfeitamente minha condição que não pude deixar de transcrevê-los aqui.

25 de janeiro - Tive hoje uma longa e silenciosa conversa com minha esposa na prefeitura, onde eu havia sido levado para ser entrevistado pelas autoridades. Agora de noite, sinto-me melhor e mais forte do que em muito tempo. Da prefeitura, enviei um anúncio à Srta. Williams. Mande também um grande número de cartas de negócio, já que não havia lá nenhuma restrição a isso.

Em fevereiro, o Sr. Shoemaker foi ao Oeste e ao Sul para resolver meus assuntos comerciais; ele se ausentará por duas semanas. Devido à ingerência da companhia de seguros, propriedades pelas quais eu teria recusado \$50,000 até três meses atrás, e algumas das quais não teria vendido em hipótese alguma, terão que ser sacrificadas para obter apenas metade daquela soma.

Primeiro de março - Comecei hoje a me preparar para o meu julgamento. o Sr. S. P. Rotan atuará juntamente ao Sr. Shoemaker como advogado auxiliar. Até o momento, não dediquei grande tempo a esse trabalho, mas de agora em diante dedicarei a ele duas horas diárias.

12 de março - Li Trilby e algumas partes me agradaram sobremaneira. Minha mulher trouxe-me também algumas belas flores, que remetiam tão fortemente a nossa vida pregressa que acabei tendo que escondê-las.

13 de março - Os dias estão se alongando rapidamente: hoje o sol brilhou em minha cela por alguns minutos pela primeira vez desde que cheguei aqui.

16 de maio - Meu aniversário. Completo hoje 34 anos de idade. Pergunto-me se, mantendo a tradição dos anos anteriores, minha mãe escreverá. Estive na prefeitura e pedi novamente ao assistente da Promotoria para que meu caso fosse abandonado e para que eu fosse imediatamente julgado pela acusação de ter matado Pitezal, pois sinto que

quando mais cedo eu resolver esse assunto, melhor, dada a agressividade das acusações contra mim dirigidas. Mas eles se negaram terminantemente a atender meu pedido, alegando que eu desejava apenas evitar servir pena pela acusação menor. De modo que a única satisfação que obtive quando apelei para que a acusação de conspiração fosse julgada de imediato, para que a Sra. Pitezel fosse posta em liberdade, foi a de dizer, “Não se preocupem com a Sra. Pitezel; tomaremos conta dela e também lhe daremos tudo o que vocês querem antes de nos livrarmos de vocês.” Contratei o Sr. R. O. Moon como advogado especial.

21 de maio - Hoje meu caso foi a julgamento e entrei com uma declaração formal de inocência. O julgamento foi postergado. No dia 27 de março, voltei ao tribunal, localizado no prédio da prefeitura. Fui transportado pela mesma condução que me levara à prisão, há mais de seis meses, fui conduzido por dois oficiais até a sala do tribunal e levado até um pequeno compartimento no centro do recinto. Após um pequeno atraso, a corte iniciou a sessão, presidida pelo juiz Hare. A seleção do júri fora expedita, pois os indivíduos convocados pareciam ser, quase sem exceção, ao mesmo tempo inteligentes e honestos. Após fazer os juramentos, o promotor levantou-se e falou à corte. Até aquele momento, eu não considerava o meu caso como sério pois, após haver entregue às autoridades, alguns meses antes, minha declaração escrita afirmando que Pitezel estava morto, parte da promotoria e a companhia de seguros disseram abertamente que acreditavam no meu testemunho. Sabendo eu mesmo que sua morte tinha de fato ocorrido, imaginei que, afora a acusação de conspiração, não haveria muito mais do que se defender; mas quando a promotoria incluiu no caso questões totalmente alheias às acusações de conspiração, senti que poderiam influenciar o júri. As autoridades também trouxeram a Sra. Pitezel ao tribunal. Arranjou-se para que

ela sentasse numa seção proeminente da sala. Mais tarde, ao dar seu depoimento, uma das testemunhas deu a entender que eu havia mutilado a sangue frio o corpo de Pitezel a fim de iludir a companhia de seguros. Estava claro que a promotoria iria aumentar e dilatar cada ponto que pudesse ser convertido em seu favor.

Durante a sessão da tarde, fui informado de que minha mulher havia sido intimada a comparecer ao tribunal, em flagrante violação a um acordo que eu havia feito com a empresa de seguros, estipulando que ela não seria usada como testemunha ou de modo algum importunada com o caso - eu preferiria servir uma pena mais longa do que submetê-la a tal humilhação. Ao final daquela sessão, fui também informado de que a promotoria estava preparada para convocar como testemunhas os médicos acima referidos, que viram o corpo na rua Callowhill. Ambos certamente jurariam que o corpo lá encontrado não poderia ser o de Pitezel, o que eu não poderia refutar. Naquela noite, após considerar todos os eventos do dia, resolvi pedir aos meus advogados que alterassem a declaração inicial, contando que eles conseguiriam provar à corte, mais tarde, no dia de minha sentença, que apesar de ter havido um acordo para realizar a fraude sob certas circunstâncias, não havia uma conspiração ativa quando da morte de Pitezel e que, sendo a morte genuína, a companhia de seguros não fora fraudada. Eu esperava que isso, juntamente com o fato de que eu pouparia à corte pelo menos uma semana de processo, faria com que o juiz reduzisse minha pena pela metade. Eu poderia então ir ao Texas em outubro, a tempo de resolver meus assuntos comerciais lá antes de incorrer em grandes perdas em função do atraso. Antes de finalizar a sessão, o juiz declarou que eu teria direito aos seis meses de pena que eu já cumprira, o que eu apreciei enormemente, sobretudo por tratar-se de uma decisão discricionária. Mais tarde, fui chamado ao escritório

particular do promotor, fazendo lá uma declaração sobre o provável paradeiro das crianças, contando-lhes tão fielmente quanto possível todos os fatos que pensei que poderiam ajudá-los na busca, entregando-lhes também mais tarde o código que eu utilizava para me comunicar com a Srta. Williams. Em seguida, retornei à minha cela em Moyamensing.

No dia 18 de junho, fui levado ao tribunal como testemunha no caso contra Howe; mas como houve um longo adiamento, não fui chamado a testemunhar. Pouco tempo depois, um de meus advogados, após longos e cuidados preparos, foi a Londres, onde fez por mim o duro trabalho de tentar localizar as crianças perdidas, procurando-as nos endereços que Hatch me havia passado. A afirmação feita pelo assistente da promotoria, de que eu havia enganado o meu advogado, enviando-o a uma missão que eu sabia de antemão inútil, é simplesmente uma das muitas afirmações que atestam falta de discernimento e bom juízo que se espera encontrar no indivíduo que ocupa tão importante posição

Perto do final do mês, recebi uma visita do detetive Guyer e, durante uma longa conversa, fiz um genuíno esforço para pô-lo a par de todos os fatos que eu cria fundamentais para auxiliá-lo na busca, que considerava bem-vinda e consoante às minhas declarações anteriores. Intuí que, ao seguir passo a passo minhas coordenadas e concluir que eu não o estava enganando, ele retornaria mais aberto a crer outras declarações menos facilmente prováveis; julgo não ser necessário dizer a qualquer leitor inteligente que, se eu soubesse da morte e enterro das meninas em Toronto e desejasse escondê-la, eu teria evitado qualquer menção às outras casas para onde se levou alguma mobília e, em um dos casos, onde se realizou uma escavação. Presumi que se o Sr. Guyer fosse convocado como testemunha certamente afirmaria que,

sem a minha ajuda, prestada por livre iniciativa, e sem as declarações detalhadas e desenhos destes lugares cuja exata localização eu havia esquecido, sua busca teria sido um fracasso, pois não teria tido motivo para conduzir tal investigação em Toronto.

Na manhã do dia 16 de julho, meu jornal foi entregue às 8:30 e mal o tinha aberto quando vi, anunciado em letras garrafais de manchete, o anúncio da descoberta das crianças em Toronto. Num primeiro momento, aquilo me pareceu tão inconcebível que pensei tratar-se de mais um artigo sensacionalista dentre os vários que haviam circulado durante o início do processo. Ao lê-lo com calma, no entanto, convenci-me de que de fato algum corpo fora encontrado lá e, vendo que a data em que a casa fora alugada coincidia com a da estada das crianças em Toronto, fui obrigado a concluir que a manchete estava correta. Diante de tal horror, não consegui mais ler o artigo. Vi diante de mim os dois rostinhos como da última vez que estive em sua presença, enquanto saía apressadamente do trem, senti o beijo inocente de Nellie, tão tímido, e ouvi mais uma vez suas palavras de despedida. Eu tinha agora mais um fardo para carregar, igualmente terrível, se não pior, que os horrores da morte de Nannie Williams.

Creio que, a esta altura, teria sofrido um colapso total se não tivesse sido chamado às pressas ao escritório da promotoria. Fui transportado com algemas e acompanhado de mais dois policiais. Foi somente então, ao ver essas precauções extras sendo tomadas, que me dei conta da terrível reviravolta que afetaria todo o meu caso. Ao chegar à prefeitura, o promotor assistente veio até mim. Eu não estava em condições de ouvir suas acusações, nem disposto a responder muitas de suas perguntas. Senti que deveria informá-lo que eu já havia lido os jornais matutinos e, quando ele me perguntou onde o corpo do menino poderia ser encontrado, respondi-lhe que, em razão do ocorrido em

Toronto, eu tinha razões para acreditar que ele estaria enterrado próximo à casa de Detroit. Ele então me acusou de tê-lo matado em Detroit e destruído seu corpo queimando-o numa fornalha que se encontrava no porão. Esta acusação eu neguei com veemência, assegurando-lhe que o corpo não poderia ter sido queimado por quem quer que fosse, pois eu estivera na casa em duas ocasiões e, caso restos humanos tivessem sido cremados lá, ainda que numa data longínqua, o odor teria sido perceptível. Não vi o promotor durante essa entrevista, ao cabo da qual fui imediatamente levado de volta para a prisão.

Pelas quarenta e oito horas seguintes, eu pensei muito, estudando em detalhe cada passo de nossa viagem desde o momento em que Hatch se juntou a nós; mas o que me parecia incompreensível então, e mesmo agora, era como um homem sensato faria algo tão arriscado, mesmo sem outros escrúpulos que o contivessem. No entanto, eu estava certo de que fora ele o autor do crime, pois se outra pessoa tivesse cometido tal atrocidade, a não-chegada das crianças nos teria sido informada. Sei também que a pequena soma de \$400 que eu lhes confiara momentos antes de sua morte não poderia ser incentivo suficiente para o ato, de modo que fui forçado a procurar os motivos em outro lugar. A única conclusão plausível é que o crime foi cometido por sugestão da Srta. Williams, executando sua ameaça do ano anterior, a qual, em razão de nossa recente amizade, eu cria abandonada. Provavelmente ela também buscava dar sustentação à teoria (caso precisasse mais tarde lançar mão dela, para sua segurança) de que eu, e não ela, havia matado sua irmã, apontando para os desaparecimentos que haviam ocorrido quando eu sabidamente detinha a guarda das crianças como corroborando o fato, embora eu estivesse certo de que seu cruel desejo de vingança pela deserção fantasiada do ano anterior fosse o mais potente dos motivos.

Voltei então ao momento em que lhes pedi que viessem aqui pela primeira vez e, lembrando cuidadosamente cada passo que demos e conversa que tivemos, tive certeza de que, quando Hatch me encontrara em Cincinnati, ele não poderia ainda ter elaborado planos maduros. Examinando em seguida nossa rota, não reparei nenhuma mudança antes de chegarmos a Indiana. Ele havia ido a Chicago por alguns dias, como disse então. Creio agora, porém, que ele na verdade fora a Indianápolis para consultar a Srta. Williams na medida em que isso se deu imediatamente depois que ele foi informado de minha possível prisão. A partir daí, ele começou a demonstrar um maior interesse nas crianças, levando-as para fazer passeios e comprando-lhes presentes. Foi também nesse momento que ele passou a ficar num quarto privado, dizendo-me que, como eu corria o risco de ser preso, não era seguro que ficássemos num hotel. Foi também nesse período que ele tirou seu cavanhaque, no barbeiro do armazém de Indianápolis. Cada um desses atos era insignificante isoladamente, mas tomados em conjunto revelavam sinais claros de mudança de comportamento. Continuando o exame da situação, recordei-me que, a princípio, quis ir a Chicago sozinho em vez de acompanhado das crianças, pois a viagem seria mais segura. Eu havia pedido a Hatch que levasse todas elas a Detroit, ao que ele respondeu que, se o fizesse, não conseguiria procurar uma casa para a Sra. Pitezel, que ambos desejávamos obter o mais rápido possível, mas que poderia tranquilamente levar o menino consigo, pois ele poderia acompanhá-lo em sua busca. Isto, juntamente com o desejo das meninas de ir a Chicago, levou-me a aceitar sua proposta. Em seguida veio nossa chegada em Detroit, quando Hatch afirmou que o menino havia ido a Buffalo com a Srta. Williams e que ele havia sofrido um atraso de vinte e quatro horas no caminho para Detroit, em função de um acidente, o que explicava o fato de ele não ter ainda começado a busca pelas casas.

Havia ainda outra circunstância, que eu normalmente não consideraria mais do que uma coincidência. Enquanto ainda estávamos em Cincinnati, Alice e o menino haviam disputado para ver quem teria o privilégio de usar um antigo relógio que pertencera a seu pai. Alice argumentou que ela era a mais velha e Howard que ele era o único filho homem e que ademais seu pai havia lhe prometido dar o relógio quando ele fosse mais velho. Resolvi a disputa tomando o relógio para mim e comprando um pequeno relógio de bolso para cada um. Nellie ficou então de coração partido e, assim que notei seu sofrimento, prometi-lhe que antes do fim da viagem eu compraria um igual para ela, ou outra coisa que ela preferisse. No dia seguinte a nossa chegada em Detroit, ela veio até mim toda contente me dizer que o Sr. Hatch havia lhe comprado um relógio. Ao vê-lo, notei que era do mesmo material e design que o de Alice. Creio agora que se tratava do mesmo relógio que dera a Howard alguns dias antes. Em Detroit, ele comprou a pá que insistiu em levar a Toronto, com a justificativa de que havia pago por ela e não queria jogá-la fora quando podia tê-la vendido facilmente a uma loja de artigos de segunda mão ao invés de levá-la até o armazém para guardá-la no baú. Havia também a carta da Srta. Williams, pedindo-lhe que eu lhe pagasse naquele momento os \$1000 devidos pela propriedade de Fort Worth ao invés de mais tarde, pois ela precisaria usar parte do dinheiro. Parece pouco provável que esse tenha sido o real motivo da requisição do dinheiro naquele momento, pois seria demasiado trabalhoso converter o meu cheque em uma nota de \$1000.

A única outra circunstância suspeita que pude lembrar foi a objeção quase agressiva de Hatch ao fato de eu ter comprado uma jaqueta em Detroit para uma das meninas, e mais tarde, em Toronto, roupas mais pesadas, argumentando que Srta. Williams entendia melhor as necessidades delas, bem como seus esforços para que eu o

emprestasse \$500 em Burlington. Havia também o fato de que Alice me contara em Toronto que o Sr. Hatch havia lhe pedido que escrevesse uma carta para ele, pois ele não tinha materiais de escrita em seu quarto. Quando lhe perguntei sobre o conteúdo da carta, ela respondeu que escrevera a um tal Sr. Cooke sobre uma casa que ele não estava ocupando e sobre alguns móveis que estavam em promoção ou haviam sido vendidos. Suponho que se tratasse da casa de Detroit, pois era a única que eu tinha razões para crer que ele tivesse alugado. Creio também que se descobrirá mais tarde que, em Logansport ou Peru, ou outra cidade fronteira de Indiana, uma casa foi alugada no dia 10 ou 11 de outubro, enquanto eu estava em Chicago, e o corpo do menino foi transportado do hotel em Indianápolis em um baú para um destino desconhecido, e que seus restos mortais foram enterrados de forma similar aos corpos de suas irmãs e que foi essa a verdadeira causa do atraso de Hatch em Detroit.

Alguns dias depois, eu expus minhas teorias às autoridades, e a única coisa que ganhei em troca foi um severa reprimenda por haver afirmado anteriormente que o corpo do garoto estaria no entorno da casa de Detroit. Fui então caracterizado por eles como supremo mentiroso.

À exceção das declarações feitas quando da minha prisão, as quais mantive até que não houvesse mais esperança de poupar a Sra. Pitezel, todas as outras declarações equivocadas que fiz, exceto a de que as crianças estavam na Inglaterra, foram inteiramente de boa fé.

No dia seguinte, vi um relato nos jornais de uma visita de minha mulher à prisão em resposta a um telegrama do escritório da promotoria. Li nas entrelinhas bem mais do que a reportagem dizia. Eu já imaginava que ela seria intimada a vir até aqui. Meus temores se confirmaram alguns dias depois quando soube, por meio de uma fonte

idônea que isso havia de fato ocorrido, e que ela fora ameaçada: se fizesse qualquer esforço para me ver ou se comunicar comigo, ele seria presa como cúmplice. (Devo lembrar aqui que nossas conversas na prisão se davam invariavelmente na presença de um guarda). Se, por outro lado, ela se mantivesse afastada de mim e os ajudasse, todas as suas despesas seriam pagas pela promotoria ou pela companhia de seguros.

Eu sabia que a oferta dessa vantagem não teria efeito nenhum sobre ela, mas temia que as ameaças que eles faziam acabariam por adoecê-la, de modo que mobilizei todos os meios ao meu alcance para que pudesse vê-la e apaziguar seus temores. Tendo isso em vista, escrevi ao promotor que, se ele me concedesse uma entrevista com a presença de minha mulher, daria a melhor descrição que conseguisse do local onde poderiam esperar encontrar o menino. Tal entrevista me foi prontamente concedida e, ao chegar a seu escritório particular, encontrei-me com minha mulher, vendo imediatamente em seu rosto que ela vinha sofrendo. Essa cena me causou um sentimento de raiva quase descontrolado, dirigido ao mesmo tempo às autoridades que apenas tornavam seu fardo mais difícil de carregar e a mim mesmo, por ter deixado que minha ganância me levasse a participar das transações financeiras e esquemas ilícitos que acabaram por se tornar a fonte de todo o seu sofrimento. Perguntei, em primeiro lugar, como seria de se esperar, de sua condição física e se ela estava bem instalada e circulava livremente. Disse-lhe também que, até que o mundo me parasse de ver como um assassino, não iria cumprimentá-la na frente dos outros como de costume. Se, nesse momento, minha esposa afastou-se de mim, com medo, como apareceu mais tarde na publicação da promotoria eu, em minha cegueira, não o vi, e nos dias e noites que se seguiram até que eu tivesse outras notícias dela, minha única fonte de consolo foi a

lembrança das poucas palavras gentis que ela me dirigiu e, o que significava ainda mais para mim, que ela havia usado ambos o anel de casamento e o de noivado, além de vestir o maior número possível de roupas que eu lhe havia presenteado durante nossos dias mais felizes sem chamar demasiada atenção, escolhendo aquelas que me transmitiram por associação os pensamentos que ela não teria oportunidade de expressar com palavras.

Esta sua intenção ficou particularmente clara para mim, pois não era de seu costume sair à rua tão cedo trajada daquela maneira, ainda mais num lugar tão público, e até que ela o negue continuarei a crê-la fiel a mim. Além do promotor, estavam também presentes na ocasião o Sr. Shoemaker e o superintendente Linden e, durante parte da reunião, a Sra. Fouse e o assistente do promotor. Procurei transmitir-lhes, no menor número de palavras possível, as circunstâncias do atraso de vinte e quatro horas de Hatch, e das cartas enviadas de Detroit ou Toronto sobre a casa. Eles imediatamente pronunciaram falsas minhas declarações sobre Hatch, dizendo que ele era uma pessoa fantasia, que não existia, e pedindo-me para dar o nome de qualquer outra pessoa que tivesse tido contato com ele. Respondi apenas, “Não considero que os senhores tenham mais razões para duvidar do fato de que ele esteve naqueles lugares do que para duvidar que a Sra. Pitezell ou seus filhos estiveram lá porque não se encontraram. No entanto, os senhores não precisam se fiar em minhas declarações.”

Em novembro ou dezembro, o Sr. Perry, representante da companhia de seguros, veio até a prisão acompanhado de outra testemunha para me questionar a respeito de alguns outros assuntos pertinentes ao caso. Enquanto estava lá, fez-me a seguinte pergunta: “Quem era o homem que o Sr. encontrou no armazém de Burlington e que parecia tão surpreso em ver? E por que o senhor foi

imediatamente depois ao telégrafo e emendou a mensagem que acabara de escrever?”

Respondi-lhe que o homem se chamava Hatch, que era um amigo da Srta. Williams e que não tinha nenhuma ligação importante com o caso. Afirmei ainda, continuando a resposta à pergunta do promotor, que eu estava certo de que o barbeiro de Indianápolis se lembraria de Hatch, pois eu raramente ia ao barbeiro acompanhado; que o proprietário ou funcionário do pequeno hotel aonde ele havia levado as crianças quando elas vieram de Detroit também se recordaria dele, assim como a senhora em cujo hotel elas ficaram durante a maior parte de sua estada na cidade, pois ela as acompanhou até a estação de trem no dia seguinte à minha partida para Toronto. Que a Sra. Pitezel se recordaria de quando ele fora até sua casa em Burlington e, ao se deparar com ela na porta, inventou alguma desculpa trivial e foi embora - ele havia ido até lá na esperança de encontrar-me; que minha esposa também se lembrará de quando eu a deixei esperando no barco a vapor atracado em B. para ir até o armazém falar com ele, e em duas ocasiões subsequentes durante nossa estada naquela cidade, de tê-lo reconhecido na rua. Do mesmo modo, as partes que declararam saber de minhas visitas à Srta. Williams em Nova Iorque em 1888, e mais tarde em Denver, falam na verdade de Hatch e não de mim, pois eu nunca havia estado em Denver até janeiro de 1894 e sequer conhecia a Srta. Williams até janeiro de 1893.

“Chame-o de Hatch, Smith ou Jones, se preferir, mas vocês já sabem há meses que havia uma certa pessoa em certos lugares durante a viagem com a qual eu me comunicava e com a qual eu era visto, e cuja existência vocês agora não podem ignorar”

Em seguida, busquei explicar a eles que, ainda que eu fosse o vilão sanguinário que eles queriam pintar, eu não poderia ter cometido os assassinatos de Toronto,

implorando-lhes para que me deixassem ir até lá antes que qualquer prova fortuita agora disponível se tornasse inacessível. Ao que o promotor respondeu, “Isso não permitirei. O senhor será julgado aqui.” O que mais eu poderia fazer? Se um homem tão liberal quanto o promotor não consideraria uma declaração tão importante, o que eu poderia esperar dos outros, que sequer tinham um conhecimento tão profundo a respeito do meu caso? Eu estava profundamente desapontado. Em primeiro lugar, por não poder ir até Toronto e pela maneira severa e injusta com a qual ele analisara meu pedido, o sentimento aumentado alguns minutos mais tarde quando pedi que me permitisse prover para minha mulher enquanto me encontrava na prisão e ele me respondeu que não cabia a mim agora nem saber muito menos cuidar do bem-estar dela; Em segundo lugar, porque algumas semanas depois ele se recusou a permitir a visita de meus parentes e de um agente de negócios, bem como por uma série de outras questões triviais como reter meus jornais e cartas privadas, não ligadas de modo algum ao caso, argumentando que se meu tratamento fosse duro o bastante e eu fosse mantido em isolamento por tempo suficiente, acabaria por confessar aqueles crimes. Percebendo que seria inútil prosseguir a entrevista e vendo que minha mulher sofria intensamente, tratei de concluí-la o mais rápido possível. Despedi-me dela e fui novamente algemado e levado à prisão.

Durante os dias anteriores, a parte das questões de Toronto que havia me parecido mais inexplicável era como Hatch poderia ter retornado ao armazém tão rapidamente depois de eu ter deixado ele e as crianças no trem, e que desculpa ele poderia ter dado a elas para abandonar a viagem. Esta informação a entrevista me forneceu. Ao me questionar, o superintendente Linden perguntou-me: “Quem era aquele rapaz jovem e magro na esquina da casa onde as crianças foram assassinadas, com quem você conversou

por algum tempo antes de sair e contratar um carregador?" Hesitei bastante na minha resposta, mas acabei dizendo que não havia encontrado ninguém lá, mas o mero fato de ele saber desse encontro era de fundamental importância para o meu caso. Assim que ele fez essa pergunta, me veio imediatamente à cabeça uma lembrança de dois anos antes. Considerando, porém, o desprezo de meus interrogadores pela possibilidade da existência de Hatch, decidi que era melhor me abster de mencioná-la até que eu tivesse a oportunidade de falar com aqueles pelos quais eu poderia prová-la.

Certo dia, na primavera de 1893, logo após os baús da Srta. Williams, que continham suas roupas de teatro, terem sido trazidos até nossos quartos, eu retornava para casa certa tarde quando me deparei, na escada que dava acesso ao meu escritório, com um jovem alegremente trajado, a quem pedi que parasse de fumar seu cigarro dentro do prédio. Alguns minutos depois, em meu escritório a Srta. Williams ria de mim descaradamente. O disfarce fora tão engenhoso, tanto na escolha de roupas quanto na mudança de expressão facial, com o auxílio que permiti que ela me acompanhasse numa viagem a Aurora, Illinois, e mais tarde a St. Joseph, Michigan, vestida daquela maneira. Posso provar, por meio do depoimento de pessoas competentes e desinteressadas, que ambas essas viagens foram realizadas sob essas circunstâncias. Estou certo de que a Srta. Williams esteve em Toronto, e que provavelmente foi acessório no assassinato das crianças. No dia seguinte, estando eu a centenas de quilômetros de distância, tendo chegado em Prescott às 16:00, ela deve ter encontrado Hatch perto daquela casa, disfarçada de homem. No dia 15 de agosto, o Sr. Cops, um advogado de Fort Worth, obteve permissão do promotor para me entrevistar e, após me questionar por algum tempo, disse que gostaria de expor sua teoria de como eu havia matado minhas vítimas de

Chicago. Segundo ele, enquanto elas estavam em meu escritório, eu havia de algum modo induzido-as a entrar no cofre, matando-as depois por sufocamento. Ele disse, “Holmes, trata-se do caso mais simples de que já tive notícia, pois há até mesmo pegadas na porta do cofre, atestando tentativas de fuga desesperadas.”

Perguntei a ele quando ele acreditava ter ocorrido a última dessas mortes. Sua resposta foi, “Provavelmente em julho de 1893. Na verdade, se você pudesse demonstrar que Minnie Williams ainda estava viva após aquela data, eu estaria bastante inclinado a crer que ela está viva agora e que matou sua própria irmã, pois, se estivesse viva, esse seria o único motivo para esconder seu paradeiro de seus amigos no Texas por tanto tempo.” Eu disse, “O Sr. concederá que não posso ser culpado de nenhum assassinato na região desde que saí de Chicago, no dia primeiro de janeiro de 1894? Ele respondeu, “Sim, considerando as provas que colhi em Chicago, isso faz sentido.” Eu continuei, “Em agosto de 1893, houve um incêndio no prédio, que ocasionou a destruição de muitas cartas e papéis valiosos. Quando o prédio voltou a funcionar após reparos, eu comprei esse cofre, em outubro ou novembro de 1893, de uma fabricante de cofres e caixas-forte, cujos escritórios ficavam a um quarteirão a oeste da rua LaSalle, entre o Madison e o Adams, em Chicago. A compra foi feita no nome da Campbell Yates e, em dezembro de 1893, o cofre foi instalado por um funcionário chamado Kriss.

Poucos dias depois, eu saí de Chicago e nunca mais estive no prédio. Nunca mais houve outro cofre no prédio, exceto por um no primeiro andar, o qual por muitos anos esteve sob total controle dos inquilinos que ocupavam a loja de joias e remédios em que ele se encontrava. Não me recordo do nome ou endereço exato do fabricante, mas ele está distintamente impresso na porta do cofre. “Quando o

Sr. retornar a Chicago, poderá, se quiser, atestar a verdade da minha declaração.” Ele disse, “Não acreditarei no que o Sr. me diz até que o veja com meus próprios olhos. Mas, se isto for verdade, retornarei a Fort Worth e abandonarei o caso. Fui informado recentemente que encontrou-se em Fort Worth, entre as correspondências que lhe foram enviadas depois que o Sr. saiu da cidade, uma carta de Londres, escrita pela Srta. Williams. Estando eu certo, porém, de que ela havia morrido quase um ano antes daquela data, eu supus tratar-se de uma carta forjada enviada até lá pelo Sr., a fim de despistar os que a encontrassem.”

Eu disse então a ele que a Srta. Williams me havia enviado três cartas, que eram encaminhadas pelo Sr. John L. Judd, meu agente em Denver, que poderia ser encontrado naquela cidade na rua Lawrence, 1609, a quem ele poderia escrever ou visitar se desejasse corroborar minha declaração. Disse-lhe ainda que havia recebido duas dessas cartas, supondo que a terceira havia ido parar departamento de cartas mortas e destruídas; que se ele levasse as cartas até o Sr. ----- e outros em Fort Worth que conheciam a letra da Srta. Williams, eles diriam imediatamente que eram autênticas. Alguns dias depois, tive notícia de uma explosão e incêndio em Chicago e me senti, como tem sido o caso ultimamente sempre que ouço falar ou leio a respeito de mortes, desaparecimentos suspeitos ou quaisquer outros delitos menores não facilmente atribuíveis a ninguém, ocorram eles em qualquer parte dos Estados Unidos - em qualquer parte do mundo, na verdade - quase grato pelo fato de que as portas reforçadas de minha cela impeçam que tais atos sejam atribuídos a mim.

Outros desaparecimentos

Até onde me é dado saber, nunca vi a Srta. Van Tessand. Certo é que jamais aluguel uma loja de frutas em Chicago nem empreguei lá alguém com aquele nome.

Também não tenho memória de ter conhecido uma tal Sra. Lee, supostamente desaparecida no ano de 1893.

Os jornais afirmam que Coran Quinlin está viva. Eu jamais fiz um seguro de vida em nome desta criança nem tenho conhecimento de que outros o tenham feito.

A Srta. Cigrand me foi encaminhada pela National Typewriter Exchange em Chicago, maio de 1892. Ela trabalhou lealmente para mim até novembro de 1892 quando, contrariando meus interesses, ela saiu do emprego para casar-se. Alguns dias após sua saída, ela retornou para pegar sua correspondência, ocasião em que me entregou um de seus convites de casamento, bem como dois ou três outros para inquilinos do prédio então ausentes. Descobri recentemente que pelo menos cinco pessoas de Lafayette e arredores receberam tais cartões, o selo e sua letra indicando que deve tê-los enviado ela mesma após deixar o emprego. Enquanto trabalhou para mim, exerceu também as funções de secretária da Campbell Yates, uma corporação que me interessava adquirir. Em 1893, alguns documentos relativos aos negócios de tal empresa exigiam sua assinatura e, após considerável delonga, ela veio ao escritório em novembro, aproximadamente um ano depois de sua saída. Ela almoçou comigo no restaurante do Thompson, onde eu comi regularmente durante anos, e onde, durante o ano anterior, ela havia frequentemente almoçado comigo. Aqui, o homem conhecido como Henry, que por muito tempo trabalhou como garçom daquele estabelecimento e nos conhecia bem, comentou com ela, enquanto nos levava a nossa mesa, “Faz tempo que não a vejo por aqui”, ao que ela respondeu “Quase um ano.” Alguns dias depois, ela me encontrou em Chicago, ocasião em que estavam presentes Arthur S. Kirk, membro da

conhecida fabricante de sabonetes, Kirk & Co, e dois de seus empregados. Se eu refrescar a memória do Sr. Kirk a respeito de certas transações comerciais que realizamos nesse período ele, bem como seus funcionários, certamente se lembrarão das circunstâncias e poderão fornecer uma descrição acurada da Srta. Cigrand.

Antes de sair de Chicago, ela expressou o desejo de voltar a trabalhar para mim, dizendo que, a menos que passasse a ser melhor tratada pelo marido, o divorciaria. Ela voltaria a fazer trabalhos de escritório ou retornaria ao convento, onde fora educada.

Ela me contou também que havia escrito a seus pais, mas que não os visitaria até que pudesse ajudá-los financeiramente, como costumava fazer antes do casamento, e creio que ela me informará sua localização e atual nome antes que seja dada por desaparecida.

A Srta. Mary e a Srta. Kate Dunkee estão ambas vivas, segundo as autoridades da Filadélfia. Sabe-se que Charles Cole também está vivo.

Nunca vi a família Redman, seu filho ou a sequestradora e tudo o que sei sobre o caso li nos jornais da época.

Robert Latimer, um ex-faxineiro, o Sr. Brummager, empregado por mim como estenógrafo, e também a Srta. Mary Horacamp, de Hamilton, Canadá estão todos vivos, com atestam cartas recentemente recebidas pelos parentes e/ou amigos de cada um deles.

A Srta. Anna Betz, originária de Englewood, Illinois, de cuja morte fui persistentemente acusado durante o ano passado - a alegação era de que a moça havia morrido em decorrência de uma operação criminosa a que eu lhe havia submetido por instigação de -----, de Chicago, e pela qual seria perdoado de uma dívida de \$2,500 - eu conhecia mas não intimamente e se sua morte foi causada dessa forma, eu certamente não sou o responsável por ela. Cheques

meus desse período mostrarão quando e como minha dívida com o Sr. ----- foi saldada.

A mesma acusação, dessa vez concernente a uma empregada doméstica chamada Lizzie, também é falsa, embora eu não tenha meios de prová-lo. Provou-se mais tarde, no entanto, que ela estava viva e residindo em Chicago depois de eu ter saído daquela cidade, em 1894.

Identificações fotográficas

Em 1883 já havia experimentos provando a não confiabilidade de identificações fotográficas, e desde então experimentos parecidos têm sido conduzidos. Eles consistem em reunir dez alunos que acabaram de presenciar dois habilidosos artistas executando um trabalho sobre uma vitrine e pedir que eles os identifiquem por fotografias. Os alunos recebem um álbum com duas fotos e devem tentar ligar a foto à pessoa. Todos os participantes decidem prontamente por um ou por outro, mas o fato é nenhuma das fotos retrata os artistas.

A um outro grupo de dez que também testemunhou os artistas em condições similares foi dado um álbum contendo quarenta fotografias e lhes foi dito que a foto dos homens que eles haviam visto estava entre elas. Apenas um deles escolheu a foto correta, e nenhum deles procurou ou encontrou mais de uma, embora, sem que os participantes soubessem, havia mais de uma foto de ambos em destaque no grupo. A conclusão dessa série de experimentos foi que 95% das pessoas falham em seus esforços de identificação. Tomando meu próprio caso: um homem em Milwaukee pode jurar que eu estive na cidade, acompanhado das duas crianças, num momento em que as autoridades da Filadélfia sabiam que estávamos em outro local. Uma mulher de

Chicago está igualmente certa de que eu passei alguns dias em sua pensão com a Srta. Williams e as duas crianças, num momento em que as autoridades sabem que eu estava em Cincinnati, Ohio. Com base no mesmo método, dois indivíduos de Detroit são capazes de jurar que a Srta. Williams estava na cidade, acompanhada de um homem que se assemelha à minha descrição de Hatch, quando ele na verdade estava comigo em Indianápolis. Em todos esses casos, e nas identificações de Toronto, creio que as pessoas tenham feito suas declarações de boa fé, mas devemos lembrar que elas foram levadas a pensar que não havia outra decisão possível. Um bom exemplo da falibilidade destes métodos se deu alguns meses atrás, na sede da polícia aqui na Filadélfia. Certo dia, fui levado diante de vinte ou trinta pessoas por um detetive que, quando os participantes haviam se aproximado suficientemente para ouvir, disse, “Sr. Holmes, estas pessoas são testemunhas do caso em que o senhor será julgado e estão aqui para ver se conseguem identificá-lo.”

Motivos

Ainda que minha vida pregressa tivesse me predisposto a atos criminosos, faltam ainda motivos plausíveis. Demonstrarei aqui não havia tais motivos. Os que me conheceram pessoalmente poderão confirmar minha afirmação de que não me movia a avareza, pois sempre que eu possuía uma pequena quantidade de dinheiro extra, meus credores ou amigos em necessidade podiam sempre contar com boa parte ou tudo o que eu tinha. Também não possuía um temperamento explosivo. Apetência também pode ser excluída, em função de minha idade e outras circunstâncias. O principal motivo cogitado até agora, o fato

de as minhas supostas vítimas terem sido por mim envolvidas em transações desonestas pode também ser descartado, pois todas essas transações são de data recente e quase sem exceção não implicam as vítimas em nenhum ato criminoso. Prefiro que meus atos sejam atribuídos a qualquer um deles, no entanto, do que ao único outro motivo restante, qual seja, a insanidade, da qual, seja ela natural ou adquirida, afirmo veementemente que não padeço, sendo corroborado por um número razoável de especialistas médicos, cujas declarações não podem ser ignoradas.

Dos casos mais importantes, analisemos primeiro o das irmãs Williams. Nannie Williams não possui um tostão. A tabela seguinte mostrará que, se eu tivesse emprestado a Hatch os \$500 que ele me havia pedido em Burlington, não poderia mandar quase nada a Nannie; nada, na verdade, se eu incluísse as várias pequenas somas que eu lhe havia pago de tempos em tempos, das quais não mantive registro. Deve-se ter em mente também que ela ainda possui o título daquela propriedade em Wilmette, no valor de \$10,000, a qual não é considerada nesta tabela.

RECEBIDO DA SRTA. WILLIAMS	
abril de 1893. Dinheiro.	\$2,500
abril de 1893. Propriedade.	\$7,000
agosto de 1894. Dinheiro.	\$600
PAGO À SRTA. WILLIAMS	

maio de 1893. Dinheiro.	\$2,500
julho de 1893. Dinheiro.	\$1,000
dezembro de 1893. Dinheiro	\$750
janeiro de 1894. Encargos de Fort Worth.	\$1,725
fevereiro de 1894. Dinheiro.	\$1,750
outubro de 1894. Dinheiro.	\$1,000
outubro de 1894. Dinheiro.	\$412
	\$9,137
	\$963

No caso de Benj. F. Pitezal, o motivo é supostamente o dinheiro que eu receberia da seguradora e, mais ainda, de suas propriedades no Texas. Em relação ao primeiro, posso apenas reiterar que ele me era mais valioso vivo do que morto, e a cada ano se tornava mais valioso. Por que eu tiraria sua vida? Suas propriedades não lhe valiam de nada e poderiam ter algum valor para mim apenas depois que ele assinasse certos papéis, dos quais dei falta trinta dias após sua morte. O mesmo se pode dizer de suas patentes e demais pertences. A ideia de que eu planejei matar os seis outros membros da família Pitezal para evitar de pagar a soma de \$5,200 é absurda demais para ser refutada. Excluindo-se esse motivo, será difícil encontrar outro, quando se considera o cuidado e atenção que os dispensei ao longo de nossos anos de convivência.

Concluindo, gostaria de dizer que sou um homem bastante comum, até mesmo abaixo da média em termos de força física e habilidade mental e o planejamento e execução da quantidade absurda de crimes que me foram atribuídos estaria completamente além de minhas capacidades. Mesmo que eu fosse capaz de tê-los realizado, teria ainda que ter inventado uma história plausível quando de minha prisão, a qual, se falsa, teria desencadeado nas várias exigências que pesaram sobre mim na segunda parte do caso, e das quais não tinha como saber então. Sinto-me justificado em solicitar do público uma suspensão de juízo sobre minha culpa ou inocência, não enquanto as acusações são provadas, mas enquanto eu as refuto, tarefa que me sinto capaz de realizar satisfatória e expeditamente. E isso ainda não será o fim, pois restará a tarefa de condenar os reais culpados, por cujos crimes estou pagando. Todo esse esforço não é para salvar a minha vida, pois desde o dia em que li a respeito dos horrores de Toronto, perdi o desejo de viver, mas para que os que me admiraram e honraram no passado não tenham que dizer que sofri a morte ignominiosa de um assassino.

HOLMES CONFESSES 27 MURDERS

THE MOST AWFUL STORY OF MODERN TIMES TOLD BY THE FIEND
IN HUMAN SHAPE.

Every Detail of His Fearful Crimes Told by the Man Who Admits He Is Turn-
ing Into the Shape of the Devil.

THE TALE OF THE GREATEST CRIMINAL IN HISTORY

The following statement was written
by me in Philadelphia County Prison
for the Philadelphia Inquirer as a
true & accurate confession in all
particulars. It is the only confession
of my fearful crimes I have made
or will make. I seek at fully appre-
ciating all the horrors it contains
show it condemns me before the world.

Signed H. H. Holmes

June 9th 1896

Holmes confessa 27 assassinatos

***A história mais terrível dos tempos modernos
contada pelo demônio encarnado.***

*Todos os Detalhes de Seus Terríveis Crimes Contados Pelo
Homem que Admite Estar se Tornando o Próprio Demônio.*

A história do maior criminoso da história.

Durante os últimos meses, expressou-se repetidas vezes o desejo de que eu fizesse uma confissão detalhada de todos os graves crimes que foram tão brilhantemente investigados e atribuídos a mim. Fui julgado por assassinato, condenado, sentenciado, e já levou-se a cabo o primeiro passo da execução de minha sentença - qual seja, a leitura da minha sentença de morte. Este momento, portanto, parece bastante apropriado para que eu revele os detalhes dos vinte e sete assassinatos, dos quais, a essa altura, seria vão dizer que sou inocente, dada a imensa quantidade de provas coletadas. Espero que, na medida em que nesta confissão falarei apenas dos casos investigados até o presente e não de outros, não se levantem suspeitas de outros assassinatos que eu estaria escondendo.

Aos que se inclinam a aceitar essa tese, direi apenas que os detetives que me investigaram vasculharam minha

vida inteira, nenhum dia ou ato sequer tendo escapado a seus escrutínio, e julgar que eu seria autor de mais assassinatos do que eles descobriram é desacreditar de seu trabalho. O sucesso de tais homens foi tão extraordinário que, ao contemplar seus resultados após um ano de trabalho, penso ser quase impossível que seres dotados apenas de inteligência humana possam ter sido tão habilidosos. Sinto-me aqui na obrigação de chamar atenção ao que a acusação não pode dizer no final do julgamento, a respeito da habilidade daqueles agentes da lei, embora não haja palavras que possam expressar com justiça o que o mundo deve a esses imparciais e incansáveis homens, especialmente ao Assistant District Attorney Barlow e ao detetive Frank Geyer e a O. La Forrest Perry, do Fidelity Mutual Life Association da Filadélfia. É principalmente graças a seu juízo infalível, sua destreza e perseverança que, em poucos dias, serei permanentemente impedido de cometer quaisquer outros crimes, que seriam quiçá ainda mais horrendos. A justiça, se servida por membros como esses, certamente não poderá mais ser retratada como cega.

Sou levado a fazer essa confissão por uma série de razões, embora entre eles não estejam a bravata ou o desejo de ostentar meus crimes diante do público, e peço que o leitor das linhas a seguir distinga entre tais motivos e minha determinação de entrar franca e minuciosamente nos detalhes de cada caso sem buscar favorecer minha imagem. Após ter concluído tal exposição, resolvi publicá-la no THE PHILADELPHIA INQUIRER.

Após uma breve introdução sobre os motivos e causas que levaram ao cometimento de tantos e horrendos crimes, iniciarei a tarefa mais difícil e repugnante de minha vida, o relato nu e cru dos vinte e sete assassinatos premeditados de seres humanos, bem como as tentativas malogradas de tirar a vida de outros seis, o que me torna o criminoso mais

detestável dos tempos modernos - uma tarefa tão repulsiva que, comparada a ela, a certeza de que serei enforcado daqui a poucos dias torna-se mero passatempo.

A mania homicida adquirida - tendo todas as outras causas sido excluídas, salvo a eventual oportunidade de ganho pecuniário - é a única causa constante, e ao apontá-la agora não o faço com a expectativa de uma mitigação da condenação pública, ou de que isso irá de qualquer forma repercutir em meu favor. Fosse essa a minha intenção, a teria considerado à época do julgamento, e a teria utilizado em minha defesa.

Todos os criminólogos que me examinaram foram unânimes em suas opiniões, embora haja uma condição inexplicável, qual seja, a de que os sintomas de tal condição não estavam presentes durante o cometimento dos crimes, mas começaram a se manifestar após minha prisão.

Dez anos atrás, fui minuciosamente examinado por quatro homens de notável saber, que me declararam um homem normal e saudável, tanto de ponto de vista físico quanto mental. Hoje possuo todos os atributos de um degenerado, um idiota moral. Será possível que os crimes, ao invés de terem resultado de condições anormais, sejam eles mesmos a causa de tal degeneração?

Mesmo no momento da minha prisão, em 1894, não se encontrou nenhuma anomalia quando fui submetido ao sistema de medidas Bertillon. Mais tarde, porém - e mais acentuadamente nos últimos meses - tais anomalias cresceram vertiginosamente, como venho descobrindo exame após exame: sou grato por não ter um espelho onde possa notar minha condição deteriorada. A natureza, porém, sempre gentil - assim como nas demais formas de insanidade em que seu portador acredita-se são - faz com que eu não perceba minha enfermidade ou sequer sofra dela, a menos que ela me seja apontada. As principais

anomalias que até aqui se desenvolveram, sendo todas reconhecidos sinais de degeneração, são uma definitiva proeminência de uma dos lados de minha cabeça e uma correspondente diminuição do outro; uma distinta deficiência de um dos lados de meu nariz e de uma orelha, juntamente com um crescimento anormal do lado oposto; um encolhimento de aproximadamente três centímetros nos braços e um igual encurtamento de uma das pernas; uma horrível distorção de uma lado de meu rosto e de um dos olhos, tão distinta e terrível que, ao descrevê-la, Hall Caine, embora à época eu cultivasse uma barba para escondê-la tanto quanto possível, descreveu aquele lado do meu rosto como marcado pelo crime e portando feições demoníacas - tão aparentes que um especialista do governo que nunca me havia visto antes disse-me, trinta segundos após entrar na minha cela: “Sei que você é culpado”.

Não seria, portanto, o cúmulo da estupidez que eu morresse sem confessar, se por nada mais, apenas para justificar tais deduções científicas e dar o devido crédito àqueles a quem a sociedade tanto deve por haver me condenado?

O primeiro assassinato que me é atribuído foi o do Dr. Robert Leacock, de New Baltimore, Michigan, um amigo e antigo colega de escola. Eu sabia que ele possuía um seguro de vida num grande valor e, após atraí-lo para Chicago, matei-o dando-lhe uma dose fatal de láudano. O fato de eu haver depois levado seu corpo a vários lugares de Grand Rapids, Michigan, como já se noticiou, bem como o risco e a excitação de coletar os quarenta mil dólares do seguro em nada se comparavam ao pensamento torturante de que eu havia tirado uma vida humana. Ficará claro, assim, que eu havia me tornado totalmente surdo aos chamados da consciência, pois antes desse crime, ocorrido em 1886, imploro para que o leitor acredite que eu jamais havia pecado tão gravemente, em pensamento ou ato. Mais

tarde, como um selvagem de uma selva tropical, cujo apetite por sangue havia sido despertado, percorri o mundo em busca de novas vítimas. Pense o leitor na horrenda lista a seguir. Vinte e sete vidas, homens e mulheres, moças e crianças inocentes, apagadas pelas mãos de um monstro. Ao meu leitor de natureza delicada, recomendo que não prossiga a leitura, pois não pouparei detalhes, de modo que aquele que ler meus relatos até o final e for caridoso ecoará as palavras do District Attorney durante o julgamento, quando as provas de todos os meus crimes lhe foram apresentadas na corte: “Que Deus tenha piedade desse homem!” Se não for caridoso, ou sendo apenas justo, dirá: “Que ele queime no fogo do inferno!”, e que o fato de que uma tal criatura pode viver por tanto tempo nos faz questionar a sabedoria da Providência Divina. Rezo somente para que essa condenação e censura não se estenda àqueles cujo único crime foi ter conhecido e confiado em mim e, em alguns casos, até me amado, e que hoje merecem mais a compaixão do que a censura do mundo.

Minha segunda vítima foi o Dr. Russell, um inquilino num prédio de Chicago recentemente rebatizado “O Castelo”. Durante uma briga em função de um aluguel que ele me devia, golpeei-o com uma pesada cadeira. Ele foi imediatamente ao chão e, com um grito de socorro, que terminou num gemido angustioso, parou de respirar. O confronto e morte ocorreram numa pequena sala de recepção e, assim que percebi que meu golpe havia sido fatal e que me recuperei do horror de ter o sangue de mais uma vítima em minhas mãos, fui obrigado a providenciar um meio seguro de esconder o crime. Fechei as portas da sala, e minha primeira ideia foi encaminhar o corpo a uma faculdade de Medicina de Chicago, da qual eu já havia anteriormente obtido material para dissecação - ou a menos foi a justificativa que usei; na verdade, o corpo seria usado numa fraude de seguros. Esse meio de me livrar do

cadáver, no entanto, me parecia difícil, senão impossível, de modo que acabei recorrendo a um sujeito a quem vendi o corpo, e cujo nome omitirei, embora já o tenha confessado a pessoas de minha confiança.

Vendi a ele o corpo do Dr. Russell, bem como o de outras vítimas posteriores. Em suma, neste relato, sempre que a maneira pela qual me desfiz os corpos não for especificada, deve-se entender que eles foram vendidos a esse contato. Ele me pagava de \$25 a \$45 por corpo. Não é preciso que eu acrescente que os esforços de seus amigos para protegê-lo - quando tornou-se evidente que ele havia falado demais - não o pouparam de ter que entregar à polícia os restos mortais daquelas pessoas, para que recebessem um funeral decente, ou de indicar os vários museus para os quais haviam sido vendidos.

A terceira morte deveu-se, em parte, a uma operação criminosa. Um homem e uma mulher foram cúmplices e parcialmente responsáveis pela operação e pela morte. A vítima era a Sra. Julia L. Conner. Qualquer jornal do mês de agosto de 1895 apresentará detalhes minuciosos dos horrores deste caso, conforme foram descobertos pelos detetives, o que torna desnecessário repeti-los aqui. Acrescentarei somente que a morte de sua filha Pearl, a quarta vítima, foi causada por envenenamento e que o homem e a mulher supramencionados foram igualmente responsáveis por sua administração, embora o tenham feito sob minhas ordens, uma vez que julguei que a criança já tinha idade o suficiente para lembrar-se da doença e morte da mãe. Meus comparsas haviam sugerido que deixássemos a criança sob os cuidados de seus pais, já idosos, que viviam na parte sul da cidade, mas eu me opus ferrenhamente. Devido ao caráter repentino da terceira morte, uma certa nota de valor considerável, assegurada por uma propriedade ao sul do Castelo, não poderia ser

coletada, e quando da minha morte será enviada aos parentes de minha vítima que a ela tiverem direito.

O quinto assassinato, o de Rodgers, de West Morgantown, Virgínia, ocorreu em 1888, quando me hospedei naquela cidade por algumas semanas. Ao descobrir que ele possuía algum dinheiro, induzi-o a me acompanhar numa viagem de pesca e, tendo mitigado suas suspeitas, dei cabo de sua vida por meio de um súbito golpe de remo em sua cabeça. O corpo foi encontrado cerca de um mês depois, mas eu só fui considerado suspeito depois de meu julgamento aqui, e mesmo então, por uma circunstância favorável, consegui com que o relatório fosse publicamente negado, embora não tenha conseguido mudar a opinião de mais de cinquenta pessoas que moravam na cidade e haviam reconhecido minha foto nos jornais.

O sexto caso é o de Charles Cole, um especulador sulista. Após trocarmos uma considerável correspondência, esse homem veio a Chicago e eu levei-o até o Castelo, onde, enquanto conversávamos, um confederado desferiu um terrível golpe na cabeça, com um cano de gás. O golpe foi tão forte que não apenas o sujeito morreu sem nenhum gemido e quase sem mexer-se, mas danificou de tal forma seu crânio que seu corpo tornou-se praticamente inútil para o homem que o comprou. Este é o primeiro caso, por mim conhecido, em que esse confederado cometeu um assassinato, embora em vários outros casos ele tenha sido tão culpado quanto eu e, se é que isso é possível, mais frio e sanguinário, e não tenho dúvidas de que ele ainda está envolvido nas mesmas atividades abomináveis, provavelmente com o auxílio de um comerciante de Chicago.

Uma doméstica chamada Lizzie foi a sétima vítima. Ela trabalhou durante um tempo no restaurante do hotel e eu logo percebi que Quinlan estava lhe devotando demasiada atenção. Temendo que tal cortejo progredisse a ponto de eu

perder meu empregado, resolvi por bem dar cabo da vida da garota. Fi-lo chamando-a até o cofre, do qual tanto já se escreveu, sendo ela a primeira vítima a morrer ali. Antes de sua morte, forcei-a a escrever cartas a sua família e a Quinlan, dizendo que ela havia ido embora para o Oeste e que não retornaria. Alguns meses atrás a acusação, crendo, a partir de certas cartas supostamente escritas por ela, que ela ainda estivesse viva, mostraram-se dispostos a me oferecer um julgamento, tornando pública a informação, na medida em que ela seria uma testemunha importante no caso Pitezel.

O oitavo, nono e décimo casos são a Sra. Sarah Cook, a criança que ela carregava, a Srta. Mary Haracamp, de Hamilton, Canadá. Em 1888, o Sr. Frank Cook tornou-se inquilino no Castelo. Ele estava noivo de uma jovem que vivia em outra cidade e que mais tarde juntou-se a ele. Os dois casaram-se na minha presença, pelo Reverendo Dr. Taylor, de Englewood, Illinois. Eles passaram a morar no Castelo e durante um tempo me hospedei com eles. Pouco depois, a Srta. Mary Haracamp, de Hamilton, sobrinha da Sra. Cook, veio de Chicago e passou a trabalhar para mim como estenógrafa. A Sra. Cook tinha uma chave mestra que lhe dava acesso a todos os quartos, e certa vez, enquanto eu estava ocupado preparando minha mais recente vítima para o correio, a porta subitamente se abriu e diante de mim apareceram a Sra. Cook e sua sobrinha. O momento demandava uma ação rápida em vez de explicações, de modo que, antes que elas pudessem se recuperar do horror daquela visão, empurrei-as para dentro da câmara fatal, que havia recém abrigado outro cadáver. Depois de forçá-las a escrever uma carta ao Sr. Cook, dizendo-lhe que haviam se cansado da vida com ele e ido embora sem promessa de retorno, ao invés de dar-lhes liberdade em troca de sua promessa de deixar Chicago para sempre, como eu havia prometido em troca da escrita da carta,

sacrifiquei-as ali mesmo. Foram mortes particularmente tristes, tanto porque as vítimas eram mulheres excepcionalmente corretas e virtuosas quanto porque, a Sra. Cook, se tivesse vivido, teria sido mãe. Logo após esse episódio, a Srta. Emmeline Cigrand, de Dwight, Illinois, me foi enviada por uma firma de Chicago para preencher a vaga de estenógrafa. Ela havia anteriormente sido empregada em Dwight, onde ela havia conhecido um homem que a visitava de tempos em tempos enquanto ela trabalhou para mim. Finalmente, eles ficaram noivos e marcou-se o dia do casamento. Essa união era para mim particularmente detestável, tanto porque a Srta. Cigrand havia se tornado praticamente indispensável no escritório quanto por ela ter se tornado, com o tempo, além de estenógrafa, minha amante. Em algumas ocasiões busquei dar cabo da vida do rapaz; porém, tendo falhado em todas elas, resolvi que mataria Emmeline ao invés dele. No dia de seu casamento, depois da união já consumada, ela veio até o meu escritório para despedir-se. Enquanto ela estava lá, pedi que entrasse no cofre e me alcançasse alguns papéis. Detive-a ali dentro, dizendo-lhe que, se escrevesse ao seu marido que, no último momento, ela havia concluído que jamais poderia ser feliz com ele e que, conseqüentemente, havia deixado Chicago de tal modo que procurar por ela seria inútil, eu a levaria a uma cidade distante e lá viveríamos como marido e mulher. Ela aceitou prontamente a oferta e, tendo terminado a carta, preparava-se para sair do cofre quando descobriu que aquela porta só voltaria a se abrir quando tivessem cessado as torturas de sua morte longa e dolorosa.

A isso se seguiu uma tentativa malograda de cometer um triplo assassinato por \$90, que me haviam sido prometidos pelos corpos das vítimas - três jovens moças que trabalhavam em meu restaurante na avenida Milwaukee, em Chicago. Que essas mulheres tenham vivido

para contar sua história à polícia no verão passado deve-se ao fato de eu ter tentado, estupidamente, asfixiá-las ao mesmo tempo com clorofórmio. Juntas, elas conseguiram livrar-se de mim e correram em direção à rua, gritando, trajando apenas seus roupões. Fui preso no dia seguinte, mas não cheguei a ser processado. A essa tentativa de homicídio poderíamos acrescentar minha posterior tentativa de tirar a vida da Sra. Pitezel e seus dois filhos. Tivesse eu obtido sucesso nessas empreitadas, o número de vítimas teria sido 33, em vez de 27.

Minha tentativa seguinte foi realizada com mais cuidado. A vítima era uma jovem muito bonita chamada Rosine Van Jassand, que eu atraí até minha confeitaria e que, uma vez sob meu poder, forcei a viver comigo por um tempo, ameaçando-a de morte se ela aparecesse diante de qualquer cliente. Pouco tempo depois, matei-a por envenenamento, utilizando ferrocianeto de potássio. A localização da confeitaria era tal que seria arriscado enviar de lá uma caixa contendo um corpo, de modo que a enterrei no porão da própria loja, e durante as investigações do Castelo fiquei esperando notícias de escavações feitas lá também.

Robert Latimer, um homem que por alguns anos trabalhou para mim como zelador, foi minha próxima vítima. Alguns anos antes, numa época anterior a meu primeiro assassinato, ele soube de uma certa fraude de seguros em que eu havia me envolvido. Alguns anos mais tarde, quando ele tentou me extorquir em troca de seu silêncio a respeito do referido episódio, foi punido com a morte e posterior venda de seu próprio corpo. Confinei-o num quarto secreto, sem comida, onde ele aos poucos foi morrendo de fome. Já se escreveu bastante sobre esse quarto, seu fornecimento de gás secreto e suas janelas e portas à prova de som. Quando finalmente necessitei do quarto para outro propósito e as súplicas de Latimer já se tornavam

insuportáveis, dei cabo de sua vida. A escavação parcial das paredes de tal quarto descoberta pela polícia foi causada pelos esforços desesperados de Latimer para escapar tentando destruir a parede de tijolos com as próprias mãos.

O décimo quarto caso é o da Srta. Anna Betts, cuja morte foi causada pela minha intencional substituição da droga requerida por uma droga venenosa numa prescrição que fora enviada à minha farmácia. Como pensei que todos soubessem que eu era médico, imaginei que seria chamado à sua casa para registrar sua morte, visto que a casa da paciente era próxima à farmácia. No entanto, ao invés de mim, chamaram o médico local. A prescrição, ainda mantida no arquivo da farmácia do Castelo, deveria ser analisada pelas autoridades se elas ainda se inclinam a atribuir essa morte a falhas de caráter da Srta. Betts.

A morte da Srta. Gertrude Corner, de Muscatine, Iowa, embora não seja a próxima na ordem cronológica, foi tão semelhante a essa última que a descrição de uma basta para ambas, exceto que nesse caso a Srta. Conner foi embora de Chicago imediatamente, embora não tenha morrido até chegar a sua casa, em Muscatine. Talvez esses dois casos mostrem mais claramente que quaisquer outros o pouco apreço que tenho pela vida de meus próximos.

O décimo sexto assassinato foi o da Srta. Kate Gorky, de Omaha, uma jovem que possuía muitas propriedades em Chicago, onde trabalhei como seu agente. Este fato foi descrito, à época, com riqueza de detalhes, por um escritor local - como quando pude obter títulos de propriedade sob um nome, atuar como notário público sob outro e tocar um negócio usando ainda outro nome diferente. Fiz com que a Srta. Kate Gorky acreditasse que havia surgido uma oportunidade para que ela convertesse seus títulos em dinheiro. Tendo eu realizado essa transação para ela, a Srta. Gorky veio até Chicago e eu lhe entreguei o dinheiro, pelo qual obtive um recibo, protegendo-me assim de quaisquer

eventuais investigações futuras. Convidei-a a conhecer meu escritório e, uma vez lá, pedi que olhasse dentro do cofre - tendo passado por aquela porta fatal, ela jamais retornaria com vida. Ela não morreu imediatamente, no entanto, e sua raiva ao perceber que estava privada de sua liberdade, seguida de sua oferta de quarenta mil dólares em troca da mesma e finalmente suas preces são de terrível memória. Afirmou-se que eu também haveria matado uma irmã da Srta. Gorky, mas tal relato já foi provado falso.

A morte seguinte foi a de um homem chamado Warner, fundador da Warner Glass Bending Company e também este caso envolvia uma grande soma de dinheiro, a qual, antes de sua morte, fora depositada em dois bancos de Chicago, e de cuja maior parte consegui me apropriar por meio de dois cheques, escritos e assinados por ele, cada um com uma pequena soma. A esses documentos eu acrescentaria mais tarde a palavra “mil”, bem como as cifras necessárias, e os levaria ao banco onde eu possuía uma conta, obtendo prontamente todo o dinheiro, exceto por uma pequena quantidade não coberta pelos cheques, a qual obtive no Park National Bank, na esquina entre as ruas Dearborn e Washington. Lembrar-se-á que os restos de uma grande fornalha feita de tijolo refratário foram encontrados no porão do Castelo. Ela fora construída sob a supervisão do Sr. Warner, para que ele pudesse exibir suas patentes. O equipamento foi construído de maneira tal que, menos de um minuto depois de ligado um jato de óleo bruto atomizado com vapor, a fornalha inteira era tomada por uma chama incolor, tão quente que seria capaz de derreter aço. Foi nessa fornalha que eu induzi o Sr. Warner a entrar comigo, sob o pretexto de desejar certas explicações sobre o processo. Saí em seguida, dizendo-lhe que iria pegar algumas ferramentas. Então, fechei a porta liguei ambos o jato de óleo e o vapor em potência máxima. Pouco tempo depois, até mesmo os ossos de minha vítima haviam sido

consumidos. O casaco que se encontrou do lado de fora da fornalha foi o que ele tirou antes de entrar.

Em 1891, me associei com um jovem inglês, cujo nome eu revelaria de bom grado, mas fui aconselhado a não fazê-lo numa declaração sem provas como é este relato. Tal sujeito esteve admitidamente envolvido em toda sorte de atividade criminosa, exceto assassinato, embora não seja desarrazoado supor que o cometeu também. Manipular certos títulos imobiliários que possuíamos a fim de que nos assegurassem uma boa credibilidade comercial era para ele tarefa fácil. Com igual destreza, meu parceiro conseguiu vender algumas patentes a certos capitalistas ingleses, de modo que, durante um tempo, pareceu que nosso maior problema seria gastar toda a fortuna que choveria sobre nossas cabeças. Por ocasião de um imprevisto, nossa credibilidade foi destruída, tornando-se necessária levantar uma grande quantia. Meu parceiro então atraiu a Chicago um rico banqueiro de uma cidade no norte de Wisconsin chamado Rodgers, de maneira que tal capitalista não tivesse nenhuma ideia de quem cuidaria de seu negócio. Foi fácil arrastá-lo até o Castelo e, uma vez lá, até a sala secreta, sob o pretexto de que lá estavam nossas patentes. Mais difícil foi forçá-lo a assinar cheques no valor de setenta mil dólares, que já havíamos preparado. Inicialmente, ele resistiu, afirmando que a liberdade que lhe ofereceríamos em troca de sua assinatura, seria inútil sem seu dinheiro, que ele já era velho demais para fazer nova fortuna; finalmente, após torturá-lo alternadamente com o gás e privação de comida, ele foi obrigado a assinar os cheques, todos os quais foram convertidos em dinheiro e, graças à habilidade de meu parceiro como forjador, de tal maneira a não deixar traço de que eles tivessem passado por nossas mãos. Aguardei curiosamente as propostas de meu parceiro para nos livrarmos de nosso prisioneiro, uma vez que eu bem sabia que ele, assim como eu, não contemplava

seriamente a ideia de libertá-lo. Meu parceiro evidentemente aguardava com igual expectativa que eu sugerisse o que deveria ser feito. Eu então decidi fazer os preparativos para libertar nosso prisioneiro, a fim de forçar meu aliado a sugerir que ele fosse morto. Eu apenas consentiria com essa proposta se ele administrasse o clorofórmio e deixasse que eu me livrasse do corpo. Dessa maneira, ele nada saberia a respeito de minhas ligações com o funcionário da faculdade de medicina. Naquela noite, os setenta mil dólares foram igualmente divididos entre nós, e meu associado foi à Palmer House, onde ele era bem conhecido, e passou a noite jogando cartas com três outros homens. Às dez da manhã do dia seguinte, ele veio até meu escritório e pediu um empréstimo de \$100 para reaver seu sobretudo, relógio e anéis que ele havia penhorado.

Já se escreveu tanto sobre minhas extravagâncias e modo de vida torto que não posso acrescentar muito ao que os detetives já descreveram, exceto que durante esses anos - contabilizando apenas as quantias espoliadas que foram descobertas, e levando em conta que, no momento de minha prisão eu possuía pouquíssimo dinheiro - eu desembolsei por mês, em média, mais de dez mil dólares por mês.

O décimo nono caso é o de uma mulher cujo nome agora me foge à memória, que vinha ao restaurante do Castelo para almoçar. Um cliente meu que então se hospedava lá se apaixonou por ela, quem descobriu ser uma viúva rica. O hóspede em questão era casado, e sua esposa eventualmente ia ao restaurante enquanto a tal viúva estava lá, o que acabou por se tornar motivo de brigas entre o casal. Finalmente, ele veio se aconselhar comigo e me mostrei bastante disposto a ajudá-lo, a fim de que mais tarde, sob meu poder, ele pudesse me ser útil. Sugeri-lhe que morasse com a viúva no Castelo por um tempo e, mais tarde, se as coisas se complicassem, a

mataríamos e dividiríamos sua fortuna. Pouco tempo depois, ele sugeriu que era chegada a hora de pôr o plano em prática. Matamos a viúva intoxicando-a com clorofórmio, enquanto ele controlava sua forte resistência. Foi corpo dessa mulher, no interior de uma grande caixa em formato de eskuife, que foi retirado do castelo o final de 1893, como notificou-se à polícia.

Minhas próximas vítimas foram as irmãs Williams. Para fins de esclarecimento, é preciso afirmar que o que foi dito pelos parentes sulistas da Srta. Minnie R. Williams, a respeito de sua vida pura e cristã, deve ser tomado por verdadeiro; ademais, antes de encontrar-me, em 1893, ela era uma mulher de virtude, o que corrobora o testemunho do Sr. Charles Goldthwaite, de Boston, segundo o qual ele a conhecia apenas como amiga íntima de sua mulher e que, em junho de 1893, ele não enviou-lhe uma soma considerável em resposta a uma demanda dela; ela também não ficou temporariamente insana num hotel em frente ao Pullman Building, em Chicago, entre 20 e 23 de maio de 1893; não foi mais tarde internada no Hospital Batista de Chicago, sob o nome de Sra. Williams, como também não esteve mais tarde num retiro em Millwaukee; do mesmo modo, ele não matou sua irmã nem ameaçou matar a enfermeira que lhe cuidava na casa 1220 da avenida Wrightwood, em Chicago. Sinto uma espécie de satisfação agora ao retirar essas acusações, desfazendo assim, até me onde me é possível, os males adicionais que infligi a seu nome.

Encontrei a Srta. Minnie R. Williams pela primeira vez em Nova Iorque em 1888, onde me apresentei como Edward Hatch, e mais tarde em Denver, sob o mesmo nome, como atestaram certas moças que reconheceram minha foto. No início de 1893, fui-lhe apresentado novamente como H. H. Holmes, no escritório de Campbell & Dowd, em Chicago, onde buscava uma vaga de estenógrafa. Logo que ela

começou a trabalhar para mim, induzi-a a dar-me \$2.500 em dinheiro e a me transferir, por meio de títulos, \$50.000 em propriedades no sul e, pouco mais tarde, a viver como minha esposa. Tudo isso obtive graças a sua natureza inocente e infantil. Pouco tempo depois, consegui obter dela dois cheques, um no valor de \$2.500 e outro no valor de \$1.000. Descobri também que ele tinha uma irmã chamada Nannie, do Texas, herdeira de algumas propriedades, e convenci Minnie Williams a convidá-la a Chicago para uma visita. Encontrei-a no terminal e levei-a até o Castelo, dizendo-lhe que Minnie a estava aguardando. Foi fácil conseguir convencê-la a passar para o meu nome todas as suas propriedades. Depois disso, ela foi imediatamente morta, a fim de ninguém no Castelo ou em seus arredores soubesse que ela tinha estado lá, exceto pelo homem que queimou suas roupas. A pegada de Nannie Williams, como demonstrado pelo incrivelmente astuto detetive Sr. Copps, de Fort Worth, ficou registrada na superfície pintada do cofre, durante a violenta resistência que precedeu sua morte.

Foi também fácil escrever à Srta. Williams uma carta forjada, passando-me por sua irmã, em que explicava que ela havia desistido da visita. Do mesmo modo, não tive dificuldade em interceptar certas cartas e substituir outras, para que ela não soubesse que a irmã havia saído do sul. Tendo me apossado de todo o dinheiro e propriedades que a Srta. Williams possuía, chegou o momento de dar cabo também da vida dela. Em razão de um incêndio que ocorrera no Castelo, não pude recorrer a meus métodos usuais e acabei por levá-la a Momence, Illinois, por volta do dia 15 de novembro de 1893, hospedando-me num hotel próximo sob um nome falso, mas como seu marido. Minha intenção inicial era matá-la de maneira silenciosa e segura, mas um acidente de trem ocorrido nos arredores da cidade no dia seguinte a nossa chegada, o qual por curiosidade fui

averiguar, me pôs em contato com um condutor chamado Peck, que já me conhecia, de modo que abandonei o plano. Mais tarde, no entanto, retornei e levei a um lugar a 15 km de Momence, num trem de carga pouco usado, onde a matei com veneno, enterrando seu corpo no porão da casa que se mencionou quando da descoberta de Irvington, em 1893. É de se espantar que o corpo não tenha sido descoberto à época, se os detetives de fato lá estiveram. Nada neste momento me traria mais satisfação do que saber que seu corpo fora devidamente enterrado, e se isso fosse feito, eu estaria disposto a abrir mão dos poucos dias que ainda me restam porque, em razão de sua vida impecável antes de me conhecer, em razão da enorme soma de dinheiro que lhe roubei, por haver matado sua irmã e seu irmão e, não satisfeito, depois de minha prisão, haver tentado manchar seu nome acusando-a de matar a irmã e, mais tarde, de incitar o assassinato dos três irmãos Pitezel, procurando fazer parecer que seu motivo fora garantir um meio de fugir caso fosse presa pela morte da irmã e, descrevendo-a como uma assassina fria e, portanto, presumivelmente culpada também pela morte da irmã; por todas essas razões esse foi sem dúvida o mais triste e atroz de todos os crimes que cometi.

Um homem que veio a Chicago para a Exposição Universal, mas de cujo nome não me recordo, foi minha próxima vítima. As autoridades de Chicago podem, se desejarem, descobrir seu nome consultando a companhia de seguros Hartford, um Sr. Lasher, do prédio da Bolsa de Valores; uma empresa de caixilhos e portas em frente à estação de Deering, Illinois ou a F. L. Jones, um notário público em Indianápolis - em um desses lugares, espero, seu nome ou letra terão sido preservados, o que auxiliará seus amigos a identificá-lo. Vali-me dos serviços desse sujeito por um tempo, em minhas diversas transações comerciais, até descobrir que ele não possuía as habilidades

que eu havia imaginado. Decidi, então, matá-lo. Assim o fiz, mas, como não havia tido contato com o comerciante de cadáveres por algum tempo, decidi enterrar o corpo no porão de minha antiga casa, próxima à esquina das ruas 74 e Honore, em Chicago, onde, cavando-se fundo no solo arenoso, achar-se-á o corpo.

Depois da morte da Srta. Williams, descobri entre seus papéis uma apólice de seguros feita em nome dela por seu irmão, Baldwin Williams, de Leadville, Colorado. Fui àquela cidade, portanto, no início de 1894 e, encontrando-o, dei-lhe um tiro - segundo meu depoimento, o fiz por autodefesa. Pouco tempo depois, quando a apólice na qual eu havia forjado o nome da Srta. Williams foi apresentada a John M. Maxwell, de Leadville, administrador do patrimônio dos Williams, o documento foi honrado e o dinheiro me foi pago. Tanto neste caso como no do cheque de \$1.000 do Dr. Tolman e de outros no valor de \$ 2.500, assinados por L. R. Hitt & Co., ambos de Chicago, na medida em que os endossos foram forjados, os herdeiros dos Williams podem agora recuperar essas quantias, embora isso implique um prejuízo imerecido da parte daqueles que aceitaram os cheques.

Em seguida, vem Benjamin F. Pitezel. Já se escreveu tanto sobre esse caso (até mesmo na África do Sul, onde lhe foi dada considerável proeminência num jornal local) que não há muito que eu possa acrescentar, exceto pelo relato de como se deu sua morte. Ficará evidente que, desde o primeiro momento em que nos encontramos mesmo antes de eu saber que ele tinha uma família, a qual mais tarde me forneceria vítimas adicionais para a satisfação da minha sede de sangue, eu pretendia matá-lo, e toda minha subsequente atenção a ele e aos seus, bem como minha aparente demonstração de confiança, ao encarregar-lhe de grandes transações, foram passos dados com o objetivo de ganhar a confiança dele e de sua família, de modo que,

quando fosse chegada a hora, eles caíssem mais facilmente em minhas mãos. Em retrospecto, parece quase absurdo que eu esperasse que a satisfação derivada de presenciar a morte deles recompensaria todo o esforço físico que despendi em prol daquela família durante todos aqueles longos anos, para não falar do dinheiro que gastei com seu bem-estar, quantia muito maior do que a eu receberia por seu seguro de vida. No entanto, assim foi, o que me leva a concluir que, em comparação com os caprichos a que a mente humana por vezes se entrega, a busca pelo pote de ouro no fim do arco-íris, as ilusões dos proponentes do moto-perpétuo ou do demônio do haxixe são exemplos da mais perfeita sanidade.

Pitezal saiu de casa pela última vez no final de julho de 1894, um homem alegre e de consciência leve, que desconhecia quaisquer tipos de problema ou desencorajamento. Partimos juntos para Nova Iorque e, em seguida para a Filadélfia, onde alugamos a casa na rua Callowhill onde ele encontraria seu fim no dia 2 setembro de 1894. Pouco tempo depois, vieram as cartas desencorajadoras, que eu lhe escrevi fingindo ser sua mulher, que o lançaram novamente no vício da bebida. Seguiu-se uma espera diária, até que o encontrasse num estado de embriaguez ao meio-dia. Foi uma tarefa simples, uma vez que já estava familiarizado com seus hábitos, e estava tão confiante em encontrá-lo em tal estado incapacitante que, chegado o dia conveniente, eu fiz minhas malas antes mesmo de ir a casa dele e tomei as providências necessárias para sair da Filadélfia às pressas logo após a sua morte. Após esses preparativos, fui até a casa onde ele estava, destravei silenciosamente a porta e entrei, sorridente, dirigindo-me diretamente ao segundo andar, onde o encontrei, como já esperava, completamente embriagado. Mesmo ele se encontrando nessa situação, pode-se perguntar se eu não temia que minha vítima

estivesse apenas naturalmente sonolenta ou parcialmente insensível, de modo que poderia a qualquer momento recobrar seus sentidos e se defender. Minha resposta é negativa e, mesmo que isso tivesse acontecido, com minha força eu teria vencido sua resistência.

Havia apenas uma dificuldade. Para que o homicídio fosse bem-sucedido, ele não poderia oferecer resistência ou mover-se, porque, se suas roupas saíssem do lugar, seria impossível colocá-las novamente em ordem. Para superar tal dificuldade, primeiramente amarrei seus pés e mãos e, em seguida, queimei-o vivo, encharcando seu rosto e suas roupas com benzeno e jogando sobre seu corpo um fósforo aceso. Tal tortura foi tão horrível que, ao descrevê-la, sinto-me tentado a atribuí-la a uma instância inumana - não com o fito de preservar minha imagem, mas por temer que não se acredite que alguém possa ser tão frio e sórdido. Seria um esforço vão, pois as autoridades que investigaram o caso concluíram que sua morte só poderia ter ocorrido daquela maneira uma vez que não houve sinais de golpes em seu corpo, nem de outras drogas em seu organismo, exceto o clorofórmio, o qual foi administrado pelo menos trinta minutos depois de sua morte. Contrariar tais fatos serviria apenas para que eu fosse ainda mais criticado por minha conduta. O mínimo que posso fazer é poupar o leitor da descrição dos gritos de misericórdia da vítima, de suas orações e, finalmente, de seu rogo para que seu sofrimento tivesse um fim expedito, nenhum dos quais teve qualquer efeito sobre mim. Finalmente, quando ele já estava morto, removi as amarras e cordas que o haviam prendido e apaguei as chamas, mais tarde despejando em seu estômago uma pequena quantidade de clorofórmio. Perguntaram-me porque eu fiz isso depois de já sabê-lo morto - de que aquilo me adiantaria? Minha resposta é de que me vali desse expediente para que, quando do exame post-mortem que eu sabia que ocorreria, o médico legista

seria levado a declarar a morte como acidental, consequência da explosão de um líquido de limpeza, composto de benzeno e clorofórmio e que, durante a explosão, o clorofórmio separou-se do benzeno e passou ao estômago da vítima. Imaginei que, ao receber tal informação, a companhia de seguros pagaria imediatamente o total do valor pedido. O clorofórmio, no entanto, causou mais dano do eu esperava, ocasionando uma condição que em minha limitada experiência médica, eu jamais havia visto ou lido a respeito, de modo que a menciono aqui como um fato de interesse científico que, creio eu, não seja muito conhecido. Aquele composto expurgou do tecido de seu corpo, de seu cérebro e vísceras quaisquer evidências de intoxicação recente, a ponto de os médicos que examinaram o cadáver afirmarem, sob juramento, que não havia indícios de embriaguez, e que, portanto, eles não acreditavam que a vítima estivera bêbada quando de sua morte, nem mesmo 12 horas antes.

Que tais deduções estavam equivocadas prova-se pelo fato bem conhecido de que todas as outras circunstâncias e testemunhos durante meu julgamento mostram que ele estava inconsciente em função da bebida e que somente em tal estado eu poderia tê-lo matado; tal fato se impôs tão fortemente que o douto juiz do caso, em sua argumentação, comentou extensamente sobre ele. Após a morte de Pitezal, juntei várias patentes e títulos de propriedade que ele portara, em relação aos quais, tomei a precaução de fazê-lo assinar alguns dias antes, a fim de evitar perda pecuniária. Escrevi também, imitando sua letra, a mensagem cifrada encontrada pela companhia de seguros entre os meus papéis quando da minha prisão. Depois disso, coloquei o corpo numa tal posição que, em razão da posição da persiana, na face sul do prédio, o sol se refletiria sobre seu rosto durante o resto do dia. Feito isso, saí da casa sem o menor sentimento de remorso.

Por um mês e seis dias após essa data, não cometi nenhum assassinato, embora, três semanas após a morte de Pitezel, surgiu uma oportunidade para que eu satisfizesse minha sede febril por sangue: fui ao cemitério onde ele havia sido enterrado e, sob o pretexto de me apossar de certas partes de seu corpo para um exame microscópico, removi tais partes com uma faca, e a maneira fria com que o fiz, além da evidente gratificação isso me trouxe, foi veementemente relatado pelo testemunho do Sr. Smith. Como exemplo da infalibilidade da justiça, do triunfo do bem sobre o mal e da certeza geral da condenação à morte com base somente em provas circunstanciais, esse caso servirá como exemplo proeminente a todos aqueles de inclinação cruel, como advertência de que o único caminho seguro é evitar até mesmo a aparência da maldade.

..THE..
HOLMES CASTLE



BY
ROBT. L. CORBITT

THE ONLY TRUE AC-
COUNT OF THE GREATEST
CRIMINAL THE POLICE
HAVE EVER HANDLED
ENDORSED BY THE PRESS
GENERALLY

COPYRIGHT, 1895

BY
CORBITT & MORRISON

CORBITT & MORRISON, PUBLISHERS
654 W. 63RD STREET, CHICAGO

O castelo de Holmes

Introdução

Na aposta de que a mente das pessoas muda ao sabor dos acontecimentos, e que ainda estejam curiosas para conhecer os fatos no caso do suposto maior criminoso do mundo, o autor deste livro tentará lançar luz sobre a misteriosa trajetória de H. H. Holmes.

A história se dividirá em epígrafes, as quais, quando reunidas, revelarão os principais fatos do maior caso de mistério que a polícia já solucionou.

O autor destas linhas esteve presente durante a investigação conduzida no “Castelo”, e acredita poder relatar certos fatos que foram, até o momento, mantidos em segredo.

Gostaria de informar aos meus leitores que comecei a pesquisar o material deste livro assim que a investigação começou. Depois que os ossos foram encontrados no porão, fui explorar os quartos dos pisos de cima. Depois de um ou dois dias de pesquisa, enquanto vasculhava entre pedaços de cartas que encontrei num quarto previamente ocupado por Holmes, fui surpreendido por Patrick Quinlan. Ele informou-me que não adiantaria olhar as cartas. No entanto, continuei juntando os pedaços de cartas, colocando as marcas d'água em ordem, na medida em que eu as descobria. Uma das cartas fora escrita num papel cor de creme, outra, num papel vergé. Eu havia acabado de juntar os pedaços de um envelope cor de canário, quando Quinlan

voltou com o detetive Norton e me acusou de arrombar a porta do quarto, dando-me voz de prisão.

Norton obrigou-me a entregar as cartas e o envelope. O envelope continha um selo inglês e fora enviado de Londres, Inglaterra, em junho de 1894.

Em seguida, fui expulso do prédio, mas contratei um confederado que conseguiu reaver para mim um grande maço de cartas que eu havia cuidadosamente escondido.

ROBT. L. CORBITT, 19 de Agosto de 1895.

O castelo

Este castelo velho e desértico não fica nem na encosta de uma montanha, nem às margens de um rio caudaloso, mas ao lado de quatro trilhos de trem que saem da grande cidade de Chicago, onde se pode ouvir o barulho dos vapores das locomotivas por ali circulam. Trata-se de um castelo moderno. Suas paredes são altas, de tijolos vermelhos e janelas curvas, com vitrais coloridos que as tornam sobremaneira atraentes.

Seus tetos carbonizados contam de um fogo ocorrido há algum tempo. Depois deste episódio, à exceção de seis quartos no primeiro andar, o castelo foi desocupado - e, como lhes disse que se trata de um castelo moderno, o leitor não se surpreenderá se informado de que, na parte de baixo, ainda há lojas funcionando.

A loja do canto, em particular, é uma obra-prima. Uma entrada em semi-hexágono dobra-se numa curva. No centro

da entrada encontra-se um enorme pilar, encimado por um capitel elegante e elaborado, com cores harmoniosas, lastreando uma coluna de vidros curvos que se eleva sobre os prédios. No topo temos o que foi um dia uma bela cúpula, mas o fogo, juntamente com as tempestades e o tempo, destruiu tudo - a única coisa que restou foi um domo partido. O supramencionado teto foi decorado com um belo desenho, representando uma roda de Santa Catarina, arranjada de tal maneira a deslumbrar os olhos daqueles que buscam estudar seus padrões.

O interior - o teto e as paredes - da loja são decorados com frescos de estuque, delicadamente arranjados em cores suaves.

O piso é de azulejos brancos e pretos, alternados, em forma de diamante. Um grande cofre, com uma enorme porta de ferro, está embutido numa extremidade da loja.

Na parte traseira da loja há uma escada caracol, que nos leva do exterior ao topo do castelo. A escada é anexa ao que parece ser uma grande janela oriel, projetando-se da parede exterior, e apoiada por uma mísula em formato de favo, e se eleva até o topo do prédio, onde termina em pedaços carbonizados, como o resto da parte superior do castelo. A escada no interior da janela oriel tem um patamar em cada piso, um dos quais nos conduz, através de longos halls e corredores, a uma sala sem janelas.

Numa sala no outro piso, há um falso cofre feito de aço embutido na parede, coberto de estuque, e também solidamente forrado com lã de rocha.

Dessa sala, entra-se num lugar labiríntico, que dá para um banheiro que contém um alçapão, com escadas caracol que conduzem ao porão. Um fuste quadrado, que vai do teto ao porão, liga-se às escadas que saem do alçapão.

Em resumo, o interior é estranhamente labiríntico.

O porão é bastante ordinário.

Tanques são posicionados debaixo de uma aleia detrás da fundação.

No lugar onde Holmes construiu o castelo, não havia mais do que umas poucas árvores e uma pequena cabana.

Do outro lado da rua, na esquina oposta, havia um antigo prédio de lojas com alguns quartos de hóspede no andar de cima. Uma loja numa das extremidades funcionava como uma pequena drogaria, tocada por um homem chamado Holton.

Na manhã do dia 19 de Agosto de 1895, às 12:30, o “Castelo de Holmes” foi totalmente destruído por um fogo de origem misteriosa; um digno da notável história deste prédio.

H. H. Holmes

Sua boa e velha mãe de New Hampshire deu o nome do bebê de olhos claros de Herman E. Mudgett. Ele nasceu na pequena vila de Gilmanton, há trinta e cinco anos. Ali, entre as paisagens prosaicas daquela cidadezinha campestre, ele passou os primeiros anos de sua vida.

Se se fizesse uma visita ao sítio dos Mudgett, em Gilmanton, N.H., e entre as conexões rastreáveis da família desse rapaz, encontraríamos apenas pessoas de fé, tementes a Deus.

Suas amizades eram puras e, sob a tutela de uma mãe cristã, o menino carregou desde cedo a marca da devoção. Sua pequena casa era repleta do espírito de paz e reverência. Ele amava e respeitava seus pais e era o orgulho dos professores nas humildes escolas da vila. Ele

era um garoto exemplar em todos os sentidos, e foi com um sentimento de sincero orgulho que seus pais ouviram as previsões para seu futuro. O jovem Mudgett era sempre o aluno mais inteligente da classe. Ele parecia aprender as coisas intuitivamente e tinha uma sede insaciável de conhecimento, que a capacidade limitada da escola local não conseguia satisfazer. Com o lento passar dos anos no apático vilarejo de New Hampshire, Mudgett foi se tornando um belo rapaz. Não foi surpresa para ninguém, portanto, quando o bom e velho pastor anunciou as futuras núpcias de Herman Mudgett e Clara Lovering, a bela filha de um bem-sucedido cidadão de Tiltin, N.Y. Mudgett tinha então 18 anos e seu pai, Levi H. Mudgett, era o chefe dos correios de Gilmanton Corners. Apenas um ano antes, o menino havia se formado no ginásio local com distinção.

Herman Mudgett era um marido fiel e amoroso. Ele lecionou por um ano e, depois, trabalhou na loja A.B. Young em East Concord, e com o dinheiro que ganhou, matriculou-se na Universidade de Vermont, em Burlington.

A mulher encorajava as ambições de seu marido e, corajosamente, passou a trabalhar como costureira, fazendo vestidos - sustentando, assim, não apenas a si mesma, mas enviando também pequenas quantias de dinheiro a Mudgett, que estudava em período integral na Universidade. Ele almejava tornar-se médico, e com incansável vigor, foi ascendendo socialmente, apesar de todos os obstáculos. Ele passou um ano na Universidade de Vermont, após o qual decidiu que estudaria medicina em Ann Arbor, Michigan, onde prometeram-lhe uma oportunidade de trabalhar em troca do estudo. Quando ele saiu de casa, cheio de determinação para construir um lugar próprio no mundo, ele ainda era muito inocente. Não sabia nada do mundo, exceto que esperava conquistá-lo.

Ele carregava consigo apenas o carinho da despedida e a benção de seus bons e velhos pais que todas as noites,

durante as orações, invocavam para ele a proteção da providência divina. Ele deixou para trás a doce devoção da casa de seu nascimento e infância. Após um intervalo, que pareceu uma era para uma esposa ansiosa, o bom rapaz de New Hampshire retornou ao lar. Já havia perdido sua inocência. Ele havia mudado. Uma nota distinta de seu traje era um estiloso chapéu de seda, e sua maneira de vestir-se carregava um selo de qualidade incomum para os padrões da região. O destino parecia sorrir ao honrado jovem, e o vilarejo estava orgulhoso dele.

Depois de passar dois meses de férias, Mudgett voltou a Ann Arbor e retomou seus estudos de medicina. Lá estava entre jovens rapazes que, assim como ele, estavam começando na vida mas que, ao contrário dele, tinham dinheiro para satisfazer todas as suas necessidades.

Contam-se histórias em Ann Arbor sobre como o jovem Mudgett e um colega espoliaram um cemitério próximo à faculdade, usando os cadáveres lá encontrados para fins de dissecação. Tais crimes são em certa medida tolerados, por serem cometidos no interesse da ciência médica.

Há também rumores de que seu primeiro erro ao roubar um cemitério o levou a fraudar companhias de seguro, substituindo os cadáveres pelos detentores vivos das apólices.

Mudgett propôs a seu companheiro um esquema para fraudar uma companhia de seguros. Eles conseguiram juntar dinheiro o suficiente para ir a Chicago, onde o amigo de Mudgett fez um seguro de vida no valor de \$12,500. O primeiro prêmio do seguro foi pago a apólice feita em favor de Mudgett. Alguns meses depois, o suposto corpo do amigo foi encontrado em Connecticut. Nessa época, Holmes estava trabalhando duro em Ann Arbor. Ele foi notificado da descoberta e identificou o corpo como sendo o de seu amigo. Ele não teve muitos problemas para obter o valor da

apólice, e os dois dividiram o dinheiro. Mudgett completou seu curso universitário e, alguns anos mais tarde, encontrou seu amigo em Chicago.

Após terminar a faculdade, Mudgett começou a praticar medicina em Moore's Fork, Pensilvânia. Sua esposa ficou com ele por um tempo. Esta paciente mulher que havia carregado um filho seu foi mandada de volta para a velha casa de New Hampshire, Mudgett assegurando-a que o melhor para ele seria ir para Chicago, onde honra e fama o aguardava. Ela ficou satisfeita com sua promessa de que retornaria e a levaria para Chicago, assim que conseguisse poupar dinheiro suficiente para começar um lar. Ela levou consigo o menino e voltou às montanhas de New Hampshire. Mudgett deu-lhe um beijo de despedida.

Herman W. Mudgett sumiu do mapa.

Sua farmácia

Numa manhã de agosto, os clientes do droguista notaram um novo funcionário, que o senhor Holton havia contratado. Ele era um jovem rapaz de mais ou menos 25 anos; tinha cabelo marrom escuro e olhos claros, azul acinzentados, com um bigode pesado que enrolava nos lados, e de maneiras extremamente agradáveis, de modo que não tardou em familiarizar-se com os clientes e a vizinhança em geral.

Ele cumpriu zelosamente suas funções e, após mais ou menos 6 meses, fecharam-se os livros, abriram-se outros e, no dia 24 de Maio de 1885, a antiga placa acima da porta, que carregava o nome de "E. H. Holton" foi posta abaixo, e uma placa nova e brilhante foi levantada em seu lugar. O nome que ela trazia agora era H. H. Holmes.

H. H. Holmes fez de Chicago sua casa. Ele poupou dinheiro e, com a ajuda de um amigo, juntou dinheiro suficiente para comprar a propriedade na outra quadra, onde havia árvores e um chalé. O chalé foi removido, as árvores derrubadas, e o chão foi partido para que se lançasse a fundação do hoje famoso castelo de Holmes.

O que segue é um resumo do livro de contabilidade mantido por Holmes em sua pequena loja.

Uma entrada do dia 24 de Agosto registra a compra da loja de E. H. Holton.

No dia 14 de Setembro de 1886, encontramos a seguinte entrada:

“Seguro, \$ 5.” No dia 15, “Board in full para a Srta. Brol (ou Pirol), \$ 1.75.” Mas quem recebeu o seguro no dia 14?

(Há provas escritas de que Holmes se interessava por questões de seguro dez anos antes).

No dia 28 de Setembro de 1886, aparece pela primeira vez um nome que, nos meses, seguintes, será uma constante em seu diário: Dora.

“Dia 28 de Setembro, dinheiro para Dora, \$20”.

Dia 15 de Outubro, Dora vai à cidade. Gasta lá \$2. No dia 30, paga-se uma cheque no valor de \$50 ao banco Englewood. No dia 4 de Novembro, paga-se \$2 de aluguel para a Srta. B. No dia 11 de Novembro, Dora vai à cidade com \$ 5,51. No dia primeiro de Dezembro, ele vai novamente à cidade, desta vez com \$6.

No dia 4, mencionam-se pela primeira vez questões religiosas. Lemos: no dia 4 de Dezembro, Dora vai à cidade e à igreja, portando \$1,40. No dia 8, compra-se 40 centavos de fio de costura para Dora e, no dia 10, paga-se 2\$ de despesas legais. No dia 10 de Dezembro, Dora deixa a cidade, pois há uma entrada em seu diário: Bilhetes de Dora, \$10.75; trem noturno; \$2.

No dia 17, aniversário de Dora, 16\$. Dora não é mencionada por algum tempo. No dia 29, o funcionário do Dr. Petit recebe \$1. No dia 9 de Janeiro de 1887, há uma entrada -- Dr. Petit, alugar para dia primeiro de Fevereiro, \$30.

Pulam-se seis meses e as entradas começam novamente no dia 22 de Junho. Onde esteve Holmes durante todo esse tempo?

No dia 22 de Junho, comprou-se 5 centavos em cimento.

No dia 22, Dora recebe 20 centavos e a igreja, 30. No dia primeiro de Julho, compra-se um carrinho de mão. No dia 3, a igreja é beneficiada novamente com 30 centavos e recebe muitas outras contribuições nas semanas seguintes; registra-se até mesmo que, em certa ocasião, um pedinte ganha 25 centavos. No dia 6, deposita-se \$179,25 no banco e, no dia 11, \$164. No dia 29, Holmes paga \$16,45 por cimento, mas não se registra a que uso ele foi destinado. Durante o mês de Agosto, a mesada de Dora diminuiu consideravelmente pois, apesar de seu nome ser mencionado frequentemente, a soma a ele associada varia entre 5 e 34 centavos.

5 de Setembro de 1887 - Dora, 8 centavos; bananas, 10 centavos; cidade, 20 centavos, times, \$ 2,03; homens, 50 centavos. 8 de setembro, polícia, \$5,12 de Setembro, Mason, 20 centavos; Dora, \$ 1.80; Van and J., 10; cinta, \$5,14 de Setembro, frete de tijolos, \$7,50; cimento; \$15,05; licor, \$2, time, \$ 2,05; bloco de anotações, 80 centavos. Setembro 5, mulher, mulher, 75 centavos. 18 de Setembro, igreja, 55 centavos. 19 de Setembro, madeira, \$1,24 de Setembro, ácido, 85 centavos; ponte, \$ 1,05. 26 de Setembro, clorofórmio, 30 centavos. 28 de Setembro, prédio, \$ 2,63; óleo, 60 centavos; expresso, 90 centavos. 29 de Setembro, limpeza, 75 centavos. 30 de Setembro, Dora, 80 centavos; despesa com a carruagem, 60 centavos.

Um traço distintivo deste mês é que Holmes parece ter lido todos os jornais, tendo gasto neles uma quantia considerável. No dia primeiro de outubro, alguns homens trabalharam no edifício e receberam \$29,75. No dia 4, os trabalhadores receberam \$50,50. Dora recebeu alguns dólares e, no dia 8 de Outubro, os registros cessam subitamente. Holmes evidentemente, estava ausente até o dia primeiro de dezembro.

O carpinteiro aparece com frequência nos registros, até o dia 18 de Dezembro, quando os registros são suspensos. Em Janeiro de 1888, John Swanson recebe seu pagamento, bem como um tal de Bussie, e um advogado recebe \$10.

Logo depois, um teto foi instalado sobre um prédio de tijolos de cinco andares. Os móveis da pequena farmácia foram levados para a loja do canto no novo prédio.

Uma recém-aberta empresa de ações teve sua primeira reunião na mesma noite.

Nas minutas, lemos: “F. Durkee foi declarado diretor da empresa pelo presidente. (Os registros e as minutas, escritos pelo próprio Holmes, estão agora em posse do autor desta história.)

Por moção de J. L. Conner, C.W. Arnold foi nominado diretor por um ano, sendo tal moção submetida aos presentes pelo presidente, os votos foram os seguintes:

K. Durkee (H.H.H.), 120; J.L. Conner, 80; C.W. Arnold, 1, e foi declarado eleito pelo presidente.

J.L.Conner foi então nomeado por H. H. Holmes (representando os interesses de K. Durkee) e recebeu o seguinte número de votos: C. W. Arnold, 1; Durkee (por H.H.H.) 120; J.L.Conner, 80, e tendo recebido a maioria dos votos, foi declarado eleito pelo residente por um ano.

4. (Este parágrafo foi subsequentemente apagado por Holmes e substituído por outro).

A partir de uma moção de K. Durkee (por H.H.Holmes), C. W. Arnold foi nomeado presidente do quadro de diretores por um ano. Tendo recebido a maioria dos votos, ele foi declarado eleito por um ano.

4. As seguintes normas estatutárias, cada uma tendo sido lida separadamente pelo presidente e votada pelos presentes, foram declaradas as normas estatutárias da empresa Englewood Jewelry.

Tais normas incluem a contratação, mediante salário, de um administrador (presumivelmente Holmes) e afirmar que o objetivo da empresa é vender jóias, fármacos, artigos de papelaria, charutos e produtos diversos. No dia 2. de Setembro de 1890, os diretores encontram-se na loja, C. W. Arnold, J.L. Conner e K. Durkee (H.H.H.) estando presentes. Arnold foi eleito presidente e Conner, secretário e tesoureiro.

Um registro mostra que a empresa foi aberta em 15 de Agosto de 1890 e, na reunião de Setembro, um lucro de \$171,60 foi dividido proporcionalmente entre os acionistas.

Um homem atarefado

A joalheria Englewood prosperou, e logo o Sr. Holmes acrescentaria mais andares ao prédio. Certo dia, as pessoas notaram alguns trabalhadores no beco na parte de trás do prédio. Ao serem questionados sobre o que faziam, os homens responderam que estavam cavando um poço artesiano. Uma característica peculiar dessa obra é que, a cada dois ou três dias, Holmes empregava nela novos homens. Logo, uma enorme faixa na janela da nova farmácia anunciava água mineral a cinco centavos o copo.

Novos trabalhadores eram vistos com frequência na região e, em dois ou três meses, espalhou-se o boato de que Holmes havia descoberto um novo processo para manufaturar gás, que seria mais barato e melhor que o das companhias de gás locais. Ele havia colocado um enorme tanque nos fundos do porão, para fins experimentais.

O senhor Holmes foi bem-sucedido nessa empreitada, na medida em que a companhia de gás da cidade pagou-lhe uma soma fabulosa por sua invenção. Mais tarde, no entanto, a companhia de gás não conseguia fazer o sistema funcionar. A justificativa de Holmes foi a de que seria necessário empregar um homem que entendesse bem o funcionamento dos produtos químicos envolvidos na manufatura de seu gás. Suspeitas surgiram na empresa e, após uma investigação, eles descobriram que Holmes havia instalado uma torneira em um de seus dutos de gás.

Holmes obteve uma grande hipoteca por sua propriedade e procedeu à construção de andares adicionais a seu prédio. Logo se ergueram elegantes janelas-proa e paredes de tijolos vermelhos. Um teto bastante elaborado encimou a construção e - *voilà!* - Englewood tinha um “castelo”.

Nas salas frontais do terceiro andar, Holmes comandava os escritórios da “A.B.C. Copier Co.” que fabricava blocos de desenho, para reprodução de cartas.

O autor submete aqui a cópia de uma carta referente à tal empresa:

“Cleveland, O., 01 de Agosto de 1892.

J. S. BELKNAP, Englewood, Ill.:

Caro senhor:

Em resposta à sua carta do dia 25 direi que: estamos perfeitamente conscientes de que não compramos a quantidade de bens - e por uma boa razão - eles não estão

“representados”. Escrevemos à empresa A.B.C três cartas neste sentido e nenhuma foi respondida.

Além do mais, a empresa não cumpriu com sua parte no acordo. Eles argumentaram que tinham negócios consideráveis neste território e que nos passariam todos os pedidos. Não passaram um pedido sequer. Os bens constantes da fatura em anexo jamais foram recebidos. Escrevemo-lhes a respeito duas vezes e não obtivemos resposta. Agora não os queremos mais, já é tarde demais.

Se leu nosso contrato, lembrar-se-á da seguinte passagem: por termos comprado uma quantia considerável de bens, deteremos o direito da venda exclusiva de tais produtos por um ano, num determinado território.

Estamos perfeitamente cientes dos problemas que a empresa teve com F.W.D & Co., de modo que não somos suas primeiras vítimas.

Saudações Respeitosas,

A.T. Osborn & Co.”

Algumas jovens moças eram empregadas por Holmes como estenógrafas, operadoras de máquinas de escrever e que ajudavam no carregamento de copiadoras. Ele também tinha escritórios da Drograria Englewood nesses apartamentos, que também demandavam os serviços de jovens moças.

Mais tarde, ele abriu um negócio sob o nome corporativo de Companhia Campbell-Yates.

Nos pisos de baixo, há duas salas no canto, que ele usava como escritórios da Cura da Cinza Cinza, que prometia curar o alcoolismo por \$50. Ele emitiu também uma circular anunciando que o estabelecimento oferecia alojamento e refeições.

A maior parte dos quartos no piso de cima era usada por Holmes como apartamentos pessoais. O zelador

ocupava apenas alguns cômodos, quando as coisas iam bem com Holmes. Os demais apartamentos eram alugados para ocasionais festas.

Pouco antes do fogo que danificou o prédio, Holmes tinha no porão uma caldeira vertical e um motor Shipman, que era utilizado para variados propósitos. Um deles era quebrar a argila que era misturada com amido para encher os tachos das copiadoras.

Encontra um companheiro

É claro que um homem atarefado como Holmes tinha que ir, por vezes, ao centro da cidade. Foi numa dessas ocasiões que ele calhou de encontrar um velho amigo, um antigo companheiro de faculdade.

Este amigo havia se tornado um homem de negócios bastante próspero em Boston e não tardou em contar a Holmes de seu sucesso, perguntando também, é claro, o que Holmes fazia. Holmes levou seu amigo até o castelo, mostrou-lhe as instalações, transformou os defeitos da construção em virtudes.

Holmes e seu amigo de Boston foram até a cidade e se divertiram à beça.

Fizeram tudo o que havia para ser feito. Mas o tempo foi passando e foi chegando a hora em que o cavalheiro de Boston retornaria novamente a sua casa.

Holmes foi convidado a viajar para Boston com seu amigo. Nosso cavalheiro de Boston estava em apuros financeiros e não podia deixar que seu amigo soubesse de suas reais circunstâncias, de modo que lhe pediu diplomaticamente que esperasse até que resolvesse algumas questões relativas a seus negócios.

Num dia chuvoso de Abril de 1891, ele visitou o Sr. David Echberg, que tinha um escritório na rua Adams 103, em Chicago, e Echberg examinou o resumo de um negócio pelo qual o sr. Holmes teve que pagar \$10.000. Holmes conseguiu negociar um empréstimo de \$1.000 para uma segunda hipoteca do castelo, exigindo que a Sra. Belknap assinasse uma declaração, no verso da hipoteca, afirmando que sua verdadeira residência era em Chicago, Englewood, o que foi mais tarde devidamente reconhecido e registrado no cartório do condado de Cook.

Com o dinheiro em mãos, ele acompanhou seu amigo ao depósito e eles viajaram pelo Leste até a cidade da cultura e do refinamento.

Antes de chegar a Boston, Holmes propôs a seu amigo que, apenas por troça, ele deveria ser apresentado como Harry Gordon, de Chicago, um antigo colega de faculdade.

O cavalheiro do leste era proprietário de um belo par de cavalos que lhes esperavam no depósito da ferrovia. Quando o trem parou, os homens apearam e imediatamente subiram no veículo, no qual foram levados até em casa.

Muita vezes desde então Harry Gordon foi visto nos Commons e, como seu estilo era bastante em voga, ele fazia muito sucesso com as mulheres.

Uma jovem moça se derramou em elogios ao amigo do cavalheiro de Boston. Ela ficaria encantada se pudesse encontrá-lo novamente.

Ela havia se apaixonado perdidamente por Harry Gordon.

A filha de um professor

Há aproximadamente vinte anos um modesto professor exercia sua profissão em Mississippi. Seu nome era H. B. Williams. Todas as fontes indicam que ele era um professor agradável, trabalhador, muito respeitado e amado. Ele vivia muito modestamente. A única coisa que deixou aos filhos foi um seguro no valor de \$1000.

Ele tinha um irmão em Fort Worth, Texas, que fora mais afortunado. Ele era um médico bem sucedido. Ele havia se estabelecido em Fort Worth quando aquela pequena mas já próspera cidade estava ainda em sua infância. Ele prosperou junto com a cidade. Ele investiu em imóveis que, à medida que a cidade foi crescendo, tornaram-se mais valiosos. No momento em que ele aparece nesse nosso romance factual, ele já possuía considerável fortuna, a qual consistia sobretudo de terras e uma boa casa na cidade. As terras eram valiosas, especialmente nos dias de efervescência que tomaram a cidade como um ciclone naquele período.

H. B. Williams, o professor de Mississippi, teve três filhos pequenos quando sua esposa faleceu e, seis meses depois, enquanto caminhava sobre a plataforma de um trem, foi jogado violentamente contra uma obstrução na estação Madison, em Miss, por uma súbita curva que o trem fez. Sua cabeça foi esmagada e rolou entre os trilhos, o que obviamente acarretou morte imediata.

Assim, seus três filhos, Hansford, Minnie e Nannie, nascidos nesta ordem, tornaram-se órfãos. Hansford e Nannie foram adotados por parentes do Mississippi; a pequena e bela Minnie, pela Sra. Black, agora vivendo em New Orleans. A Sra Black era Srta. Williams, irmã do Dr. Williams e do professor de Mississippi.

Minnie era uma linda e doce menininha. Seu tio, o Dr. Williams, tinha por ela grande amor, e não demorou para convencer a Sra. Black a deixá-la aos seus cuidados. Ele

levou-a até sua casa em Fort Worth e deu-lhe todas as vantagens de uma boa educação e um ambiente refinado. Nenhum de seus filhos era vivo, e sua mulher havia morrido. Ela depositava sobre Minnie, portanto, todo o amor que tinha para dar. Ao morrer, ele deixou-lhe todas as suas posses, que eram razoáveis.

Minnie tornou-se assim uma pequena herdeira. Sendo também bela e amável, ela era uma grande favorita. Mas ela era ambiciosa. Deixando para trás o aconchego e as profissões típicas da juventude texana, ela foi a Boston para estudar a arte da expressão - tornar-se uma oradora. Por três anos, ela se dedicou assiduamente ao estudo dessa disciplina no Whitworth College, em Boston. De acordo com os que a ouviram, ela saiu de lá uma notável oradora.

Ao que consta, certa noite - uma noite memorável, enquanto visitava um amigo em Boston - ela foi apresentada a um jovem rapaz chamado Harry Gordon.

Ela voltou para casa e não falava de outra coisa que não Harry Gordon. Ela mostrou sua foto a seus amigos, escreveu-lhe cartas de amor e leu as respostas dele para suas amigas em Fort Worth. Nesse meio tempo, Nannie estudava muito em Dallas e, quando se graduou, obteve um emprego como professora em Midlothian, uma cidade a poucos quilômetros de Fort Worth. As duas irmãs eram muitas vezes vistas juntas. Minnie recebia cartas frequentes e apaixonadas de Gordon.

Minnie não ficou em casa por muito tempo. Um belo dia, ela deixou novamente sua casa e logo embarcou para Chicago para ver seu amado.

No depósito, ela encontrou Harry Gordon, e o acompanhou até o castelo.

Neste momento, ele disse a ela que ele não a merecia e que não desejava manchar seu bom nome, confessando-lhe que seu verdadeiro nome era H. H. Holmes.

Disse-lhe também que, desde o dia em que a encontrou em Boston, ele amou-a perdidamente e, justamente por isso, não a arrastaria para a lama e, portanto, havia tentado esquecê-la. Mas que, agora que a via novamente, não podia resistir a ela.

Ele confessou-lhe que, depois de mais um grande golpe, ele desistiria daquela vida e iria fazer outra coisa.

Ela acreditou nele e, mais tarde, foi procurar a irmã, que não deveria saber da real situação. Enquanto isso, Holmes, sob o pseudônimo de Harry Gordon, alugou apartamentos na ala norte. Annie Williams visitou-lhes aqui e, mais tarde, foi para o castelo como empregada de Holmes.

Minnie teve ciúmes das atenções que Annie passou a lhe dispensar e matou-a. Holmes encarregou-se de desovar o corpo no Lago Michigan.

Dois vigaristas

Dois meses depois, dois homens bem trajados apareceram em Fort Worth. Eles eram empresários do norte e tinham dinheiro para investir. Eles atendiam pelos nomes de Benjamin F. Lyman e H.M. Pratt. Minnie Williams outrora fora proprietária de um lote vago em Fort Worth, no Texas, avaliado em \$10.000, localizado na Rua Principal, ao lado do tribunal do condado de Tarrant. Ela negociou tal propriedade com Holmes em troca de uma casa em Wilmette. A escritura foi assinada por Alexander E. Bond.

A propriedade foi depois transferida para Benjamin F. Lyman, que a registrou em Fort Worth. Depois de registrada a escritura, um estranho apareceu e disse às pessoas de Fort Worth que ele era um rico fazendeiro nortista. Ele disse que pretendia transferir seus negócios para a cidade, que

construiria um enorme prédio no lote que havia comprado. Ele aguardava seu sobrinho, H.M.Pratt, que chegaria em poucos dias para encarregar-se da construção do prédio. O senhor Pratt de fato chegaria em poucos dias.

A dupla comprou um par de cavalos de \$100 e uma bela carruagem, passeando por Fort Worth em ritmo acelerado. Eles contrataram trabalhadores para construir o prédio e, depois que ele foi completado, negociaram uma hipoteca no valor de \$10,000 antes de pagar um dólar sequer aos empreiteiros. Pratt levou todos a crer que ele era um homem muito rico, e extorquia facilmente quase todos os homens que cruzavam seu caminho.

Ele dava promissórias para material, mão de obra e mobília. Antes de as notas vencerem, ele já havia conseguido hipotecas das mobílias, já havia também roubado \$1,500 de um corretor, defraudado o Banco dos Agricultores e dos Comerciantes em \$10,000, e juntado mais \$ 1,600 em notas fraudulentas que ele endossou para Lyman.

Finalmente, deixaram Fort Worth, levando consigo alguns cavalos puro sangue, que acabaram por vender em St. Louis. De Indianápolis, Pratt escreveu ao presidente Spencer sobre o Banco dos Agricultores e dos Comerciantes, ou sobre Fort Worth, onde eles haviam conseguido a hipoteca de \$10,000, informando-lhe que a escritura para Lyman era forjada e todas as garantias da propriedade, inválidas. Ele fez uma proposta de acordo, mas ela foi negada. Nesse ínterim, a propriedade foi corretamente transferida para um homem de Chicago.

Uma apólice de seguro

Eis que o tempo novamente tira Holmes do personagem de Harry Gordon e lhe devolve a seu eu original, H.H. Holmes, de volta a seu Castelo em Chicago.

Após uma temporada de folia, ele se dedica os negócios.

Numerosas cartas se amontoavam em sua mesa. Ele dava uma olhada rápida no nome do remetente e jogava-as no lixo, uma a uma.

Uma delas dizia:

“Englewood City, 24 de Novembro de 1892.

SR. HOLMES

PREZADO SENHOR: Três casas por mim transferidas a Kate Durkee estão prestes a serem executadas pela Associação Imobiliária Sueca.

Se o senhor tem qualquer interesse nelas, é melhor entrar em contato com eles e resolver a questão.

Atenciosamente,

A.M. Lundeen.”

Holmes decidiu calmamente tornar-se um vigarista profissional.

Na condução de tais operações, ele demonstrava um tato e uma capacidade juízo que o distinguiam como gênio. Suas vítimas não eram pessoas simples e ignorantes, mas homens de negócios atentos e perspicazes. Uma típica companhia de seguros não paga trinta mil dólares a qualquer um que venha lhe reclamar uma tal quantia, mas Holmes não teve nenhuma dificuldade em elaborar um esquema infalível para esvaziar os cofres de qualquer seguradora. Firms que normalmente checam a árvore genealógica de um potencial cliente antes de fazer um cheque de \$100 emprestariam a Holmes \$10,000 após uma

breve conversa, e ainda se considerariam afortunadas de terem encontrado um cavalheiro tão afável.

Ele muitas vezes embarcava em empreitadas que o deixavam longe do Castelo por vários meses.

Ele se valeu de várias alcunhas e foi o instigador e principal operador de vários golpes por todo o território americano. Ele passou pela Califórnia e saiu de lá muito mais rico do que entrou, graças a fraudes inteligentes pelas quais não foi descoberto nem preso.

Entre 1890 e 1894, Holmes esteve por toda a parte.

Ele casou-se inúmeras vezes e usou várias alcunhas.

Graças a sua consumada habilidade, conseguiu, pelo menos temporariamente, mover-se sem deixar pistas.

Enquanto não estava planejando um grande golpe, ele era um ávido galanteador.

Era também um marido carinhoso para com algumas mulheres, todas vivas. Ele dava-lhes do bom e do melhor e hoje elas se recusam a acreditar nas acusações feitas contra ele.

Três de suas esposas são:

Sra. Mudgett, Tilton, N.Y. (divorciada)

Sra. Holmes, Wilmette, Ill.

Sra. Howard, Indianápolis, Ind.

Holmes por vezes parecia estar à beira da pobreza; outras, era um capitalista com meios ilimitados. Embora fosse ágil, cometia poucos erros.

Nosso vigarista tinha um braço direto, Benj. F. Pitezell. Não se pode exatamente qual era seu papel nos golpes, mas o homem era notável. Ele tinha uma grande família, e descobriu-se que três de seus filhos, bem como ele próprio, estão desaparecidos. Sua mulher identificou o corpo de

duas garotinhas encontradas no porão de uma casa na rua Vincent em Toronto, Canadá, como sendo suas filhas. Uma era Nellie e a outra, Alice, que tinha um pé deformado. Do filho de Pitezel, Howard, não se tem notícia há muito tempo.

Não há registros de que a Sra. Pitezel tenha visitado a casa de Holmes. Ela não conviveu muito com Holmes até o desaparecimento de seu marido. Ela admite que tinha conhecimento do plano de Holmes e Pitezel de aplicar um golpe numa companhia de seguros e que, à medida que o plano foi se desenvolvendo, passou a cooperar com eles.

Em julho de 1894, uma apólice no valor de \$10,000 sobre a vida de Benjamin F. Pitezel foi emitida pela Associação de Seguros Fidelity Mutual Life, da Filadélfia. Em setembro, o corpo carbonizado de um homem foi encontrado numa casa da rua Callowhill. Tal casa fora alugada por um homem chamado B.F. Perry. Quando se reportou a descoberta do corpo de Perry, a Sra. Pitezel enviou um telegrama à companhia de seguros perguntando se o valor da apólice de Pitezel já havia sido pago. Foi um erro fatal, que levou a companhia de seguros a descobrir a fraude. O suposto corpo de Perry foi encontrado, mas alegou-se depois que se tratava do corpo de B.F. Pitezel. Holmes e Alice, a filha de 14 anos de Pitezel, foram até a Filadélfia e ela identificou conclusivamente o corpo como sendo o de seu pai. Os \$10,000 foram pagos a Jephtha B. Howe, um advogado de St. Louis.

Mais desaparecidos

I.L. Conner, de Gibson City, Illinois, veio a Chicago em busca de trabalho e encontrou Holmes, que lhe contratou para realizar serviços no castelo, pagando-lhe \$12 por semana. Mais tarde, ele foi encarregado da joalheria e da

farmácia. Nesse meio tempo, ele havia mandado buscar sua esposa e a filha pequena. Conner não tardou em desenvolver ciúmes da mulher. Holmes atuou como conciliador e conseguiu acalmar os ânimos. Uma jovem moça cuidava então das contas de Holmes, mas ele a demitiu e deu seu lugar à Sra Conner. Holmes ensinou-a, então, a fazer a contabilidade de seus negócios. Os amigos de Conner lhe disseram que havia algo errado entre sua mulher e Holmes, e ele logo se convenceu de que a suspeita era fundada. Holmes estava se hospedando com Conner nesta época. Conner havia comprado uma loja, mas em Março estava decidido a se separar da mulher e abandonar Holmes. Holmes estava em Nova Iorque, e, quando ele voltou, Conner já havia ido embora, trabalhar para um J. H. Purdy. Mais tarde, foi para Cilnton, Ill. A Sra. Conner e sua filhinha permaneceram no castelo de Holmes e continuaram a trabalhar na loja. Conner retornou para Chicago e foi procurar trabalho. Holmes foi até ele um dia e, após uma longa conversa, convenceu-o a assinar uma hipoteca sobre seus móveis. Ele também pediu que Conner levasse sua mulher embora, pois ela estava criando problemas entre seus empregados. Conner recusou-se a fazê-lo e, algumas semanas depois, Holmes disse-lhe que ele havia ido a St. Louis e levado sua filha consigo. Conner não teve notícia delas desde então.

Em Lafayette, Indianápolis, havia uma jovem e bela moça chamada Emiline Cigrand. Esta jovem moça foi trabalhar no Gold Cure em Dwight, e mais tarde foi para Chicago, onde encontrou o Sr. Holmes. Ela começou a trabalhar para ele como estenógrafa. Pouco depois, Holmes iniciou o Instituto Silver Ash, para promover a cura do alcoolismo, e a Srta. Cigrand atuava lá como contadora.

Holmes parecia gostar muito dela e ia com ela a toda parte. Ela comprou-lhe uma bicicleta e os dois sempre passeavam juntos. Às vezes, eles iam juntos ao teatro ou a

outras atrações no centro da cidade. Quando ela chegava atrasada, certas noites, ela se desculpava dizendo que havia passado a noite com o namorado. Publicamos aqui uma cópia de uma carta a respeito de uma bicicleta feminina comprada na James Cycle Importing Co., da rua Adams 123, em Chicago.

“Englewood, Ill. 28 de julho de 1892.

SR. H.H.Holmes

Rua Sexagésima Terceira, 701

PREZADO SENHOR: Estamos ainda no aguardo de uma “James” ou uma B & A Lady’s Machine e, assim que a mercadoria chegar, lhe informaremos imediatamente.

A “James” nº2 está disponível para o senhor a qualquer momento.

Atenciosamente,

J. BRIDGER”

Três semanas antes do natal de 1892, sem escrever palavra a nenhum de seus amigos, ela desapareceu.

No dia primeiro de agosto de 1892, uma Srta. Kelly escreveu para Holmes o seguinte bilhete:

“Englewood, Ill, 01 de agosto de 1892.

SR. HOLMES:

Não tendo conseguido garantir uma posição por meus próprios meios, sou forçada a perguntar o que o senhor pode fazer por mim. Na minha atual situação, ficaria contente com qualquer coisa, pois preciso encontrar algo até o dia primeiro. Desde já grata por qualquer coisa que o senhor possa fazer por mim.

M. KELLY”

Houve dela alguma notícia desde então?

Outra jovem, que atende pelo nome de Emily Van Tessel, cujos pais moram na Rua Robey, 641N, também está desaparecida.

Uma jovem de Milwaukee, que conheceu Holmes, também não dá sinal de vida. Publicamos aqui uma carta escrita por ela:

“Milwaukee, 20 de Janeiro, 1893

SR. H.H.Holmes

Rua Sexagésima Terceira, 701, Chicago.

PREZADO SR:

Como o senhor me prometeu que conseguiria para mim um trabalho, confiarei em sua palavra e ficarei com minha irmã até que o senhor me mande notícias a respeito daquela ou de outra vaga. Conto com a sua ajuda.

Atenciosamente,

The Norman, flat 40

CARRIE SANFORD”

Todos os desaparecidos têm em comum um vínculo com Holmes.

Onde estarão?

A polícia acredita que foram todos mortos por Holmes.

Patrick Quinlan e sua mulher, que eram encarregados do prédio, foram acusados de ser cúmplices de Holmes e foram presos preventivamente, mas já foram liberados.

Encontrando provas

Uma busca policial no castelo de Holmes, conduzida pelos detetives Fitzpatrick e Norton, descobriu, nas cinzas

de um fogão, algumas pistas de como as irmãs Williams encontraram a morte.

Descobriu-se:

Um sapato feminino parcialmente carbonizado;

Duas costelas humanas, uma parcialmente consumida pelas chamas;

Uma barra metálica de uma pequena bolsa de mão feminina;

Uma garrafa de ácido carbólico, parcialmente vazia;

Alguns botões de pérola;

Um tinteiro, provavelmente pertencente a Minnie R. Williams;

Tecido de vestido;

Chumaços de cabelo fino, presos no buraco da chaminé.

A esquina em que se encontra o prédio estava cheia de gente curiosa. Policiais montavam guarda em todas as portas, permitindo apenas a entrada daqueles diretamente envolvidos. Os trabalhadores começaram pela parte traseira do porão. Eles cavaram fundo. Odores pestilentos de gás e óleo bruto os asfixiaram. Janelas trancadas impediam a entrada da luz do sol. Um cheiro de carne em decomposição tornava a respiração difícil. Uma lâmpada e algumas velas indicavam aos homens onde cavar. Eles cavaram fundo na terra úmida e se depararam com um labirinto intrincado de tubos. Garrafões vazios que um dia contiveram ácidos potentes estavam virados para cima. O lugar se parecia com a gruta dos alquimistas de antanho, deserta e misteriosa.

Segundo a polícia, era pra cá que Holmes vinha à noite, quando todos dormiam. Ele estava construindo sua grande máquina de auto-geração de gás. Aqui, trabalhadores eram misteriosamente trazidos para trabalhar por uma noite,

apenas para serem dispensados e, em seguida, substituídos por outros, de modo que nenhum deles era capaz de dizer o que estava acontecendo ou qual a finalidade de seu trabalho. O objetivo secreto de Holmes era ligar seu gerador com a tubulação principal da Lake Gas Company, ludibriando mais uma vez o mundo com as supostas maravilhas de sua invenção.

Mas os trabalhadores não conseguiam encontrar o gerador. Aparentemente, no final do porão, havia uma parede sólida. Eles bateram de leve na parede com seus paus. Parte dela cedeu. Golpearam-na com mais força e mais um pouco veio abaixo.

Eles descobriram então que Holmes havia fechado perfeitamente o acesso ao gerador quando seu truque foi descoberto, deixando escondido - debaixo do pátio na parte de trás de seu prédio o grande tanque de zinco e ferro que ele havia construído.

Ele tem quase três metros de largura, dois de altura, e está cheio de gás, óleos e algo cujo cheiro lembra éter.

Seu revestimento externo é parte de ferro e parte de zinco.

Os homens eram imprudentes. Um deles pegou um cinzel e perfurou o revestimento de zinco, querendo alcançar à força o conteúdo do tanque. O gás vazou com grande potência, fazendo um som sibilante.

Os trabalhadores encolheram-se para proteger-se do jato de gás que foi a seu encontro. Por um bom tempo cambalearam no fosso que eles próprios haviam cavado, nauseados e ofegantes.

O poderoso odor invadiu os diferentes apartamentos do porão, subiu pelas janelas e contaminou as ruas.

Os homens apagaram suas lamparinas e foram jantar, na esperança de que, em aproximadamente uma hora, já

seria seguro voltar a trabalhar no tanque. O porão ficou infestado com a substância misteriosa.

Quando Tim Mulcare, após o almoço, voltou ao buraco, trazia consigo uma vela acesa. Veio de repente uma luz azul cegante, um breve relatório, e alguns segundos depois o homem já estava rastejando na terra. Ohlfast e Petrello, que vinham atrás, também caíram.

O alarme de incêndio soou e os bombeiros vieram. Os homens feridos foram levados até a farmácia e ali foram tratados. Em seguida, os bombeiros passaram a atentar abrir o tanque à força. Enquanto faziam-no, houve outra explosão. O chefe dos bombeiros, Kenyon, ficou quase louco pela longa exposição ao gás.

Cinco homens ficaram feridos, um gravemente. Seus nomes são:

Mulcare, Timothy, Grand Avenue 7779; ferimentos graves nas mãos, pescoço e rosto; liberado para voltar para casa.

Ohlfast, Charles, Rua Quinze Oeste; mão esquerda queimada, liberado para voltar para casa.

Petrello, Joseph, 168 Ewing Street; queimaduras leves nas mãos e no rosto.

Kenyon, Capitão, comandante do oitavo batalhão; alta exposição ao gás; sem ferimentos graves.

Maher, James, caminhoneiro, companhia 20, departamento de incêndios, mora na rua Honore 7015; queimadura leve na cabeça.

Bremer, Ballak, McCormick, Conors e Calberg do caminhão 20, mal conseguiam caminhar com as próprias pernas.

Enquanto isso, detetives vasculhavam os andares superiores do prédio.

Eles acreditam que o cofre de ferro foi construído a fim de atrair pessoas para dentro dele. Fechadas as portas, as pessoas sufocariam até a morte.

Os detetives creem que o tanque quadrado foi construído a fim de conduzir os corpos até o porão, onde depois seriam enterrados.

A escotilha do banheiro, insistem eles, foi feita para servir de passagem secreta.

Eles dizem também que traços de sangue foram encontrados entre o quarto e o banheiro e também nas escadas que saem da escotilha.

Ao norte dessa sala, diretamente do porão, saem os tubos do assim chamado poço artesiano. Foi desse poço que a água jorrou livremente por dois anos, antes de as autoridades locais descobrirem que, na verdade, Holmes havia secretamente se valido da tubulação central da cidade e estava recebendo água do lago.

Um ou dois dias após a explosão, retomaram-se as escavações. Durante um bom tempo, não se descobriu nada. No terceiro ou quarto dia, enquanto cavava num local próximo às paredes da fundação, um dos homens viu um pedaço de cal branco.

O detetive Norton, que comandava a operação, pediu a seus homens que tomassem especial cuidado com aquele ponto. Pá após pá, a cal foi sendo removida.

H.U.Campbell, um repórter do Chicago Daily Sun, encontrou alguns ossos entre a cal. Revelou-se depois que havia uma quantidade significativa de ossos enterrados naquela cal.

Depois que os trabalhadores retiraram do local tudo o que podia ser retirado, os detetives Norton e Fitzpatrick cuidadosamente depositaram os ossos e parte da cal em caixas, e levaram tudo até a delegacia de polícia.

Os ossos foram examinados e descobriu-se que alguns eram humanos, enquanto outros não passavam de ossos de sopa.

A polícia acredita que Holmes tenha misturado ossos de sopa com os ossos humanos a fim de despistá-los.

Um dia ou dois após a primeira descoberta dos ossos, outro lote foi encontrado e os especialistas afirmaram tratar-se dos ossos de uma criança.

Como foi que esses ossos foram parar lá? Como foram parar no forno? A polícia não tinha muitas pistas com que trabalhar.

Em qual condição a cal foi encontrada?

O autor deste livro estava presente no momento da escavação. Vi a cal de perto: não havia um traço sequer de sangue, nem de descoloração. Ela estava branca e clara. Não parecia que carne humana e sangue haviam sido enterrados junto com ela.

Jornais sensacionalistas estampavam manchetes declarando que Holmes era o maior assassino que o mundo já vira. Contavam histórias sobre as mulheres que ele atraía para seu castelo: ela as seduzia com histórias de amor apenas para arrastá-las até seu cofre de aço e sufocá-las até a morte. Ele então removia de lá seus corpos e os cortava em pedaços, enterrando algumas partes no porão e queimando outras no forno.

Contavam também que ele empregava um mecânico que montava para ele os esqueletos, que ele possuía cubas contendo óleos mortais usados para corroer a carne e os ossos dos cadáveres lá depositados.

Outra revelação bombástica de um jornal sensacionalista foi que ele possuía no porão uma grande retorta para cremar corpos.

Holmes é um químico e os jornais dão grande destaque a esse fato.

Os jornais também produziram extensos comentários sobre o péssimo trabalho dos detetives: contar boas histórias no jornal não será suficiente.

As mais diferentes pessoas contarão as mais diversas histórias sobre Holmes. Elas estão certas de que ele assassinou Minnie Williams, mas não são capazes de mostrar uma prova sequer para fundamentar suas narrações.

O corpo identificado na Filadélfia pelos filhos do Sr. Pitezel como sendo o de seu pai; as duas garotinhas encontradas no porão em Toronto e os ossos encontrados no porão do castelo são a única prova de assassinato.

Holmes já não havia substituído corpos em fraudes de seguro antes?

Não poderia muito bem fazê-lo novamente?

Por que o rosto do Sr. Pitezel estava mutilado?

Por que os pés deformados do corpo de Alice Pitezel foram cortados? Se Holmes as matou para fraudar a companhia de seguros, não faria sentido que ele tivesse deixado os pés ali, para que pudessem ser identificados?

Os sabujos da lei estavam no seu rastro. Eles nada sabiam dos inúmeros assassinatos que agora pesavam contra ele, mas Holmes havia cometido um erro e a vingança da lei não tardaria. Ele havia roubado \$10,000 de uma companhia de seguros da Filadélfia, mas a empresa não acreditou que Pitezel, seu cúmplice, estivesse morto.

Durante uma noite tempestuosa no último mês de novembro, um estranho subiu as montanhas congeladas próximas ao vilarejo de Tilton e bateu na porta de uma choupana. Como a noite estivesse escura e fria, o estranho recebeu abrigo. Era Mudgett. Na casinha estavam a mulher

de sua juventude e o filho que ele nunca havia visto, agora já um rapaz forte e robusto.

Sua mulher, que havia se divorciado, mas que não havia se casado novamente, foi arrebatada pela surpresa, e ficou histérica de alegria.

Holmes disse que precisa ir depressa ao vilarejo de Gilmanton para ver seus pais. Ele partiu aquela noite mesmo, e quando ouvi-se falar dele novamente, ele já estava em Boston. Ele estava fugindo da polícia, e procurava um esconderijo quando visitou a casa de sua antiga mulher e do filho. Subsequentemente, ele foi encontrado em Boston, onde os detetives finalmente o capturaram, levando-o à Filadélfia durante a investigação do golpe na seguradora envolvendo Pitezel.

Nem mesmo o pessoal da seguradora acreditou que ele tivesse matado alguém.

O Daily News de Chicago do dia 20 de Julho de 1895, estampa a seguinte história:

“Holmes disse:

“Sou completamente inocente da acusação de assassinato dos filhos de Pitezel. Não creio que eles tenham sido assassinados e, se o foram, não sou culpado. Ora, a última vez que vi Howard Pitezel foi em Indianápolis. A Srta. Williams, a esta altura, estava em Detroit, e combinamos que ele deveria levar Howard em direção ao leste. Certa tarde, embarquei o menino para Detroit, onde ela estava, pretendendo juntar-me a eles logo depois. Antes de chegar a Detroit, no entanto, Minnie Williams havia levado o menino Howard para o leste e parado em Buffalo. Eu então fui ao leste com as duas garotas e finalmente cheguei em Toronto.

Pouco tempo depois, minha esposa chegou. Ela não sabia nada da existência dos filhos de Pitezel. A Sra. Pitezel

e o bebê vieram para Toronto logo depois. Nem a Sra. Pitezel, nem minha mulher, nem Alice, nem Nellie Pitezel sabiam da presença uma da outra naquela cidade. Eu tinha boas razões para esconder da Sra. Pitezel a proximidade de seus filhos, pois sua saúde estava então bastante debilitada. Primeiro, pensamos em mandar a Sra. Pitezel junto com Minnie Williams e as três crianças para a Inglaterra, mas sua saúde delicada inviabilizou a ideia.

Hatch encontrava-se então em Toronto. Finalmente, decidiu-se mandar Alice e Nellie Pitezel para Niagara Falls, onde Minnie se preparava para partir, e tive bastante dificuldade de esconder a presença das crianças da Sra. Pitezel.

Consegui fazê-lo, no entanto, e levei-os até a estação de trem, onde Hatch já nos esperava. Nós quatro embarcamos juntos no trem.

Quando eu estava prestes a sair do trem, Hatch se ofereceu para ficar e acompanhar as garotas por mais algumas estações, para se certificar de que não haveria nenhum erro em seus bilhetes.

Nellie e Alice haviam pago meias passagens e eu queria me certificar de que elas conseguiriam viajar com apenas um bilhete. Ele então acompanhou as crianças e é o único que pode informar seu paradeiro.

Cheguei em Toronto perto das 16 horas, e quatro horas depois a Sra. Pitezel e as duas crianças embarcaram num trem em direção a Burlington, pois decidiu-se que ela deveria descansar num lugar calmo.

Antes de sair de Toronto em direção a Burlington com minha esposa na manhã seguinte, encontrei Hatch. Ele parecia bem, mas não perguntei nada a respeito das crianças, porque queria manter segredo do assunto para minha mulher. Hatch continuou lá. Quando chegamos em

Ogdensburg, no caminho de Burlington, a Sra. Pitezel estava lá.

Depois de deixar minha esposa num hotel, fui ver a Sra. Pitezel. Hatch nunca morou num hotel por razões pessoais. Todos os nossos baús foram levados até essa casa e lá mantidos, até irmos para Burlington.

Certa tarde, eu levei a Sra. Pitezel para a casa dos Hatch e mostrei a ela os baús, um dos quais precisava de reparos.

Ficamos em Ogdensburg por mais de uma semana e, em seguida, fomos a Burlington. Hatch foi a Montreal resolver alguma questão. Devo dizer aqui que Hatch e eu vínhamos comprando lãs e outros bens e traficando-os pela fronteira. Foi por isso que os baús foram levados à casa vazia em Ogdensburg.

Depois de duas semanas em Burlington, ou três semanas depois que as duas filhas de Pitezel saíram de Toronto, fui à companhia telegráfica para deixar um recado a Hatch, em Montreal - que fosse a Niagara Falls e ajudasse os filhos de Pitezel e a Srta. Williams a embarcar para a Europa.

Eu havia escrito a mensagem e estava prestes a entregá-la ao operador quando Hatch entrou no escritório. Foi uma surpresa vê-lo ali, pois pensava que ele estava fazendo compras em Montreal. Onde ele esteve desde que saí de Ogdensburg até aquele momento eu não sabia dizer. Pudera eu sabê-lo, pois certamente a prisão Moyamensing não seria hoje meu lar se eu tivesse aquela informação. Fui preso pouco tempo depois daquele episódio.

O promotor, o Superintendente Linden e todo o pessoal da empresa de seguros vai dizer que Hatch é um mito. Mas eles sabem que não é. Oras, eu mal havia pensado no ocorrido na companhia telegráfica de Burlington quando, certo dia de Dezembro, Peary, o agente de seguros,

perguntou-me quem era o homem que eu havia encontrado no escritório de tal companhia. Respondi-lhe que o nome do homem era Hatch.

Os detetives da empresa me perseguiram por todo o país, embora eu tenha feito o meu melhor para evitá-los. Eles sabem muito bem quem Hatch é e sabem que ele estava em Burlington. Estou quase certo de que eles sabem muito mais dos movimentos de Hatch do que eu.

Ao voltar a Toronto e encontrar os dois corpos no porão da casa de St. Vincent, posso afirmar com segurança que tenho um alibi para qualquer acusação que se faça contra mim. Tenho ao menos seis testemunhas, seis dos melhores homens de negócio do ramo, que jurarão que eu não poderia ter alugado a casa onde os corpos foram encontrados na época apontada pelas testemunhas.

Hatch talvez tenha até tratado bem as crianças, mas para onde teria ido se não para Londres com Minnie Williams? Hatch estava em Toronto quando eu saí de lá para Ogdensburg com minha mulher, a caminho de Burlington. Estou ansioso para ir a Toronto e ser submetido ao julgamento pela morte de Nellie e Alice Pitezel.”

Holmes disse à polícia que quando ele e Minnie Williams viviam juntos na rua Sexagésima Terceira, 703, em Englewood, sua irmã Minnie Williams veio do sul para visitar Minnie. Ele disse que, depois de a menina mais nova ter ficado lá uma semana, a outra ficou com ciúmes e seguiu-se uma briga violenta. Depois, continuou, Minnie Williams pegou um pequeno banco de madeira, golpeou Annie na cabeça e matou-a. Então, disse Holmes, a fim de esconder o crime cometido pela garota, ele depositou o cadáver num baú e, naquela mesma noite, depositou-o no fundo do lago a cinco quilômetros da costa.

Contrariando a história de que Emiline Cigrand fora vista pela última vez no dia 7 de Dezembro de 1892, há

outra contada pela Sra. Stanwood de Chicago, segundo a qual a Srta. Cigrand estava viva até pelo menos o mês de abril de 1893. A Sra. Standwood mantém uma pensão na Avenida Yale entre as ruas 63 e 64.

Ela é creditada com a afirmação de que até abril de 1893, a Srta. Cigrand se hospedou na casa dela e, enquanto estava lá, adoeceu sob circunstâncias peculiares, nas quais Holmes, para seu descrédito, esteve envolvido.

Departamento de construções

“Joseph Downey, Comissário

Chicago, 23 de julho de 1895.

Relatório especial sobre o prédio de H. H. Holmes, na esquina entre as ruas Wallace e 63:

Tamanho do prédio, 80x200m, três andares e porão; lojas e apartamentos, cinco lojas, duas de frente para a rua 63, e três de frente para a rua Wallace.

As partes estruturais internas são frágeis e perigosas, e construídas com o material mais barato e da pior qualidade. Uma combinação de janela saliente e escada caracol do lado da rua Wallace, a partir da viga do segundo andar e projetando-se um metro da fachada, está se destacando do prédio e é perigosa.

Todas as divisórias entre os apartamentos são inflamáveis. O prédio foi construído em seções, e algumas partes foram danificadas pelo fogo e não foram propriamente reparadas. As fundações foram desigualmente estabelecidas - em alguns lugares, a diferença é de dez centímetros num espaço de seis metros. O teto temporário instalado após o fogo não foi adequadamente construído. A

escada secreta e o alçapão que saem do banheiro, bem como o tanque de gás subterrâneo, não interferem na construção do prédio. As lojas são as únicas partes habitáveis do prédio. O resto deveria ser interditado. As condições sanitárias do prédio são horríveis.

Respeitosamente,

E.F. LAUGHLIN,

Inspetor.”

Joalheiro Davis

O Sr. C.E.Davis, o atual proprietário da joalheria outrora pertencente a H.H.Holmes, é um jovem de maneiras agradáveis e boa aparência. Ele é muito provavelmente, a pessoa mais bem informada sobre a misteriosa vida de Holmes. As histórias que ele conta sobre os estranhos atos do grande trapaceiro são deveras interessantes.

Ele nega os fatos relatados num artigo do Times-Herald de Chicago, em que se alega que ele disse ter dado a Holmes um cheque de \$25 para pagar mercadorias que ele havia comprado do último, e que tal cheque fora sacado em Fort Worth. Mas não nega que Holmes tenha ido até ele certa noite após o desaparecimento das irmãs Williams e pedido o dinheiro de reserva que ele havia deixado com o Sr. Davis algum tempo antes.

Como o Sr. Davis necessitaria do pouco dinheiro que possuía na gaveta, fez um cheque a Holmes, o qual retornou posteriormente a ele na forma de um recibo do banco, com um endosso assinado pela Sra. Pitezel. O Sr. Davis diz que agora, após descobrir as atrocidades cometidas por Holmes, tem a impressão de que Holmes deixava dinheiro com ele para que os credores não pudessem encontrá-lo. Durante o

período em que Holmes lhe fazia os depósitos, ele nunca questionou suas intenções. Disse crer também que Holmes é de fato culpado das acusações de assassinato que pesam contra ele, e que Holmes era muito hábil na manipulação do bisturi. Ele pensa também que Holmes assassinou a Srta. Conner, sua filha pequena Pearl, e as irmãs Williams, no castelo; que as cortou em pequenos pedaços e, em seguida, com o auxílio de um resina, queimou as partículas no grande forno de seu escritório. Ele acha que os ossos descobertos na cal são os restos mortais da Sra. Conner e da pequena Pearl. Sua história de como Holmes veio até sua loja certa noite, na época do desaparecimento de Minnie Williams, e ficou andando de um lado para o outro, extremamente agitado, é bem dramática. Ele pensou que Holmes estivesse fugindo de algum credor; hoje ele atribui aquele comportamento ao fantasma da morte de uma das Williams assombrando a mente de Holmes. O Sr. Davis é o homem que identificou o colar encontrado no forno pelos detetives como pertencente a Minnie Williams. Ele está certo de que se trata mesmo do colar dela, pois ele já o havia consertado antes.

De acordo com o joalheiro Davis, Holmes entendia de venenos e sabia usá-los. O uso de químicos corrosivos era um dos seus tópicos de conversa prediletos. A desintegração de tecidos humanos por ação de químicos era outro de seus temas favoritos.

Como médico, ele conhecia bem a fragilidade física das mulheres. Ele era também notório por alterar, sem que ela soubesse, os remédios que sua mulher - que havia sido droguista - fabricava, de modo que eles tivessem o efeito oposto ao que ela havia concebido. Ele se gabava disso.

O Sr. Davis incrementou consideravelmente a aparência da loja desde que Holmes se foi; ele comprou uma elegante vitrine toda feita de vidro para a seção de joias. Todo o seu

estoque e instalações foram destruídos pelo incêndio da manhã do dia 19 de agosto de 1895.

Artigos sobre H. H. Holmes estampados na imprensa de Chicago

O cenário da carreira criminosa de H. H. Holmes mudou de Toronto para Chicago quando os restos carbonizados de suas três vítimas, Annie Williams, Minnie Williams e Howard Pitezel, foram descobertos pelo aqui-criminoso agora servindo pena na penitenciária da Filadélfia.

Por vários dias, agentes da companhia de seguros, juntamente com detetives especiais, têm traçado os movimentos de Holmes durante o período em que ele conduzia suas fraudes em Chicago, com o objetivo de encontrar pistas das irmãs Williams que haviam desaparecido, e de quem ele havia roubado \$40,000 em propriedades em Forth Worth, Texas. De acordo com sua própria confissão, Minnie Williams, uma de suas supostas mulheres, matou a irmã Annie em Chicago, e ele - Holmes - depositou seu corpo num baú e afundou-o num lago. Os detetives nunca acreditaram nessa história e, desde o desaparecimento de Minnie Williams, eles têm trabalhado com a hipótese de que Holmes assassinou ambas as meninas e se desfez de seus corpos em algum lugar secreto.

O lugar mais provável era seu castelo. A construção contém vários apartamentos secretos erigidos a fim de esconder patrimônio dos credores. Os detetives encontraram um quarto que não era usado desde a saída de

Holmes. Dentro dele havia um fogão velho e inutilizado, que ainda trazia marcas de fogo e, nas cinzas que os detetives recolheram, ossos carbonizados, supostamente partes dos corpos das irmãs Williams e do pequeno Howard Pitezel, cujo corpo foi trazido até aqui de Indianápolis num baú. Entre as cinzas encontrou-se também os botões do vestido de uma mulher.

A descoberta mais convincente foi uma pulseira de relógio feminino, com as ligas parcialmente derretidas. Quando tal pulseira foi levada até o joalheiro C.E. Davis, que ainda ocupava a farmácia naquela quadra, ele identificou-a categoricamente como a corrente usada por Minnie Williams.

Havia fivelas e vários botões com diferentes descrições, que apontam claramente para o fato de que Holmes se valia do grande forno como crematório para suas diferentes vítimas em Chicago. Durante o inquérito sobre a morte dos filhos de Pitezel, conduzido em Toronto no mês de junho de 1895, a Sra. Pitezel, embora fraca e agitada, ousou ir até o morgue onde se encontravam os corpos de suas meninas e tentar reconhecê-las. Ela as reconheceu pelo cabelo, pelos dentes, um abscesso no peito de uma delas, dentre outros sinais que, para uma mãe, seriam provas mais do que suficientes. As autoridades foram suficientemente cautelosas para que os detalhes do inquérito não fossem tornados públicos e não havia ali muitos além dos oficialmente concernidos. Willis MacDonald, o garoto que encontrou uma cobra que pertenceu às crianças da casa da rua St. Vincent no natal passado, foi a primeira testemunha. A família MacDonald habitava a casa há uma mês e o brinquedo tem alguma importância na medida em que foi também identificado pela Sra. Pitezel como tendo pertencido a uma de suas filhas.

A Sra. Pitezel foi então chamada a depor, e fê-lo numa voz praticamente inaudível. Ela referiu-se a si mesma como

a esposa de Benjamin Pitezel, da Filadélfia, mostrando assim que havia abandonado qualquer esperança de que o marido estivesse vivo. Ele encontrou Holmes pela primeira vez em 1893 em Chicago, em um restaurante entre as ruas 65 e Wallace. Ele era conhecido, à época, como Sr. Holmes, mas era conhecido em St. Louis como Howard. Ela o viu em St. Louis em junho ou julho de 1894. Ela estava em Toronto, em setembro, quando a notícia da morte de seu marido chegou. Foi Holmes quem contou-lhe. Ela chorou, e Holmes disse-lhe que o escândalo que ela fez foi desproporcional. Ele recomendou que ela contratasse um advogado, Jephtha D. Howe, para ver a questão do seguro. Os gerentes da companhia de seguros Fidelity Mutual Life, da Filadélfia, enviaram-lhe um telegrama para que ela identificasse o corpo. Ela estava doente demais para ir. O advogado Howe e Holmes foram em seu lugar, e levaram consigo Alice, a filha da Sra. Pitezel.

Neste ponto, o médico legista entregou à Sra. Pitezel uma foto das crianças, às quais ela identificou aos prantos. Continuando seu depoimento, ela afirmou que o corpo do marido foi identificado por sua filha Alice e o dinheiro foi pago a Howe, que ficou com \$2,500 e entregou-lhe o resto. Holmes trouxe Alice de volta, aconselhando a testemunha a visitar seus pais em Gava, Illinois, e oferecendo-se para levar consigo Howard e Nellie e matriculá-los em uma escola em Indianápolis.

A testemunha foi a Gava no dia 26 de Outubro. As duas garotas, Nellie e Alice, e o garoto Howard, foram a Indianápolis no dia 18 de setembro. No dia 28 de setembro, ela foi até eles, com Dessie, de 16 anos, e o bebê, de 11 meses. Eles se hospedaram no hotel Geisey. Eles ficaram lá até o dia 18 de Outubro, até que chegaram em Toronto, na noite do dia 18. Ela então detalhou seus movimentos na cidade. No dia 25 de Outubro, eles pegaram o trem das 8 e 30 para Prescott, e de lá foram a Ogdensburg, N.Y. Enquanto

estava em Toronto, ela viu Holmes quase todos os dias. A cada nova parada, Holmes renovava sua promessa de que ela veria o marido. Ela não viu mais os filhos depois que eles foram a Indianápolis, mas recebeu cartas deles pedindo permissão para retornar. Holmes finalmente lhe disse que ele iria alugar uma casa em Toronto e que seu marido viria de Montreal para visitá-la. Na sequência, Holmes mentiu que havia alugado a casa mas que dois homens os vigiavam e ela não poderia ver o marido sem ir a Ogdensburg. Eles ficaram em Ogdensburg do dia 25 de Outubro a 1 de novembro, quando Holmes sugeriu que ela fosse a Burlington, Vermont, pois Ogdensburg era uma cidade pequena demais.

Ela foi até lá para ver seu marido. Eles alugaram uma casa mobiliada em Burlington, no 126, rua Winooska, e alguns dias depois, Holmes disse-lhe novamente que seu marido estava em Toronto e chegaria em breve. Enquanto eles estavam em Burlington, Holmes sugeriu que deveria levar Dessie a Indianápolis e trazer Alice de volta, com o que a Sra. Pitezel concordou. No dia 18 de Novembro, ela saiu de Burlington e foi a Boston, onde Holmes já estava preso.

O médico legista Johnson passou então a ler depoimentos trazidos pelo detetive Geyer numa sessão anterior do inquérito. A Sra. Pitezel disse, até onde lhe era dado saber, as circunstâncias detalhadas eram corretas. A testemunha disse que havia ido a Toronto a pedido de Geyer para identificar as crianças e, para tal, havia ido ao morgue de tarde, onde identificou ambos. A Sra. Pitezel teve que ser removida, semi-desmaiada, do recinto.

Em seguida, o Dr. Caven testemunhou sobre o *post mortem*. Seu depoimento foi de caráter puramente negativo. Não foram encontradas marcas de violência no corpo, nem nada sugerindo como a morte se deu. As marcas de que falou a Sra. Pitezel não eram visíveis, pois os

tecidos moles já haviam desaparecido. A sessão foi então suspensa já que o Dr. John não tinha muito mais o que saber a respeito da identificação. Assim que a sessão acabou, a Sra. Pitezel, que estava no banheiro feminino adjacente à sala da corte, teve um violento ataque histérico e os médicos presentes correram em seu auxílio. Um policial passou a noite com ela, pois seu estado era bastante crítico. O inquérito foi postergado até a quarta-feira seguinte.

É possível que o promotor Graham da Filadélfia tenha se dado conta da fragilidade de sua acusação contra Holmes quando ele se opôs a um pedido de extradição. Se as autoridades da Filadélfia têm boas provas contra Holmes no caso do assassinato de Benjamin Pitezel, elas as têm mantido em surpreendente silêncio. Até onde se sabe no momento, não se pode provar que Holmes esteve na Filadélfia à época do assassinato, embora ele tenha sem dúvida estado lá. Seu suposto motivo também pode ser criticado pela defesa, pois ele teria uma chance igualmente boa de conseguir os \$10,000 se Pitezel tivesse escapado e outro corpo fosse colocado em seu lugar na casa da rua Callowhill. Substituição de corpos já havia dado lucro antes. Além disso, o caso é antigo e restos do homem assassinado serão irreconhecíveis. O caso das autoridades canadenses contra Holmes é bem mais robusto. Sua trajetória é recomposta dos Estados Unidos até Toronto com as crianças. Sua identidade é estabelecida no Palmer House e a das crianças no Albion. Em seguida, ambos assassino e vítimas são reconhecidos na cena do crime, não apenas por uma vítima, mas por várias. O motivo para o crime cometido no chalé dos Nudgell é mostrado com clareza. Seu motivo imediato está no fato de que a Sra. Pitezel, sua Nemesis, estava na cidade e poderia, a qualquer momento, topar com as crianças na rua. Holmes foi identificado emprestando uma pá no último dia em que as meninas foram vistas. A justificativa que Holmes deu para o

empréstimo da pá - a de que ele havia comprado algumas batatas na rua Church - era uma evidente mentira. Isto e o fato de ele ter saído cedo no dia seguinte são ambos fatos corroborativos fortes dos quais será difícil escapar. A descoberta de um brinquedo pertencente às meninas por um dos filhos dos MacDonald, e das roupas parcialmente queimadas das meninas são elos duplos na corrente.

Alguns anos atrás, a cidade de Chicago entrou em choque com o sequestro da pequena Annie Redmond, filha de um rico ferreiro de South Side. Seus sequestradores, apesar de manterem sua identidade em segredo, admitiram, numa série de cartas enviadas aos pais da criança, que seu objetivo era obter um polpudo resgate. O crime, como ficou mais tarde provado, foi cometido por uma tal Sra. Gurley, que foi mais tarde presa e condenada a cinco anos de prisão. A Sra. Gurley recusou-se a falar muito sobre o caso à época, mas deu pistas de que havia cometido o crime sob instigação de terceiros.

Isto foi considerado pela polícia mero artifício retórico e não se conduziu nenhum esforço organizado para buscar os comparsas da mulher. Desde a exposição da desonestidade de Holmes, provou-se que os Gurleys foram não apenas seus vizinhos, mas eram também amigos próximos. Está agora bastante claro para os que investigaram o caso que o misterioso sequestro da pequena Redmond foi um crime orquestrado por Holmes, e que ele usou os Gurleys, sobre os quais exercia um estranho poder, como suas ferramentas. Se ele almejava apenas obter o resgate ou se visava algo mais, ainda não foi estabelecido.

A maneira peculiar em que se deu o sequestro, a maneira como a criança foi escondida e as cartas misteriosas enviadas para molestar os pais, apontam para um motivo oculto. O Sr. Redmond e a mulher tiveram uma briga séria a respeito, o ferreiro perdeu as estribeiras e a questão foi para a justiça. Uma enorme quantidade de

dinheiro foi gasta para tentar localizar a garota antes do julgamento que condenou a Sra. Gurley e, no entanto, a criança esteve sempre a menos de uma quadra do castelo de Holmes, sua identidade sendo oculta pelas roupas de menino que ela forçada a vestir. Na noite de dezembro de 1893, Holmes convidou o joalheiro Davis para sua casa. Lá, Holmes mostrou-lhe fotos de Minnie e Nana Williams. As duas vestiam roupas de atrizes e imitavam suas poses. Holmes disse que a mais velha era sua “garota favorita” e contou várias histórias de como a conheceu. Davis está certo da data e também afirma com certeza que nenhuma das duas garotas jamais foram vistas por ali depois.

Holmes deixou a cidade no dia 2 de janeiro. Ele foi visto por Davis algumas vezes nesse meio-tempo e, no dia em que ele foi embora, vendeu alguns bens para Davis e recebeu um cheque no valor de \$25 como pagamento. Os registros do Sr. Davis mostram que o cheque foi aprovado no dia em que foi escrito. O cheque apareceu mais tarde em Fort Worth, Texas. Antes de partir, Holmes contou ao Sr. Davis que estava indo em direção ao sul, onde tinha algumas posses. Ele disse que havia recebido títulos de uma grande propriedade, um acordo que ele havia feito algum tempo antes. Ele disse que havia escrito a um advogado em Fort Worth, pedindo-lhe que examinasse os registros e atribuísse um valor à propriedade. O resultado da investigação foi satisfatório, mas a condição da propriedade pedia que ele fosse a Fort Worth e tomasse algumas providências. Ele foi a Fort Worth junto com Pitezal, lá ficando até que a temperatura ficasse quente demais. O Sr. Davis disse que Holmes esteve em Chicago três meses depois e disse-lhe então que Minnie Williams vivia num quarto de pensão na Avenida Yale, mas a proprietária havia pedido que ela saísse.

Uma jovem moça, empregada por Holmes como datilógrafa em um de seus negócios, disse:

“Sobre Minnie Williams eu não sei muita coisa. Eu a vi, mas não sabia que se tratava dela. Quando Holmes abriu um escritório na rua 63, ele precisava escrever muitas cartas, mas eu não me dispunha a fazê-lo, de modo que ele me fez escrever a uma jovem moça que morava em Dwight, Illinois. Estou certa de que a moça a quem escrevi era Minnie Williams, embora não tenha sido esse o nome que Holmes me passou. Ele apenas disse que a mulher para quem eu escrevia havia sido estenógrafa e faria o trabalho.”

O Sr. M. G. Chappell, de Chicago, disse que montou esqueletos para Holmes e professava saber bastante sobre o criminoso. A família Chappell, no entanto, afirma que o velho tinha um problema com o álcool e que não poderia ser levado a sério.

“Sem problemas,” disse o delegado Badenoch certa manhã. “Chappell pode até estar meio confuso quanto às datas, mas o fato de que ele foi capaz de nos levar à casa de Holmes e dizer “cave lá e você encontrará tal e tal coisa” e, de nós, seguindo suas instruções, termos encontrado o que ele previu, mostra que ele sabe do que está falando.”

Falando das teorias que podem ser sustentadas a partir dos resultados já obtidos, o delegado disse:

“Apesar de não podermos provar o *corpus delicti* em nenhum dos casos que fazem parte da investigação do caso Holmes, eu me sinto no dever de prosseguir com essa investigação. Tomemos, por exemplo, o caso da Sra. Cigrand. Temos aqui uma garota que trabalhava para Holmes. Ela escrevia regularmente para seus pais. Subitamente, a correspondência cessa. Os pais não conseguem encontrá-la. Holmes diz que ela foi à Europa.

“Este sujeito Chappell vem e nos conta de esqueletos que ele montou para Holmes. Holmes lhes fornece os esqueletos. A conclusão é que Holmes sabe algo do desaparecimento de Emiline Cigrand e que Chappell é uma

testemunha respeitável. Este departamento não estaria cumprindo com seu dever se não tomasse conhecimento de sua história e partir dela conduzisse uma atenta investigação. Admitirei candidamente, no entanto, que o que mais desejamos agora é alguém capaz de provar um *corpus delicti* em qualquer um dos casos.”

Ao ser perguntado que linha pretendia seguir, respondeu:

“Não me sinto à vontade para responder”.

Perguntou-se então ao delegado se ele havia notado que, em alguns casos, as supostas vítimas não possuíam seguro.

“Não tinham seguro em nome próprio, talvez, mas como se poderá saber se eles/as não estavam cobertos por seguros no nome de terceiros? Veja bem, há algumas coisas a se considerar aqui. Talvez Holmes tenha tido um parceiro confederado no esquema dos seguros. Não afirmo-o com certeza, apenas em tom de hipótese.”

Pouco se sabe do que ele fez entre 1884 e 1891. Holmes trabalhou sob vários pseudônimos e foi o instigador e principal membro de várias operações fraudulentas em todas as partes dos Estados Unidos. Ele estava na Califórnia em 1888. Um registro detalhado dos inúmeros acordos fraudulentos em que ele esteve comprovadamente implicado não seria de grande interesse. Ele foi quase sempre bem-sucedido nessas empreitadas e deixava uma cidade apenas para fazer vítimas em outra. Como foi possível que tantas transações tenham sido conduzidas sob nomes ainda desconhecidos da polícia permanece uma interrogação, mas o certo é que apenas uma pequena porcentagem de suas fraudes foi descoberta.

Holmes não parece um homem capaz de fazer o que ele fez. Ele tem o andar curvado e a fala estritamente calculada. Sua voz é baixa e débil. Ele afirma possuir

poderes hipnóticos e conta que os adquiriu e aprendeu a usar durante a faculdade de medicina, em Vermont. Temos boas razões para crer que sua afirmação procede. Seu absoluto domínio sobre os que ele selecionou como vítimas indica que ele possui um elevado grau de poderes hipnóticos e mesméricos.

Essa não é a primeira vez que Holmes é trazido diante do público e da imprensa. Nove meses atrás, os jornais de Chicago dedicaram páginas inteiras a sua carreira. Mas foi somente na quarta-feira, dia 18 de julho do presente ano, depois que o mundo inteiro entrou em choque com os horrores dos crimes cometido em seu curral da morte que o delegado de polícia de Chicago e seus assistentes reconheceram oficialmente a gravidade dos fatos e começaram a trabalhar no caso.

Por nove meses, os corpos de pelo menos três pessoas assassinadas repousaram na cal virgem que vagarosamente apagou as provas de culpa contra um homem já preso e que havia praticamente admitido que ele era culpado de um assassinato.

Não está claro ainda em que momento Holmes comentou sobre seus planos de cometer assassinatos. Parece evidente que, por dois anos, ele jamais hesitou matar qualquer ser humano cuja existência ameaçasse minimamente sua segurança ou a consumação bem-sucedida de seus planos. Ele casou-se ao menos quatro vezes e teve um número desconhecido de amantes. Holmes parecia fascinar as mulheres. Ao escutarem as palavras melífluas desse cavalheiro de fala mansa e entregavam suas vidas e destinos a seus pés. E hoje, quando o mundo inteiro se choca com o horror de seus crimes, as esposas que sobreviveram recusam-se a acreditar nas acusações que lhe foram feitas e aguardam pacientemente a hora de sua vindicação.

Um exame detido da carreira de Holmes mostra que ele raras vezes cedeu de sua política de livrar-se daqueles que haviam se tornado fonte de problemas. Ele mudava seus comparsas o mais rápido possível e seus antigos companheiros jamais voltavam para incomodá-lo. Seguindo essa linha de raciocínio, era apenas natural que Pitezel acabasse como os outros. Mas, apesar de ser fácil encontrar um motivo para o assassinato de Pitezel, e possivelmente para o de seus três filhos, esta última atrocidade contém certas características que desafiam a lógica. O público já conhece os principais detalhes do assassinato dos Pitezel, a apenas um resumo se faz necessário.

Pitezel era uma espécie de braço direito de H.H. Holmes. Eles estiveram juntos por anos e não é impossível que Pitezel tenha sido o comparsa de Holmes no golpe de \$12,500 contra uma seguradora de Chicago. Pitezel estava sob controle total e completo de Holmes.

Em junho de 1894, uma apólice de seguro no valor de \$10,000 pela vida de Benjamin F. Pitezel foi emitida pela Associação de Seguros Fidelity Mutual Life, da Filadélfia. Em setembro, o corpo carbonizado de um homem foi encontrado na casa 136, rua Callowhill. Tal casa fora alugada por um homem chamado B.F. Perry.

O suposto corpo de Perry foi encontrado, mas em seguida defendeu-se a tese de que se tratava, na verdade, do cadáver de B. F. Pitezel. H.H.Holmes e Alice, a filha de 14 anos de Pitezel, foram à Filadélfia e identificaram conclusivamente o corpo como sendo o de B. F. Pitezel. Os \$10,000 foram pagos a Jephtha B. Howe, um advogado.

Os membros desta conspiração tiveram uma disputa sobre como se faria a divisão do dinheiro. Howe pediu \$2,500 e acabou por obtê-los. Ele foi em seguida preso para logo depois ser solto, sendo impossível provar contra ele o que quer que fosse. Holmes deu à Sra. Pitezel \$500, ficou

com \$2,500, disse ter dado \$2000 a Pitezel e afirmou que os \$2,500 restantes foram retidos por Howe. Holmes disse à Sra. Pitezel que seu marido estava se escondendo na África do Sul e que retornaria em breve. Hoje a polícia tem como certa a hipótese que Holmes assassinou Pitezel e lucrou \$7,500 com a operação.

No dialeto dos apostadores, Holmes “passou a perna” em Pitezel. Holmes parece ter decidido que era hora de matar Pitezel, e não perdeu tempo em por em marcha seus planos. Os dois foram a Filadélfia e alugaram uma sala. Holmes disse que eles procuraram por um longo tempo em Nova Iorque e na Filadélfia antes de encontrar um cadáver que se assemelhasse a Pitezel. Finalmente, como auxílio de seu velho amigo de faculdade, eles encontraram o cadáver perfeito, com uma verruga na nuca idêntica à de Pitezel, e que se assemelhava ao seu comparsa em vários outros aspectos. Quando a sala foi aberta, B. F. Perry estava estatelado no chão. Sua mão direita estava sobre o peito e a esquerda, ao lado do corpo. Um cachimbo de sabugo de milho estava próximo ao corpo. Uma garrafa contendo ácido carbólico estava no chão, também perto do corpo. Ela havia sido quebrada ao meio. O rosto do cadáver estava queimado, assim como as roupas da cama. Parecia que Perry havia dormido e o cachimbo aceso havia posto fogo nas roupas de cama.

Alice não retornou a St. Louis. Holmes voltou e contou à Sra. Pitezel que a criança estava em boas mãos, oferecendo-se para levar Nellie e Howard consigo e garantir que eles fossem bem cuidados. A mãe consentiu. É difícil explicar o que Holmes queria com as crianças. Nellie tinha 11 anos e Howard 9. Começou então uma série de eventos absolutamente inexplicáveis. Holmes levou-os a Chicago e de lá para Indianápolis. O detetive Frank Geyer, da Filadélfia, espera encontrar os cadáveres em algum porão onde Holmes mantinha as crianças. Com Alice e Nellie ele

foi a Cincinnati, Detroit e vários outros lugares. Nesse ínterim, a Sra. Pitezel começou a ficar preocupada com os filhos, e Holmes retornou a St. Louis e assegurou a ela que eles estavam bem, dizendo-lhes que os traria de volta a ela. Disse-lhe ainda que deveriam ter cuidado, pois os detetives estavam perseguindo-o. A Sra. Pitezel passou a usar o nome Adams e, sob esse pseudônimo, visitou com Holmes algumas cidades. Ele continuava prometendo que eles logo veriam as crianças e conseguiu manter viva a esperança da mãe apesar das sucessivas frustrações.

Eles finalmente chegaram a Toronto, e aqui Holmes desapareceu. A Sra. Pitezel diz que tem razões para acreditar que Holmes mantinha as crianças em Toronto à época. Holmes foi a Burlington, visitou sua primeira esposa em Gilmanton, foi até Boston, sendo lá finalmente preso pelo Inspetor Gidden. Dois dias depois, a Sra. Pitezel foi presa em Boston.

No dia 15 de julho de 1895, os corpos de Alice e Nellie Pitezel foram encontrados no porão de um chalé na rua St. Vincent, em Toronto, Canadá.

Foi demonstrado de forma bastante conclusiva que Holmes alugou o chalé na primavera passada de uma tal de Sra. Neudall, funcionária do departamento de educação. Neudall reconheceu a fotografia de Holmes como a do homem que alugou o chalé. Ele pagou um mês adiantado.

Uma pequena quantidade de móveis foi levada para lá e, por dois dias, as crianças brincaram pelo jardim. Em seguida, desapareceram. Os pés dos mais novos foram cortados. Nellie tinha pés deformados e o assassino se valeu disso para despistar a polícia. A Sra. Pitezel não teve nenhuma dificuldade em identificar ambos os corpos.

Que motivo teria Holmes para matar os filhos dos Pitezel?

Se ele desejava matá-los, por que não os levou até o castelo e deu cabo de tudo com a mesma prontidão que havia demonstrado em outras ocasiões?

O que ele teria a ganhar levando-os de cidade em cidade e expondo-se ao olhar de centenas de testemunhas?

Havia testemunhas para quaisquer de seus crimes?

Não parece que Holmes gastou muito tempo em St. Louis.

Até esse ponto, Holmes não havia cometido nenhum crime sem um motivo claramente definido. Ele era sem dúvida o maior especialista do mundo em seguro funerário. Ele começou sua carreira de fraudador ainda menino, e confessou que, nesse campo, já fez mais de \$250,000. Ele sempre insistia com seus comparsas para fraudarem um seguro de vida. No caso de Conner, ele foi tão insistente que Conner finalmente pagou ao agente o valor de uma apólice e depois recusou-se a assinar o requerimento. Era o único modo de se ver livre dos aborrecimentos de Holmes. Se Holmes resolveu deliberadamente matar Pitezel para coletar o valor de sua apólice, é apenas lógico deduzir que ele deve ter mandado fazer apólices nos nomes de Annie, Nellie e Howard Pitezel.

Acaso foram emitidas apólices de seguro sobre a vida dos filhos dos Pitezel?

Em caso afirmativo, o motivo do crime é claro. É uma teoria que casa com todos os dados até agora conhecidos. Não é necessário assumir que nem Benjamin Pitezel nem sua esposa tivessem qualquer conhecimento a respeito do seguro de vida dos filhos. Um homem com os recursos de H. H. Holmes não teria dificuldades de encontrar meios de obter um seguro e coletá-lo após a morte de suas vítimas.

Quando todos os fatos vierem à luz, eventualmente se descobrirá que Holmes tinha um cúmplice no esquema do

seguro. Com o auxílio de um tal cúmplice, ele poderia ter forjado os requerimentos e tornado-os pagáveis a qualquer um de seus inúmeros nomes falsos. Observemos o quão perfeitamente essa suposição se encaixa nos fatos. Holmes induz Pitezel a fazer um seguro de vida no valor de \$10,000. Ele mata Pitezel e coleta o dinheiro. Pitezel sai de cena - ele não pode levantar do túmulo e interferir no curso do plano.

Holmes retorna a St. Louis e assegura a guarda das crianças, sobre cujas pobre vidas fez-se um seguro. Nesta altura, nenhuma acusação havia sido feita contra Holmes. De acordo com a lei, ele é um bom cidadão, um homem de negócios digno e honesto. Ele tira as crianças da Sra. Pitezel e as leva para Chicago. Ele não poderá matá-las em seu próprio endereço. Seus corpos devem ser encontrados e identificados.

Ele as colocará sob os cuidados de quem?

Por que não de Minnie Williams?

Holmes argumentará, portanto, que ele deixou as duas meninas sob os cuidados de Minnie Williams, que deveria levá-las para a Europa. Ele havia deixado \$1,200 com as meninas - o dinheiro foi costurado em suas roupas - e dá a entender que Minnie Williams assassinou para ficar com o dinheiro. Tendo em vista o provável fato de Minnie Williams já estar morta, ela não pôde se defender das acusações.

Os cadáveres dos pequenos repousavam no porão do chalé em Toronto. Holmes foi até Boston esperar sua descoberta, após a qual ele poderia exigir o seguro. Ele sem dúvida pretendia matar a Sra. Pitezel, que não lhe tinha mais nenhuma serventia. Neste ponto interessante da história, um detetive de Boston lhe prendeu, e ele confessou os crimes relativos a seguro funerário. Ele encontra-se agora na prisão Moyamensing, na Filadélfia. Se não tivesse sido preso, ele teria encontrado uma maneira de

articular, de fazer acontecer uma busca no chalé de Toronto, a tempo de conseguir uma identificação positiva dos corpos.

Por que ele cortou os pés de Nellie Pitezel?

Para fazer parecer que a suposta assassina Minnie Williams desejava tornar mais difícil a identificação dos corpos.

Não há uma circunstância sequer que conflite com essa teoria. Apenas homens completamente insanos cometeriam um assassinato sem motivo. Holmes não é louco. O grande motor de suas ações, ao longo de toda a vida, foi o dinheiro. Não é razoável supor que ele mataria os filhos dos Pitezel sem motivo. Vivos, eles não tinham para ele qualquer valor. Talvez alguma companhia de seguros pudesse informar quanto eles valeriam mortos se seus planos não tivessem sido frustrados.

Declaração do autor

O Dr. E. L. Denison, professor de patologia na Faculdade de Medicina de Chicago e também diretor do laboratório microscópico nº 61, Avenida Austin, em Chicago, examinou detidamente as manchas que os detetives supunham ser sangue, encontradas numa mesa supostamente usada para dissecações, e também no piso que leva da sala sem janela à cozinha adjacente. Ele afirma que as manchas eram compostas de ferrugem, sangue e madeira misturados. Ele concluiu também que, em função do tempo decorrido, seria impossível designá-las como sangue humano.

Ele examinou também alguns dos ossos escavados do porão e declarou-os como sendo de animais - galinhas e perus - misturados com ossos humanos.

Ao ser interrogado pelo autor acerca da condição da cal encontrada em torno dos ossos desenterrados, o Dr. E.L. Denison respondeu que, se qualquer pedaço de carne humano ou animal tivesse sido enterrada nessa cal viva, ela sem dúvida produziria uma cor característica, conhecida como mancha *post mortem*, e aquela cal que está endurecida e enterrada em pedaços absorveria água o suficiente da terra para “soltar” a cal, e se encontraria numa condição úmida e pastosa e, estando enterrada com a carne, ela necessariamente sugaria, por sua afinidade com a água, o fluido decomposto da carne e produziria a cor supramencionada, conhecida como mancha *post mortem*.

O Dr. E. L. Denison tem um escritório na esquina das ruas 59 e State, além de também administrar a farmácia no castelo de Holmes.

De 1888 a 1890, Holmes fez coisas misteriosas. Em 1890 algumas notas foram assinadas por uma mulher que se apresentou como Lucy C. Belknap. O tempo foi passando, o pagamento sendo postergado... até que a sétima e última venceu e nenhuma foi paga. Após alguns meses, as promissórias foram parar nas mãos dos advogados Peckham & Brown, cujos escritórios ficam no First National Bank Building of Chicago. A Sra. Lucy C. Belknap, de Chicago, foi notificada de que as notas não haviam sido pagas. Ela visitou o Sr. Holmes e os dois trocaram palavras fortes. A presença da sogra de Holmes conseguiu apaziguar um pouco as coisas. Depois que a Sra. Belknap foi embora, Holmes explicou casualmente a Sra. Júlia Conner que a polícia estava atrás da Sra. Belknap, pois ela havia sido acusada de forjar as tais notas.

A Sra. Conner se aconselhou com um certo corretor de Englewood amigo dela. Ela retornou ao Castelo apenas para buscar sua filha Pearl, com a qual fugiu às pressas para local desconhecido. Algum tempo depois, Holmes escreveu para seu pai, um tal Sr. Smyth, em Iowa, e perguntou sobre

seu paradeiro. O pai responde que está surpreso ao descobrir que Holmes não sabe do paradeiro de sua filha, pois sempre imaginou que Holmes estivesse em direta comunicação com ela, uma vez que precisaria de seu testemunho num caso agendado para o dia 10 de junho de 1891. O calendário judiciário revela que se trata do caso John H. Purdy vs. Lucy C. Belknap et al. Os números são 133, 355 e 133, 356. Os advogados de acusação eram Peckham e Brown. O de defesa era D. T. Duncombe. Sentença por contumácia.

O autor deste livro crê sinceramente que o resultado supramencionado é devido ao silêncio da Sra. Júlia L. Conner.

Os parentes de Emiline Cigrand foram a Chicago investigar seu desaparecimento. Eles jamais contaram o que descobriram, mas voltaram às pressas para sua cidade em Indiana.

Segue uma lista dos que supostamente morreram nas mãos de Holmes:

B. F. Pitezel

Howard Pitezel

Alice Pitezel

Nellie Pitezel

Julia L. Conner

Pearl Conner (sua filha)

Molly Kelly

Annie Williams

Nannie Williams

Carrie Sanford

A teoria de alguns jornais sobre as pessoas sendo sufocadas num cofre é absurda. A última suposta vítima foi

Minnie Williams e seu desaparecimento ocorreu no mês de Setembro de 1893. O cofre não estava no castelo à época. Ele só seria encomendado três meses depois. Buzell & Blair, agentes da empresa de fechaduras Diebold entregou-o após um pedido supostamente assinado por Wharton Plummer, presidente da Campbell-Yates Company, que afirma que a empresa era uma corporação e possuía um capital social de \$85,000. H. H. Holmes era uma dos acionistas e o relatório prossegue afirmando que, ao que parecia, ele vivia em excelentes circunstâncias em sua casa em Wilmette, Illinois.

Consideremos agora o que o que Dr. Denison nos diz da cal, e em seguida o que os jornais e a polícia têm a dizer sobre o fato de Holmes enterrar suas vítimas em cal viva, enquanto os próprios testemunhos de sobreviventes ele possuía meios especiais para dissolver os corpos nos tanques. Disseram também que ele possuía um crematório para eliminar todos os traços de seus crimes. Lembremos de como eles disseram a todos que Holmes cortava os corpos em pedaços e os queimava no forno.

Por que ele queimaria os corpos no forno se ele tinha os tanques no beco? Por que ele os enterraria em cal viva se ele podia recorrer aos tanques? Por que ele sequer recorreria aos tanques se possuía, de acordo com relatos, uma mesa de dissecação para cortar os corpos e dissolvê-los em químicos, para depois juntar os ossos e montá-los em esqueletos?

Tomemos o fato de que agora Holmes serve pena na prisão de Moyamensing, na Filadélfia, condenado por conspiração para fraudar uma seguradora. Como ele pode ser condenado nesse caso e, ao mesmo tempo, ser responsável pelo assassinato do homem que o auxiliou na conspiração? O rosto de tal cadáver não fora mutilado, impossibilitando totalmente seu reconhecimento? Ele foi identificado por uma verruga na nuca. Não é difícil

encontrar corpos com verrugas na nuca, pelo contrário. Há muitos deles por aí.

A Sra. Pitezel, em seu depoimento, admitiu seu próprio papel na conspiração. De acordo com a teoria da polícia de Chicago, Holmes não enterrava corpos da maneira como os cadáveres dos pequenos foram encontrados no porão em Toronto. Os pés. Os pés deformados da criança. Pensem bem. SE Holmes os cortou fora a fim de evitar sua identificação, porque ele não removeu os outros meios de identificação? Não poderia tê-lo feito com todos os recursos a que tinha acesso?

Está claro que a Sra. Pitezel, Benjamin Pitezel e Holmes tinham dois corpos que poderiam ser usados para fins de fraude de seguro de vida. Ele cortou os pés de Nellie por não ter conseguido encontrar um cadáver que lhe fosse idêntico. As manchas de sangue no chão da cozinha e que dão para a sala sem janelas são a prova de que Holmes disse a verdade a respeito do assassinato de Nannie Williams por sua irmã Minnie, com um golpe de contusão.

O autor também acredita em tudo o que disse Holmes a respeito da ida de Minnie Williams e seus filhos para a Inglaterra, acompanhados de Hatch. Qual o significado do envelope amarelo com um selo inglês? Por que Pat Quinlan queria que o autor fosse removido? Minnie Williams prefere, por ora, o silêncio e a solidão. Assim como Pitezel com seus filhos, e se a Sra. Pitezel não tivesse cometido o erro que cometeu no esquema do seguro, muito provavelmente estaria hoje vivendo confortavelmente no seio de sua família.

Digo, e digo com convicção, que Minnie Williams está viva. Ela mora na Inglaterra, e se Holmes um dia for a julgamento por seu assassinato, provas irrefutáveis emergirão para provar sua inocência. A Sra. Williams não apenas habitava a Avenida Wrightwood, no lado norte, mas

pouco antes da prisão de Holmes ela morava na rua Sobieski, no 65, que é bem próxima à avenida W. Fullerton e à rua Robey. Quanto a Hatch, o autor lhe dirá que seu paradeiro logo será descoberto. Um homem chamado Green tinha, um tempo atrás, um escritório em Chicago, na rua Rookery Building, 169. Ele se dava bem com Holmes. Os ocupantes daquele ponto fizeram mudanças estranhas e misteriosas. Green partiu para a Inglaterra há menos de um ano. Ele conhecia um sujeito chamado Langdale, que havia ido antes dele. O registro do navio nos dirá algo.

Outro castelo

Do Registro de Chicago de 22 de Agosto de 1895:

Descobriu-se outro dos prédios misteriosos de H. H. Holmes. Este se situa a 16 quilômetros do castelo, na rua 63. É um prédio de tijolos, baixo, cuja fachada dá para os trilhos de trem. Ele fica onde deveria estar a rua 65, próximo aos trilhos da estação Northwestern, um pouco a noroeste do cruzamento da rua North Robey.

Robert Corbitt, o autor do “Castelo de Holmes” descobriu o lugar e acredita que era aqui que Holmes fazia as cremações necessárias a seus projetos. O prédio está agora todo cercado e habitantes da vizinhança dizem que, já há algum tempo, nada se passa lá. Duas semanas atrás, segundo eles, um homem identificado como Pat Quinlan foi até lá, pegou o que havia sobrado e levou embora num carrinho de mão.

O prédio tem apenas um andar, de construção precária, 6m de largura e 150m de comprimento. Foi erigido, segundo os vizinhos, há pouco mais de um ano atrás. Quando perguntados se sabiam quem era o proprietário, todos disseram que não, mas quando lhes foi mostrada uma foto de Holmes, homens, mulheres e crianças exclamaram em uníssono: “É ele!”

Foi aqui que Holmes tocou sua vidraçaria, e era esse o lugar que a polícia procurava há mais de um mês sem encontrar. A descoberta de tal prédio foi feita graças a um pedido encontrado por Robert Corbitt. Tal pedido instruía a empresa a ligar para o no. 65 da rua Sobieski, no dia 6 de dezembro de 1894, solicitando uma caixa.

Foram dadas instruções para que se fizesse uma parada na vidraçaria e se esperasse ordens mais específicas. O pedido foi assinado por Patrick B. Quinlan. O carteiro visitou naquela tarde e foi levado à casa de dois andares e meio situada atrás da fábrica. Dali o carteiro levou uma caixa grande e alguns pacotes até o depósito geral da empresa de transportes de onde o motorista J. Foley a pegou dois dias depois. O conteúdo e o destino final da caixa permanecem desconhecidos.

O revólver acima foi usado durante uma briga entre Holmes e um homem de cor chamado Nichols, que ocorreu em seu castelo. O delegado Rogers interferiu e o revólver foi mais tarde confiscado. Ele pode ser visto no escritório da editora deste livro.

Posfácio

Cláudia Lemes

Serial killers são um sujeito curioso de estudo: quanto mais lemos sobre eles e os investigamos, menos certezas ou respostas temos. Minha jornada começou com uma fagulha de curiosidade mórbida quase 20 anos atrás, em 2003, ao pegar o recém-lançado *Serial Killer – Louco ou Cruel*, da Ilana Casoy. Desde então foram muitas dezenas de livros, cursos e centenas de reportagens e documentários. Mesmo assim, a cada ano minhas convicções sobre assassinos em série ficam mais frágeis.

Foi como interessada em *serial killers*, não pesquisadora e muito menos escritora, que abordei o texto confessional de H.H. Holmes, gentilmente confiado a mim pela editora Laboralivros. Em primeiro lugar, o arquivo tinha um quê de tesouro, uma vez que além da biografia de Holmes, inclui outros textos que nos ajudam a ter um dossiê completo sobre o assassino. Em segundo, devido ao teor da narrativa, o que eu li me deixou com a sensação de estar de alguma forma dialogando com Holmes. Diálogo esse que variava entre o monótono e o surreal. Diálogo que me fez acreditar estar próxima de algum tipo de resposta definitiva para as minhas perguntas, mas que não me ofereceu nada além de um *insight* amargo da mente de um assassino.

Quais foram as circunstâncias que facilitaram sua carreira de *serial killer*? Como ele reagiu a elas? Quais palavras escolhe para narrá-las? Podemos nos permitir uma

viagem mais introspectiva, nos perguntando como teríamos reagido a cada curva, surpresa ou dificuldade vivida pelo nosso narrador. Mas duvido que encontremos alguma absolvição ou conclusão ao final da leitura. O que fica é aquele incômodo fascinante sobre o que gera um *serial killer*.

H.H. Holmes continua, mesmo depois de dissecado por esta leitura, uma figura de interesse. Não por ser considerado o primeiro assassino em série - Elizabeth Bathory e Gilles de Rais vieram antes e foram mais cruéis, mas por ser explorado na mídia como o primeiro *serial killer* dos Estados Unidos - o país que mais investiu nos métodos para decifrar e capturar assassinos deste tipo. Além de *serial killer*, o que talvez seja mais interessante é o fato de que Holmes - ou devo dizer, Herman Webster Mudgett, seja um psicopata.

É justamente esse *framework* psicológico a fonte de maior assombro durante a leitura dessa biografia, uma vez que Holmes se comunica como um psicopata, reage como um psicopata e pensa como um psicopata. O vacilo entre a justificativa quebradiça pelos seus crimes e certo orgulho dos pequenos atos de bondade não surpreendem; aliás, são constantes confirmações de que estamos lidando com um deles. Há certo conforto nesse reconhecimento, nessa sensação de “ah, aí está, o comportamento típico de um psicopata”. Mas esse conforto duvidoso é frequentemente fraturado pela próxima frase - “Após a chegada do cadáver, fiz-lhe um exame extremamente crítico e minucioso, concluindo que se tratava exatamente do que eu precisava.” ou “As possibilidades monetárias da empreitada me inspiravam devaneios, mas eu sabia que agora precisava agir rápido. Soltei as amarras, ergui o corpo e o levei até a banheira, onde ele deveria congelar o bastante para mais um dia de transporte.”

Nesta obra, Holmes nos envolve com trivialidades, ambientação afiada e descrições das pessoas que passaram por sua vida, mas nunca nos deixa esquecer com quem estamos lidando.

Cláudia Lemes é escritora, tradutora e intérprete. É uma das fundadoras da ABERST (Associação Brasileira de Escritores de Romance Policial, Suspense e Terror) e uma das mais proeminentes escritoras de thriller no Brasil, tendo vários livros publicados. Se dedica à pesquisa de literatura policial e de crimes reais, dá cursos de escrita e atualmente está finalizando um curso de necropsia.

Agradecimentos

Nossa sincera gratidão a todos os apoiadores deste projeto que foi realizado por meio de financiamento coletivo através da plataforma Catarse. O livro que tem em mãos passou por um longo processo e, de apenas um relato do Holmes, conseguimos expandir para trazer um segundo relato dele junto do livro de Robert L. Corbitt (repórter e investigador contemporâneo a Holmes), que mostra no texto O castelo de Holmes tudo o que descobriu sobre o então chamado Demônio de Chicago.

Este livro existe por causa de vocês e para vocês.

Apoio: Anny Kássio.

Adriana Santos, Adriano dos Santos, Alexandre Adame, Alexandre Oliveira, Aline Cristina Moreira de Oliveira, Ana Carolina Silva Chuery, Ana Cristina Alves de Paula, Ana Flavia Torres Francisco, Andre Barboza De Melo Lopes Malicia Marques, Anita Sobreira, Anny Kássio de Sousa Oliveira, Ariadne Erica Mendes Moreira, Augusto Bello Zorzi, Barbara Cabral Parente, Bruna Traversaro, Cacau Correa, Camila Villalba, Carlos Alberto Nascimento Calmon, Carlos Eduardo Cordeiro Fini, Carlos Thomaz Do Prado Lima Albornoz, Cesar Lopes Aguiar, Clara Oliveira, Cláudia Espirito Santo Trigo, Cláudia SM, Claudio Galperin, Daniela Vila Pinhalves, Danilo Perez Garcia, Davi Brasil Simões Pires, Debora Coradini Benetti, Diogo Gomes, Eder Teixeira Da Silva, Edinei Chagas, Editorial Hope, Edson Souza, Eduardo Fabro, Ellias Matheus, Fabiana Lo Presti Mendonça Rosas, Fabiano Dias, Fábio Alves de Oliveira Silva, Fabio Gardenal

inacio, Felipe Cao, Felipe Watanabe de Oliveira, Gabriel Sasse, Gabriel Tavares Florentino, Gabriela Maia, Georgia Ferraz, Giovana Lopes De Paula, Guilherme Adriani Da Silva, Guilherme Prado, Gustavo Gualda Pereira Contage, Heidron Pierin Santos, Helena Paes De Souza Lima, Helison Cavalcante, Hiron Tavares, Irene Bogado Diniz, Jakeline Amaral, Janine Kuriu Anacleto, Jaqueline Manczur Dos Prazeres, Jéssica Priscila De Souza, João Eduardo Herzog, Jose Firmino da Silva Junior, Jose Paulo Da Rocha Brito, Julia Dias, Kátia Recuerdo, Larissa Daniele, Leandro Raniero Fernandes, Leda Luíza Diedrich Porto, Lindaci Monteiro Cardoso, Lorena Aparecido Botelho, Lucas Alves Da Rocha, Lucas Gabriel Tempest Pastorello, Luiza Pimentel de Freitas, Lurdes Capps, Maikhon Reinhr, Marcus Augustus Teixeira Da Silva, Maria Eduarda Medeiros Martins, Matheus Ceotto Souza, Mayara Ferrari Costa, Mizael Alves, Neide Maria Silva, Pacheco Pacheco, Pedro Carli Weidner Nunes, Pedro de Perdigão Lana, Pedro Sasse, Rafael Campos De Souza Lima, Rafael Mota, Raysa Cerqueira Silva, Rodrigo Bobrowski, Rodrigo Mozelli, Rui Sergio Silveira, Sandro Lopes, Silvia Cléa Coutinho Ramos, Silvia Ligieri, Tania Hellen, Tânia Maria Florencio, Tanise Gayer do Amaral, Tatiana Catecati, Thais Terzi de Moura, Thiago Massimino Suarez, Tiago Bueno, Vania Patricia Faustino, Varna Bini Banhara, Vinny C. Britto, Vitor Boucas, Wagner Crivelini.